

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

ALINE GEVEZIER BONEZI

The Handmaid's Tale: opressão e resistência

VERSÃO CORRIGIDA

SÃO PAULO

2022

ALINE GEVEZIER BONEZI

The Handmaid's Tale: opressão e resistência

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Puglia

VERSÃO CORRIGIDA

SÃO PAULO

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B712t Bonezi, Aline Gevezier
The Handmaid's Tale: opressão e resistência /
Aline Gevezier Bonezi; orientador Daniel Puglia -
São Paulo, 2022.
164 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Estudos Linguísticos e Literários em
Inglês.

1. feminismo. 2. resistência. 3. distopia. 4.
violência. 5. literatura. I. Puglia, Daniel, orient.
II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Aline Gevezier Bonezi****Data da defesa: 03/10/2022****Nome do Prof. (a) orientador (a): Dr. Daniel Puglia**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, __16__ / __11__ / __2022__



(Assinatura do (a) orientador (a))

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: BONEZI, Aline Gevezier.

Título: The Handmaid's Tale: opressão e resistência

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: _____

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr. (a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr. (a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr. (a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr. (a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*A todas as mulheres que foram abandonadas, caçadas, escravizadas,
torturadas e mortas.
Às mulheres que buscam resistir.*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Daniel Puglia, por ter sido um orientador excepcional, compreensivo, acolhedor e paciente em todos os momentos durante o processo de pesquisa. Serei eternamente grata pelas diversas revisões, reuniões, conselhos e palavras que me auxiliaram no processo de escrita desta dissertação.

Às Professoras. Dr^a Maria Silvia Betti e Dr^a Patrícia Kruger pela participação na banca do exame de qualificação, com apontamentos, reflexões, leituras precisas e decisivas e por acreditarem no potencial deste trabalho.

Ao corpo docente da área de Inglês e Português da Universidade de São Paulo, cujas aulas na graduação me trouxeram conhecimentos inestimáveis e que me auxiliaram a me tornar a pesquisadora e professora que sou hoje.

Aos colegas e companheiros que fiz ao longo dessa jornada na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. Obrigada pela companhia e discussões indispensáveis dentro e fora da academia.

Aos meus colegas de Grupo de Pesquisa: Gabriela Tozzo, Laisa Ribeiro, Larissa Vannucci, Lucas Santos, Luiza Provedel, Mariana Luppi e Rosangela Aparecida, que fizeram das noites de sexta um momento para falar sobre o objeto de pesquisa, fomentar pensamento crítico e me lembrar porque é tão importante resistirmos e pesquisarmos mesmo diante de condições tão adversas como a que estamos vivendo nesses últimos anos.

Ao Departamento de Letras Modernas pela compreensão, auxílio e organização durante o processo.

Às instituições de pesquisa por contribuírem com a pesquisa científica no Brasil.

Ao meu companheiro, Alexandre Watanabe, pelo suporte emocional durante a pandemia e por ter sempre acreditado em minha pesquisa.

Às minhas amigas, Bianca José Siqueira, Fabiana Lais de Souza e Raquel Gomide, pelo companheirismo e carinho.

Aos meus pais e irmã, pelo amor e apoio contínuo.

*I was hanged for living alone
for having blue eyes and a sunburned skin,
tattered skirts, few buttons,
a weedy farm in my own name,
and a surefire cure for warts;*

*Oh yes, and breasts,
and a sweet pear hidden in my body.
Whenever there's talk of demons
these come in handy.*

Half hanged Mary – Margaret Atwood

RESUMO

BONEZI, Aline Gevezier. *The Handmaid's Tale: opressão e resistência*. 2022. 164 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2022.

A presente dissertação tem como objetivo analisar o romance distópico *The Handmaid's Tale* (1985), de Margaret Atwood, cujo enredo situa-se na Nova Inglaterra quando uma autocracia religiosa derruba o governo dos Estados Unidos, criando um sistema baseado na opressão, principalmente das mulheres. Por meio da análise de trechos do romance, visa-se compreender como diversas personagens femininas resistiram ao golpe de estado e qual o *modus operandi* que manteve a população subserviente. Ademais, investiga-se como a sociedade gerou precedentes para que o golpe fosse instaurado e como mulheres são inseridas em dinâmicas que buscam incentivar a inveja e competição. Por um lado, devido a diversos fatores, tais como crença religiosa, a divisão da sociedade em castas e aos micropoderes fornecidos às *Wives*, o romance ilustra um antagonismo entre as mulheres que, de certa forma, causa obstáculos para que seja organizada a luta contra a República de Gilead. Por outro lado, ao atentar às análises e à fortuna crítica da obra, em especial os estudos derivados das críticas de vertente feminista e materialista, compreende-se que o romance estabelece complexas dinâmicas entre personagens. Conclui-se que apesar de impor diversificados mecanismos de opressão e de violência com o intuito de alienar e silenciar mulheres, há momentos significativos de resistência, demonstrando a fragilidade de sistemas autoritários.

Palavras-chave: *The Handmaid's Tale*; feminismo; resistência; gênero; violência.

BONEZI, Aline Gevezier. *The Handmaid's Tale: oppression and resistance*. 2022. 164 p. Thesis (M.A.). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2022.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the dystopian novel *The Handmaid's Tale* (1985) by Margaret Atwood. Set in a near-future New England, in a totalitarian theocracy which has overthrown the United States government, the dystopian novel creates a system rooted in women's oppression. The research was conducted based on the analysis of relevant passages from the novel in order to comprehend how female characters gained agency and resisted the new system. In addition, to acknowledge the mechanisms developed by the regime which made them remain stagnant as well as the conditions and mindset which have given precedence for the overthrow to occur. On the one hand, the novel shows a female antagonism that hinders the possibility of organizing a female resistance against the Republic of Gilead. On the other hand, based on feminist and dystopian studies along with Margaret Atwood's critical repertoire, it was possible to infer that the novel establishes complex relationships and situations between characters. Therefore, it can be concluded that even though the regime imposes oppressive and violent mechanisms aiming at alienating and silencing women, there are crucial moments of resistance that show the fragility of authoritarian regimes.

Keywords: *The Handmaid's Tale*; feminism; resistance; gender; violence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: DEUS DISSE ISSO?	11
1 – <i>The Handmaid’s Tale</i> e os paralelos com a realidade.....	11
2 – <i>Os Capítulos</i>	14
1 – CAPÍTULO I: O INÍCIO E O FIM	19
1.1 – <i>Dedicatória a Mary Webster: caça às mulheres, bruxaria e resistência</i>	19
1.2 – <i>Dedicatória a Perry Miller: a conduta puritana</i>	25
1.3 – <i>Historical Notes: o patriarcado e a impossibilidade de superação</i>	29
1.4 – <i>Considerações finais do capítulo</i>	38
2 – CAPÍTULO II: A RESISTÊNCIA FEMININA	46
2.1 – <i>O papel das castas no romance: Handmaids, Marthas, EconoWives, Aunts e Wives</i>	46
2.2 – <i>A importância da voz feminina</i>	53
2.3 – <i>Offred: linguagem e ação</i>	57
2.4 – <i>Moira: heroína ou personagem idealizada?</i>	66
2.5 – <i>Ofglen: sacrifício e resistência</i>	70
2.6 – <i>Janine: sobrevivência e aceitação</i>	80
2.7 – <i>Serena Joy e Aunt Lydia: a prisioneira puritana e a opressora</i>	86
3 – CAPÍTULO III: A VIOLÊNCIA	99
3.1 – <i>O regime totalitário de Gilead: poder, inveja e medo</i>	99
3.2 – <i>A barbárie como modus operandi</i>	116
3.2.1 – <i>As Colônias</i>	116
3.2.2 – <i>Punição e tortura: The Ceremony, Salvaging e Particicution</i>	136
3.3 – <i>Considerações Finais do capítulo</i>	147
4 – BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160

INTRODUÇÃO: DEUS DISSE ISSO?

1 – The Handmaid’s Tale e os paralelos com a realidade

No dia 24 de junho de 2022, o renomado escritor norte-americano de terror, ficção científica e fantasia Stephen King escreveu em uma de suas redes sociais “Welcome to *The Handmaid’s Tale*”, após os juízes da Suprema Corte dos Estados Unidos derrubarem a chamada *Roe v. Wade*, uma decisão histórica proferida em 1973. Na época foi determinado que é uma liberdade individual da mulher o direito pelo aborto. Contudo, com a revogação do *Roe* contra *Wade*, a criminalização da interrupção voluntária da gravidez voltará a ser permitida e diversos estados conservadores dos Estados Unidos já anunciaram medidas para proibir o ato.

Nesse mesmo mês e ano, a juíza Joana Ribeiro Zimmer negou a interrupção da gravidez de uma menina de 11 anos que sofreu violência sexual em Santa Catarina. No entanto, após repercussão, o Ministério Público Federal recomendou e autorizou a realização do procedimento. Logo em seguida, o atual presidente da república do Brasil, Jair Bolsonaro, iniciou um movimento com seus aliados nas redes sociais para criticar a decisão, chamando o procedimento de assassinato. Outro caso que recentemente ganhou destaque no Brasil foi o de Klara Castanho, exposta na internet após uma enfermeira quebrar o sigilo e divulgar a notícia de que a jovem deu à luz e entregou o bebê para adoção. Klara Castanho declarou em uma carta aberta em sua rede social que sofreu abuso sexual e conta como foi coagida por profissionais da saúde a ficar com o recém-nascido. A advogada da jovem de 21 anos precisou emitir uma declaração pública para esclarecer que independentemente do estupro, Castanho poderia legalmente entregar o bebê para adoção.

Os grupos que apoiam a derrubada do litígio judicial (*Roe* contra *Wade*), que defendem a decisão da juíza de Santa Catarina e que condenam o ato de Klara Castanho fazem parte de grupos extremistas de direita religiosa. São os maiores defensores do movimento chamado *pró-vida* – acreditam no direito fundamental à vida como valor universal – presente mundialmente e que causa bastante repercussão e polêmica. Com base nesse contexto, no programa americano *Full Frontal*, a apresentadora Samantha Bee convidou as líderes religiosas Jaime L. Manson (presidente do *Catholics for Choice*), Rafa P. Kidvai (muçulmana diretora do *Repro Legal Defense Fund*) e Rabbi Danya Ruttenberg (judaica *Scholar-in-Residence*, *National Council of Jewish Women*) para a discussão “*But God didn’t say that: Religious leaders talk about god*

and Abortion.”¹ Bee questiona se Deus era contrário ao aborto, e as especialistas categoricamente dizem que não há proibição nas escrituras Islâmicas e Judaicas. Não obstante, a líder católica necessita trazer à luz a seguinte questão: “Let’s bear in mind that what I’m about to say is a teaching created by men, who are ostensibly celibate, who have no in-roads or connection to the lives of women because they do not have wives, they do not have daughters.” E acrescenta: “And the Catholic church teaches that, in almost every circumstance, abortion is murder.” Jaime Manson precisa contextualizar porque a decisão não se trata apenas de uma questão religiosa, mas sim de gênero: foram homens ignorantes acerca do contexto feminino, assim como acerca das condições de gravidez ou maternidade que tomaram essa decisão. É por isso que, quando a comedianta pergunta se essa proibição tem precedente bíblico, Manson responde que não: “In the Christian scriptures, there is no mention of abortion.” Essa é apenas uma dentre outras evidências de que a religião pode ser utilizada como meio de justificar opiniões individuais patriarcais. Em um outro trecho relevante do programa, diz: “Fragile men project their own fragility onto god and their god is male and does not believe in women's equality.”² Neste caso, Deus foi usado como bode expiatório para que homens inseguros pudessem perpetuar a desigualdade de gênero.

Os fatos mencionados acima – que ocorreram em uma curta janela de tempo –, ilustram como diversas mulheres ainda não têm autonomia para decisões que impactam diretamente seus corpos e vidas. Por conseguinte, Stephen King faz alusão a *The Handmaids Tale* em 2022 porque, no contexto do romance, mulheres férteis foram escravizadas e obrigadas a gerarem filhos de homens religiosos que justificam o ato em nome de Deus e da Bíblia. O romance foi publicado em 1985 incorporando e criticando fatos históricos do período, em um momento cuja extrema direita religiosa estava em ascensão.

Nos últimos anos, o ressurgimento de grupos extremistas se intensificou mundialmente. À luz de eventos como a marcha de extrema direita em Charlottesville, cidade do estado de Virgínia nos Estados Unidos (2017) e o retorno de grupos como Alt Right, Ku Klux Klan e outros de inspiração neonazista, influenciados pelo discurso do ex-presidente estadunidense Donald Trump, notou-se que discursos xenofóbicos, racistas, patriarcais, nacionalistas e

¹ *Full Frontal with Samantha Bee. Mas Deus não disse isso: líderes religiosos falam de deus e aborto.* Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8e26YL3-TbE&ab_channel=FullFrontalwithSamanthaBee> Acesso: 27 jun. 2022.

² “É preciso ter em mente que o que vou dizer é um ensinamento criado por homens, que são ostensivamente celibatários, que não têm incursões nem ligação com a vida das mulheres porque não têm esposas, não têm filhas. E a Igreja Católica ensina que, em quase todas as circunstâncias, aborto é assassinato. (...) Nas escrituras cristãs, não há menção ao aborto. (...) Homens frágeis projetam sua própria fragilidade em deus e seu deus é masculino e não acredita na igualdade das mulheres. (tradução nossa).”

conservadores voltaram a dominar os Estados Unidos.³ No panorama europeu, algo semelhante pode ser observado, pois a extrema-direita também vem ganhando espaço com semelhantes discursos nacionalistas, além de anti-islâmicos e anti-imigração, como visto no Reino Unido por meio do Brexit.⁴ Na América do Sul, também é possível notar semelhantes preconceitos e discursos.

Coincidentemente ou não, em 2017 a escritora canadense Margaret Atwood teve dois romances adaptados para a televisão: *The Handmaid's Tale* (1985) e *Alias Grace* (1996). A primeira adaptação – que atualmente foi renovada para a quinta temporada –, ganhou diversos prêmios, incluindo o 25º lugar na lista do *The Guardian* dos cem melhores programas de TV do século XXI.⁵ Dois anos depois, em 2019, Margaret Atwood publicou a continuação do romance, intitulado *The Testaments*.

Portanto, o romance distópico de Margaret Atwood mostrou-se relevante no período de sua publicação (anos 80), incorporando e criticando fatos históricos da época (eventos históricos que a pesquisa pretende explorar e serão citados posteriormente), e continua relevante atualmente, pois procura alertar os leitores sobre as possíveis e terríveis consequências de novos movimentos religiosos e políticas neoconservadoras nos EUA (Howells, 2006, p. 161).⁶ A própria autora explica, durante uma entrevista à Editora Penguin, como o extremismo retratado tem sido almejado por jovens ao lerem o romance nos dias de hoje. De acordo com a autora, muitos concordam com a ideologia e conduta de Gilead, mesmo sendo opressora e violenta.⁷

Diante dos fatos apresentados, vemos o quanto *The Handmaid's Tale* tem a nos dizer. Além de sua relevância em território nacional e internacional, o romance – sobre um mundo supostamente ficcional – publicado há mais de trinta anos está cada vez mais próximo de nosso mundo presente. É preciso investigar a distopia de Gilead para compreender nossa realidade,

³ Referente à marcha em Virgínia e a influência de Trump: “(...) participaram neonazistas que pregavam o desprezo aos que consideravam menos evoluídos com base em perspectivas de raça, cor e religião. Instaure-se, a partir daí, um debate sério sobre o crescente populismo de direita que ecoa a partir de figuras públicas e representantes políticos como é o caso de Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos que tem, como seu chefe de estratégia política Steve Bannon, que apoia a plataforma da direita alternativa.” (WITTMANN, 2017, p. 5)

⁴ Comácio, Giovanna et al.. A Ascensão da Extrema-Direita na Europa e nos EUA e seu impacto nos Direitos Humanos. Anais do II Simpósio de Pesquisa em Direito da UFU, 2017, pp. 2-3.

⁵ The 100 best TV shows of the 21st century. *The Guardian* (em inglês). 13 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2019/sep/16/100-best-tv-shows-of-the-21st-century>> Acesso: 27 jun. de 2022.

⁶ HOWELLS, Coral Ann. Introduction in *The Cambridge Companion to Margaret Atwood*. Ed. Coral Ann Howells. Cambridge: Cambridge UP, 2006.

⁷ Entrevistadora para Margaret Atwood: “Have you noticed a difference in young people’s reactions to reading *The Handmaid's Tale* now compared with 30 years ago?”

MA: “Conditions changed overnight on November 9, 2016. That’s why you saw those big marches. So yes, it’s being read very differently now, unfortunately. I’m not pleased.” Disponível em: <<https://www.penguin.co.uk/articles/in-conversation/interviews/2018/apr/margaret-atwood-interview/#EVRU4CwmcCpBXbqB.99>> Acesso: 27 jun. 2022.

evitando um desfecho semelhante. Para que seja evitada a distorção do discurso bíblico em prol dos interesses ideológicos de alguns grupos. Para que mulheres não tenham seus corpos controlados pelo Estado e pelas elites econômicas. Para que mulheres não sejam oprimidas por outras mulheres. Para que a inércia da população de *The Handmaid's Tale* não seja a nossa.

2 – Os Capítulos

Margaret Atwood nasceu em Ottawa, Canadá, em 1939. Filha de um entomólogo e uma nutricionista, cresceu viajando, sempre cercada por florestas e livros. É uma grande apreciadora de literatura e escreveu sua primeira obra quando tinha 16 anos. Graduiu-se no Bacharelado em Artes e Inglês, mas também estudou filosofia e francês. Após a graduação, fez mestrado, estudou em Harvard e anos depois recebeu um diploma honorário de Doutora em Literatura da Universidade Nacional da Irlanda, entre diversos outros diplomas recebidos de universidades como Oxford, Cambridge e Sorbonne. Além da vasta carreira acadêmica, possui experiência docente.

No âmbito literário, publicou diversos poemas e romances de destaque. Entre os mais conhecidos estão *The Handmaid's Tale* (1985), *Alias Grace* (1996), *The Blind Assassin* (2000), *Oryx and Crake* (2003) e *The Testaments* (2019). Os principais temas de seus romances são a desigualdade, o feminismo e meio ambiente, sempre tecendo comentários pertinentes e reveladores sobre o estado de nossa sociedade atual.

The Handmaid's Tale (1985) é possivelmente sua obra de maior sucesso, tendo sido adaptada para histórias em quadrinhos, cinema, ópera e série de televisão. No Brasil, foi um dos dez livros mais impressos em 2018 e, em 2020, foi o décimo segundo livro mais vendido de acordo com site da *Amazon*.

No que fiz respeito ao seu enredo, em linhas bastante gerais, o romance conta a história de uma *Handmaid* em Gilead, uma sociedade fundamentalista religiosa criada após um golpe nos Estados Unidos protagonizado pelo grupo extremista religioso *Sons of Jacob*, que tomou controle do país. Nesse cenário, as mulheres tornaram-se propriedades do Estado e, devido a graves desastres ambientais e a uma crise de infertilidade mundial, as poucas férteis foram sujeitas à escravidão sexual. Essas mulheres são chamadas de *Handmaids* (Aias) e sua única função é a de gerar filhos para os *Commanders* (homens da alta elite do regime) e suas respectivas *Wives*.

Mas por que a autora canadense Margaret Atwood escolheu os Estados Unidos como cenário desse mundo distópico? De acordo com a autora, essa escolha ocorreu por motivos históricos e sociais, visto que o país, desde sua origem, é fortemente influenciado pela religião, em especial o cristianismo protestante. Ademais, também é o lugar por excelência onde o capitalismo se manifesta mais intensamente. Nas palavras de Foroohar (2017):

In Atwood’s fictional world, late-stage capitalism has led inexorably to an environmental crisis in which birth rates are radically diminished. Angry, underemployed men are manipulated by self-serving elites who decide that the way to Make America Great Again is to take it back not to the 1950s but to the 1650s. After a “terrorist” attack on Congress, the White House and the Supreme Court, the US goes from being a liberal democracy to a theocratic dictatorship based on a literal interpretation of the Bible (take that, Steve Bannon). Just in case the ruling establishment didn’t get the message, Harvard University, founded by Puritans, becomes ground zero for the ensuing horrors.⁸

Com o sistema capitalista em estágio avançado, ou seja, na qual se intensificaram o processo de globalização e mercadorias, além do sistema estar presente de modo tão profundo em nossa sociedade que impossibilita a concepção de um outro sistema que possa substituí-lo, a crise ambiental se instaurou e as taxas de fertilidade caíram. Devido à essa fragilidade local, religiosos se articularam e decidiram dar um golpe terrorista no país para impor visões distorcidas da Bíblia por meio de políticas fascistas. O ataque acaba sendo um sucesso e as mulheres são obrigadas a se sacrificarem para um suposto bem maior, perdendo grande parte de seus direitos. O antigo espaço da Universidade de Harvard – ironicamente fundado por Puritanos que tinham ideologias semelhantes aos do *Sons of Jacob* –, torna-se o palco principal da barbárie.

Com base em tais questões, o presente trabalho procura levantar algumas hipóteses sobre aspectos sociais e históricos presentes no romance de Atwood. Por meio de análises de trechos e da crítica, busca-se compreender o funcionamento de Gilead, os intrincados relacionamentos entre personagens, os eventos e a mentalidade dos cidadãos que possibilitaram o surgimento do regime. A hipótese central é a de que, apesar da barbárie, há diversas dinâmicas

⁸ “No mundo ficcional de Atwood, o capitalismo em estágio avançado levou inexoravelmente a uma crise ambiental na qual as taxas de natalidade são radicalmente reduzidas. Homens raivosos e subempregados são manipulados por elites egoístas que decidem que a maneira de tornar a América grande novamente é levá-la de volta não à década de 1950, mas à década de 1650. Após um ataque “terrorista” ao Congresso, à Casa Branca e à Suprema Corte, os EUA passam de uma democracia liberal a uma ditadura teocrática baseada em uma interpretação literal da Bíblia (veja isso, Steve Bannon). Apenas no caso de o establishment governante não entender a mensagem, a Universidade de Harvard, fundada por puritanos, torna-se o marco zero para os horrores que se seguiram.” FOROOHAR, Rana. *Dystopian America: how far are we from Gilead?* Disponível em: <<https://www.ft.com/content/c40e11e8-928a-11e7-a9e6-11d2f0ebb7f0>>. Acesso: 15. maio. 19.

de reações e de oposição entre as personagens femininas, consequentemente revelando as debilidades do sistema totalitário de Gilead.

No primeiro capítulo, serão discutidas as seguintes questões acerca da dedicatória e do epílogo do romance: Quem foi Mary Webster e Perry Miller? O que é o *Historical Notes*? Qual a relevância do prefácio e do posfácio para a construção do romance? Com base na interpretação do *Historical Notes*, após o término de Gilead, houve progresso? Por meio da elucidação desses questionamentos iniciais, o leitor poderá identificar as influências acerca da caça às bruxas, do Puritanismo e da crítica da obra à academia e ao patriarcado, aspectos que perpassam o romance.

No segundo capítulo será analisada a estrutura das castas, os benefícios gerados por tal divisão da sociedade e, além disso, a função do silenciamento a que foram submetidas as mulheres. Ademais, será investigado o distanciamento feminino e a opressão sofrida pelas isoladas *Handmaids*, que enfrentam dificuldades de acesso e comunicação com o mundo privado e público. Após a compreensão do cenário em sentido amplo, serão discutidos alguns aspectos das principais personagens femininas: Offred, Moira, Ofglen, Janine, Serena Joy e Aunt Lydia.

Offred é o ponto de vista narrativo e a protagonista do romance, mas seu relato não demonstra características de liderança ou sequer heroísmo, mas sim explora os modos encontrados para sobreviver ao regime como *Handmaid*, e momentos em que luta contra Gilead através da linguagem. Por meio do acesso aos pensamentos e memórias da Aia, o leitor identifica as fragilidades e complexidade das situações impostas, possibilitando a interpretação de que a jovem se opõe e desafia o discurso totalitário de Gilead.

Moira é a melhor amiga de Offred e aparece majoritariamente em suas memórias. Nessas recordações, é retratada como um contraste à narradora, sendo feminista, anticonformista e audaz. Tentou fugir do *Red Center* quando estavam treinando para se tornarem *Handmaids*, mas sua fuga foi um fracasso, tendo sido capturada e punida. Anos depois, Offred a reencontra no clube noturno *Jezebel's*, mas a amiga não é mais a mesma. Com base nos dados fornecidos, serão explorados os possíveis caminhos de leitura acerca da mudança ou talvez da idealização da personagem narrada por Offred. Contudo, Moira permanece atuando como um símbolo de resiliência para as *Handmaids*, especialmente após sua tentativa de fuga.

Ofglen também é uma Aia e faz dupla com Offred, mas atua ativamente, sendo integrante do grupo de resistência *Mayday*. Em suas interações, a narradora descobre que há diversas pessoas que se articulam contra a república de Gilead e se torna mais otimista e atuante. Por um lado, como mencionado previamente, as situações impostas a essas mulheres são árduas e não há espaço num mundo tão opressor para atos grandiosos, talvez seja por isso que o

desfecho de Ofglen tenha sido trágico. Por outro lado, Ofglen pode ser vista como uma personagem de resistência central para a obra, tornando-se um exemplo e inspiração a Offred.

Janine é uma *Handmaid* mas aparentemente não é vista com bons olhos pela narradora, julgando-a submissa e bajuladora. No entanto, diferente da vida de Offred, Janine teve uma vida miserável antes mesmo do surgimento de Gilead. Estuprada por diversos homens quando adolescente, a jovem demonstra instabilidade emocional, tendo tido sua saúde mental destruída pela sociedade capitalista estadunidense. Offred demonstra certa impaciência e até um certo grau de crueldade em relação a Janine, o que ilustra um tema nevrálgico no romance: a introjeção do patriarcado nas personagens femininas. Janine, portanto, apenas encontra como aliada *Aunt Lydia*, e faz o que é necessário para sobreviver e receber aprovação de outras mulheres. Por um lado, a personagem pode funcionar como um exemplo da opressão que acontece entre as próprias mulheres – incluindo as Aias –; por outro lado, também é uma indicação do quanto a sociedade capitalista dos Estados Unidos estava distante de ser um mundo ideal. A realidade de Janine pré-Gilead pode ser interpretada como um contraste à visão idealizada por Offred sobre o mundo estadunidense.

Por último, serão analisadas as personagens de Serena Joy e Aunt Lydia. A primeira é uma *Wife* aparentemente crente e opressora, mas por meio de uma leitura mais atenta é possível identificar nuances transgressoras da personagem. Apesar ter apoiado Gilead, quebra regras e comete atos de insubmissão, além de estar frustrada e insatisfeita por ter perdido sua voz e relevância nessa nova sociedade. O relacionamento entre Serena e Offred é abstruso e pode ilustrar a opressão entre mulheres, além da dificuldade de se conectarem para uma união contra o sistema vigente.

Aunt Lydia, por sua vez, é uma mulher mais velha responsável pela educação com base na ideologia de Gilead e representa uma figura moral extremista e violenta. Ela, assim como diversas outras *Aunts*, punem as Aias e são responsáveis por elas. Offred cita em diversas passagens do romance os discursos de Lydia sobre modo correto de pensar e agir em Gilead. Por meio de atitudes e discursos calculistas, identifica-se uma casta radical que frequentemente distorce discursos: chamam de educação as torturas que cometem com as *Handmaids* e afirmam que na sociedade anterior as mulheres tinham liberdades demasiadas.

O terceiro capítulo explorará as dinâmicas de poder e o *modus operandi* de Gilead, que atua por meio da violência, inveja e medo para coagir a população à submissão. De acordo com o dicionário Michaelis, *modus operandi* se refere ao “Modo pelo qual uma pessoa ou uma

instituição atua ou opera e desenvolve suas atividades.”⁹ Originalmente o termo advém do Direito Penal, e diz respeito à maneira cujo um crime é praticado pelo agente. Esse termo é frequentemente usado para se referir a prática de assassinos em série, visto que tem um modo particular de agir tanto para escolher suas vítimas quanto para cometer os atos criminosos. Gilead não tem um único *modus operandi*, visto que a práxis do regime são várias, mas atua de maneira bastante calculista e brutal.

Algumas das perguntas presentes no capítulo incluem: Quais as bases de sustentação do sistema? Como os *Sons of Jacob* conseguiram ser bem-sucedidos em derrubar o governo dos Estados Unidos? Houve apoio da população? Quais os modos da violência e da opressão? Por meio da investigação e análise de importantes espaços de terror, como *The Colonies*, e as punições, como *Salvaging* e *Participation*, será possível ter uma visão abrangente da República de Gilead e seus fundamentos e inspirações.

⁹ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=NyjYa>> Acesso: 14. nov. 2022.

1 – CAPÍTULO I: O INÍCIO E O FIM

Histórico é, ao contrário do que diz a convenção, o que ficou, não o que morreu.

– Alfredo Bosi.

1.1 – Dedicatória a Mary Webster: caça às mulheres, bruxaria e resistência

A relação de *The Handmaids Tale* com a bruxaria está presente desde a dedicatória do livro: “To Mary Webster and Perry Miller.”¹⁰ Sabe-se que a maioria das nomeadas bruxas eram mulheres pobres, com idade mais avançada, viúvas ou que não podiam ter filhos.¹¹ Ademais, qualquer mulher ou indivíduo que fugisse das normas do período era considerado perigoso e sujeito à acusação de bruxaria. A primeira pessoa mencionada na dedicatória de Margaret Atwood é sua ancestral do século XVII, submetida a enforcamento por acusação de bruxaria e que sobreviveu após passar a noite pendurada em uma árvore. Sobre esse acontecimento, Atwood diz: “(...) she is slightly a symbol of hope because they didn’t actually manage to kill her. She made it through.”¹² A autora aponta que sua ancestral é, de certo modo, uma figura de esperança, porque mesmo após ter sido enforcada resistiu e continuou viva, passando seu legado adiante e tornando-se uma referência para Atwood e diversas outras mulheres que não resistiram às acusações e enforcamentos do período.

No entanto, qual a razão pela qual a acusaram de bruxaria? Como Silvia Federici explica em *Calibã e a Bruxa* (2004), as acusações eram das mais ambíguas e diversas, sendo praticamente impossível verificar sua veracidade: “A própria obscuridade da acusação — o fato de que era impossível comprová-la, ao mesmo tempo que evocava o máximo horror — implicava que pudesse ser utilizada para castigar qualquer forma de protesto, com a finalidade de gerar suspeita inclusive sobre os aspectos mais corriqueiros da vida cotidiana.” (p. 306).¹³ Com base no que foi dito acima, as acusações na maioria das vezes se davam por qualquer motivo e, como a autora diz, o principal propósito da caça às bruxas, por trás do discurso puritano da erradicação dos representantes do diabo na terra, era de se ter uma poderosa forma de controle social, sendo uma “iniciativa política de grande importância.” (p. 301). Portanto,

¹⁰ Para Mary Webster e Perry Miller. (tradução nossa)

¹¹ STONE, Alia. *An Invitation to Satan: Puritan Culture and the Salem Witch Trials*. MAD-RUSH Undergraduate Research Conference, 2018, p. 5.

¹² “Ela é praticamente um símbolo de esperança, porque eles não conseguiram matá-la. Ela conseguiu sobreviver.” (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.pri.org/stories/2017-05-13/17th-century-alleged-witch-inspired-margaret-atwoods-Handmaids-tale>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

¹³ FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

Webster incomodou alguém e isso foi o bastante para a sentenciarem à morte, afinal, qualquer mulher nesse período de caça às bruxas estava sujeita a acusações infundadas, porque investigações não eram feitas. Partia-se do pressuposto de que eram automaticamente culpadas pelos crimes dos quais foram acusadas e que queimariam no inferno.

Ainda sobre Mary Webster, Atwood explica a escolha da distopia ser nos EUA e o porquê da sua ancestral ter sido chamada de bruxa:

I did feel... that it was appropriate to talk of witches here in New England, for obvious reasons, but also because this is the land of my ancestors, and one of my ancestors was a witch. Her name was Mary Webster, she lived in Connecticut, and she was hanged for 'causing an old man to become extremely valetudinarius'. Luckily, they had not yet invented the drop: in those days they just sort of strung you up. When they cut Mary Webster down the next day, she was, to everyone's surprise, not dead. Because of the law of double jeopardy, under which you could not be executed twice for the same offence, Mary Webster went free. I expect that if everyone thought she had occult powers before the hanging, they were even more convinced of it afterwards. She is my favourite ancestor, more dear to my heart even than the privateers and the massacred French Protestants, and if there's one thing I hope I've inherited from her, it's her neck. (ATWOOD, 1982, pp. 330-1)¹⁴

Como Atwood explicita, a acusação é puramente subjetiva: afirmam que ela causou a enfermidade de um idoso (impossível de ser comprovada), e só não foi presa novamente (depois ter sido enforcada) porque a própria lei não permitia que fosse castigada mais uma vez pelo mesmo crime. Sobreviver foi um caso de extrema sorte, que talvez simbolicamente possa ser visto como ato de resistência – algo que, aliás, foi interpretado como uma prova de seu envolvimento com a bruxaria.

A autora comenta ainda que Webster é sua ancestral favorita, brincando que gostaria de ter herdado dela seu pescoço. Por meio da passagem, nota-se uma característica muito comum no que se refere à perseguição contra as mulheres durante a caça às bruxas: era preciso apenas uma palavra de um homem para sentenciar uma mulher à morte, mesmo que a veracidade do relato não pudesse ser verificada. É importante mencionar que todas essas acusações eram legítimas perante as leis do período e, por meio de um discurso bíblico e jurídico, as pessoas eram facilmente condenadas à morte. Algo semelhante que ocorria na caça às bruxas pode ser

¹⁴ “Eu senti... que era apropriado falar de bruxas aqui na Nova Inglaterra, por razões óbvias, mas também porque esta é a terra de meus ancestrais, e um de meus ancestrais era uma bruxa. O nome dela era Mary Webster, ela morava em Connecticut e foi enforcada por ‘fazer com que um velho se tornasse extremamente valetudinário’. Felizmente, eles ainda não tinham inventado a queda: naquela época, eles simplesmente penduravam. Quando eles foram verificar Mary Webster no dia seguinte, ela não estava, para surpresa de todos, morta. Por causa da lei da dupla incriminação, segundo a qual você não poderia ser executado duas vezes pelo mesmo delito, Mary Webster foi libertada. Imagino que se todos pensavam que ela tinha poderes ocultos antes do enforcamento, ficaram ainda mais convencidos disso depois. Ela é minha ancestral favorita, a mais querida até do que os corsários e os protestantes franceses massacrados, e se há algo que espero ter herdado dela, é seu pescoço.” (tradução nossa) ATWOOD, Margaret. *Second Words*. Toronto: Anansi Press, 1982.

visto na adaptação televisiva de *The Handmaid's Tale* quando Ofglen e uma *Martha*, acusadas de envolvimento homossexual são culpadas imediatamente após um homem jurar que era verdade.¹⁵ Apesar de no romance não sabermos se Ofglen era homossexual, na série televisiva temos essa confirmação e devido a sua orientação sexual sofre diversos castigos, tendo inclusive seu clitóris retirado em procedimento cirúrgico após a acusação citada acima. No romance, homossexuais são enforcados ou enviados às Colônias, chamados de “gender traitors”¹⁶, exceto mulheres como Moira (melhor amiga de Offred) que a princípio não eram enforcadas por serem jovens e férteis.

Sabe-se que a sociedade puritana temia as mulheres, as belas por serem a tentação e perdição dos homens, assim como as idosas e as pobres, que eram tratadas como descartáveis e perigosas, portanto, indivíduos que de alguma maneira eram uma ameaça para a vida puritana ou que não contribuía para a manutenção dessa sociedade e seus valores. À luz de Federici, o medo das classes baixas era evidente, em especial em relação às revoltas de classe e à transgressão sexual. É impossível não fazer paralelos com a situação de Gilead, afinal, a baixa fertilidade feminina foi a justificativa necessária para o *coup d'état* dos *Sons of Jacob*, que, assim como os puritanos, acreditavam que foram os escolhidos por Deus para iluminar o caminho na terra das oportunidades.

Assim como os colonizadores,¹⁷ os *Sons of Jacob* impuseram suas crenças religiosas sobre toda a população, de modo semelhante a outros países da distopia, como mencionado no posfácio intitulado *Historical Notes*: “Romania, for instance, had anticipated Gilead in the eighties by banning all forms of birth control, imposing compulsory pregnancy tests on the female population, and linking promotion and wage increases to fertility” (*HT*, 2016, p. 467).¹⁸ Na citação, é dito que outros países anteciparam a crise de fertilidade e por isso impuseram medidas legais e fizeram uso de represálias econômicas como meio de controlar o corpo feminino, coagindo as mulheres a terem filhos. Além dessa imposição, exploraram por meio de estratégias do próprio sistema capitalista, como aumentar salários e prometer mais

¹⁵ “The accused stand charged with gender treachery, in violation of Romans, Chapter 1, Verse 26.” / “And do you swear by His name the report you have submitted is the truth entirely?” / “Yes, I do so swear.” / “Then by the name of God and His servants here on earth the accused are hereby found guilty.” (Ep. 3 “Late” – 34min).

¹⁶ Traidores de gênero (tradução nossa) (*HT*, 2016, p. 386).

¹⁷ Vale lembrar que tais colonizadores viam muitos nativos como agentes do diabo: “On principle, all Native American peoples were subject to accusations of devil worship, as they were viewed to be godless and pagan, and therefore easily influenced by the devil.” STONE, Alia. *An Invitation to Satan: Puritan Culture and the Salem Witch Trials*. MAD-RUSH Undergraduate Research Conference, 2017, p. 5.

¹⁸ “A Romania, por exemplo, havia se antecipado em relação à Gilead nos anos 80 ao banir todas as formas de controle de natalidade, impondo testes de gravidez compulsórios a toda a população de sexo feminino, e vinculando promoções e aumentos de salários à fertilidade.” (*HT*, 2017, p. 358)

oportunidades na carreira profissional, para as que engravidassem. Outros métodos de reprodução foram rejeitados, exceto o mais conveniente e barato: “‘artificial insemination’, ‘fertility clinics’ and the use of ‘surrogate mothers’ (...) Gilead outlawed the first two as irreligious, but legitimized and enforced the third, which was considered to have biblical precedents (...)” (pp. 467-8)¹⁹. Com base nisso, o regime totalitário tomou decisões unilaterais e não deu escolha viável para as mulheres. Investimentos na ciência tampouco foram considerados porque, como mencionado anteriormente, viram esse momento de fragilidade social como uma oportunidade para tomarem controle total e assim não precisarem remunerar nenhuma mulher por um trabalho que eles consideravam fazer parte do dever biológico feminino. Foi assim que surgiram as *Handmaids*.

Retornando ao golpe efetuado pelos *Sons of Jacob*, outro paralelo com a caça às bruxas está em uma das primeiras ações do regime teocrático: excluir as mulheres do mercado de trabalho. De acordo com Federici (2004): “O contínuo processo de substituição das mulheres por homens na profissão é um exemplo do modo como elas foram excluídas de todos os ramos de trabalho especializado, conforme as oportunidades de obtenção de um treinamento profissional adequado lhes eram negadas.” (p. 329). Nesse sentido, podemos salientar que, em *The Handmaid’s Tale*, as mulheres perderam total acesso aos recursos financeiros, tendo suas contas bloqueadas e movimentadas somente por seus maridos ou parentes do sexo masculino. Por meio dessas medidas, retiraram a independência financeira, essencial para se manter no capitalismo, além de tornarem as mulheres dependentes aos homens, num paralelo correlato à época da caça às bruxas, onde também houve uma hierarquização econômica entre gêneros.

Uma vez estabelecido o controle de ir e vir das mulheres (porque também foram proibidas de saírem do país, especialmente as férteis) o movimento a seguir foi de obter posse total de seus corpos. O ponto de vista do romance parece apontar a insistência em controlar o corpo feminino antes mesmo do mundo distópico ser estabelecido, como Offred narra a seguir ao assistir a uma gravação no *Red Center* sobre um protesto de mulheres anterior ao regime: “FREEDOM TO CHOOSE. EVERY BABY A WANTED BABY. RECAPTURE OUR BODIES. DO YOU BELIEVE A WOMAN’S PLACE IS ON THE KITCHEN TABLE? Under the last sign there’s a line drawing of a woman’s body, lying on a table, blood dripping out of it.”²⁰ (*op. cit.*, p. 185). Através dessa revolta arquitetada por feministas do período (pré-Gilead)

¹⁹ “Inseminação artificial”, “clínicas de fertilidade”, e pelo uso de “mães de aluguel”, que eram contratadas com esse propósito. Gilead tornou ilegais as duas primeiras opções, considerando-as irreligiosas, mas legitimou e executou a terceira, que era considerada como tendo precedentes bíblicos (...) (*HT*, 2017, p. 358)

²⁰ “LIBERDADE PARA ESCOLHER. QUE TODO BEBÊ SEJA UM BEBÊ QUERIDO. RETOMEMOS NOSSOS CORPOS. VOCÊS ACREDITAM QUE O LUGAR DE UMA MULHER SEJA NA MESA DA

a favor do aborto (como a própria mãe de Offred era)²¹, as *Aunts* procuram persuadir as *Handmaids* de que apenas no presente as mulheres estão verdadeiramente seguras, sendo o passado uma anarquia perigosa em que tudo era extremamente violento, como o protesto dessas mulheres que não desejavam filhos e eram a favor do aborto. Federici conta que na “guerra contra as mulheres” (a caça às bruxas), uma das principais iniciativas foi a de retomar com a densidade populacional desejada, retirando o controle e direito que as mulheres exerciam sobre seus corpos e reprodução. Para atingir esse objetivo, demonizaram qualquer forma de controle de natalidade e de sexualidade que não tivesse fins de procriação (p. 174). Por meio do medo da acusação de bruxaria, o Estado conseguiu controlá-las.

Do mesmo modo, Gilead retira o poder das mulheres e as segmenta de acordo com seu próprio interesse, para que não possam contestar a decisão tomada: as mulheres deverão ser submissas e subservientes aos homens, tem como único propósito a reprodução. Moira diz que faz parte do interesse do regime que as mulheres permanecessem nos Estados Unidos e para isso era necessário que elas não soubessem o que estava acontecendo até que os *Sons of Jacob* já tivessem tomado controle do país. Por isso, aos olhos de Offred o golpe aconteceu tão rápido, mas como a melhor amiga da narradora aponta, indícios de que isso aconteceria já estavam sendo dados desde antes.²² Offred estava muito absorta em seu próprio modo de vida para se preocupar com essa possibilidade.²³

O medo é também a maior carta na manga de Gilead, que, por meio do espaço punitivo e mortal das Colônias, descarta mulheres insubmissas e que ameaçam a teocracia, além de escravizá-las, trabalhando até que morram intoxicadas. Sendo assim, a dedicatória à Mary Webster faz alusão à caça às mulheres, mostrando que acusá-las de bruxaria era o cenário ideal para obter controle de seus corpos. O perfil das acusadas (e acusados em menor proporção) era

COZINHA? Debaixo da última faixa há um desenho de um corpo de mulher, deitada numa mesa, o sangue pingando dela.” (HT, 2017, p. 146)

²¹ Offred nos conta o relato de sua mãe feminista: “I had you When I was thirty-seven, my mother said (...) You were a wanted child, all right, and did I get shit from some quarters! My oldest buddy Tricia Foreman accused me of being protonatalist, the bitch. Jealousy, I put that down to, Some of the others were okay though.” (HT, 2016, p. 186) Tradução: “Eu tive você quando tinha trinta e sete anos, disse minha mãe. Foi um risco (...) Você foi uma criança que eu quis ter, quis mesmo, de verdade, e, de fato, ouvi realmente um bocado de merda e críticas de certas pessoas! Minha amiga mais antiga, Tricia Foreman, me acusou de ser paternalista, a cretina. Ciúmes, foi o que achei. Algumas das outras, contudo, foram legais.” (HT, 2017, p. 147)

²² “They had to do it that way, the Compucounts and the Jobs both at once. Can you picture the airports, otherwise? They don’t want us going anywhere, you can bet on that.” (HT, 2016, p. 276) Tradução: “Eles tinham que fazer desse jeito, as Compucontas e os empregos, ambos ao mesmo tempo. Caso contrário, pode imaginar como estariam os aeroportos? Não querem que a gente vá para lugar nenhum, pode apostar nisso.” (HT, 2017, p. 214)

²³ “Then I remembered something I’d seen and hadn’t noticed, at the time. It wasn’t the army. It was some other army.” (HT, 2016, p. 278) Tradução: “Então lembrei de algo que eu tinha visto, mas não havia reparado na ocasião. Não era o exército. Era outro exército.” (HT, 2017, p. 215)

bem específico, sendo majoritariamente pessoas que se apresentavam como possíveis ameaças, como explica Alia Stone (2017):

They viewed outsiders as suspicious, and people who held different beliefs, creeds, or did things differently were considered dangerous or evil. Because Puritans believed the community shared the consequences of right and wrong, often community actions were taken to atone for the misdeed. As such, they did not hesitate to punish or assault people who they deemed to be transgressors against them and against God's will. The people who found themselves punished were the poor, and women who stood low on the social ladder. These punishments would range from beatings to public humiliation. Certain crimes, however, were viewed as far worse than others and were considered capital crimes, punishable by death. Witchcraft, for example was one of the most well-known capital crimes. (STONE, 2017, pp. 3-4)²⁴

De acordo com a autora, os considerados forasteiros eram rotulados como maus e perigosos e eram pessoas cujas crenças divergiam da hegemonia puritana. No que se refere à Gilead, o regime age de modo semelhante: aqueles que não se encaixam na doutrina religiosa são enforcados em praça pública. Como a comunidade era algo primordial para o puritanismo, todos sofriam consequências pelas ações de terceiros, então desde o início da colonização não havia hesitação para punir essas pessoas chamadas de transgressoras e consequentemente, pecadoras. Na maior parte dos casos, as pessoas que sofriam a punição (*e.g.* apanhar e humilhações públicas) e recebiam a rejeição da comunidade eram pobres e mulheres consideradas inferiores. A bruxaria era um caso de crime capital e qualquer pessoa acusada de cometer tal crime encontrava o seu fim por meio de uma dolorosa morte, sem direito a um julgamento digno ou de contestar as acusações do crime. Tudo isso ocorria com base nas leis que trabalhavam de acordo com os interesses do Estado, e as comunidades foram fragmentadas e obrigadas a ter uma atitude acusatória, na medida em que acusavam uns aos outros de bruxaria ou de atividades suspeitas. Contudo, tal processo cessou quando a situação saiu do controle. Eram feitas tantas acusações que eventualmente essas atingiram filhas e pessoas da elite. A partir desse momento, a seleção estava indo além daqueles que seriam descartáveis para o Estado, de modo que indivíduos mais poderosos começaram a contestar o que estava sendo feito.

²⁴ “Eles viam os estranhos como suspeitos, e as pessoas que tinham crenças e credos diferentes ou faziam as coisas de maneira diferente eram consideradas perigosas ou más. Como os puritanos acreditavam que a comunidade compartilhava as consequências do certo e do errado, muitas vezes as ações da comunidade eram tomadas para expiar o delito. Como tal, eles não hesitavam em punir ou agredir pessoas que consideravam transgressores contra eles e contra a vontade de Deus. As pessoas punidas foram os pobres e as mulheres que ocupavam uma posição inferior na escala social. Essas punições variavam de espancamentos à humilhação pública. Certos crimes, no entanto, eram considerados muito piores do que outros e eram considerados crimes capitais, puníveis com a morte. Bruxaria, por exemplo, foi um dos crimes capitais mais conhecidos.” (tradução nossa)

Portanto, pode-se perceber um medo de mulheres assumirem qualquer posição de poder ou liberdade devido a suas supostas características subversivas. Mulheres que se recusavam a aceitar seus papéis limitados ao mundo privado de suas casas, que buscavam mais conhecimento, que eram pobres ou idosas solteiras, de aparência distinta, eram ameaças e a sociedade puritana buscava excluí-las da comunidade e controlá-las. O discurso alegando atos de bruxaria era apenas o meio eficiente encontrado para isso.

A figura de Mary Webster é primordial uma vez que, além de funcionar como inspiração para Atwood, guia importantes discussões. Uma dessas discussões se refere à perseguição feminina, uma vez que a crise de infertilidade foi usada para retirar as mulheres do espaço público e restringi-las ao âmbito privado com diversas ressalvas e limitações. O medo das bruxas na realidade é uma alusão ao medo do poder feminino, buscando retirar sua independência financeira e estabilidade mental para controlar seus corpos. Em Gilead, houve um processo de objetivação feminina e criação de castas, que ocorreram talvez por uma consequência do medo que os homens passaram a ter da autonomia e poder das mulheres, utilizando o texto bíblico apenas como um meio para buscar justificar a barbárie.

Além disso, a ancestral de Atwood também é um exemplo de como resistir e sobreviver às violências cotidianas que provavelmente não ocorreriam com homens. Assim como Webster, as personagens femininas de *The Handmaids Tale* também buscam existir e resistir. No caso de Offred, por meio de sua narrativa, já Ofglen e Moira, por meio de ações de protesto e fuga.

1.2 – Dedicatória a Perry Miller: a conduta puritana

A segunda pessoa a quem Atwood dedica o romance é Perry Miller, professor, intelectual e cofundador da área de estudos americanos em Harvard, especialista na história e no comportamento da sociedade puritana da Nova Inglaterra, tendo um papel importante na visão revisionista da teocracia puritana colonial que foi estudada e desenvolvida em Harvard no início da década de 1920. De acordo com Evans (1994) “If the story of Mary Webster reveals a sorry side of early American history, it soon becomes clear that Perry Miller, the novel’s other dedicatee, refocuses and deepens our interest in the conduct of this society, and how it relates to the futuristic world of *The Handmaid’s Tale*.” (p. 180).²⁵ Sendo assim, por meio da

²⁵ “Se a história de Mary Webster revela um lado lamentável do início da história americana, logo fica claro que Perry Miller, o outro dedicado do romance, reorienta e aprofunda nosso interesse na conduta desta sociedade e como ela se relaciona com o mundo futurista de O Conto da Aia.” (tradução nossa). EVANS, M. *Versions of History: The Handmaid’s Tale and its Dedicatees*. In: *Nicholson C. (eds) Margaret Atwood: Writing and Subjectivity*. Palgrave Macmillan, London, 1994.

dedicatória a Webster, Atwood fornece indícios de que a narrativa a ser lida pode ser vista como uma crítica à história da fundação estadunidense, enquanto a dedicatória a Perry Miller reorienta e aprofunda nosso conhecimento sobre a conduta puritana à qual o romance faz diversas alusões. De acordo com a própria Atwood, a teocracia das colônias no século XVII é fundamental para a compreensão das raízes do totalitarismo americano:

But one of the persons it's dedicated to is Perry Miller, through whom at Harvard I studied the American Puritans in great detail. The roots of totalitarianism in America are found, I discovered, in the theocracy of the 17th Century. 'The Scarlet Letter' is not that far behind 'The *Handmaid's Tale*,' my take on American Puritanism.²⁶

Na passagem, a autora cita que por meio da pesquisa de Perry Miller em Harvard compreendeu o sistema totalitário estadunidense, além de dizer que de certa forma o romance *The Handmaid's Tale* pode ser visto como uma releitura do puritanismo americano. Uma primeira alusão a isso é quando decide que Harvard em Gilead se tornou o centro de detenção e tortura dos *Eyes* (polícia secreta de Gilead). Sobre isso, Foroohar (2017) escreve: “Just in case the ruling establishment didn't get the message, Harvard University, founded by Puritans, becomes ground zero for the ensuing horrors.”²⁷ Por meio do comentário irônico, a colunista explicita a intenção por trás da escolha de Harvard como centro de tortura, afinal, foi fundada por puritanos e é onde a mais alta classe social americana está presente. Portanto, é possível conjecturar que o surgimento do grupo *Sons of Jacob* tenha se dado por pessoas influentes em Harvard ou até mesmo que tenha ocorrido no próprio espaço da universidade a organização para dar o golpe.

A passagem a seguir ilustra tamanha importância de Harvard para o *setting* da narrativa: “This is the heart of Gilead, where the war cannot intrude except on television (...) The Republic of Gilead, said Aunt Lydia, knows no bounds. Gilead is within you. Doctors lived here once, lawyers, university professors. There are no lawyers anymore, and the university is closed.” (p. 38).²⁸ O coração de Gilead está em Harvard, da mesma forma que o coração dos

²⁶ “Mas uma das pessoas a quem é dedicado é Perry Miller, por meio de quem em Harvard estudei os puritanos americanos em grande detalhe. As raízes do totalitarismo na América são encontradas, descobri, na teocracia do século XVII. ‘The Scarlet Letter’ não fica muito atrás de ‘The Handmaid’s Tale’, minha opinião sobre o puritanismo americano.” PEARY, Gerald. ‘The *Handmaid's Tale*’: If Puritans Ruled... Atwood’s Story on Screen. Disponível em: <<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1990-03-04-ca-2834-story.html>> Acesso: 17 dez. 2019. Tradução nossa.

²⁷ “Apenas no caso de o sistema governante não entender a mensagem, a Universidade de Harvard, fundada por puritanos, torna-se o marco zero para os horrores que se seguiram.” (tradução nossa). FOROOHAR, Rana. *Dystopian America: how far are we from Gilead?* Disponível em: <<https://www.ft.com/content/c40e11e8-928a-11e7-a9e6-11d2f0ebb7f0>> Acesso: 30 maio. 2019.

²⁸ “Este é o coração de Gilead, onde a guerra não pode penetrar nem se intrometer, exceto pela televisão. A República de Gilead, dizia tia Lydia, não conhece fronteiras. Gilead está dentro de você. Médicos, advogados e

Estados Unidos está no Puritanismo, e a universidade, uma vez centro do saber, tornou-se a fortaleza dos *Sons of Jacob*, que ironicamente apenas acreditam em ensinamentos bíblicos e não científicos.

Portanto, é possível afirmar que o período estudado elucidou para a autora canadense os aspectos mais grotescos da religião e imaginação dos fundadores de Nova Inglaterra, fazendo com que tal ideologia fosse reapropriada e reexaminada em seu romance vinte anos depois de ter estudado com Miller (EVANS, 1994, p. 181). A protagonista, muito mais do que uma heroína revolucionária ficcional, é uma jovem mediana que busca sobreviver, nos mostrando como o novo regime foi instaurado. Além disso, Offred deixa implícito em seu discurso os conflitos entre mulheres, que também contribuíram para a instauração da teocracia, e sua própria parcela de culpa no estabelecimento da mesma, porque apesar de ver mudanças ocorrendo, preferiu alienar-se. Essa indiferença retoma a transposição entre ficção e realidade, uma vez que a matéria ficcional elucida um importante debate histórico com base nos movimentos feministas do período:

However, Atwood's text lacks any communal resistance. Women in pre-Gilead U.S. Society lacked the communal identity to resist the coup. This was representative of the rifts within Second-Wave Feminism, a movement that struggled to address a diverse array of social, economic, and political concerns facing women in the decades between 1960 and 1990. (TOLAN, 2005, p. 30)²⁹

De acordo com Tolan, não houve uma resistência grupal uma vez que em pré-Gilead não havia uma união entre mulheres, tornando o processo impossível de se resistir. Na visão dela, trata-se de uma alusão à segunda onda do feminismo onde conflitos identitários eram frequentes. Isso ocorria pois nem sempre dentro do próprio movimento feminista havia um reconhecimento de que há diversos contextos sociais e raciais e que tais diferenças acarretam diferentes graus de opressão. As discussões teóricas entre diferentes feministas, ao invés de contribuir para um conceito mais amplo do que é o movimento, gerou uma discórdia que segregou mulheres. Desse modo, quando o golpe aconteceu, não houve tempo para se articular um contra-ataque.

professores universitários viveram aqui antes. Não há mais advogados e a universidade foi fechada.” (HT, 2017, p. 34)

²⁹ “No entanto, o texto de Atwood carece de qualquer resistência comunitária. As mulheres na sociedade pré-Gilead nos EUA não tinham identidade comum para resistir ao golpe. Isso representou as cisões dentro do Feminismo de Segunda Onda, um movimento que lutou para abordar uma gama diversificada de preocupações sociais, econômicas e políticas enfrentadas pelas mulheres nas décadas entre 1960 e 1990.” (tradução nossa). TOLAN, Fiona. *Feminist utopias and questions of liberty: Margaret Atwood's The Handmaid's Tale as critique of second wave feminism*. Women: a cultural review, v. 16, n. 1, p. 18-32, 2005.

A personagem principal de *Handmaid's Tale*, diferente de muitas mulheres, foi sensibilizada acerca da luta pela igualdade de gênero porque sua mãe fora uma feminista radical; ao mesmo tempo, seus próprios sentimentos são bastante contraditórios, chegando mesmo a ter uma forte resistência a algumas propostas do feminismo, talvez por uma maneira de não corresponder às expectativas da mãe. No entanto, quando percebeu que o objetivo era o de retirar a autonomia das mulheres, já era tarde demais: “Women can’t hold property anymore, she said. It’s a new law. It’s on there, she said. All over the place.’ She was not stunned, the way I was. In some strange way she (*Moira*) was gleeful, as if this was what she’d been expecting for some time and now she’d been proven right.” (p. 213)³⁰ Com base nisso, é possível especular que um dos motivos para Offred ter sobrevivido é por nunca ter se mostrado como uma ameaça, sendo seu destino distinto ao de muitas mulheres durante a caça às bruxas. Diferente de sua mãe, que ativamente participava de movimentos feministas e não era jovem, Offred estava apta para tornar-se *Handmaid*.

Outro trecho relevante a ser citado refere-se à necessidade de submissão, com papéis sociais bem definidos, e um interesse de Atwood pela história estadunidense e suas origens:

I took a particular interest in the Salem witchcraft trials. What sorts of conditions produce a group mentality that so blatantly violates justice and defies common sense, in the name of God and righteousness? What sorts of people benefit from egging such things on? I’ve always remembered the words of one New England divine, who preached a sermon of repentance after they’d all realized how badly they’d been bamboozled: “The Devil was indeed among us, but not in the form we thought.” (ATWOOD, 2003, n.p.)³¹

O puritanismo e a caça às bruxas estão diretamente relacionados e por isso são eventos tão importantes para a criação de *The Handmaid's Tale*. O que interessava Atwood era compreender as condições e a mentalidade que usou Deus e a religião como justificativa para julgar, escravizar e assassinar pessoas, em especial mulheres ou indivíduos de classes mais baixas. A caça às bruxas trata justamente disso e, portanto, encontramos em Gilead: mulheres pobres transformadas em servas, mulheres jovens e férteis escravizadas e as mulheres ricas

³⁰ “Mulheres não podem mais possuir bens, disse ela. É uma nova lei. Não estava atordoada, da maneira como eu estava. De alguma forma estranha ela estava alegre, entusiasmada, como se isso fosse o que estivera esperando há algum tempo e agora ficara provado que estivera certa.” (*op. cit.*, p. 214)

³¹ “Tive um interesse particular nos julgamentos de feitiçaria de Salem. Que tipo de condições produzem uma mentalidade de grupo que tão flagrantemente viola a justiça e desafia o bom senso, em nome de Deus e da retidão? Que tipo de pessoa se beneficia ao estimular essas coisas? Sempre me lembrei das palavras de um divino da Nova Inglaterra, que pregou um sermão de arrependimento depois que todos perceberam o quanto tinham sido terrivelmente enganados: O Diabo estava de fato entre nós, mas não da forma que pensávamos.” (tradução nossa). ATWOOD, Margaret. *For God and Gilead*. The Guardian: March 22nd, 2003. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/music/2003/mar/22/classicalmusicandopera.fiction>> Acesso: 24 ago. 2021.

oprimindo os outros dois grupos, enquanto são oprimidas por homens, supostamente líderes natos.

Sendo assim, Perry Miller, professor de Harvard que publicou extensos trabalhos sobre os valores, as condutas puritanas e as limitações de atuação das mulheres no séc. XVII (e.g. *The New England Mind From Colony To Province* e *The New England Mind the Seventeenth Century*), surge como figura essencial para Atwood compreender a fundação do país e do totalitarismo teocrático estadunidense. Por meio de seus estudos, elucidou uma visão muito precisa sobre a história: “What inspired *The Handmaid's Tale*? I've often been asked. General observation, I might have said. Poking my nose into books. Reading newspapers. World history. One of my rules was that I couldn't put anything into the novel that human beings hadn't actually done.” (n.p.).³² A autora relata que foram diversos fatores que serviram como inspiração, mas especialmente a história mundial, afinal, um dos pontos fortes do romance está nessa visão tão apurada e precisa que frequentemente associamos à nossa realidade, uma vez que a ficção do romance é baseada em diversas atrocidades que a humanidade cometeu.

Tendo sido publicado na metade da década de oitenta, o romance elucidava e traz para debate diversos aspectos históricos e sociais que ocorriam no período, como a divergência nos movimentos feministas, resquícios do puritanismo, totalitarismo estadunidense, patriarcado e exploração. Apesar de ser uma obra com mais de trinta anos, a história apresentada está mais próxima do nosso presente do que gostaríamos.

1.3 – *Historical Notes: o patriarcado e a impossibilidade de superação*

O romance termina e os leitores indagam o que houve com Offred após uma van ter ido buscá-la. Não obstante, logo a seguir nos deparamos com um posfácio intitulado *Historical Notes on The Handmaid's Tale* (Notas Históricas sobre O conto da aia), sendo denominado como uma transcrição parcial das atas do Décimo Segundo Simpósio sobre Estudos Gileadeanos, realizados na Universidade de Denay, Nunavit, em 25 de junho de 2195. Sob um primeiro olhar, o leitor pode se sentir aliviado, pois se um evento foi criado para relatar o que se sabe sobre Gilead, isso significa que o regime deixou de existir. Além disso, parece algo que aconteceu há bastante tempo, tratando a sociedade de Gilead com certa distância histórica e

³² “O que inspirou *The Handmaid's Tale*? Muitas vezes me perguntam. Observação geral, eu poderia ter dito. Metendo o nariz nos livros. Lendo jornais. História do mundo. Uma das minhas regras era que eu não poderia colocar nada no romance que os seres humanos não tinham realmente feito.” (ATWOOD, 2003, n.p.)

buscando nomes, localizações e efetuando especulações de como era estruturada. Nota-se que houve algum tipo de progresso em relação ao que havia anteriormente, uma vez que as universidades e pesquisas retornaram, além de homens e mulheres não estarem sujeitos ao sistema de castas.

Contudo, ao prosseguir a leitura, notamos um discurso problemático por meio da figura que está conduzindo a fala no simpósio, o Professor Pieixoto. Ele é aparentemente famoso no âmbito acadêmico, “dispensando apresentações”, e é coeditor, juntamente com o professor Knotly Wade, também da Universidade de Cambridge, do manuscrito que apresentará em sua fala. O desconforto para os leitores ocorre desde o título de sua fala no evento acadêmico: “Problemas de Autenticação com relação a ‘O conto da aia’”, tendo em vista que a argumentação principal se respalda no seguinte argumento: o manuscrito é “*soi-disant*”³³ porque tem diversos problemas e lacunas.

De acordo com as insinuações do acadêmico, um árduo trabalho de historiadores foi necessário (como o do próprio Professor Pieixoto) para que a narrativa estivesse num formato inteligível para o público. Ademais, ao longo da fala há piadas e comentários que denunciam a postura do palestrante diante de Gilead: trata as fitas e a narrativa de Offred como um documento que sequer pode ser chamado de histórico, não reconhecendo o sofrimento e atrocidades cometidas pelo regime. Um exemplo que ilustra tal questão pode ser visto na passagem a seguir, ao citar que é preciso cuidado ao julgar a sociedade Gileadiana:

If I may be permitted an editorial aside, allow me to say that in my opinion we must be cautious about passing moral judgment upon the Gileadeans. Surely we have learned by now that such judgments are of necessity culture-specific. Also, Gileadean society was under a good deal of pressure, demographic and otherwise, and was subject to factors from which we ourselves are happily more free. Our job is not to censure but to understand. (Applause.) (*op. cit.*, p. 463).³⁴

Na passagem, Pieixoto pede cautela para que se evite julgamentos a Gilead, uma vez que a decisão pelo regime se deu por uma necessidade biológica, argumentando que se trata de visão de cultura do período e que houve “good deal of pressure, demographic and otherwise”³⁵. Visto que a sociedade atual não vivenciou o regime totalitário de Gilead, supostamente não

³³ Define-se *soi-distant* como “que se diz, que se faz passar por, que pretende ser”. In: *Cambridge Online Dictionary*. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/soi-disant>>. Acesso: 27 de jan. 2022.

³⁴“Aqui, peço licença para fazer um aparte editorial, permitam-me dizer que, em minha opinião devemos ser cautelosos ao fazer um julgamento moral sobre a sociedade de Gilead. Sem dúvida já aprendemos a esta altura que tais julgamentos são por necessidade específicos de cultura. Além disso, a sociedade de Gilead estava submetida a grandes pressões de caráter demográfico e outros, e estava sujeita a fatores dos quais nós felizmente estamos mais livres. Nosso trabalho não é censurar e sim compreender. (*Aplausos.*)” (*op. cit.*, p. 356)

³⁵ “houve muita pressão, demográfica, entre outras.” (*ibid.*, p. 357)

conseguem conceber o desespero e as decisões tomadas. Ao finalizar o trecho do discurso, Pieixoto alega que o trabalho dos pesquisadores é compreender e não o de censurar ou julgar as decisões tomadas. Essa afirmação é no mínimo problemática, buscando justificar a escolha por escravizar mulheres e estratificar a sociedade de modo que sejam beneficiados apenas os mais ricos. Acrescenta ainda que são atitudes válidas diante de uma crise como a vivida por Gilead.

Em um certo sentido, o ponto de vista de Pieixoto não está muito distante dos comandantes que criaram Gilead em primeiro lugar. Em virtude disso, Dominick Grace (1998) afirma que o passado do regime totalitário permanece nessa sociedade. Portanto, o epílogo seria uma crítica e não o retrato otimista de um mundo utópico:

This future might appear, therefore, to be an eutopian alternative to Gilead, and perhaps even to the world of today, if we can accept at face value that the sexist and racist assumptions prevalent and Gilead (and today) have been eradicated; this, however, we cannot easily do. The dissatisfaction readers feel with the alternative to Gilead offered by the world of “Historical Notes” and the discomfort readers feel when faced with Pieixoto’s perpetuation of attitudes that the novel suggests helped create Gilead in the first place, are inconsistent with the expectations often aroused by dystopian fictions. (p. 481)³⁶

Grace aponta que o epílogo para um leitor desatento poderia ser visto como uma utopia, mas, por meio de uma leitura mais crítica sobre a conotação e o significado por trás das afirmações de Pieixoto, tampouco é possível aceitar esse mundo como uma alternativa viável. O professor em momento algum busca articular uma crítica acerca das escolhas para a instauração de Gilead. Pelo contrário, há momentos em que demonstra estar de acordo, como se em certos contextos fosse justificável escravizar mulheres e colocar grande parte da população em situação de servidão. Outros críticos também compartilham essa visão, como Ken Norris (1990) e Foley (1990). O primeiro, por exemplo, diz:

The reader of *The Handmaid’s Tale* feels here that Pieixoto is totally misguided. Having been presented with the specifics of her life in Gilead, why should we see Offred “within the broad outlines of the moment in history of which she was a part”? Her story tells us all we need to know about the “reality” of Gilead. Pieixoto claims that we know next to nothing about her; in point of fact, having read her story, we know quite a bit about her. She tells us of her past life and of her present predicament.

³⁶ “Este futuro pode parecer, portanto, uma alternativa utópica para Gilead, e talvez até para o mundo de hoje, se pudermos aceitar que as suposições sexistas e racistas prevalentes em Gilead (e hoje) foram erradicadas; isso, entretanto, não podemos fazer facilmente. A insatisfação dos leitores com a alternativa mostrada nos *Historical Notes*, além do desconforto que os leitores sentem quando confrontados com as atitudes de Pieixoto mostram que foram indivíduos como ele que ajudaram a criar Gilead em primeiro lugar, sendo inconsistente com as expectativas que geralmente surgem em distopias.” (tradução nossa). GRACE, Dominick M. “‘The *Handmaid’s Tale*’: ‘Historical Notes’ and Documentary Subversion.” *In: Science Fiction Studies*, vol. 25, no. 3, 1998, pp. 481–494.

Unfortunately, in Pieixoto's opinion, she has failed to provide us with "valuable" information. (NORRIS, 1990, p. 363)³⁷

De acordo com o crítico, a leitura do acadêmico está completamente equivocada, pois desvaloriza a narrativa e não percebe sua importância histórica e social, alegando inclusive de que não há tanto valor assim no manuscrito encontrado. Se relatar o *modus operandi* do sistema, assim como o passado em relação ao presente vivido por uma *Handmaid* não é extremamente valioso, então o que é? Outrossim, as afirmações de Pieixoto e a forma de ver e tratar o legado deixado por Offred causam desconforto e inquietação no leitor sobre essa sociedade. Afinal, foi tratado como um grande especialista e referência no assunto. Isso traz à luz um importante questionamento: se de fato houve uma superação no sistema anterior ou se Gilead se tornou apenas desnecessária porque o patriarcado e a exploração de classes tornaram-se mais sólidos.

Com base nesses apontamentos iniciais, é possível notar a relevância desse posfácio para a narrativa. Compreende-se que Gilead surgiu devido a uma fragilidade estadunidense e uma mentalidade fundamentalista religiosa. A fala do Professor Pieixoto apenas reforça que, mesmo após o fim do totalitarismo, a história permanece, seja na estrutura social, seja no modo de pensar dos indivíduos, sendo necessário romper com esse paradigma.

Além da importância sob um ponto de vista histórico-social, o epílogo é crucial por adicionar mais uma camada de complexidade à narrativa, pois pensava-se que o romance havia sido escrito por Offred, mas no simpósio compreende-se que foi uma construção com base nas fitas encontradas de uma *Handmaid* cuja verdadeira identidade é desconhecida e, portanto, não se sabe até que ponto o romance foi modificado. Sobre isso, Ana Rüsche (2015) diz:

Com um ar que vai da troça à empáfia, o Professor Pieixoto faz, finalmente, a grande revelação do romance: o que líamos até o momento não passava de uma reconstituição histórica de um relato que ele e outro acadêmico, Professor Knotly Wade, realizaram em conjunto. O material bruto consistia em trinta fitas cassetes cujo conteúdo fora transcrito e organizado da maneira que os dois acadêmicos julgaram mais apropriada (...) A figura caricatural do narrador Pieixoto, cujo discurso faz arrepiar qualquer simpatizante de direitos humanos, não deixa nenhuma dúvida sobre seu deboche a respeito dos augúrios da pobre Offred, agora reduzida a mero objeto histórico. (RÜSCHE, 2015, p. 44)³⁸

³⁷ "O leitor de *The Handmaid's Tale* sente aqui que Pieixoto está totalmente equivocado. Depois de conhecer as especificidades de sua vida em Gilead, por que deveríamos ver Offred 'dentro dos contornos gerais do momento da história do qual ela fez parte'? Sua história nos conta tudo o que precisamos saber sobre a "realidade" de Gilead. Pieixoto afirma que não sabemos quase nada sobre ela; na verdade, depois de ler sua história, sabemos bastante sobre ela. Ela nos fala de sua vida passada e de sua situação atual. Infelizmente, na opinião de Pieixoto, ela não nos forneceu informações 'valiosas'." (tradução nossa) NORRIS, Ken. "The University of Denay, Nunavit: The 'Historical Notes' in Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale*," *American Review of Canadian Studies* 20.3, 1990, pp. 357-64.

³⁸ RÜSCHE, Ana. *Utopia, feminismo e resignação em The left Hand of Darkness e The Handmaid's Tale*. 2015. 131 F. (Tese) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Consequentemente, a voz da aia passou sob o filtro dos pesquisadores e editores que encontraram as fitas. Rüsche (2015) ressalta essa redução da personagem e a falta de empatia do acadêmico tanto com o objeto quanto com o conteúdo sensível sendo narrado. Para deixar o cenário ainda mais delicado, o professor contesta a veracidade das fitas, por vezes não legitimando o relato de Offred sequer como objeto histórico, o que dá origem ao título de sua fala no simpósio:

I wish, as the title of my little chat implies, to consider some of the problems associated with the *soi-disant* manuscript which is well known to all of you by now, and which goes by the title of *The Handmaid's Tale*. I say *soi-disant* because what we have before us is not the item in its original form. Strictly speaking, it was not a manuscript at all when first discovered and bore no title. (*op. cit.*, p. 460)³⁹

Nesse trecho, é relevante destacar que o professor usa o termo “*soi-distant*” para qualificar o manuscrito, enfatizando ainda que as fitas não tinham um título, sendo o nome *The Handmaid's Tale* uma escolha editorial. Além disso, acrescenta a informação de que o produto não está em sua forma original, alegando que sequer era um manuscrito quando fora achado, ressaltando a importância do seu trabalho em construir a suposta história fragmentada encontrada. Uma vez mais notam-se os problemas no discurso do professor, preocupado em valorizar o seu trabalho e de não dar mérito à mulher responsável por essa gravação, não reconhecendo o quanto ela estava colocando sua vida em risco ao fazer tal registro. Como subentende-se que Offred fugiu com a van, ela era uma aia foragida e, portanto, procurada pela polícia de Gilead. Além disso, em nenhum momento ao longo do epílogo o acadêmico busca destacar as condições a que Offred estava submetida. É completamente negligenciada a relevância de seu esforço para gravar as fitas mesmo em situações tão adversas – afinal, sua captura a levaria à morte.

Um outro ponto nevrálgico dessa passagem diz respeito às alterações feitas, que não se sabe quais são e até que ponto o relato foi alterado. Norris (1990), aponta o quanto tomar conhecimento dessas modificações muda nosso ponto de vista sobre o que acabamos de ler:

We are enraged because we have been told (have read) Offred's story, and the footnotes to history that Professor Pieixoto now provides are alternately intrusive, dismissive, and suspect. They violate the integrity of Offred's account, and they violate our own emotions, our senses of empathy and compassion, that have been aroused by our encounter with her story. To Professor Pieixoto her story is a “tale” he is attempting to authenticate (with, as he tells us, “all puns being intentional”, particularly that having to do with the archaic signification of the word tail; that being,

³⁹ “Desejo, conforme o título de minha pequena palestra subentende, considerar alguns dos problemas associados com o *soi-disant* manuscrito com o qual agora todos os senhores já estão bastante familiarizados, e que é conhecido pelo título de *O conto da aia*. Digo *soi-disant* porque o que temos diante de nós não é o objeto em sua forma original. No sentido exato da palavra, não era absolutamente um manuscrito quando foi descoberto, e não tinha nenhum título.” (*HT*, 2017, p. 353)

to some extent, the bone, as it were, of contention, in that phase of Gileadean society in which our saga treats. (NORRIS, 1990, p. 357)⁴⁰

Como o crítico pontua, o leitor acaba frustrado com aquilo que lê, uma vez que o conteúdo tem seu valor diminuído e desdenhado pela figura de Pieixoto, que busca no seminário “autenticar”, ou seja, aceitar como válida as fitas de Offred, o que causa um grande desconforto. Além disso, o leitor deve indagar sobre a possibilidade de alterações por motivos editoriais e se incomodar com o fato de que não houve reconhecimento de Gilead como mais um capítulo de barbárie da história estadunidense. Em vez disso, afirma que a existência dessa sociedade foi possível devido a “[i]ts racist policies, for instance, were firmly rooted in the pre-Gilead period, and racist fears provided some of the emotional fuel that allowed the Gilead takeover to succeed as well as it did.”⁴¹.

Não obstante, a sociedade de Pieixoto também demonstra essas características problemáticas do passado, não sendo possível encontrar evidências de superação do regime anterior. Mais passagens que reforçam essa falta de empatia podem ser vistas a seguir: “The other names in the document are equally useless for the purposes of identification and authentication.”⁴² Aqui, refere-se aos nomes que Offred forneceu em sua gravação, pois não ajudaram a ter informações conclusivas sobre quem foram esses indivíduos mencionados na história, e por isso denomina ser um problema de autenticação. A seguir, mais um trecho significativo:

This is our guesswork (...) Some of them could have been filled by our anonymous author, had she had a different turn of mind. She could have told us much about the workings of the Gileadean empire, had she had the instincts of a reporter or a spy. What would we not give, now, for even twenty pages or so of print-out from Waterford’s private computer! However, we must be grateful for any crumbs the Goddess of History has deigned to vouchsafe us.⁴³ (HT, 2016, p. 468)

⁴⁰ “Estamos furiosos porque nos contaram (lemos) a história de Offred, e as notas de rodapé da história que o professor Pieixoto fornece agora são intrusas, desdenhosas e suspeitas. Elas violam a integridade do relato de Offred e violam nossas próprias emoções, nossos sentidos de empatia e compaixão, que foram despertados por nosso encontro com sua história. Para o professor Pieixoto, a história dela é um ‘conto’ que ele está tentando autenticar (com, como ele nos diz, ‘todos os trocadilhos sendo intencionais’), estando relacionado com a significação arcaica da palavra ‘cauda’, sendo, até certo ponto, o pomo da discórdia, por assim dizer, naquela fase da sociedade de Gilead.” (tradução nossa). (*ibid.*)

⁴¹ “Suas políticas racistas, por exemplo, estavam firmemente enraizadas no período pré-Gilead, e os temores racistas forneceram parte do combustível emocional que permitiu que o controle assumido por Gilead fosse bem-sucedido.” (*op. cit.*, p. 364)

⁴² “Os outros nomes no documento são igualmente inúteis para os propósitos de identificação e autenticação.” (*op. cit.*, p. 363)

⁴³ “Este foi o resultado de nossas conjecturas e deduções. Algumas delas poderiam ter sido preenchidas por nossa autora anônima, tivesse ela tido outra maneira de pensar. Poderia ter nos contado muito sobre o funcionamento do império de Gilead, se tivesse tido os instintos de uma repórter ou de uma espia. O que não daríamos, agora, por até mesmo vinte páginas impressas tiradas do computador particular de Waterford? Contudo devemos ser gratos por quaisquer migalhas que a Deusa da História tenha nos concedido.” (*op. cit.*, p. 364)

Nota-se um certo descontentamento por meio das frases “had she had a different turn of mind...” ou “had she had the instincts of a reporter or a spy...”, pois Pieixoto parece acreditar que o material encontrado é insuficiente e que Offred poderia ter fornecido mais informações, mas que a falta de visão dela impediu isso. Tal descontentamento já foi mencionado e está presente ao longo de toda a sua fala: acrescenta ainda que gostaria de ter tido acesso ao computador de Waterford, insinuando que as informações fornecidas por um homem do alto escalão de Gilead e, portanto, um opressor, são mais valiosas do que um relato de uma *Handmaid* fugida, vítima do regime totalitário.

Ao colocar tal posfácio, uma nova crítica parece estar sendo feita, mas, desta vez, direcionada às utopias e a própria comunidade acadêmica, porque Pieixoto objetifica e relativiza o relato tão sensível de Offred – está muito mais preocupado em reconstituir a “verdade histórica” sobre Gilead do que em entender e humanizar a situação das mulheres, e, portanto, mostra-se como uma figura afeita aos valores patriarcais, além de justificar a barbárie que fora Gilead. Tal postura é tão patriarcal que o historiador retorna no posfácio de *The Testaments*, uma continuação do romance publicada em 2019 e que ocorre 15 anos após a história original. Nesse epílogo, intitulado *The Thirteenth Symposium*, Pieixoto precisou fazer um pedido de desculpas, uma vez que seu discurso no evento anterior não foi bem-visto pela comunidade: “Now that women are usurping leadership positions to such a terrifying extent, I hope you will not be too severe on me. I did take to heart your comments about my little jokes at the Twelfth Symposium – I admit some of them were not in the best of taste – and I will attempt not to reoffend.”⁴⁴. Nota-se que mesmo sendo um discurso de desculpas, o professor usa termos como “usurpadoras” e “de modo aterrorizante” para se referir ao poder que as mulheres têm no simpósio atual. Ademais, diz que fez meras piadas e admitiu que não foram de bom gosto. Ao ler esse suposto pedido de desculpas, é difícil notar sinceridade, uma vez que seus comentários estavam longe de ser piadas, mas revelando o medo que Federici (2004) menciona:

A caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social. (p. 294)

⁴⁴ “Agora que as mulheres estão usurpando posições de liderança de forma tão terrível, espero que vocês não sejam muito severos comigo. Levei a sério seus comentários sobre minhas piadinhas no 12º Simpósio – admito que algumas delas não foram do melhor gosto – e tentarei não ofender novamente.” (tradução nossa) (ATWOOD, 2019, p. 408)

O poder das mulheres é o que parece aterrorizar o professor, por isso utiliza a palavra usurpar. De acordo com o dicionário de Cambridge, *usurping* significa: “to take control of a position of power, especially without having the right to”⁴⁵. Portanto, as mulheres no contexto presente estão em posições de poder que Pieixoto não acredita em que deveriam estar; e não parece ser o único, lembrando que muitos de seus comentários desagradáveis foram aplaudidos e trouxeram risadas ao longo do evento no ano anterior.

Outrossim, por meio do *Historical Notes* nos é apresentada a impossibilidade de imaginar um contexto futuro (pós-Gilead) em que os problemas tenham desaparecido: “(...) our constitutional inability to imagine Utopia itself: and this, not owing to any individual failure of imagination but as the result of the systemic, cultural and ideological closure of which we are all in one way or another prisoners.” (JAMESON, 2005, p. 289)⁴⁶ Como Fredric Jameson (2005) diz, há uma incapacidade de se imaginar a utopia e isso ocorre devido a estarmos prisioneiros e dependentes do sistema em que vivemos. É possível associar essa questão com a própria sociedade capitalista, que não nos permite encontrar superação uma vez que parte do princípio de exploração de classe e de desvalorização de mulheres, sempre buscando justificar tais escolhas e mantendo os indivíduos presos por meio do consumismo desenfreado. O acadêmico age como se fosse superior às mulheres, do mesmo modo que os *Commanders* agiam em relação às outras mulheres, incluindo as *Wives*, como ilustra Andra Septiawati (2014):

Men are put in superior positions because they believe that men are more logical and better leaders, while women are more emotional and weaker. The most interesting part is, before the Gilead society existed, the women have the “freedom to” (Atwood 21). This means that before the Gilead society existed, the women have reached a certain point of freedom to do something until the Gilead society takes it away from them. Their sexism is proved when women in Gilead society are taught to be feminine in order to make the men look more masculine. Gilead society re-creates an opposite. Men are masculine (strong, leaders) and women are feminine (weak, followers) (p. 9)⁴⁷

⁴⁵ “Tomar controle de uma posição de poder, especialmente sem ter o direito de obtê-la.”

⁴⁶ “(...) nossa incapacidade constitucional de imaginar a própria Utopia: e isso, não devido a qualquer falha individual de imaginação, mas como resultado do fechamento sistêmico, cultural e ideológico do qual somos todos prisioneiros de uma forma ou de outra.” (tradução nossa) JAMESON, Fredric. *Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions*. Verso Books, 2005.

⁴⁷ “Os homens são colocados em posições superiores porque acreditam que os homens são mais lógicos e líderes melhores, enquanto as mulheres são mais emocionais e mais fracas. A parte mais interessante é que, antes que existisse a sociedade de Gileade, as mulheres tinham “liberdade para” (Atwood 21). Isso significa que antes que a sociedade Gilead existisse, as mulheres alcançaram um certo ponto de liberdade para fazer algo até que a sociedade Gilead retirasse isso delas. Seu sexismo fica provado quando as mulheres na sociedade de Gilead são ensinadas a ser femininas para fazer os homens parecerem mais masculinos. A sociedade Gilead recria um oposto. Os homens são masculinos (fortes, líderes) e as mulheres são femininas (fracas, seguidores).” (tradução nossa) SEPTIAWATI, Andra. *Handmaid As The Object Of Sexism In Gilead Society: A Feminist Analysis In Margaret Atwood’s The Handmaid’s Tale*. Litera Kultura, v. 3, n. 1, 2014.

Na citação, a autora ressalta um comentário que possivelmente diversas mulheres ouviram durante a vida, a de que são mais sentimentais e mais fracas em relação aos homens, supostamente mais lógicos e por isso estão mais presentes em posições de liderança. Uma vez que as mulheres conquistaram mais espaço no mercado de trabalho e, como consequência tiveram mais liberdade, gerou-se medo nos homens. Não foi casualmente que uma das primeiras atitudes do golpe foi a de demitir todas as mulheres e tirarem sua liberdade financeira, tendo suas rendas controladas por esposos ou parentes homens. Com base em tal discussão é possível compreender o porquê de o Professor Pieixoto não ter sido capaz de pedir desculpas de modo autêntico, porque de fato não acredita na gravidade de seus comentários e deslegitima o poder que as mulheres reconquistaram pós Gilead.

Como encerramento de sua fala no simpósio, o Professor diz:

Our document, though in its own way eloquent, is on these subjects mute (...) As all historians know, the past is a great darkness, and filled with echoes. Voices may reach us from it; but what they say to us is imbued with the obscurity of the matrix out of which they come; and, try as we may, we cannot always decipher them precisely in the clearer light of our own day. (p. 479)⁴⁸

As palavras aparentemente cultas revelam o viés do acadêmico: apesar de reconhecer a eloquência da narradora, afirma que é “in its own way” ou seja, relativiza a perspicácia de Offred, e afirma que o passado é obscuro e cheio de ecos e que, sendo assim, nem sempre é possível decifrar todos seus mistérios e ser completamente preciso. Portanto, pode-se afirmar que o final é, de certa maneira, distópico:

Em lugar de se idealizar a narrativa de Offred como um “ato de resistência” e se aferrar à narrativa dramática, cuja presença seria tão ofuscante a ponto de nublar a segunda e curtíssima parte, a tentativa é ler o romance como ele se apresenta, em sua maneira mais cruel e distópica: não obstante o sofrimento da Aia, suas memórias são reorganizadas e editadas por dois homens sem escrúpulos e ainda de prestígio. (RÜSCHE, 2015, p. 45)

Por meio do descontentamento em relação ao objeto encontrado e de sua postura de desvalorização, além de comentários desagradáveis de cunho patriarcal, o Professor mostra uma sociedade duzentos anos no futuro, mas um futuro bastante decepcionante. Um cenário semelhante é encontrado nos eventos durante a caça às bruxas que Federici trata em seu livro,

⁴⁸ “Nosso documento, embora à sua própria maneira seja eloquente, quanto a essas questões é mudo (...) Como todos os historiadores sabem, o passado é uma enorme escuridão, e repleto de ecos. Vozes podem nos alcançar saídas dele; mas o que dizem é imbuído da obscuridade da matriz da qual elas vêm; e, por mais que tentemos, nem sempre podemos decifrá-las precisamente à luz mais clara de nosso próprio tempo.” (*op. cit.*, p. 366)

uma vez que tamanha brutalidade terminou não porque houve uma reflexão e arrependimento do que estava sendo feito até então, mas porque a classe dominante conseguiu mais estabilidade no poder, ou seja, não surgiu uma visão mais ilustrada do mundo (p. 366). Paralelamente, após duzentos anos de término de um regime totalitário, também não houve espaço para um mundo mais utópico, uma vez que a sociedade retratada demonstra conter os mesmos problemas que deram precedência para o surgimento de Gilead. Após o *Historical Notes*, o romance termina e os leitores permanecem com a seguinte indagação: até que ponto o regime foi superado?

1.4 – Considerações finais do capítulo

A breve análise das dedicatórias em *The Handmaid's Tale* somadas às ações tomadas pelo regime teocrático de Gilead talvez demonstrem algumas das relações que a autora canadense estabeleceu com o puritanismo, em especial no que se refere à caça às bruxas. À luz de Federici (2004):

A preocupação com o crescimento da população pode ser detectada também no programa da Reforma Protestante. Rejeitando a tradicional exaltação cristã da castidade, os reformadores valorizavam o casamento, a sexualidade e até mesmo as mulheres, por sua capacidade reprodutiva. As mulheres são “necessárias para produzir o crescimento da raça humana”, reconheceu Lutero, refletindo que “quaisquer que sejam suas debilidades, as mulheres possuem uma virtude que anula todas elas: possuem um útero e podem dar à luz.” (apud King, 1991, p. 115)

De acordo com o trecho citado, houve uma preocupação dos protestantes com o crescimento populacional tendo o efeito inverso ao de castidade cristã, incentivando o casamento, a sexualidade e as mulheres, uma vez que essas eram essenciais para o perpetuamento dos seres humanos. Nessa visão, apesar de chamadas de débeis, as mulheres eram importantes por seus úteros. Os valores apontados pela autora são possíveis de serem associados aos defendidos por Gilead, especialmente no que toca à importância do corpo da mulher para fins de reprodução. Essa visão, bastante limitada e problemática, que coloca a mulher em uma posição objetificada à medida que sua existência é justificava pelo seu corpo, condiz com a visão de Gilead. É por isso que a casta das aias foi criada – mulheres saudáveis, jovens e férteis de classes sociais mais desfavorecidas devem engravidar e gerar filhos para os Comandantes e suas famílias. Tendo cumprido esse objetivo, são enviadas para uma nova casa, porque o discurso diz que a missão delas é a de ajudar o maior número de famílias possíveis, mas não há quem zele pelo bem-estar mental e físico dessas mulheres. O discurso do regime teocrático busca ressaltar a importância das aias para o funcionamento da sociedade, mas na prática não há humanização.

Ademais, a perseguição feminina que sempre esteve presente na história da humanidade não cessou, de modo que todas as mulheres tiveram de abandonar seus empregos e seu dinheiro passou para o controle dos homens: em suma, foram roubadas e excluídas permanentemente do mercado de trabalho. No cenário da realidade retratada no romance, trabalham e estão disponíveis vinte e quatro horas por dia para servir aos comandantes, mas não recebem por isso e não têm mais direitos. As funções foram atribuídas de acordo com sua classe social, fertilidade e grau de poder. Os *Sons of Jacob* retiraram o direito de ir e ver e impuseram regras de acordo com a conveniência, fazendo uso do discurso bíblico em uma tentativa de justificar suas ações.

Na década de oitenta, que é o momento em que a distopia se inicia, a condição de trabalho das mulheres havia melhorado, mas ainda distante de uma posição de igualdade com os homens. Ademais, é relevante citar que nessa década, havia o *backlash*, mas que Offred não cita em sua narrativa:

(...) nas memórias da aia Offred, não há nenhum *backlash*, somente dias de liberdade. Parece que o golpe de estado sofrido pelos Estados Unidos, transformado agora em Gilead, apaga todos os traços negativos desse tempo pretérito, cimentando um passado glorioso e livre. O sentimento nostálgico opera de modo a apagar os Estados Unidos reais em que Offred vivia, de modo que refaz os anos do *backlash* em uma aura de liberdade idealizada, que dificilmente teria se materializado. (RÜSCHE, 2015, p. 89)

A nostalgia mascara a vida real dos anos oitenta, mas não devemos esquecer que o golpe foi possível também por conta do patriarcado e por essa fragilidade das leis sobre as condições das mulheres na sociedade.⁴⁹ Ao criar essa história, Margaret Atwood estava observando o momento histórico que vivia, como discutido por Lisa Jadwin (2010):

At the beginning of the 1980s, women's rights, which had once been framed in terms of simple equality and fairness, were now perceived by some in the United States as a threat to "traditional" cultural values and especially to the "Christian" family, which was pictured as comprising a breadwinner father, a stay-at-home mother, and several children.

⁴⁹ De acordo com Nancy Fraser (1994): "Gender dominance is socially pervasive, after all, imbricated in political economy and in political culture, in state apparatuses and in public spheres. Gender power traverses households, kinship networks, and the gamut of institutions comprising civil society. It operates at all sites of cultural and ideological production, including mass cultures, high cultures, academic cultures, oppositional cultures and countercultures. Gender struggle pervades everyday life, inflecting sexuality, reproduction, desire, taste, and habitus. It infuses personal identities and collective identities, social affinities and social antagonisms, and more-or-less shared common sense". (p. 159) Tradução: "Afiml, a dominação de gênero é socialmente difundida, imbricada na economia política e na cultura política, nos aparelhos estatais e nas esferas públicas. O poder de gênero atravessa os lares, as redes de parentesco e a gama de instituições que compõem a sociedade civil. Opera em todos os locais de produção cultural e ideológica, incluindo culturas de massa, altas culturas, culturas acadêmicas, culturas de oposição e contraculturas. A luta de gênero permeia a vida cotidiana, flexionando a sexualidade, a reprodução, o desejo, o gosto e o hábito. Ele infunde identidades pessoais e identidades coletivas, afinidades sociais e antagonismos sociais e senso comum mais ou menos compartilhado." (tradução nossa). BENHABIB, S; BUTLER, J; CORNELL, D; FRASER, N. *Feminist Contentions: A Philosophical Exchange*. Routledge, 1994.

The Equal Rights Amendment to the U.S. Constitution, which would have established that “equality of rights under the law shall not be denied or abridged by the United States or by any State on account of sex,” was rejected in 1979, when a majority of states failed to ratify it (including some who rescinded earlier ratifications in response to political pressure). Opponents argued that the ERA would mandate tax payer funded abortion and legalize same-sex marriage—issues that have become political “hot potatoes” for conservative and liberal politicians alike. (p. 29)⁵⁰

No começo dos anos oitenta, ao invés de ser visto como direitos e igualdade e justiça, as conquistas femininas foram tratadas como uma ameaça aos valores tradicionais e cristãos e que poderiam incentivar o aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. É por isso que a Emenda é recusada, demonstrando um retrocesso sobre as conquistas da luta feminina. É em um contexto como esse que Margaret está escrevendo o romance, de modo que tais eventos dificilmente passam despercebidos. Esse paralelo, somado com o relatado por Federici acerca da caça às bruxas, sugere a possibilidade de que o mundo no romance é, de certa maneira, uma mimese da nossa própria história (RÜSCHE, 2015, p. 60). O argumento está alinhado com a visão de que a opressão feminina vivida em *The Handmaid's Tale* tem se repetido ao longo dos séculos e ainda está fortemente presente na atualidade.

A ancestral de Atwood foi uma entre milhares de mulheres temidas pelos homens que tiveram seus corpos controlados e seu trabalho marginalizado. Foi acusada de bruxaria por ter supostamente causado a doença de um homem e foi enforcada. Apesar de ser uma história que poderia ter um desfecho infeliz, Mary Webster sobreviveu, de modo que acima de tudo pode ser vista como uma representante da resistência feminina mesmo após torturas físicas e psicológicas.

Portanto, a narrativa permite identificar inúmeras situações que ferem os direitos das mulheres. Uma das possíveis interpretações para tal é semelhante com o proposto por Federici acerca da caça às bruxas: forma de controle social e da reprodução feminina, de modo que a mulher se torne uma propriedade do Estado e viva somente para gerar filhos: “We were a society dying, said Aunt Lydia, of too much choice.” (p. 40)⁵¹ *Aunt Lydia* acredita que quanto

⁵⁰ “No início da década de 1980, os direitos das mulheres, que antes eram enquadrados em termos de simples igualdade e justiça, agora eram percebidos por alguns nos Estados Unidos como uma ameaça aos valores culturais “tradicionais” e especialmente à família “cristã” que foi retratado como composto por um pai provedor, uma mãe que fica em casa e vários filhos.

A Emenda de Direitos Iguais à Constituição dos Estados Unidos, que teria estabelecido que “a igualdade de direitos perante a lei não deve ser negada ou reduzida pelos Estados Unidos ou por qualquer Estado em razão do sexo”, foi rejeitada em 1979, quando a maioria dos os estados falharam em ratificá-lo (incluindo alguns que rescindiram as ratificações anteriores em resposta à pressão política). Os opositores argumentaram que a ERA exigiria o aborto financiado pelos contribuintes e legalizaria o casamento entre pessoas do mesmo sexo – questões que se tornaram “batatas quentes” políticas para políticos conservadores e liberais.” (tradução nossa) JADWIN, Lisa. *Margaret Atwood's The Handmaid's Tale (1985): Cultural and Historical Context*. Salem Press, 2010.

⁵¹ “Éramos uma sociedade que estava morrendo, dizia Tia Lydia, de um excesso de escolhas.” (*op. cit.*, p. 36)

menos escolhas as mulheres tiverem, melhor. No entanto, sua frase apenas destaca uma característica intrínseca de regimes autoritários: oposição à liberdade individual e exigência de obediência a todo custo.

No que se refere à relevância de Perry Miller, sua notoriedade como pesquisador e especialista da *Puritan New England* foi indiscutível, mas a relevância também ocorrera por ser uma fonte de saber e inspiração histórica para a autora compreender e retratar o *modus operandi* americano em *The Handmaid's Tale*, como afirma Atwood: “You often hear in North America, ‘It can’t happen here,’ but it happened quite early on. The Puritans banished people who didn’t agree with them, so we would be rather smug to assume that the seeds are not there. That’s why I set the book in Cambridge.”⁵² Como a autora explica, por vezes há uma recusa em acreditar que houve, de certa forma, um regime totalitário na América do Norte. Aponta que ocorreu logo no início da fundação de países como os Estados Unidos, então é preciso olhar atentamente para a história do continente, pois as raízes opressoras e colonialistas estão presentes.⁵³ Ao longo de sua história, os Estados Unidos são conhecidos como um país que financia guerras e defende e permite o armamento da população: isso, de certa maneira, poderia sugerir a possibilidade de algo como o retrato no romance de Atwood, ou seja, um contexto sociopolítico que facilitou para extremistas religiosos como os *Sons of Jacob* o acesso às armas para darem um golpe de estado.

Ainda refletindo sobre os puritanos, foram considerados um dos grupos mais escolarizados a pisarem em solo estadunidense nos tempos da colonização, sendo inclusive os grandes fundadores de instituições como Harvard e Yale, mas também foram os que expulsaram Roger Willians e Anne Hutchinson, e também foram eles os responsáveis por executarem vinte pessoas em Salem.⁵⁴ Com base nisso, compreende-se que os Estados Unidos têm um lado conservador, autoritário e violento, sendo possível apontar suas fragilidades no sistema democrático, que passa por constantes ataques e viabiliza movimentos reacionários. Em 2021, por exemplo, houve a invasão do Capitólio dos Estados Unidos, principal marco de poder político no país. Incitada pelo presidente na época, Donald Trump, teve como resultado centenas de pessoas presas e diversas mortas, inclusive policiais que sofreram estresse pós-traumático e cometeram suicídio após as invasões. O ataque ocorreu após Trump falsamente

⁵² “Você costuma ouvir na América do Norte: ‘Isso não pode acontecer aqui’, mas aconteceu bem cedo. Os puritanos baniram as pessoas que não concordavam com eles, então seríamos bastante presunçosos em supor que as sementes não estão lá. É por isso que coloquei o livro em Cambridge.” (tradução nossa)

⁵³ *Ibid.*, n.p.

⁵⁴ SIMON, Ed. *How a Historian Inspired a Miniseries with a Dark Message that’s Especially Relevant in the Age of Trump*. History News Network, 12 de jun. 2016.

Disponível em: <<https://historynewsnetwork.org/article/162859>>. Acesso: 19 de jan. 2022.

alegar que houve fraude nas eleições presidenciais, convocando seus eleitores a protestarem em Washington, DC, exatamente na data em que seria oficializada a vitória de Joe Biden, atual presidente dos Estados Unidos: “Muitos deles reconhecem que infringiram a lei e dizem que foram enganados pelo presidente, mas outros alegam que apenas estavam utilizando o direito à liberdade de expressão.”⁵⁵ Nota-se que a extrema direita explora eventos como esse para incitar discursos de ódio de cunho racista, misógino, homofóbico e xenofóbico. A invasão tornou-se um marco na história estadunidense. O país viu sua democracia ameaçada graças aos incentivos do presidente da república, que somente muito tempo depois dos ataques pediu para que cessassem os protestos, mas continuou afirmando que a fraude ocorreu e que agora era tarde demais.

Além desse ataque ao capitólio, em abril de 2021 houve a finalização da retirada das tropas dos EUA do Afeganistão e em junho o Talibã, grupo extremista islâmico, tomou conta da maior parte dos territórios do Afeganistão, instaurando um regime autoritário. Vemos, assim, os resultados práticos e as consequências do imperialismo estadunidense, em eventos que destacam a fragilidade da democracia em governos com figuras mais autoritárias e de extrema direita. Tendo tal conjuntura em mente, desejamos ressaltar a importância de Perry Miller para auxiliar a autora canadense na compreensão dessa ideologia beligerante, tanto interna quanto externamente, e o fundamentalismo religioso que fundou os Estados Unidos – algo, aliás, mais uma vez retomado com força no contexto dos anos oitenta. A passagem a seguir ressalta essa característica do professor e de Mary Webster: “Perry Miller, who elucidated as best he could these founding fathers' ideological baggage and religious machinery, and Mary Webster, whose life story, however told, is a familiar tale of persecution, escape and death.” (EVANS, 1994, p. 187)⁵⁶

Perry Miller parece ter sido importante para elucidar sobre a sociedade do século XVII e o totalitarismo americano enquanto Mary Webster foi um exemplo de uma alegada bruxa sobrevivente da guerra contra as mulheres. Miller, por meio de suas publicações e aulas, trouxe à tona importantes concepções sobre os Estados Unidos e sua crítica sobre aspectos fundacionais da história estadunidense. Uma conduta ligada a valores tradicionais,

⁵⁵ TORTELLA, Thiago. *Invasão do Capitólio completa um ano: relembre o ataque à democracia dos EUA*. CNN, 06 de jan. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/invasao-ao-capitolio-completa-um-ano-relembre-o-ataque-a-democracia-dos-eua/>>. Acesso: 19 de jan. 2022.

⁵⁶ “Perry Miller, que elucidou o melhor que pôde a bagagem ideológica e a maquinaria religiosa desses pais fundadores, e Mary Webster, cuja história de vida, embora contada, é um conto familiar de perseguição, fuga e morte.” (tradução nossa) EVANS, M. *Versions of History: The Handmaid's Tale and its Dedictees*. In: Nicholson C. (eds) Margaret Atwood: *Writing and Subjectivity*. Palgrave Macmillan, London, 1994.

conservadores e cristãos e que buscou eliminar mulheres como Mary Webster, que viveu por mais de uma década após ter sido enforcada.

Em relação ao *Historical Notes*, temos o desfecho da história contada, descobrindo que Gilead caiu, mas que, mesmo após um século desde o regime totalitário, a sociedade atual está longe de uma utopia. Tomamos consciência por meio de um evento acadêmico que a narrativa de Offred é uma reconstrução histórica feita pelo Professor Pieixoto e o Professor Knotly Wade, não sendo necessariamente seu relato na íntegra. O material original eram trinta fitas cassetes que fossem transcritas e provavelmente reorganizadas pelos acadêmicos (RÜSCHE, 2015, p. 44). Outra autora que discute essas modificações feitas pelos acadêmicos é Jadwin (2010):

Evidently, North American life has changed very little in two centuries. After sifting through several pages of tendentious academic posturing, the reader learns that Offred's "diary" is in fact a construction rather than the carefully ordered diary of a known individual. (JADWIN, 2010, p. 36)⁵⁷

Não temos acesso ao material bruto, então não é possível dizer até que ponto suas fitas tiveram as ordens alteradas ou até mesmo a narrativa modificada. Podemos até mesmo especular a possibilidade de alguns comentários preconceituosos terem sido adições feitas pelos acadêmicos para encorpar o que está sendo narrado, mas jamais teremos certeza.

Essa especulação só é possível devido ao teor quase que distópico do epílogo, por Pieixoto ter uma postura problemática com as mulheres e desconsiderando a importância histórica do relato de Offred:

Pieixoto, on the other hand, seems acutely unaware of historicizing as a fictional process, as an interpretation of selected facts that enables the narrator to tell a cohesive story. Offred admits that there is something unreal about her story, just as there is something unreal about her predicament. Pieixoto stands steadfastly by his facts. The result for the reader is a kind of slippage in which the boundaries between fiction and history dissolve. After reading the novel, the reader is left wondering what makes history any less fictional than fiction. (NORRIS, 1990, p. 359)⁵⁸

Na visão do crítico, o professor é incapaz de compreender o processo ficcional de modo que suas expectativas eram quase absurdas, almejando descobrir datas, nomes, endereços e

⁵⁷ “Evidentemente, a vida norte-americana mudou muito pouco em dois séculos. Depois de vasculhar várias páginas de postura acadêmica tendenciosa, o leitor descobre que o ‘diário’ de Offred é de fato uma construção e não o diário cuidadosamente ordenado de um indivíduo conhecido.” (tradução nossa)

⁵⁸ “Pieixoto, por outro lado, parece profundamente alheio à historicização como um processo ficcional, como uma interpretação de fatos selecionados que permite ao narrador contar uma história coesa. Offred admite que há algo irreal em sua história, assim como há algo irreal em sua situação. Pieixoto mantém-se firme em seus fatos. O resultado para o leitor é uma espécie de deslizamento em que se dissolvem as fronteiras entre ficção e história. Depois de ler o romance, o leitor fica se perguntando o que torna a história menos ficcional do que a ficção.” (tradução nossa)

descrições detalhadas, ou seja, questões irrelevantes em comparação com o que a *Handmaid* estava vivendo e desejava compartilhar nas fitas cassetes. Muito além de retratar fidedignamente ou expor as pessoas com quem conviveu em Gilead, ela está preocupada em relatar às pessoas uma visão interna – afinal, o mundo externo não sabia como era viver em Gilead –, e o sofrimento cotidiano. Para a jovem, o que estava vivendo parecia ficção, sendo necessário voltar ao passado pré-Gilead em diversos momentos para manter a sanidade. Somadas à possibilidade de alterações da narrativa e ao teor distópico mesmo no epílogo, os limites entre ficção e história parecem se dissolver de modo que é difícil definir o que é real ou o que é ficção:

Thus, as Arnold Davidson has suggested, while “the historical notes with which *The Handmaid’s Tale* ends provide comic relief from the grotesque text of Gilead,’ ‘in crucial ways, the epilogue is the most pessimistic part of the book,’ since ‘the intellectuals of 2195 are preparing the way for Gilead again.’ The academic world, by ‘recreating the values of the past,’ also creates ‘the values of the future’ (120). (JADWIN, 2010, p. 36)⁵⁹

O grotesco se consagra por meio de Pieixoto que representa a academia e o perigo de falas que normalizam o patriarcado e mostra que os valores de grupos extremistas como os *Sons of Jacob* ainda estão presentes, legitimados e propagados no ensino superior. Desse modo, a obra nos traz um cenário em que um segundo golpe não seria impossível, podendo até mesmo ser amparado pela universidade. Afinal, não devemos esquecer que os intelectuais fundadores de Harvard foram também responsáveis pela perseguição e assassinato de diversas mulheres durante o período da caça às bruxas. Porém, não somente eles, como também houve uma participação fundamental de juízes, demonólogos e outros indivíduos da elite na implementação da caça às mulheres. Portanto, a universidade também é um espaço que, nas mãos de extremistas, pode se tornar a sede da barbárie. É preciso ter cautela, pois o discurso de liberdade de expressão pode se tornar uma poderosíssima arma nas mãos erradas. À luz de Atwood (1986):

(...) in a United States which is in the hands of a power-hungry elite who have used their own brand of 'Bible-based' religion as an excuse for the suppression of the majority of the population. It's about what happens at the intersection of several trends, all of which are with us today: the rise of right-wing fundamentalism as a political force, the decline in the Caucasian birth rate in North America and northern Europe, and the rise in infertility and birth-defects, due, some Say, to increased chemical-"pollutant and radiation levels, as well as to sexually transmitted diseases... There is

⁵⁹ “Sendo assim, como sugeriu Arnold Davidson, enquanto ‘as notas históricas com as quais *The Handmaid’s Tale* fornecem alívio cômico do texto grotesco de Gilead’, ‘de maneiras cruciais, o epílogo é a parte mais pessimista do livro’, já que ‘o intelectuais de 2195 estão preparando o caminho para Gilead novamente.’ O mundo acadêmico, ao “recriar os valores do passado”, também cria “os valores do futuro”” (tradução nossa).

nothing in it that we as a species have not done, aren't doing now or don't have the technological capability to do.⁶⁰

Como mencionado nesse capítulo, o discurso bíblico é usado como uma tentativa de justificar a exploração, repressão e controle da população. Atwood notou um crescimento do movimento fundamentalista de direita, além de uma série de outros eventos do contexto dos anos oitenta e, a partir disso, projetou como seria um futuro em que extremistas religiosos tomassem controle dos Estados Unidos. Baseando-se nesse contexto, o primeiro capítulo foi dedicado a analisar as dedicatórias e o epílogo do romance, de modo a se ter um panorama do início, ou seja, conhecer as pessoas que inspiraram a autora Margaret Atwood a escrever *The Handmaid's Tale*. Ao compreender quem foi Mary Webster e Perry Miller, pode-se observar em maior detalhe o contexto do romance e sua crítica social.

Após o final da narrativa, em *Historical Notes*, há um aprofundamento e reflexão sobre a narrativa. Descobre-se que houve uma mediação da história por professores universitários que podem ter alterado as transcrições e a ordem das fitas. Outrossim, houve a acentuação do caráter distópico do livro, que mesmo em seu epílogo não traz um cenário utópico com o fim do regime liderado pelos *Sons of Jacob*. Sendo assim, o início e o fim da narrativa demonstram que devemos continuamente investigar a realidade em que vivemos, uma vez que podemos nos encontrar rapidamente em um mundo infinitamente pior do que o anterior (ATWOOD, 1982, p. 333)⁶¹. A mensagem final parece ser a de que não devemos nos contentar apenas com o aparente fim de um regime totalitário. Devemos identificar e combater as condições que geraram tal regime, evitando novos mergulhos no abismo da barbárie autoritária.

⁶⁰ “(...) ambientado em um futuro próximo, nos Estados Unidos que está nas mãos de uma elite faminta de poder que usou seu próprio tipo de religião 'baseada na Bíblia' como uma desculpa para a repressão da maioria da população. É sobre o que acontece no cruzamento de várias tendências, todas as quais estão conosco hoje: a ascensão do fundamentalismo de direita como força política, o declínio da taxa de natalidade caucasiana na América do Norte e no norte da Europa e o aumento da infertilidade e defeitos de nascença, devido, alguns dizem, ao aumento dos níveis de poluentes químicos e de radiação, bem como a doenças sexualmente transmissíveis... Não há nada nisso que nós, como espécie, não tenhamos feito, não estejamos fazendo agora ou não façamos tendo a capacidade tecnológica para fazer.” (tradução nossa) ATWOOD, Margaret. “*The Handmaid's Tale: Before and After*.” Margaret Atwood Papers, MS Collection 200, Box 96, Folder 1 at the University of Toronto, 1986.

⁶¹ ATWOOD, Margaret. *Second Words*. Toronto: Anansi Press, 1982, pp. 330-1.

2 – CAPÍTULO II: A RESISTÊNCIA FEMININA

Until they become conscious they will never rebel, and until after they have rebelled they cannot become conscious.
– George Orwell, 1984.

Are you a good witch or a bad witch? – Depends on who you ask, I guess.
The Handmaids Tale – Season 2, ep 3 (16:30s)

2.1 – O papel das castas no romance: *Handmaids, Marthas, EconoWives, Aunts e Wives*

Em diversas obras distópicas, um sistema de castas é primordial para sua sustentação, funcionando como um meio de opressão e controle, sendo necessário estabelecer uma hierarquia:

(...) some men are second-class citizens and all women are third-class citizens. To be successful, the patriarchy of Gilead must re-assert male dominance. Women are seen as potentially threatening and subversive, and, therefore, require strict control. They are banned from employment and then forbidden to own property or access assets, rendering them virtual prisoners within their homes. Women's imprisonment paves the way for Gilead's institution of a caste system, which, as previously discussed, is superficially designed to simplify the lives of citizens by dividing them into classes with clearly delineated standards for behavior, dress and responsibilities. (Callaway, 2008, p. 48)⁶²

Devido à sua fragilidade, Gilead precisa exercer constante controle e efetuar manifestações de poder que legitimem sua hegemonia. As mulheres são as pessoas mais oprimidas nesse sistema de castas. Precisam ser aprisionadas e doutrinadas. Devem introjetar discursos que afirmem sua inferioridade perante os homens. Desse modo, o patriarcado de Gilead consegue reafirmar a dominação masculina – tão frágil quanto o próprio sistema criado pelos *Sons of Jacob*.

Tendo em vista tamanha fragilidade, se mostrou necessário estabelecer divisões e funções bem definidas para todas as mulheres. Zoe Williams afirma que Atwood não considera o romance uma distopia feminista, por ser uma estrutura “pyramid-shaped, ‘with the powerful

⁶² “(...) alguns homens são cidadãos de segunda classe e todas as mulheres são cidadãs de terceira classe. Para obter sucesso, o patriarcado de Gilead deve reafirmar o domínio masculino. As mulheres são vistas como potencialmente ameaçadoras e subversivas e, portanto, requerem um controle rigoroso. Elas são proibidas de trabalhar e depois proibidas de possuir propriedades ou acessar ativos, tornando-as prisioneiras dentro de suas casas. A prisão de mulheres abre caminho para a instituição de Gilead de um sistema de castas, que, como discutido anteriormente, é superficialmente projetado para simplificar a vida dos cidadãos, dividindo-os em classes com padrões claramente delineados de comportamento, vestimenta e responsabilidades.” (tradução nossa) CALLAWAY, Alanna A. Women disunited: *Margaret Atwood's The Handmaid's tale as a critique of feminism*. MA Thesis. San Jose State University, 2008.

of both sexes at the apex, the men generally outranking the women at the same level; then descending levels of power and status with men and women in each, all the way down to the bottom”⁶³. No topo, temos os *Commanders* e a seguir as *Wives*, mas o segundo grupo é limitado, tendo em vista que Gilead “conform to traditional gender roles and societal constructions of gender that view women as homemakers and mothers” (BARMON, 2019, p. 78).

Devido a uma crise de infertilidade mundial, a maioria das poucas mulheres férteis se tornaram escravas sexuais de *Commanders*. As *Handmaids* têm como única função ter filhos para os *Commanders* e as *Wives*. Todas as justificativas fornecidas são baseadas em uma interpretação distorcida da Bíblia – por exemplo, no primeiro episódio da adaptação televisiva ocorre a cena intitulada *The Ceremony* (o estupro mensal que as *Handmaids* sofrem e as *Wives* assistem). O *Commander* Fred Waterford (interpretado por Joseph Fiennes) entra no quarto onde a *Wife* e a *Handmaid* o aguardam, destranca a caixa onde a Bíblia estava guardada e faz a leitura de Gênesis 30:

Raquel, vendo que não dava filhos a Jacó, tornou-se invejosa de sua irmã e disse a Jacó: “Faz-me ter filhos também, ou eu morro.” (...) “Eis minha serva Bala. Aproxima-te dela e que ela dê à luz sobre meus joelhos: por ela também eu terei filhos!” Ela lhe deu pois, como mulher sua serva Bala e Jacó uniu-se a ela.

As *Handmaids* são paradoxalmente a casta mais importante, porém a mais desprezada juntamente com as mulheres prostituídas no bordel Jezebel’s, que sequer são reconhecidas (apesar de *Wives* e *Commanders* saberem de sua existência). As mulheres nomeadas aias estavam em um segundo casamento ou em uma relação extraconjugal e suas crianças foram enviadas para famílias das classes mais altas que não podiam ter filhos (BLOOM, 2004, p. 73).⁶⁴ Esse grupo é desprezado pelas *Wives* porque são as únicas que tem relações sexuais com seus esposos, visto que é proibido qualquer relação carnal que busque o mero prazer: “She doesn't speak to me, unless she can't avoid it. I am a reproach to her; and a necessity.” (*HT*, 2016, p. 12).⁶⁵ São também desprezadas pelas *Marthas* e *EconoWives* por acharem um absurdo se submeterem a isso, como se tivessem escolha: “[o]ne of the others turns aside, spits on the sidewalk. The Econowives do not like us.” (*op. cit.*, p. 37)⁶⁶ No entanto, as aias por vezes são

⁶³ “(...) em forma de pirâmide, com os poderosos de ambos os sexos no ápice, os homens geralmente superam as mulheres no mesmo nível; em seguida, níveis descendentes de poder e status com homens e mulheres em cada um, até o fundo.” (tradução nossa). ZOE, Williams. *Haunting, chilling, plausible, peerless... how The Handmaid's Tale changed TV*. The Guardian: September 18th, 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2017/sep/18/haunting-chillingly-plausible-peerless-how-the-Handmaids-tale-changed-tv>> Acesso: 09 fev. 2021.

⁶⁴ BLOOM, Harold. *Bloom's Guides: The Handmaid's Tale*. USA: Infobase Publishing, 2004.

⁶⁵ “Ela não fala comigo, a menos que não possa evitar. Sou uma vergonha para ela; e uma necessidade.” (*HT*, 2017, p. 22)

⁶⁶ “Uma das outras se vira para o lado e cospe na calçada. As Econoesposas não gostam de nós.” (*op. cit.*, p. 56)

vistas como uma figura de tentação para os comandantes, e nesses casos são desejadas, sexualmente e/ou intelectualmente por um anseio dos *Commanders* pela subversão.

Em virtude disso, muitas vezes as aias conseguem pequenas concessões, como é o caso de Offred com o comandante Fred, que inicialmente a convida ao seu escritório para um jogo de palavras: “‘I’d like you to play a game of Scrabble with me,’ he says. I hold myself absolutely rigid. I keep my face unmoving. So that’s what’s in the forbidden room! Scrabble!” (p. 118).⁶⁷ Sendo assim, é possível inferir que é possível encontrar uma saída:

Nevertheless, the development of the plot is slightly at odds with the author’s statement that “those at the bottom don’t have power,” as the typically Atwoodian powerful/powerless dyad constituted by Offred, the *Handmaid* who narrates the story, and Serena Joy, the Commander’s *Wife*, illustrates. Serena Joy has power over Offred because she “is in control, of the [birth-giving] process and thus of the product” (*HT*, p. 104). However, being the Commander’s mistress gives Offred a kind of sexual power over Serena Joy (SOMACARRERA, 2006, p. 53)⁶⁸

As *Aunts* são o único grupo que busca convencê-las sobre a missão e a importância de ser uma aia, mas de modo completamente desumanizado para que as aias possam encontrar significado nesse sistema no qual se tornaram escravas.¹ Offred deve se deitar uma vez por mês e rezar para que o comandante a engravide porque sua importância para o sistema depende do funcionamento de seus ovários. Isso ressalta de que modo esses corpos femininos são vistos e tratados – como valiosa mercadoria. As relações são meras transações e em Gilead a única coisa podem oferecer são seus ovários, explorados a contragosto.

Essas mulheres são responsáveis pela disciplina e doutrinação das *Handmaids* no *Red Center*. São uma figura importante pois “[t]hese women are the guardians of the revolution and preach the doctrine of ‘freedom from’ (as opposed to the ‘freedom to’ of times before).” (ADAMS, 2020, p. 106)⁶⁹ De acordo com a Tia Lydia, o passado era inapropriado para mulheres que em sua maioria não agiam de acordo com os desejos de Deus. Ademais, muitos

⁶⁷ — Gostaria que você jogasse mexe-mexe comigo — diz ele.

Eu me mantenho absolutamente rígida. Mantenho meu rosto imóvel. Então é isso que há no aposento proibido! Mexe-mexe! (*op. cit.*, p. 168)

⁶⁸ “No entanto, o desenvolvimento do enredo contraria um pouco a afirmação do autor de que ‘os de baixo não têm poder’, como a díade poderosa/impotente tipicamente Atwoodiana constituída por Offred, a Aia que narra a história, e Serena Joy, a Esposa do Comandante, ilustra. Serena Joy tem poder sobre Offred porque ela ‘está no controle, do processo [de parto] e, portanto, do produto’ (*HT*, p. 104). No entanto, ser amante do Comandante dá a Offred uma espécie de poder sexual sobre Serena Joy.” SOMACARRERA, Pilar. *Power Politics in The Cambridge Companion to Margaret Atwood*. Ed. Coral Ann Howells. Cambridge: Cambridge UP, 2006.

⁶⁹ [estas] mulheres são as guardiãs da revolução e pregam a doutrina da ‘liberdade de’ (em oposição à ‘liberdade para’ de tempos anteriores). (tradução nossa) ADAMS, Stephanie. IN TRUMP’S AMERICA, THE HANDMAID’S TALE MATTERS MORE THAN EVER. In: Resist!: Protest Media and Popular Culture in the Brexit-Trump Era, 2020.

acreditam que as *Aunts* são as mais fiéis ao regime, mas essa hipótese será explorada e problematizada mais à frente.

As *Marthas* são responsáveis pelas tarefas domésticas, tendo como principal tarefa preparar a comida para o comandante. Marta é um nome bíblico e “designa uma mulher caracterizada por se preocupar em demorado com os serviços domésticos e a servir aos familiares e às visitas, conhecida também por ser irmã de Lázaro e Maria.” (CAIXETA, 2019, p. 103) Apesar de serem servas, as *Marthas* preferem estar nessa posição e evitam o contato com as *Handmaids*:

The Marthas know things, they talk among themselves, passing the unofficial news from house to house. Like me, they listen at doors, no doubt, and see things even with their eyes averted. I've heard them at it sometimes, caught whiffs of their private conversations. Stillborn, it was. Or, Stabbed her with a knitting needle, right in the belly. Jealousy, it must have been, eating her up. Or, tantalizingly, It was toilet cleaner she used. Worked like a charm, though you'd think he'd of tasted it. Must've been that drunk; but they found her out all right. Or I would help Rita make the bread, sinking my hands into that soft resistant warmth which is so much like flesh. I hunger to touch something, other than cloth or wood. I hunger to commit the act of touch. But even if I were to ask, even if I were to violate decorum to that extent, Rita would not allow it. She would be too afraid. The Marthas are not supposed to fraternize with us. (p. 10)⁷⁰

As *Marthas* recebem diversas informações devido a sua rede de comunicação, o que as fortalece como grupo. Porém, para as aias, estabelecer essa rede é um trabalho mais árduo, visto que não podem fraternizar com as *Marthas* por estarem sob vigilância constante, afinal, sem as aias o sistema não irá funcionar apropriadamente.

Não se sabe muito sobre as *Econowives*, exceto que são de uma classe mais baixa que as *Wives* por terem casado com homens que não pertencem à elite; ademais, são responsáveis por todas as tarefas domésticas, não tendo direito a *Marthas* nem a *Handmaids*. De acordo com Offred:

There are other women with baskets, some in red, some in the dull green of the Marthas, some in the striped dresses, red and blue and green and cheap and skimpy, that mark the women of the poorer men. EconoWives, they're called. These women are not divided into functions. They have to do everything; if they can. Sometimes there is a woman all in black, a widow. There used to be more of them, but they seem

⁷⁰ “As Marthas sabem de coisas, conversam entre si, transmitindo as notícias não oficiais de casa em casa. Como eu, sem dúvida, ficam a escutar por trás das portas, e veem coisas mesmo com os olhos desviados. Eu já as ouvi fazer isso em algumas ocasiões, escutei fragmentos de suas conversas particulares. Natimorto, este nasceu morto. Ou: E a golpeou com uma agulha de tricô, bem na barriga. Só pode ter sido por ciúme, estava consumida pelo ciúme. Ou, de maneira torturante para minha curiosidade: Foi um limpador de vaso sanitário que ela usou. Funcionou às mil maravilhas, embora seria de se imaginar que ele tivesse sentido o gosto. Devia estar caindo de bêbado; mas eles descobriram o que ela tinha feito. Ou eu ajudaria Rita a fazer o pão, mergulhando as mãos naquele calor resistente e suave que se parece tanto com o de nossa carne. Anseio por tocar alguma coisa, que não seja pano ou madeira. Anseio por cometer o ato do toque. Mas mesmo se eu pedisse, mesmo se eu violasse o decoro a esse ponto, Rita não permitiria. Ela teria medo demais. As Marthas não devem confraternizar conosco.” (*op. cit.*, pp. 19-20)

to be diminishing. You don't see the Commanders' *Wives* on the sidewalks. Only in cars.” (*op. cit.*, p. 23)⁷¹

As *Wives* estão no topo do ranking social para mulheres. Elas são casadas com os homens da elite e sempre vestem vestidos azuis, uma provável alusão à virgem Maria. Apesar de mais privilegiadas que as outras castas, as *Wives* têm o poder restrito ao âmbito doméstico:

This garden is the domain of the Commander's *Wife*. Looking out through my shatterproof window I've often seen her in it, her knees on a cushion, a light blue veil thrown over her wide gardening hat, a basket at her side with shears in it and pieces of string for tying the flowers into place. A Guardian detailed to the Commander does the heavy digging; the Commander's *Wife* directs, pointing with her stick. Many of the *Wives* have such gardens, it's something for them to order and maintain and care for. (*op. cit.*, p. 11)⁷²

Sendo assim, é possível constatar que essas mulheres têm apenas micropoderes. Contudo, qualquer poder em um regime totalitarista é tentador, especialmente a possibilidade de oprimir outros para extravasar as próprias frustrações. Tirando a violência, a maior parte das funções restantes são pífias, como cuidar do jardim, costurar e fazer visitas periódicas a outras esposas, onde comem, exibem seus utensílios, móveis e conversam sobre questões de pouca ou nenhuma relevância.

Por último, temos as prostitutas do bordel clandestino *Jezebel's*, onde Offred reencontra sua melhor amiga, Moira, após o comandante Waterford levá-la para ter relações com ela fora da cerimônia mensal. A maioria dessas mulheres são descritas como acadêmicas e inteligentes, para que os homens consigam conversar e se distrair com elas.

Portanto, em Gilead mesmo a mais alta casta feminina é extremamente limitada, relegada ao âmbito privado. Todas as mulheres estão confinadas a apenas duas alternativas diante de si: o isolamento ou a escravidão. O primeiro, na medida que a domesticidade é o único modo de viver possível para a maioria; já a escravidão é estabelecida com a eterna subserviência de Marthas às *Wives* e às *Handmaids*, com a escravidão sexual institucionalizada.

⁷¹ “Há outras mulheres com cestas, algumas vestidas de vermelho, algumas do tom verde opaco das Marthas, algumas com os vestidos listrados, de vermelho, azul e verde, ordinários e feitos com pouco tecido, que são típicos das mulheres dos homens mais pobres. Econoesposas, é como são chamadas. Essas mulheres não estão divididas segundo funções a desempenhar. Elas têm que fazer tudo; se puderem. Por vezes há uma mulher toda de preto, uma viúva. Costumava haver um número maior delas, mas parecem estar diminuindo.” (*op. cit.*, p. 35)

⁷² “O jardim é o domínio da Esposa do Comandante. Olhando para fora por minha janela com vidro inquebrável, com frequência a vejo nele, os joelhos sobre uma almofada, um véu azul atirado sobre as abas largas do chapéu largas de jardineiro, uma cesta ao lado com podadeiras e pedaços de barbante para amarrar as flores no lugar. Um Guardiã destacado para servir o Comandante faz o trabalho pesado de cavar, a Esposa do Comandante dá instruções, apontando com sua bengala. Muitas das Esposas têm jardins desse tipo, é alguma coisa para organizarem e manter e cuidar, dar as ordens.” (*op. cit.*, p. 21)

Não obstante, as mulheres de castas mais altas têm certos privilégios, como aponta Pilar Somacarrera (2006):

In the highly stratified society of Gilead, all the different social strata are obsessed with obtaining some power, even in a menial form, because “when power is scarce, a little of it is tempting” (HT, p. 320). The most powerful figure in the novel is the Commander, who, as the Historical Notes at the end of the novel clarify (HT, p. 318), probably belongs to an organization who provided the ideological bases for the Gileadean regime. However, contrary to common belief, in this patriarchal dictatorship it is not only the men who have power, as Atwood herself has remarked:

‘Some people mistakenly think that the society in *The Handmaid’s Tale* is one in which all men have power, and all women don’t. That is not true, because it is a true totalitarianism: therefore a true hierarchy. Those at the top have power, those at the bottom, don’t. And those at the bottom include men, and those at the top include women. The women at the top have different kinds of power from the men at the top, but they have power nonetheless, and some of the power they have is power over other women. Like Serena Joy, like the Aunts (...) (p. 53)⁷³

Apesar da própria Atwood defender que as mulheres têm poder, além da citação acima é necessário ponderar e refletir: é o mesmo comparado com as mais altas castas de homens? Não seria apenas uma ilusão de poder? Essa ilusão de poder é utilizada em prol da manutenção do patriarcado, fazendo com que as castas das *Wives* e das *Aunts* oprimam outras mulheres por acreditarem em uma suposta superioridade em relação aos outros grupos. No entanto, na prática, as *Wives* e as *Aunts* não são verdadeiramente poderosas, sendo igualmente prisioneiras de um sistema que beneficia acima de tudo, homens.

Como discutido anteriormente, até as aias tem uma “vantagem” sobre as esposas por meio de sua sexualização. Na citação a seguir, a crítica Hide Staels (1995) deixa claro que as mulheres têm apenas um papel secundário: “Margaret Atwood looks at the patriarchal biblical history from the perspective of its female ‘victims’. All the women in Gilead are made to play subsidiary parts, the *Wives* of Commanders included, as well as the elderly infertile women, the *Aunts*, who save their skins by collaborating and who train the *Handmaids* in self-suppression.”

⁷³ “Na sociedade altamente estratificada de Gilead, todos os diferentes estratos sociais estão obcecados em obter algum poder, mesmo que de forma servil, porque “quando o poder é escasso, um pouco dele é tentador” (HT, p. 320). A figura mais poderosa do romance é o Comandante, que, como esclarecem as Notas Históricas no final do romance (HT, p. 318), provavelmente pertence a uma organização que forneceu as bases ideológicas do regime de Gilead. No entanto, ao contrário da crença comum, nesta ditadura patriarcal não são apenas os homens que têm o poder, como a própria Atwood observou: Algumas pessoas pensam erroneamente que a sociedade em *The Handmaid’s Tale* é aquela em que todos os homens têm poder, e todas as mulheres não. Isso não é verdade, porque é um verdadeiro totalitarismo: portanto, uma verdadeira hierarquia. Os que estão no topo têm poder, os que estão na base, não. E aqueles na parte inferior incluem homens, e aqueles no topo incluem mulheres. As mulheres no topo têm diferentes tipos de poder dos homens no topo, mas ainda assim têm poder, e parte do poder que têm é poder sobre outras mulheres. Como Serena Joy, como as *Aunts*.” (tradução nossa)

(p. 114)⁷⁴ Esse é o *modus operandi* do regime, a opressão entre as próprias mulheres. Caso elas compreendessem que não passam de marionetes e que apesar de suas diferenças, todas são oprimidas, se uniriam e o sistema cairia.

Com base nessas observações, o papel das castas referidas parece ser o de distanciar e limitar as mulheres, sendo um: “(...) insidious mechanism of the patriarchy, designed to convince women that their subservience provides personal fulfilment and serves the common good.” (CALLAWAY, 2008, p. 51).⁷⁵ Como discutido por Debrah Raschke (1995), essa organização não beneficia mulheres:

Implacable class boundaries, not just a stratification of class, are also a means of sexual control. With the exception of the Econowives (who evidently do not matter because they are poor), each class, marked by symbolic dress, serves only one function: body vessels, mothers, domestic servants, and bearers of morality. Gilead, neatly dividing the mother from the whore, attempts to create in each of the classes of women a fixed identity that will elicit no surprises—no monster in the house. Boundaries cannot be crossed between classes or between functions. Laws are laws. Women are much more controllable when they live within their appropriate boxes. As Offred knows, boundaries are crucial. (p. 259)⁷⁶

Raschke pontua que não se trata apenas de uma divisão de classe, mas também um modo de as controlar sexualmente, por meio de divisões simbólicas, mas que impõe limites; portanto, não poderão ultrapassar além do que lhes foi estabelecido. Todavia, em todas as castas parece haver uma consciência de classe e um certo grau de insubmissão, inclusive entre as *Wives*:

The cigarettes must have come from the black market, I thought, and this gave me hope. Even now that there is no real money anymore, there's still a black market. There's always a black market, there's always something that can be exchanged. She then was a woman who might bend the rules. But what did I have, to trade? (*op. cit.*, p. 14)⁷⁷

⁷⁴ “Margaret Atwood olha para a história bíblica patriarcal da perspectiva de suas ‘vítimas’ femininas. Todas as mulheres em Gilead são feitas para desempenhar papéis subsidiários, incluindo as Esposas dos Comandantes, bem como as mulheres idosas e inférteis, as Tias, que salvam suas peles colaborando e treinam as Servas em autoconservação.” (tradução nossa) STAELS, Hide. Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale*: Resistance through narrating, *English Studies*, 76:5, 455-467, 1995.

⁷⁵ “Mecanismo insidioso do patriarcado, destinado a convencer as mulheres de que sua subserviência proporciona realização pessoal e serve ao bem comum.” (tradução nossa)

⁷⁶ “Fronteiras de classe implacáveis, e não apenas restrita à estratificação de classe, mas também são um meio de controle sexual. Com exceção das Ecoesposas (que evidentemente não importam porque são pobres), cada classe, marcada pela vestimenta simbólica, cumpre apenas uma função: receptáculos corporais, mães, empregadas domésticas e portadoras de moral. Gilead, dividindo nitidamente a mãe da prostituta, tenta criar em cada uma das classes de mulheres uma identidade fixa que não provocará surpresas – nenhum monstro na casa. Os limites não podem ser cruzados entre classes ou entre funções. Leis são leis. As mulheres são muito mais controláveis quando vivem dentro de suas caixas apropriadas. Como Offred sabe, os limites são cruciais.” (tradução nossa) RASCHKE, Debrah. Margaret Atwood's *the Handmaid's tale*: False borders and subtle subversions, *Lit: Literature Interpretation Theory*, 6:3-4, 1995, pp. 257-268.

⁷⁷ “Os cigarros deviam ter vindo do mercado negro, pensei, e aquilo me deu esperança. Mesmo agora que não existe mais dinheiro de verdade, ainda há um mercado negro. Sempre existe um mercado negro, sempre existe alguma coisa que pode ser trocada. Então ela era uma mulher que talvez violasse as regras. Mas o que eu possuía que pudesse trocar?” (*op. cit.*, p. 24)

Por meio deste breve panorama das castas é possível observar que a opressão está presente de modo organizado e com um objetivo muito bem definido. O ponto de vista da obra complexifica o patriarcado existente em Gilead, colocando que não há apenas uma dominação masculina, porém, a dominação feminina é apenas um discurso ilusório para que as mulheres se mantenham distantes e inimigas. Essas mulheres são incapazes de se unir por acreditarem na ilusão e introjetarem dentro de si a opressão. É uma falsa consciência, assumindo valores e padrões dominantes que aparentemente as beneficiam. Uma vez questionado o sistema de hierarquias, perceberiam que não há sentido em sua manutenção. É por isso que, de certa forma, resistem ao regime totalitário religioso de Gilead, mesmo entre aquelas que contribuíram na construção desse sistema opressor.

2.2 – A importância da voz feminina

As mulheres em Gilead são disciplinadas, organizadas e limitadas, sob constante observação pela polícia (*Eyes*). Os corpos das mulheres também estão sob controle e dominação, sendo propriedade de Gilead:

The bodies are controlled both spatially and physically, the female bodies in the novel, whether *Wives*, the *Marthas*' or *Moiras*' and *Offred*'s, are by all means docile. As all the *Handmaids* are the object of surveillance, their movements, bodies, minds and attitudes are the targets of others, including men of different social categories Commanders, Guardians, Eyes and women as Aunts, *Wives*, even the *Handmaids*' that unwillingly support the system of surveillance by spying on each other. (KOUHESTANI, 2013, p. 611)⁷⁸

Semelhante a caça às bruxas, Gilead utiliza a estratégia de colocar as mulheres umas contra as outras, as dividindo em castas de acordo com seu grau de periculosidade, evitando assim qualquer possibilidade de escape, como aponta Laura Adamo (1998):

In order to maintain the new order, a hierarchy of women is established which effectively eliminates the threat of women's alliances and thus the threat of a rebellion. If not exiled from Gilead altogether, women serve the system in various roles such as *Handmaid*, *Wife*, *Aunt*, *worker* or *whore*. Indeed, as Professor Pieixoto further states,

⁷⁸ “Os corpos são controlados tanto espacialmente quanto fisicamente, os corpos femininos no romance, sejam das esposas, das *Marthas* ou das de *Moiras* e *Offred*, são por todos os meios dóceis. Como todas as aias são objeto de vigilância, seus movimentos, corpos, mentes e atitudes são alvos de outros, incluindo homens de diferentes categorias sociais Comandantes, Guardiões, Olhos e mulheres como *Tias*, *Esposas*, até mesmo as aias que apóiam a contragosto o sistema de vigilância espionando umas às outras.” (tradução nossa) KOUHESTANI, Maryam. *Disciplining the body: power and language in Margaret Atwood's dystopian novel The Handmaid's Tale*. *Journal of Educational and Social Research*, v. 3, n. 7, p. 610-610, 2013.

“the best and most cost-effective way to control women for reproductive and other purposes [is] through women themselves” (290) (p. 19).⁷⁹

A força do regime não está somente nos homens, mas nas mulheres que são levadas a acreditar que vivem em mundos diferentes, em situações em que uma é mais pecadora que a outra. A inabilidade de confiar e o medo da denúncia é mais uma estratégia de modo a garantir a longevidade do regime. Não é um discurso inédito colocar as mulheres em posição de competição, sendo que ao longo da história, mulheres denunciavam e puniam umas às outras:

Still, it does remind us that, century after century, women have been complicit in their own undoing. Like the sadistic Aunts in *The Handmaid's Tale*, it was women who bound their granddaughters' feet, women who turned over their little girls for clitoridectomies, and often even women who denounced their neighbors as witches (EHRENREICH, 2004, p. 80)⁸⁰

Esse caráter expiatório perpassa os relacionamentos entre mulheres, tais como o de Offred e sua companheira de compras, Ofglen: “During these walks she has never said anything that was not strictly orthodox, but then, neither have I. She may be a real believer, a *Handmaid* in more than name. I can't take the risk.” (*op. cit.*, p. 18).⁸¹ Mais tarde, Offred descobre que Ofglen é uma aliada. No início, a *Handmaid* diz: “‘It's a beautiful May day,’ Ofglen says. I feel rather than see her head turn towards me, waiting for a reply.” (*op. cit.*, p. 36)⁸² A personagem não nota que *Mayday* é na verdade uma referência ao grupo de resistência do qual Ofglen faz parte. O uso dessa sentença, portanto, tem um duplo sentido: Ofglen procura saber se Offred é a favor da resistência, mas nesse ponto da história, Offred desconhece o grupo *Mayday*. Mais uma vez é possível notar como as mulheres resistem por meio do uso ambíguo da linguagem. Além disso, todos os outros relacionamentos vivem nessa ambivalência, inclusive o de Offred com o motorista dos Waterfords, Nick:

⁷⁹ “A fim de manter a nova ordem, é estabelecida uma hierarquia de mulheres que efetivamente elimina a ameaça de alianças femininas e, portanto, a ameaça de uma rebelião. Se não forem totalmente exiladas de Gilead, as mulheres servem ao sistema em vários papéis, como serva, esposa, tia, trabalhadora ou prostituta. De fato, como o professor Pieixoto afirma ainda, “a melhor e mais econômica maneira de controlar as mulheres para fins reprodutivos e outros [é] através das próprias mulheres.” (tradução nossa) ADAMO, L. *The imaginary girlfriend: a study of Margaret Atwood's The Handmaids' Tale, Cat's Eye, The Robber Bride, and Alias Grace* (Unpublished master's thesis). Canada: University of Calgary, Calgary, 1998.

⁸⁰ “Ainda assim, isso nos lembra que, século após século, as mulheres foram cúmplices de sua própria ruína. Como as *Aunts* sádicas em *The Handmaid's Tale*, eram as mulheres que amarravam os pés de suas netas, mulheres que entregavam suas filhas para clitoridectomias e muitas vezes até mulheres que denunciavam seus vizinhos como bruxas.” (tradução nossa) EHRENREICH, Barbara. *Feminist Dystopia In Bloom's Guides: The Handmaid's Tale*. USA: Infobase Publishing, 2004.

⁸¹ “Durante essas caminhadas ela nunca disse nada que não fosse estritamente ortodoxo, no entanto, nem eu. Pode ser uma verdadeira crente, uma Aia em mais do que apenas o título. Não posso correr o risco.” (*op. cit.*, p. 30)

⁸² — Está um belo dia de maio — diz Ofglen. Sinto mais do que vejo ela se virar em minha direção, esperando por uma resposta. (*op. cit.*, p. 55)

I drop my head and turn so that the white wings hide my face, and keep walking. He's just taken a risk, but for what? What if I were to report him?
 Perhaps he was merely being friendly. Perhaps he saw the look on my face and mistook it for something else. Really what I wanted was the cigarette. Perhaps it was a test, to see what I would do. Perhaps he is an Eye. (*op. cit.*, p. 17)⁸³

A protagonista teme uma interpretação errada, porque poderá levá-la à morte. Não obstante, permanece procurando mais mulheres que busquem a resistência ao longo de todo o romance, mesmo após saber o que houve com Ofglen, que cometeu suicídio antes de ser capturada pela polícia e relevar o que sabia sobre a organização *Mayday*. Offred busca manter o legado da companheira, mas nota que o medo impede a ação.

Além disso, Gilead retirou o direito de leitura de todas as mulheres, incluindo os textos bíblicos, a principal base de justificação para a opressão feminina e o surgimento das *Handmaids* na obra: “The Bible is kept locked up (...) It is an incendiary device: who knows what we’d make of it, if we ever got our hands on it? We can be read to from it, by him, but we cannot read” (*op. cit.*, p. 135).⁸⁴ É possível inferir que a proibição do acesso ao texto bíblico ocorre devido às diferentes interpretações que podem surgir ao se efetuar a leitura de um texto, além de que uma possível leitura crítica poderia colocar em questão o conteúdo lido pelos homens de Gilead. Isso é apontado e enfatizado por Offred ao escutar as passagens da Bíblia: “I knew they made that up, I knew it was wrong, and they left things out too, but there was no way of checking.” (*op. cit.*, pp. 138-139)⁸⁵. Sobre esse aspecto subversivo da literatura, seria interessante lembrar o que Antonio Candido (1965) menciona:

Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. Daí a ambivalência da sociedade em face dele, suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscriver. No âmbito da instrução escolar o livro chega a gerar conflitos, porque o seu efeito transcende as normas estabelecidas. (pp. 175-176)⁸⁶

À luz das palavras de Candido, compreende-se que a literatura pode ser um meio de combater as injustiças, opressões sociais e capaz até mesmo de questionar a forma da qual uma

⁸³ “Baixo a minha cabeça e viro de modo que as abas brancas me escondam o rosto, e continuo a andar. Ele acabou de se arriscar, mas para quê? E se eu o denunciasse? Talvez estivesse apenas sendo amistoso. Talvez tenha visto a expressão em meu rosto e a interpretado erroneamente como sendo outra coisa. Na verdade, o que eu queria era o cigarro. Talvez tenha sido um teste, para ver o que eu iria fazer. Talvez ele seja um Olho.” (*op. cit.*, p. 28)

⁸⁴ “A Bíblia é mantida trancada, da mesma maneira como as pessoas antigamente trancavam o chá, para que os criados não o roubassem. É um instrumento incendiário: quem sabe o que faríamos com ela, se puséssemos nossas mãos nela? Podemos ouvi-la lida em voz alta, por ele, mas não podemos ler.” (*op. cit.*, p. 107)

⁸⁵ “Eu sabia que este último eles tinham inventado, sabia que estava errado, e que tinham excluído partes também, mas não havia nenhuma maneira de verificar.” (*op. cit.*, p. 109)

⁸⁶ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 13. ed., 2014.

sociedade vive e, por conseguinte, algo a ser combatido pelo regime político de Gilead, que procura manter as mulheres sob controle (especialmente as *Handmaids*). Tal controle é mais um instrumento de coerção: tenta impedi-las de ter autonomia de pensamento, para que se convertam à religião e ideologias puritanas, aceitando as atrocidades sofridas: “You’re getting the best, you know, said *Aunt Lydia*. There’s a war on, things are rationed. You are spoiled girls (...)” (p. 138).⁸⁷ O discurso acima é dito por *Aunt Lydia*, a principal personagem religiosa do romance, uma senhora cujo trabalho é reeducar e converter as jovens à religião e crenças da República de Gilead. Um de seus principais discursos é o de que o sofrimento é recompensador e nobre; que a forma como as mulheres e homens viviam antes era vergonhosa e impura, não sendo puramente religiosa. Tal discurso ressoa a ideologia puritana do século XVII que julgava a sociedade e a coroa inglesa insuficientemente religiosa, afirmando ainda que o sofrimento era nobre e que as mulheres deveriam ser subordinadas aos homens. (BREMER, 1995, p. 115)⁸⁸

Contudo, é impossível silenciar completamente a voz feminina, sendo comentários indiscretos sobre a vida, e as rápidas conversas entre *Marthas* e até mesmo entre *Handmaids* são cruciais para estabelecer uma rede de resistência. Sob a perspectiva de Brian Johnson (1996)⁸⁹, essas conversas cotidianas tornam-se um recurso primordial para subordinados, um modo nevrálgico de autoexpressão e solidariedade em um contexto tão paradigmaticamente opressor como Gilead (p. 42)

O fato de Offred optar por contar essa história também significa resistir: “But if it’s a story, even in my head, I must be telling it to someone. You don’t tell a story only to yourself. There’s always someone else.” (*op. cit.*, p. 49)⁹⁰ Para a personagem, essa história será um dia ouvida por alguém. À luz de Staels (1995) “Offred’s tale is the personal expression of insights that move beyond the historical facts of Gilead, beyond the frontiers of Gilead’s meaning system and, finally, beyond the identity of *Handmaid*-slave that the colonizing power imposed on her.” (p. 118).⁹¹ A narrativa também busca que outras mulheres possam se identificar com o que está sendo relatado por meio do uso da voz plural como nas seguintes passagens: “We yearned for the future,” says the *Handmaid* from the Red Centre. “How did we learn it, that

⁸⁷ “Vocês estão recebendo o que há de melhor, dizia tia Lydia. Temos uma guerra em curso, as coisas são racionadas. Vocês são garotas mimadas (...)” (*op. cit.*, p. 109)

⁸⁸ BREMER, Francis J. *The puritan experiment: New England society from Bradford to Edwards*. Upne, 1995.

⁸⁹ JOHNSON, Brian. *Language, power, and responsibility in the handmaid’s tale: Toward a discourse of literary gossip*. Canadian Literature, n. 148, p. 39-55, 1996.

⁹⁰ “Mas se for uma história, mesmo em minha cabeça, devo estar contando-a a alguém. Você não conta uma história apenas para si mesma. Sempre existe alguma outra pessoa. (*op. cit.*, p. 52)

⁹¹ O conto de Offred é a expressão pessoal de insights que vão além dos fatos históricos de Gilead, além das fronteiras do sistema de significados de Gilead e, finalmente, além da identidade de Serva-escrava que o poder colonizador lhe impôs.” (tradução nossa)

talent for insatiability?” (*op. cit.*, p. 13) ou “If only we could talk to [the guards]. Something could be exchanged, we thought, some deal made, some trade-off, we still had our bodies. That was our fantasy” (*op. cit.*, p. 14)⁹² Offred busca colocar todas como *we* (nós), em uma tentativa de humanizá-las e de deixar claro um sofrimento generalizado. Portanto, existem diversos meios de resistência perpassando a narrativa:

In *The Handmaid's Tale*, resistance to the rules of the Gileadean regime is provided by the regime itself in the existence of clubs like Jezebel's, where the Commanders entertain themselves with “loose” women. There are also external resistance groups, like Mayday and Underground Femaleroad, as well as many types of personal resistance exercised secretly, for as Offred says, “There is something powerful in the whispering of obscenities, about those in power” (*HT*, p. 234). (SOMACARRERA, 2006, p. 54)⁹³

Além das redes de resistência e dos espaços citados acima, a protagonista usa o poder da linguagem para contar sua história, mesmo que todos os outros aspectos de sua vida sejam propriedade do regime. Esse poder será analisado a seguir, além da discussão de como outras importantes personagens femininas resistem, mesmo entre as mais coniventes com o regime.

2.3 – *Offred: linguagem e ação*

Partindo para uma análise individual das personagens, acompanhamos com proximidade a jornada da protagonista de trinta e três anos de idade Offred, ponto de vista narrativo do romance. Não temos a confirmação de seu verdadeiro nome, apenas um indício de que seja June, como apontado pelo crítico a seguir: “At the end of Chapter 1 Offred lists the names that she and her fellow trainee Handmaids would whisper from bed to bed: ‘Alma. Janine. Dolores. Moira. June’ (1:4). In the course of the narrative all of these names are accounted for (22:121; 5:26; 22:125; 5:25) except for June. Presumably, then, June is Offred's real name.” (KETTERER, 1989, p. 214)⁹⁴ e de que por ser temporariamente propriedade da família do

⁹² “Eram objetos de medo para nós, mas também algo mais. Se ao menos nos olhassem. Se ao menos pudéssemos falar com eles. Alguma coisa poderia ser usada para troca, acreditávamos, algum negócio acertado, algum intercâmbio feito, ainda tínhamos nossos corpos. Essa era a nossa fantasia.” (*op. cit.*, p. 12)

⁹³ Em *The Handmaid's Tale*, a resistência às regras do regime de Gilead é proporcionada pelo próprio regime na existência de clubes como o de Jezebel, onde os Comandantes se divertem com mulheres “livres”. Existem também grupos de resistência externa, como *Mayday* e *Underground Femaleroad*, bem como muitos tipos de resistência pessoal exercidos secretamente, pois como Offred diz: “Há algo poderoso no sussurro de obscenidades, sobre aqueles que estão no poder”. (tradução nossa)

⁹⁴ “‘Alma. Janine. Dolores. Moira. June’ (1:4). Ao longo da narrativa todos esses nomes aparecem, exceto o de June. Então provavelmente o verdadeiro nome de Offred é June.” (tradução nossa) KETTERER, David. Margaret Atwood's ‘The Handmaid's Tale’: A Contextual Dystopia (‘La Servante Écarlate’ De Margaret Atwood: Une Dystopie Contextuelle). *Science Fiction Studies*, vol. 16, no. 2, 1989, pp. 209–217.

comandante Fred, tornou-se “of Fred”. Ademais: “Her name, as numerous commentators have pointed out, also suggests the words ‘afraid,’ ‘offered,’ and ‘off-read’ (misread).” (BLOOM, 2004, p. 26) O crítico sugere que por meio da interpretação de ‘off-read’ a protagonista não é tão devota quanto parece (*ibid.*, p. 16). A passagem apontada por Bloom é interessante pois o nome da personagem pode nos fornecer alguns indícios de sua personalidade e papel no romance. Como analisaremos a seguir, a personagem tem medo de agir (*afraid*); por ser uma *Handmaid* é oferecida para a família Waterford (*offered*) e no caso da última leitura, por vezes a personagem traz uma visão um tanto limitada ou até mesmo equivocada sobre algumas situações e personagens (*off-read*). De qualquer modo, para a personagem os nomes são importantes uma vez que em Gilead elas deixam de ter uma identidade e passam a fazer parte de um coletivo em que seus corpos são explorados e se tornam propriedade do violento regime.

Offred conta sua história por meio de uma narrativa em primeira pessoa, porque sabe-se que as mulheres de Gilead não têm permissão de ler ou escrever. Referente ao tipo de narrativa empregada, é relevante citar:

Confining readers to Offred's subjectivity and then abruptly shifting to an objective academic discussion of Offred's tale in the "Historical Notes" which conclude the novel, *The Handmaid's Tale* uses a narrative strategy designed to call attention to the acts of reading and interpretation. In Offred's narrative, memories of her pre-Gilead and her Gilead past in the Red Center where she was indoctrinated are layered with descriptions of her present 'reality' as a *Handmaid*. Because Offred's memories are narrated in interrupted fragments, the reader is forced to assemble and construct her story. Moreover, the fact that Offred's narrative never reaches a definitive conclusion compels reader speculation about and participation in her story. (BOUSON, 2001, p. 42)⁹⁵

Sendo assim, após a conclusão do romance, no *Historical Notes*, o leitor descobre que o suposto diário de Offred é na verdade uma transcrição construída e reorganizada pelo Professor James Pieixoto de fitas gravadas por uma mulher de identidade desconhecida encontradas em Maine, o que indica que Offred conseguiu fugir do regime. Dessa forma, temos uma história fragmentada com um final aberto, que perpassa passado e presente sob o ponto de vista de uma mulher que viu o golpe acontecer, mas não fez nada para tentar impedi-lo, como

⁹⁵ “Limitando os leitores à subjetividade de Offred e, em seguida, mudando abruptamente para uma discussão acadêmica objetiva do conto de Offred nas ‘Notas Históricas’ que concluem o romance, *The Handmaid's Tale* usa uma estratégia narrativa projetada para chamar a atenção para os atos de leitura e interpretação. Na narrativa de Offred, as memórias de seu passado pré-Gilead e seu passado em Gilead no Centro Vermelho, onde ela foi doutrinação, estão em camadas com descrições de sua ‘realidade’ presente como aia. Como as memórias de Offred são narradas em fragmentos interrompidos, o leitor é forçado a montar e construir sua história. Além disso, o fato de a narrativa de Offred nunca chegar a uma conclusão definitiva obriga o leitor a especular e participar de sua história.” (tradução nossa) BOUSON, Brooks J. *The Misogyny of Patriarchal Culture in The Handmaid's Tale*. In: Bloom’s Guides: The Handmaid’s Tale. USA: Infobase Publishing, 2004

Jennifer Wagner-Lawlor (2003) aponta: “Offred is ‘politically complacent’ before the takeover” (83).⁹⁶ Reflecting on the coup, Offred remembers the few citizen protests, which she did not attend because “Luke said it would be futile and I had to think about them, my family, him and her (...)” (p. 180).⁹⁷ Essa passagem demonstra que Offred obedece ao marido, sendo a opinião dele o destaque em sua fala, dialogando com o que Miner (1991) diz sobre o relacionamento: “When in love with Luke, the narrator tends to give in to him, to accept his direction of her toward passivity” (p. 162) O mesmo ocorre em seu envolvimento com Nick:

Similarly, after Offred begins her affair with Nick, she loses all interest in Mayday and in the possibility of escape. She comments, "The fact is that I no longer want to leave, escape the border to freedom. I want to be here, with Nick, where I can get at him" (348). She barely listens to Ofglen, who "whispers less, talks more about the weather" (349). Whatever political commitment Offred might be capable of making vanishes in light of her commitment to romance. (MINER, 1991, p. 162)⁹⁸

As figuras românticas masculinas parecem ser colocadas como um empecilho à resistência e a politização da personagem, visto que na presença desses homens, prefere esquecer por meio da lembrança de Luke ou alienar-se por meio do relacionamento com Nick. Não obstante, a intenção da narrativa parece ser a seguinte:

If this is a fairy tale, a prince will arrive and make life better with a kiss. Because Offred so much wants to believe in the fairy tale, she closes off other plot options: what would happen if she were to work with Ofglen to spy on the Commander and communicate his secrets to Mayday? The novel does not give us these stories; but it does encourage us to break out of the old plots, to shape a future different from those the Tale and its Historical Note. (MINER, 1991, p. 167)⁹⁹

A proposta seria então lembrar do país anterior para conseguir manter sua saúde mental e não se conformar com o momento atual. No entanto, evitar de viver apenas pensando no passado para buscar mudar o presente: “Live in the present, make the most of it, it's all you've

⁹⁶ “Offred é ‘politicamente complacente’ antes da aquisição.” (tradução nossa) WAGNER-LAWLOR, Jennifer A. *From Irony to Affiliation in Margaret Atwood's The Handmaid's Tale*, Critique: Studies in Contemporary Fiction, 45:1, 83-96, 2003.

⁹⁷ “Luke disse que seria inútil e que eu tinha que pensar a respeito deles, minha família, ele e ela.” (*op. cit.*, p. 215)

⁹⁸ “Da mesma forma, depois que Offred começa seu caso com Nick, ela perde todo o interesse em Mayday e na possibilidade de fuga. Ela comenta: ‘O fato é que não quero mais sair, fugir da fronteira para a liberdade. Quero estar aqui, com Nick, onde posso chegar até ele’ (348). Ela mal ouve Ofglen, que ‘sussurra menos, fala mais sobre o clima’ (349). Qualquer compromisso político que Offred possa ser capaz de fazer desaparece à luz de seu compromisso com o romance.” (tradução nossa) MINER, Madonne. *Trust Me: Reading the Romance Plot in Margaret Atwood's The Handmaid's Tale*. Twentieth Century Literature, vol. 37, no. 2, 1991, pp. 148–168.

⁹⁹ “Quando apaixonada por Luke, a narradora tende a ceder a ele, a aceitar a passividade. Se isso for um conto de fadas, um príncipe chegará e tornará a vida melhor com um beijo. Porque Offred quer tanto acreditar no conto de fadas, ela fecha outras opções de enredo: o que aconteceria se ela trabalhasse com Ofglen para espionar o Comandante e comunicar seus segredos a Mayday? O romance não nos dá essas histórias; mas nos encoraja a romper com as velhas tramas, para moldar um futuro diferente daqueles do Conto e sua Nota Histórica.” (tradução nossa)

got.” (p. 120)¹⁰⁰ Offred não aceita sua condição e frequentemente busca ir adiante, mas quanto mais resiste, mais teme ser enviada para às Colônias ou ser morta e acima de tudo, não poder reencontrar sua filha. O caso de Offred não é único, sendo que a maior parte das mulheres em Gilead sentem medo e por isso priorizam a sobrevivência ao invés da resistência. Além dessa passividade diante de homens e memórias idealizadas, é relevante pontuar que a atitude de Offred destoa completamente de sua mãe, uma feminista da segunda onda altamente politizada, que dizia que homens serviam apenas para fazerem outras mulheres (*op. cit.*, p. 121). A metade da década dos anos 80 foi um período de avaliação e reinvenção para o feminismo e o romance explora esse momento de transição para ponderar os motivos e meios do novo feminismo em contraste com o ativismo feminino dos anos setenta, demonstrando um retrato de uma sociedade que paradoxalmente atingiu demandas feministas, como Offred afirmará na citação a ser explorada na página a seguir.

Prosseguindo com a análise, Offred demonstra ter tido um relacionamento conflituoso com a figura materna:

I admired my mother in some ways, although things between us were never easy. She expected too much from me, I felt. She expected me to vindicate her life for her, and the choices she'd made. I didn't want to live my life on her terms. I didn't want to be the model offspring, the incarnation of her ideas. We used to fight about that. I am not your justification for existence, I said to her once. I want her back. I want everything back, the way it was. But there is no point to it, this wanting. (*op. cit.*, p. 102)¹⁰¹

Nessa passagem, Offred afirma admirar a mãe por sua coragem, mas que não deseja ser uma marionete das vontades dela. Ao final, diz que deseja retomar a esses momentos, mas que esse desejo será impossível de se tornar realidade. Offred parece estar em um embate: deverá agir, como sua mãe? Ou é melhor aceitar e sobreviver? No *Red Center*, Offred assiste a sua mãe em uma das fitas sobre o espaço das Colônias e subentende-se que ela morreu, tornando-se uma *Unwoman*. As mulheres chamadas de *Unwomen* são consideradas indignas de permanecer na sociedade puritana de Gilead e, como característico de um regime totalitário, fazem parte de um projeto missionário de purificar (punir) as mulheres, além de ser um eficiente instrumento de ameaça e repressão. Referente a tal aspecto, é importante lembrar uma característica do local em que foi estabelecido Gilead, o regime teocrático da distopia “(...) as missões são parte da

¹⁰⁰ “Viva no presente, aproveite-o ao máximo, isso é tudo que você tem.” (*op. cit.*, p. 128)

¹⁰¹ “Eu admirava minha mãe em alguns sentidos, embora as coisas entre nós nunca fossem fáceis. Achava que ela tinha um excesso de expectativas, esperava demais de mim. Esperava que eu justificasse sua vida para ela, e as escolhas que havia feito. Eu não queria viver minha vida nos termos dela. Não queria ser a filha modelo, a encarnação de suas ideias. Costumávamos brigar por causa disso. Não sou a sua justificativa para existir, disse-lhe certa vez.” (*op. cit.*, p. 149)

fundação dos Estados Unidos e a alusão a elas está relacionada à manutenção da moral” (SOUZA, 2007, p. 23). Sendo assim, a mãe de Offred, por ter sido uma ativista do movimento das mulheres, foi uma das primeiras capturadas e levada para as Colônias. O relacionamento com sua mãe é relevante porque o ponto de vista na obra busca explicitar as ambiguidades, conflitos e paradoxos que emergiram da segunda onda do feminismo, como a instabilidade de sua vida devido a militância da mãe: “You're such a prude, she would say to me (...) She liked being (...) more rebellious. (...) Part of my disapproval was that, I'm sure: perfunctory, routine. But also I wanted from her a life more ceremonious, less subject to makeshift and decampment.” (p. 154)¹⁰² Sendo assim, a jovem discorda da mãe em partes por ser algo comum em qualquer relacionamento entre mãe e filho, mas também expressa um certo desejo por uma vida mais normal e estável.

Na história contada por Offred, há uma agressividade entre as mulheres que demonstra não ser apenas por uma condição momentânea ou conjuntural, mas sim uma realidade anterior ao regime. Observe o comentário de Offred na passagem a seguir: “Mother, I think. Wherever you may be. Can you hear me? You wanted a women’s culture. Well, now there is one. It isn't what you meant, but it exists. Be thankful for small mercies.” (p. 197)¹⁰³ A narradora ironiza o desejo de sua mãe por uma cultura voltada ao feminino. Sobre esse conflito, de acordo com Jadwin (2010) sobre o período da publicação do livro, o movimento feminista estava passando por sérios conflitos internos, não apenas sobre direitos ao aborto, mas também da política de inclusão, a ascensão do essencialismo e a celebração da diferença sexual das mulheres (p. 10). A crítica também explica que, por meio das memórias de Offred sobre a mãe feminista ativista, o romance procura trazer o que Lorna Sage chamou de “the tendency in present-day feminism towards a kind of separatist purity, a matriarchal nostalgia . . . [that] threatens to join forces with right-wing demands for ‘traditional values’” (apud Jadwin, 2010, p. 307).¹⁰⁴

Sendo assim, o romance não traz apenas um aviso dos perigos antidemocráticos e da extrema direita, como também: “(...) about a repressive tendency in feminism itself. Only on the surface is Gilead a fortress of patriarchy, Old Testament style. It is also, in a thoroughly

¹⁰² “Você é tão cheia de melindres, ela costumava me dizer, num tom de voz que, de maneira geral, era bem satisfeito. Ela gostava de ser mais abusada do que eu, mais rebelde. Adolescentes são sempre tão melindrosos. Parte de minha desaprovação era isso, tenho certeza: mecânica, superficial, rotineira. Mas eu também queria dela uma vida mais cerimoniosa, menos sujeita a expedientes e retiradas repentinas.” (*op. cit.*, p. 218)

¹⁰³ “Mãe, penso. Onde quer que você possa estar. Pode me ouvir? Você queria uma cultura de mulheres. Bem, agora existe uma. Não é como a que você queria, mas existe. Dê graças a Deus pelo pouco que tem.” (*op. cit.*, p. 155)

¹⁰⁴ “A tendência do feminismo atual para uma espécie de pureza separatista, uma nostalgia matriarcal. . . [que] ameaça unir forças com as demandas da direita por ‘valores tradicionais’.” (tradução nossa)

sinister and distorted way, the utopia of cultural feminism. (EHRENREICH, 2004, p. 78).¹⁰⁵ O que também é defendido por Jamie Dopp (2004), uma vez que a mãe de Offred não é uma figura heroica, pelo contrário:

The *Handmaid's* mother, who has spent her life in feminist struggle, is revealed by the middle of the story to have ended up as a bitter old alcoholic. She only retains her belief that history will absolve her “after the third drink” (131). The mother’s sorry end is part of a satire directed against “radical” feminists, who are portrayed in the novel as contributing to the intolerant mentality that leads to Gilead (...) (DOPP, 2004, p. 93)¹⁰⁶

Não obstante, a atitude aparentemente complacente de Offred e conflituosa com a mãe não é tão simples, pois ela oscila entre o agir e as palavras. Por ter crescido com uma mãe militante, Offred sabe muito sobre política e a importância das mulheres. Sendo assim, a jovem não demonstra ignorância sobre sua condição e consciência das tentativas de manipulação por parte do regime: “The narrator (...) acknowledges the possibility that the footage she is shown is ‘faked,’ but she hopes nevertheless to ‘read beneath it’ (105). (SANTANGELO, 2004, p. 88)¹⁰⁷ e também por meio de sua racionalidade, ponderando sua postura e palavras: “I wait. I compose myself. My self is a thing I must now compose, as one composes a speech. What I must present is a made thing, not something born.” (p. 57).¹⁰⁸

O modo pelo qual Offred resiste é com o uso da linguagem e por meio de sua própria narrativa, buscando a coragem para agir. Essa importância das palavras pode ser vista em diversas passagens do romance, como quando se recusa a dizer a palavra “meu” para se referir ao quarto da família *Waterford*: “The door of the room — not my room, I refuse to say my — is not locked.” (p. 8).¹⁰⁹ Como trabalhara com palavras (não se sabe ao certo sua profissão, apenas de que trabalhava na biblioteca), ela entende que o discurso é primordial e não há neutralidade, mesmo que sejam apenas o uso de um pronome possessivo, para ela isso quer

¹⁰⁵ “(...) sobre uma tendência repressiva no próprio feminismo. Apenas na superfície Gilead é uma fortaleza do patriarcado, no estilo do Antigo Testamento. É também, de forma totalmente sinistra e distorcida, uma utopia do feminismo cultural.” (tradução nossa)

¹⁰⁶ “A mãe da Aia, que passou a vida na luta feminista, é revelada no meio da história como uma velha alcoólatra amarga. Ela apenas mantém sua crença de que a história a absolverá ‘depois da terceira bebida’ (131). O triste fim da mãe faz parte de uma sátira dirigida às feministas ‘radicais’, que são retratadas no romance como contribuintes para a mentalidade intolerante que leva Gilead.” (tradução nossa) DOPP, Jamie. *Limited Perspective In Bloom’s Guides: The Handmaid’s Tale*. USA: Infobase Publishing, 2004.

¹⁰⁷ SANTANGELO, Marta C. *Resistent Postmodernism In Bloom’s Guides: The Handmaid’s Tale*. USA: Infobase Publishing, 2004.

¹⁰⁸ “Espero. Eu me acalmo e me componho. Aquilo a que chamo de mim mesma é uma coisa que agora tenho que compor, como se compõe um discurso. O que tenho de apresentar é uma coisa feita, não algo nascido.” (*op. cit.*, p. 82)

¹⁰⁹ “A porta do quarto — não de meu quarto, eu me recuso a dizer *meu* — não está trancada.” (*op. cit.*, p. 16)

dizer estar aceitando a condição de escravidão. Ela impede que a lavagem cerebral Gileadiana controle também seus pensamentos:

Rejecting the characteristically modernist stance of alienation from institutionalized discourses, the resistant postmodern speaks, and attempts to subvert, from within; though Offred initially refuses to call the room where she sleeps “my room” (11), and thus positions herself outside the Gileadean order, eventually (in the wake of the Commander’s invasion of her room) she responds by claiming a space for herself: ‘My room, then. There has to be some space, finally, that I claim as mine’ (66). (SANTANGELO, 2004, p. 89)¹¹⁰

No romance posterior intitulado *The Testaments* (2019), descobrimos que Offred fugiu para o Canadá por meio da rota intitulada “Female Underground Road”, cuja referência histórica é a *Underground Railroad* onde os escravos da América do Norte entravam em um Canadá ainda controlado pela Inglaterra onde a escravidão havia sido abolida em 1841 (STAELS, 1995, p. 114). Nessa fuga, Offred leva sua filha fruto do relacionamento com Nick, o motorista da família *Waterford*, mas não consegue resgatar sua primeira filha, que cresceu em Gilead.

Referente à resistência por meio da narrativa e suas memórias, é importante destacar que em diversos momentos da história a narradora faz divagações e retoma ao mundo anterior à Gilead, buscando conforto e em busca de manter viva a memória, como mencionado anteriormente. Tal movimentação pode ser vista sob duas perspectivas: a primeira, de uma recusa do novo sistema, e uma segunda, por não agir no presente usando o passado como escape:

Offred also uses memory narrative as a deliberate escape strategy which she repeatedly indulges in the “Night” sections as she lies alone in her room at the Commander’s house: The night is mine, my own time, to do with as I will, as long as I am quiet... The night is my time out. Where should I go? Somewhere good. (p. 47) She escapes out of time back into memories of student days with her friend Moira, the separatist feminist, or further back to childhood memories of her mother, the old-fashioned Women’s Libber, both of them condemned as dissidents by the new regime. Offred resurrects these vanished women as she tells their stories of female heroism, imitating their own irreverent idioms as she simultaneously celebrates and mourns for them: “I’ve tried to make it sound as much like her as I can. It’s a way of keeping her alive” (p. 256). (HOWELLS, 2006, p. 167)¹¹¹

¹¹⁰ “Rejeitando a postura caracteristicamente modernista de alienação dos discursos institucionalizados, o pós-moderno resistente fala e tenta subverter de dentro; embora Offred inicialmente se recuse a chamar o quarto onde ela dorme de ‘meu quarto’ (11), e assim se posiciona fora da ordem de Gilead, eventualmente (após a invasão de seu quarto pelo Comandante) ela responde reivindicando um espaço para si mesma: — Meu quarto, então. Tem que haver algum espaço, finalmente, que eu reivindique como meu.” (tradução nossa)

¹¹¹ “Offred também usa a narrativa da memória como uma estratégia de fuga deliberada que ela repetidamente se entrega nas seções ‘Noite’ enquanto fica sozinha em seu quarto na casa do Comandante: A noite é minha, meu tempo, para fazer o que eu quiser, desde que eu fique quieto... A noite é minha folga. Onde devo ir? Em algum lugar bom. (p. 47) Ela escapa do tempo para as memórias dos tempos de estudante com sua amiga Moira, a feminista separatista, ou ainda para as memórias de infância de sua mãe, a antiquada Women’s Libber, ambas condenadas como dissidentes pelo novo regime. Offred ressuscita essas mulheres desaparecidas enquanto conta

Por meio do acesso à narrativa em primeira pessoa que contém seus pensamentos e sentimentos em uma sociedade que condena qualquer discurso pessoal, a jovem está desafiando as regras do discurso autoritário de Gilead dando voz a uma personagem marginal, repetindo o seu nome diversas vezes para manter sua existência (STAELS, 1995, p. 118). Ao esconder seu nome, diz: “I keep the knowledge of this name like something hidden, some treasure I'll come back to dig up, one day. I think of this name as buried. This name has an aura around it, like an amulet, some charm that's survived from an unimaginably distant past.” (p. 70).¹¹² Sendo assim, será que retomar ao passado é apenas um mecanismo de escape? Staels (1995) defende que é um ato de sobrevivência e não covardia, uma vez que sua memória busca retomar o que deixou de existir em Gilead: amor e humanidade. Como consequência, Offred busca refazer essas conexões perdidas e anseia escapar da paralisia e derrotismo vivenciados diariamente. É um ato de autopreservação que a salva do enlouquecimento e que visa ressuscitar a parte que faltava em si mesma. (p. 119).

Tendo em vista tais questões, apesar de suas autodescrições, Offred é uma mulher racional que busca sobreviver. Combater o regime de modo direto é algo inimaginável naquele momento, mas quando descobre que há uma resistência (*Mayday*) procura acreditar na mudança:

"Mayday," I repeat. I remember that day. M'aidez.
 "Don't use it unless you have to," says Ofglen. "It isn't good for us to know about too many of the others, in the network. In case you get caught."
 I find it hard to believe in these whisperings, these revelations, though I always do at the time. Afterwards, though, they seem improbable, childish even, like something you'd do for fun; like a girls' club, like secrets at school. Or like the spy novels I used to read, on weekends, when I should have been finishing my homework, or like late-night television. Passwords, things that cannot be told, people with secret identities, dark linkages: this does not seem as if it ought to be the true shape of the world. But that is my own illusion, a hangover from a version of reality I learned in the former time. (p. 169)¹¹³

suas histórias de heroísmo feminino, imitando seus próprios idiomas irreverentes enquanto ela simultaneamente celebra e lamenta por elas: ‘Tentei fazer com que soasse o mais parecido possível com ela. É uma forma de mantê-la viva’” (tradução nossa) HOWELLS, Coral Ann. Introduction in *The Cambridge Companion to Margaret Atwood*. Ed. Coral Ann Howells. Cambridge: Cambridge UP, 2006.

¹¹² “Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia. Penso nesse nome como enterrado. Esse nome tem uma aura ao seu redor, como um amuleto, um encantamento qualquer que sobreviveu de um passado inimaginavelmente distante.” (*op. cit.*, p. 103)

¹¹³ “ — Mayday — repito. Lembro-me daquele dia. M'aidez.

— Não use a menos que precise — diz Ofglen. — Não é bom para nós conhecermos muitas das outras, da rede. Caso você seja apanhada.

Acho difícil acreditar nesses sussurros, nessas revelações, embora eu sempre acredite no momento. Depois, contudo, me parecem improváveis, infantis até, como algo que você faz por diversão; como um clube só de garotas, como os segredos na escola. Ou como os romances de espionagem que eu costumava ler, nos fins de semana, quando deveria estar acabando meu dever de casa, ou como televisão tarde da noite. Senhas, coisas que não podem ser contadas, pessoas com identidades secretas, ligações misteriosas: essa não parece que deva ser a verdadeira forma do mundo. Mas isso é a minha própria ilusão, uma ressaca de uma versão de realidade que aprendi no tempo de antes.” (*op. cit.*, p. 240)

Ofglen avisa a colega que devem ter acesso à poucas informações, porque por um lado, caso sejam capturadas o grupo corre risco de perder tudo o que conquistaram. Por outro lado, isso impede o próprio movimento de expandir e de se fortalecer, uma vez que os membros não se conhecem e tampouco tem noção de seu poder. Mesmo em um importante diálogo como esse, Offred busca associar o grupo com uma memória do passado, mas isso não ajudou a personagem a crescer e se fortalecer contra o sistema. Sendo assim, apesar da consciência e certo grau de insubmissão, suas atitudes podem ser vistas como ambíguas e oscilantes:

Whether Offred herself embodied that spirit of revolt is unclear. Indeed, Offred seems acutely aware of what she should and should not have done. But, as in the end of this chapter, when she watches the Commander on his way to the car while remembering the water bombs she and Moira used to make, now and in the time “before”, Offred is frequently a victim of her own inaction. (COOKE, 2004, p. 116)¹¹⁴

Isso pode indicar que o romance busca construir uma personagem complexa, desconstruindo a ideia de uma heroína idealizada. Offred é apenas uma mulher que busca sobreviver em um regime totalitário cruel da melhor forma que encontrou, mesmo que não seja por meio de um combate direto. Apesar de sua inércia, por meio de sua narrativa e linguagem, resiste ao golpe: “One is endurance. Enduring the violence without breaking (i.e. while holding onto one’s self and one’s opposition to the regime) renders the violence useless in a theoretical sense, while it still controls the immediate physical situation.” (MARX, 2018, p. 64)¹¹⁵, mesmo que seja considerada passiva e resignada pela maioria da crítica. No entanto, é importante ressaltar também que há uma limitação no uso da linguagem como garantia de superação, uma vez que sua voz está sendo manipulada pelo acadêmico Professor Pieixoto, o que complexifica e enriquece a obra. O final do romance condiz com a ambivalência da personagem: “The van waits in the driveway, its double doors stand open (...) Whether this is my end or a new beginning I have no way of knowing: I have given myself over into the hands of strangers, because it can’t be helped. And so I step up, into the darkness within; or else the light.” (*op. cit.*,

¹¹⁴ “Não está claro se a própria Offred incorporou esse espírito de revolta. De fato, Offred parece estar ciente do que deveria e não deveria ter feito. Mas, como no final deste capítulo, quando ela observa o Comandante a caminho do carro enquanto se lembra das bombas d’água que ela e Moira costumavam fazer, agora e no tempo “antes”, Offred é frequentemente vítima de sua própria inação.” (tradução nossa) COOKE, N. Margaret Atwood: *A Critical companion*. Greenwood Press, 2004.

¹¹⁵ “Uma é a resistência. Suportar a violência sem quebrar (ou seja, mantendo a si mesmo e sua oposição ao regime) torna a violência inútil em um sentido teórico, enquanto ainda controla a situação física imediata.” (tradução nossa) MARX, Hedvig. *Moira, take me with you!: Utopian Hope and Queer Horizons in Three Versions of The Handmaid’s Tale*. 2018.

p. 247)¹¹⁶ Ficamos com um questionamento final antes de lermos o pós-fácio: Offred foi capturada ou conseguiu fugir? No romance *The Testaments* (2019), temos a resposta em maior detalhe:

Who was the mother of these two half-sisters? We know there was a fugitive *Handmaid* who was an active field agent with Mayday for some years. After surviving at least two assassination attempts, she worked for some years under triple protection at their intelligence unit near Barrie, Ontario, which posed as an organic hemp products farm. We have not definitively excluded this individual as the author of the “*Handmaid’s Tale*” tapes found in the footlocker; and, according to that narrative, this individual had at least two children. (ATWOOD, 2019, p. 380)¹¹⁷

Temos um indício de que seu final foi mais luz do que escuridão, finalmente se libertando do regime totalitário de Gilead. No romance posterior, veremos a mudança de fato, mas em *The Handmaid’s Tale* (1985), temos apenas o início do pesadelo e como as figuras femininas buscavam resistir e sobreviver ao mesmo tempo.

2.4 – Moira: heroína ou personagem idealizada?

A segunda personagem de destaque é Moira, melhor amiga de Offred desde os tempos da universidade e seu contraste. Primeiramente, devido a sua postura no movimento feminista, tendo sido mais ativa que Offred. Segundo, devido à sua sexualidade, por ser homossexual. Ela é definida no romance do seguinte modo:

Moira was like an elevator with open sides. She made us dizzy. Already we were losing the taste for freedom, already we were finding these walls secure. In the upper reaches of the atmosphere you'd come apart, you'd vaporize, there would be no pressure holding you together. Nevertheless Moira was our fantasy. We hugged her to us, she was with us in secret, a giggle; she was lava beneath the crust of daily life. In the light of Moira, the Aunts were less fearsome and more absurd. Their power had a flaw to it. They could be shanghaied in toilets. The audacity was what we liked. (*op. cit.*, p. 200)¹¹⁸

¹¹⁶ “A camionete está na entrada para carros, as portas duplas permanecem abertas. (...) Se isto é o meu fim ou um novo começo não tenho nenhum meio de saber: eu me entreguei às mãos de desconhecidos; porque não há outro jeito. E assim eu entro, embarco na escuridão ali dentro; ou então na luz.” (*op. cit.*, p. 347)

¹¹⁷ “Quem era a mãe dessas duas meias-irmãs? Sabemos que havia uma aia fugitiva que foi agente de campo ativa do Mayday por alguns anos. Depois de sobreviver a pelo menos duas tentativas de assassinato, ela trabalhou por alguns anos sob proteção tripla em sua unidade de inteligência perto de Barrie, Ontário, que se passava por uma fazenda de produtos orgânicos de cânhamo. Não excluimos definitivamente esse indivíduo como autor das fitas ‘*Handmaid’s Tale*’ encontradas no baú; e, segundo essa narrativa, esse indivíduo tinha pelo menos dois filhos.” (tradução nossa)

¹¹⁸ “Moira era como um elevador com as paredes laterais abertas. Ela nos deixava com vertigens. Já estávamos perdendo o apreço pela liberdade, já estávamos achando aquelas paredes seguras. Nos limites mais elevados da

Ambas foram treinadas no *Red Center* e enquanto a protagonista e colegas aceitavam aos poucos a nova condição, Moira era vista como uma figura da revolução e intransigência ao que lhes foi imposto. Afinal, a jovem tentou escapar e quase foi bem-sucedida. No diálogo abaixo, elas discutem o plano de fuga:

Nothing much. I've got to get out of here, I'm going bats.
 I feel panic. No, no, Moira, I say, don't try it. Not on your own.
 I'll fake sick. They send an ambulance, I've seen it.
 You'll only get as far as the hospital.
 At least it'll be a change. I won't have to listen to that old bitch.
 They'll find you out.
 Not to worry, I'm good at it. When I was a kid in high school I cut out vitamin C, I got scurvy. In the early stages they can't diagnose it. Then you just start it again and you're fine. I'll hide my vitamin pills.
 Moira, don't.
 I couldn't stand the thought of her not being here, with me. For me. (p. 76)¹¹⁹

Nesse diálogo, é possível compreender que Moira precisa agir porque o regime a está afetando de modo quase irreversível. A fuga é necessária, mas Offred teme perder a colega ou que ela seja enviada para as Colônias. Não obstante, explicita que é uma escolha egoísta, uma vez que Offred gostaria que ela estivesse naquele lugar junto com ela. Moira termina sendo capturada e sofre um castigo nos pés, uma vez que são irrelevantes para cumprir a função de *Handmaid*. A partir dessa tortura, o leitor não sabe se houve uma mudança psicológica na personagem, mas é plausível afirmar que após uma tortura, sua postura mudou.

Nota-se que Moira é idealizada ao longo de todo romance, porque para Offred possui coragem e características de uma heroína. Apesar desse viés narrativo, os leitores concluem que Moira estava agora distante do comportamento inicial, ou que talvez nunca tenha sido tão revolucionária como ressaltado: “Moira, Offred’s friend from her university days seems to have that fiery spirit. But Offred remembers it, too, that they both ignored the signs of society going wrong – corpses found in ditches, for example: ‘We lived’ Offred thinks now ‘by ignoring’ (p.

atmosfera você iria se desfazer em pedaços, iria se vaporizar, não haveria pressão para mantê-la inteira. Mesmo assim, Moira era nossa fantasia.” (*op. cit.*, p. 162)

¹¹⁹ — Não muita coisa. Eu tenho que sair daqui, estou ficando maluca. Eu sinto pânico. — Não, não, Moira, digo, não tente fugir. Não sozinha.

— Vou fingir que estou doente. Eles mandam uma ambulância, já vi.

— Você só vai conseguir chegar ao hospital.

— Pelo menos será uma mudança. Não terei que ouvir aquela bruxa velha medonha.

— Eles vão desmascarar você.

— Não se preocupe, sou boa nisso. Quando era garota no colégio cortei tudo que tivesse vitamina C, tive escorbuto. Nos primeiros estágios eles não podem diagnosticar. Depois você apenas começa a tomar de novo e fica boa. Vou esconder meus comprimidos.

— Moira, não.

Eu não podia suportar o pensamento de ela não estar aqui, comigo. Por mim. (*op. cit.*, p. 110)

53).” (COOKE, 2004, p. 116)¹²⁰ Mas fica o questionamento: será que Offred e Moira tinham a mesma postura? Esse não parece ser o caso, porque Moira em muitos aspectos é semelhante a mãe de Offred. Ambas são feministas e não acreditam em um relacionamento heterossexual:

I said there was more than one way of living with your head in the sand and that if Moira thought she could create Utopia by shutting herself up in a women-only enclave she was sadly mistaken. Men were not just going to go away, I said. You couldn't just ignore them (p. 181)¹²¹

Por isso, é possível depreender que Offred e Moira não estavam em posição de igualdade, por ter uma postura mais radical e feminista, diferente da narradora: “Moira, however, is an advocate of negative freedom. Her activities, while strictly feminist and superficially close to those of Offred’s mother, involve demands for freedom of action but are lacking the prescriptive element of the earlier feminists.” (TOLAN, 2005, p. 25)

É tendo vista o citado por Nathalie Cooke (2004) que quando se reencontram muito tempo depois, Moira não é mais a pessoa descrita por Offred, tendo se tornado uma escrava sexual no clube noturno *Jezebel’s*. De acordo com a visão da autora, Moira cedeu ao sistema e mudou de postura. Não é possível ter certeza quanto às causas da suposta mudança na personagem, mas é possível pensar em duas possibilidades, sendo a primeira, de que Moira foi idealizada por Offred, e a segunda de ter passado por horrores que Offred desconhece, o que podem tê-la transformado. Sendo assim, Moira afirma que é melhor estar naquele lugar do que ser uma *Handmaid*:

So here I am. They even give you face cream. You should figure out some way of getting in here. You'd have three or four good years before your snatch wears out and they send you to the bone-yard. The food's not bad and there's drink and drugs, if you want it, and we only work nights.”

“Moira,” I say. “You don't mean that.” She is frightening me now, because what I hear in her voice is indifference, a lack of volition. Have they really done it to her then, taken away something — what? — that used to be so central to her? And how can I expect her to go on, with my idea of her courage, live it through, act it out, when I myself do not.

I don't want her to be like me. Give in, go along, save her skin. That is what it comes down to. I want gallantry from her, swashbuckling, heroism, single-handed combat. Something I lack.¹²²

¹²⁰ “Moira, amiga de Offred de seus dias de universidade, parece ter esse espírito ardente. Mas Offred se lembra, também, que ambas ignoraram os sinais da sociedade dando errado – cadáveres encontrados em valas, por exemplo: ‘Nós vivemos’ Offred pensa agora ‘ignorando o que estava acontecendo’”. (tradução nossa)

¹²¹ “Eu disse que havia mais de uma maneira de viver com a cabeça enfiada na areia e que se Moira acreditava que podia criar a Utopia confinando-se em um enclave só para mulheres, estava tristemente enganada. Os homens não iriam simplesmente desaparecer, disse. Não era possível apenas ignorá-los.” (*op. cit.*, p. 206)

¹²² “De modo que aqui estou. Eles nos dão até creme facial. Você deveria arranjar alguma maneira de entrar para cá. Teria três ou quatro bons anos antes que a boceta ficasse gasta e eles mandassem você para o cemitério. A comida não é má e tem bebida e drogas, se você quiser, e só trabalhamos à noite.” (*op. cit.*, p. 219) Esse discurso ressalta que apesar da exploração sexual, ainda é possível ter algum tipo de liberdade, o que não é o caso para as *Handmaids*, sendo a opção menos ruim. Não obstante, Offred não aceita a postura da amiga e pensa: “Não quero

O discurso de Moira é conformista, afirmando que não é tão ruim assim ser uma prostituta. Por um lado, Offred não acredita no discurso da amiga por preferir acreditar que o regime não fora capaz de destruir o espírito de Moira e também por sua dependência da figura idealizada da amiga: “(...) pushing Moira seems to be related to the way that she has kept Moira as a moral compass and motivation throughout her own experiences in Gilead. She needs Moira to keep going...” (MARX, 2018, pp. 67-68).¹²³ Por outro lado, sabe que isso é possível quando a própria Offred é tão conformista quanto, não tendo mais coragem para agir e buscar a mudança. A passagem também demonstra a complexidade de Offred, que não encontra em si a resistência necessária, mas em Moira, tornando-se uma referência para ela.

Contrastando com a adaptação da série televisiva, onde Moira consegue fugir para o Canadá, no romance não se sabe o que aconteceu, e o final da personagem mais uma vez fica à mercê da imaginação do leitor:

Here is what I'd like to tell. I'd like to tell a story about how Moira escaped, for good this time. Or if I couldn't tell that, I'd like to say she blew up Jezebel's, with fifty Commanders inside it. I'd like her to end with something daring and spectacular, some outrage, something that would befit her. But as far as I know that didn't happen. I don't know how she ended, or even if she did, because I never saw her again.¹²⁴ (*op. cit.*, p. 214)

Novamente somos apresentados a duas versões da narrativa, uma em que de acordo com a imaginação de Offred, Moira se libertou, causando danos no caminho, algo que combina perfeitamente com a personagem. Não obstante, somos apresentados a um fim *bittersweet*, sem saber o que de fato houve.

Portanto, de início somos apresentados a uma personagem que busca resistir e representa a esperança para suas colegas. Moira resiste por meio de palavras e ações, sendo uma importante figura para as colegas do *Red Centre* e para Offred. Contudo, mais tarde, descobrimos que o regime também atingiu Moira ou que talvez nunca tenha sido tão revolucionária como nos foi apresentada: “Moira, perhaps the most dynamic representative of resistance, is shown by the end to have cynically accepted her lot as a prostitute. “I mean, I’m not a martyr,” she says. The whorehouse is not so bad: “Butch paradise, you might call it” (261)

que Moira seja como eu. Que desista, que aceite submeter-se, salve a própria pele. É nisso que se resume. Quero bravura de sua parte, valentia, heroísmo, combate individual. Algo que me falta.” (*op. cit.*, p. 219)

¹²³ “(...) empurrar Moira parece estar relacionado à maneira como ela manteve Moira como uma bússola moral e motivação ao longo de suas próprias experiências em Gilead. Ela precisa de Moira para continuar.” (tradução nossa)

¹²⁴ “Gostaria que ela acabasse com alguma coisa ousada e espetacular, um afrontoso ultraje, algo que fosse adequado para ela. Mas até onde sei, isso não aconteceu, porque nunca mais voltei a vê-la.” (*op. cit.*, 220)

(DOPP, 2004, p. 93).¹²⁵ Será que isso significa que Moira não resiste ao sistema? Não necessariamente. Nós leitores não temos acesso a seus verdadeiros sentimentos e sequer ao que houve com ela após seu encontro com Offred. O que temos acesso é a importância da personagem para a protagonista que demonstra em várias passagens pensa e se apoia na imagem de Moira, mesmo que ausente: “It makes me feel safer, that Moira is here.” (p. 60)¹²⁶ ou “I feel as if there's not much left of me; they will slip through my arms, as if I'm made of smoke, as if I'm a mirage, fading before their eyes. Don't think that way, Moira would say. Think that way and you'll make it happen.” (p. 72)¹²⁷ e ainda “Just to catch sight of a face like that is an encouragement. If I could see Moira, just see her, know she still exists.” (p. 24)¹²⁸ Offred necessita dessa figura para resistir ao regime, sendo possível vê-la como um símbolo de resistência e força. Sem Moira em sua memória e imaginação, a vida de Offred como aia seria ainda mais tortuosa. É desse modo que a personagem resiste, personificando a coragem que as outras não tem, ou perderam. Sua tentativa malsucedida de fuga, além de todas as palavras de resistência e incentivo foram essenciais para que a *Handmaid* pensasse em contestar as atrocidades de Gilead. Talvez a visão de Offred seja de fato idealizada, mas é o conforto e o empurrão que a narradora precisa: “I'm too tired to go on with this story. I'm too tired to think about where I am. Here is a different story, a better one. This is the story of what happened to Moira.” (*op. cit.*, p. 108).¹²⁹

2.5 – Ofglen: sacrifício e resistência

Ofglen era a *shopping partner* de Offred, visto que: “We aren't allowed to go there except in twos. This is supposed to be for our protection, though the notion is absurd: we are well protected already. The truth is that she is my spy, as I am hers. If either of us slips through the net because of something that happens on one of our daily walks, the other will be

¹²⁵ “Moira, talvez a representante mais dinâmica da resistência, mostra no final ter aceitado cinicamente seu destino como prostituta. ‘Quero dizer, não sou uma mártir’, diz ela. O bordel não é tão ruim: ‘Paraíso sapatão, você pode chamá-lo.’” (tradução nossa)

¹²⁶ “Faz com que eu me sinta mais segura o fato de que Moira esteja aqui.” (*op. cit.*, p. 87)

¹²⁷ “Sinto-me como se não restasse mais muito de mim; eles escorregarão por entre os meus braços, como se eu fosse feita de fumaça, como se eu fosse uma miragem, desvanecendo-me diante de seus olhos. Não pense assim, diria Moira. Fique pensando assim e você fará com que aconteça.” (*op. cit.*, p. 105)

¹²⁸ “Sinto como se não sobrasse muito de mim; eles vão escorregar pelos meus braços, como se eu fosse feito de fumaça, como se eu fosse uma miragem, desaparecendo diante de seus olhos. Não pense assim, diria Moira. Pense assim e você vai fazer acontecer. Apenas para ver um rosto como esse é um encorajamento. Se eu pudesse ver Moira, apenas vê-la, saber que ela ainda existe.” (*ibid.*)

¹²⁹ “Estou cansada demais para continuar com essa história, cansada demais para pensar sobre onde estou. Aqui vai uma história diferente, uma melhor. Esta é a história do que aconteceu com Moira.” (*op. cit.*, 157)

accountable.” (p. 18).¹³⁰ Offred identifica o verdadeiro motivo por trás de saírem em duplas: espionagem e vigilância constantes. O regime incentiva esse comportamento entre as mulheres, porque é eficiente para sua manutenção, fazendo com que sejam incapazes de confiarem umas nas outras e, portanto, se unificarem como um grupo. Se algo incomum ocorrer, ambas serão culpabilizadas e por isso inicialmente Offred não arrisca se expor na frente de Ofglen, por compreender que um simples deslize seria o fim. No entanto, Ofglen mais tarde dará indícios de sua relação com *Mayday*, mas Offred em um primeiro momento não compreenderá.¹³¹

A parceira de Offred é vista por parte da crítica como uma das figuras mais rebeldes do romance, assim como Moira: “In all three versions, the ones who do most to rebel are Moira and Ofglen” (MARX, 2018, p. 67).¹³² Na série televisiva, por exemplo, Ofglen é homossexual e quando ela e uma Martha são acusadas de envolvimento homoafetivo, são culpadas imediatamente após um homem jurar que era verdade.¹³³ Após tal evento, tem sua genitália mutilada como punição. Além de insurgente por sua sexualidade, na adaptação, Ofglen é enviada para as colônias após roubar um carro e atropelar um *Eye*, sendo admirada por todas as aias na cena devido ao seu ato de rebeldia.

Diferente da narradora, a personagem faz parte do grupo de resistência e se arrisca desde o momento em que faz uso das palavras *May day* para verificar se Ofglen era a favor da resistência. Um pouco mais tarde, tenta mais uma vez verificar a crença da personagem por meio da linguagem corporal:

We can see into each other's eyes. This is the first time I've ever seen Ofglen's eyes, directly, steadily, not aslant. Her face is oval, pink, plump but not fat, her eyes roundish.

She holds my stare in the glass, level, unwavering. Now it's hard to look away. There's a shock in this seeing; it's like seeing somebody naked, for the first time. There is risk, suddenly, in the air between us, where there was none before. Even this meeting of eyes holds danger. Though there's nobody near.

At last Ofglen speaks. "Do you think God listens," she says, "to these machines?" She is whispering: our habit at the Center.

In the past this would have been a trivial enough remark, a kind of scholarly speculation. Right now it's treason.

¹³⁰ “Não temos permissão para ir lá exceto em pares. Isso é supostamente para nossa proteção, embora a ideia seja absurda: já somos bem protegidas. A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós duas escapular da rede por causa de alguma coisa que aconteça em uma de nossas caminhadas diárias, a outra será responsável.” (*op. cit.*, p. 29)

¹³¹ Esse início de relacionamento com Ofglen foi discutido na seção sobre [a importância da voz feminina](#).

¹³² Marx refere-se ao fato de que em três adaptações feitas do romance, Ofglen é sempre caracterizada de modo semelhante.

¹³³ “The accused stand charged with gender treachery, in violation of Romans, Chapter 1, Verse 26.”

/ “And do you swear by His name the report you have submitted is the truth entirely?”/ “Yes, I do so swear.” / “Then by the name of God and His servants here on earth the accused are hereby found guilty.” (Ep. 3 “Late” – 34min)

I could scream. I could run away. I could turn from her silently, to show her I won't tolerate this kind of talk in my presence. Subversion, sedition, blasphemy, heresy, all rolled into one.

I steel myself. "No," I say. (*op. cit.*, pp. 141-142)¹³⁴

Nota-se o quanto o posicionamento corporal e o olhar podem ser relevantes em regimes autoritários. O ato de olhar diretamente nos olhos de outra pessoa pode ser visto como um ato de rebeldia. É por isso que Offred comenta sobre as características físicas da personagem pela primeira vez, pois não a havia olhado diretamente anteriormente. O olhar de Ofglen também demonstra que não há hesitação na decisão tomada e Offred sente dificuldade de desviar o olhar. Para a *Handmaid*, esse contato é chocante, porque poder olhar para a companheira é como ver sua interioridade, o seu verdadeiro ser, que Gilead busca esconder a todo custo por meio das vestimentas e fazê-las olhar para o chão. Essa intimidade é perigosa para o sistema, assim com os sussurros trocados. Portanto, Offred pode identificar imediatamente que encontrou alguém disposto a se expor e superar o medo de Gilead, incentivando-a a fazer o mesmo. Por um lado, Offred observou que ela a estava encarando e que isso não seria permitido; por outro lado, Ofglen viu uma oportunidade de tentar encontrar mais mulheres para se unir ao grupo, o que foi um grande risco e ato de coragem. Ao contestar a existência de Deus, Ofglen está à mercê da colega, caso Offred quisesse denunciá-la:

"I thought you were a true believer," Ofglen says.

"I thought you were," I say.

"You were always so stinking pious."

"So were you," I reply. I want to laugh, shout, hug her.

"You can join us," she says.

"Us?" I say. There is an us then, there's a we. I knew it.

"You didn't think I was the only one," she says.

I didn't think that. It occurs to me that she may be a spy, a plant, set to trap me; such is the soil in which we grow. But I can't believe it; hope is rising in me, like sap in a tree. Blood in a wound. We have made an opening.

I want to ask her if she's seen Moira, if anyone can find out what's happened, to Luke, to my child, my mother even, but there's not much time; too soon we're approaching the corner of the main street, the one before the first barrier. There will be too many people.

¹³⁴ “Podemos ver bem nos olhos uma da outra. Essa é a primeira vez que vi os olhos de Ofglen, de frente, firmemente, não de esguelha. O rosto dela é oval, rosado, gorducho mas não gordo, seus olhos são arredondados. Ela enfrenta o meu olhar no vidro, francamente, sem vacilar. Agora é difícil desviar o olhar. Há um choque nessa visão, é como ver uma pessoa nua, pela primeira vez. Há risco, subitamente, no ar entre nós, onde não havia nenhum antes. Mesmo esse encontro de olhos contém perigo. Embora não haja ninguém perto. Finalmente Ofglen fala.

— Você acha que Deus escuta — diz ela — estas máquinas? — Ela está sussurrando: nosso hábito no Centro. No passado esse teria sido um comentário bastante trivial, uma espécie de especulação acadêmica. Agora, neste momento, é traição. Eu poderia gritar. Eu poderia sair correndo, fugir. Poderia dar-lhe as costas, silenciosamente, para mostrar-lhe que não vou tolerar esse tipo de conversa em minha presença. Subversão, sedição, blasfêmia, heresia, tudo ao mesmo tempo. Eu me faço forte, dura como aço.

— Não — digo. (*op. cit.*, p. 201)

"Don't say a word," Ofglen warns me, though she doesn't need to. "In any way."
 "Of course I won't," I say. Who could I tell? (*op. cit.*, p. 143)¹³⁵

Na passagem acima, expressam alívio devido à dificuldade de identificar uma postura de resistência na outra. Afinal, as aias não passam de bonecas que não devem demonstrar sentimentos e são manipuladas de acordo com os interesses do regime. Nesse momento, entretanto, há uma ruptura nesse padrão de comportamento e um desejo por algo anterior: um gesto de sororidade, afeto e a sensação de que não estão sozinhas, por meio do uso da terceira pessoa do plural “*we*”. Isso desperta em Offred um sentimento adormecido, mas que sempre esteve presente: o de luta. Contudo, a cautela permanece e Ofglen pede descrição acima de tudo, por ser difícil identificar quem são inimigos, tendo em vista que algumas mulheres atuam também como opressoras.

É por isso que Ofglen, muito mais do que Offred e até mesmo Moira, é uma figura primordial de resistência à Gilead. Contudo, ao não hesitar em matar um homem do grupo de *Mayday* (acusado de estupro quando na verdade era um informante), Ofglen se denuncia. A proposta nesse evento era de que as aias o punissem até a morte, mas Ofglen toma a iniciativa na violência física para acabar com o sofrimento do indivíduo o mais rápido possível:

"This man," says *Aunt Lydia*, "has been convicted of rape." Her voice trembles with rage, and a kind of triumph. "He was once a Guardian. He has disgraced his uniform. He has abused his position of trust. His partner in viciousness has already been shot. The penalty for rape, as you know, is death. Deuteronomy 22:23-29. I might add that this crime involved two of you and took place at gunpoint. It was also brutal. I will not offend your ears with any details, except to say that one woman was pregnant and the baby died." (...)
 He says something. It comes out thick, as if his throat is bruised, his tongue huge in his mouth, but I hear it anyway. He says, "I didn't..."
 There's a surge forward, like a crowd at a rock concert in the former time, when the doors opened, that urgency coming like a wave through us. The air is bright with adrenaline, we are permitted anything and this is freedom, in my body also, I'm reeling,

¹³⁵ — Pensei que você fosse uma verdadeira crente — diz Ofglen.

— E eu pensei que você fosse — digo.

— Você era sempre tão insuportavelmente devota.

— Você também — respondo. Tenho vontade de rir, gritar, abraçá-la.

— Você pode se juntar a nós — diz ela.

— Nós? — digo. Então existem outras, existe um nós. Eu sabia.

— Você não imaginou que eu fosse a única — diz ela.

Eu não imaginei isso. Ocorre-me que ela pode ser uma espiã, uma embusteira, preparando uma armadilha para me apanhar; tal é o solo em que crescemos. Mas não consigo acreditar nisso; a esperança está aflorando em mim, como seiva numa árvore. Sangue numa ferida. Nós fizemos uma abertura. Quero perguntar a ela se viu Moira, se alguém pode descobrir o que aconteceu com Luke, com minha filha, até mesmo minha mãe, mas não há muito tempo; cedo demais estamos nos aproximando da esquina da rua principal, a que fica antes da primeira barreira. Haverá gente demais.

— Não diga uma palavra — me adverte Ofglen, embora não precise. — De maneira nenhuma.

— É claro que não — digo. A quem eu poderia contar?" (*op. cit.*, p. 202)

red spreads everywhere, but before that tide of cloth and bodies hits him Ofglen is shoving through the women in front of us, propelling herself with her elbows, left, right, and running towards him. She pushes him down, sideways, then kicks his head viciously, one, two, three times, sharp painful jabs with the foot, well aimed. Now there are sounds, gasps, a low noise like growling, yells, and the red bodies tumble forward and I can no longer see, he's obscured by arms, fists, feet. A high scream comes from somewhere, like a horse in terror. (...)

He has become an it.

Ofglen is back beside me. Her face is tight, expressionless.

"I saw what you did," I say to her. Now I'm beginning to feel again: shock, outrage, nausea. Barbarism. "Why did you do that? You! I thought you..."

"Don't look at me," she says. "They're watching."

"I don't care," I say. My voice is rising, I can't help it.

"Get control of yourself," she says. She pretends to brush me off, my arm and shoulder, bringing her face close to my ear. "Don't be stupid. He wasn't a rapist at all, he was a political. He was one of ours. I knocked him out. Put him out of his misery. Don't you know what they're doing to him?"

One of ours, I think. A Guardian. It seems impossible. (*op. cit.*, p. 237)¹³⁶

No trecho acima, *Aunt Lydia* inicia a argumentação para convencer as aias do mal causado pelo indivíduo, afirmando que há leis estabelecidas em Gilead (com base na bíblia), se referindo a Deuteronômio 22:23-29 que diz: “Se numa cidade um homem se encontrar com uma jovem prometida em casamento e se deitar com ela, levem os dois à porta daquela cidade e apedrejem-nos até a morte: a moça porque estava na cidade e não gritou por socorro, e o homem porque desonrou a mulher doutro homem. Eliminem o mal do meio de vocês.”¹³⁷ A

¹³⁶ “— Este homem — diz tia Lydia — foi condenado por estupro. — A voz dela treme de raiva, e de uma espécie de triunfo. — Um dia foi um Guardiã. Ele envergonhou seu uniforme. Abusou de seu posto de confiança. Seu parceiro de depravação já foi fuzilado. A pena para estupro, como sabem, é a morte. Deuteronômio 22:23-29. Eu poderia acrescentar que seu crime envolveu duas de vocês e foi cometido à mão armada. Também foi brutal. Não ofenderei seus ouvidos com quaisquer detalhes, exceto para dizer que uma mulher estava grávida e o bebê morreu. (...) Ele diz alguma coisa. Sai engrolado, como se a garganta estivesse machucada, a língua imensa em sua boca, mas ouço de qualquer maneira. Ele diz:

— Eu não...

Há um impulso repentino para a frente, como uma multidão em um concerto de rock do tempo anterior, quando as portas se abriam, aquela premência se avolumando e passando como uma onda através de nós. O ar está radiante de adrenalina, nos é permitido fazer qualquer coisa e isso é liberdade, em meu corpo também, estou inebriada, cambaleante, o vermelho se espalha por toda parte, mas antes que aquela maré de pano e corpos o golpeie Ofglen está abrindo caminho em meio às mulheres na nossa frente, propelindo-se com os cotovelos, à esquerda, à direita, e correndo para ele. Ela o empurra no chão, de lado, depois chuta-lhe a cabeça furiosamente, uma, duas, três vezes, golpes violentos e dolorosos com o pé, dados com boa pontaria. Agora há sons, gritos sufocados, um ruído semelhante a rosnado, bramidos, e os corpos vermelhos

saltam para frente e não posso mais ver, ele está obscurecido por braços, punhos, pés. Um grito alto e agudo vem de algum lugar, como o relinchar de um cavalo aterrorizado. (...)

Ele se tornou uma coisa. Ofglen está de volta a meu lado. Seu rosto contraído, sem expressão.

— Eu vi o que você fez — digo-lhe. Agora estou começando a sentir de novo: choque, ultraje, náusea. Barbárie.

— Por que fez aquilo? Você! Pensei que você... — Não olhe para mim — diz. — Elas estão observando.

— Não me importo — digo. Minha voz está se elevando. Não consigo

impedir.

— Trate de se controlar — ordena. Finge estar limpando minha roupa, meu braço e ombro, trazendo o rosto para perto de minha orelha. — Não seja burra. Ele não era um esturador coisa nenhuma, era um preso político. Era um dos nossos. Eu o fiz perder os sentidos. Para poupá-lo de mais sofrimento. Você não sabe o que estão fazendo com ele?

Um dos nossos, penso. Um Guardiã. Parece impossível.” (*op. cit.*, pp. 329-330)

¹³⁷ Disponível em: <https://www.bibliam.com/versiculo/deuteronomio_22_23-29/> Acesso: 1 set. 2021.

argumentação da *Aunt* é de que o castigo a ser aplicado ao homem é justificado pela Bíblia, porém, nota-se que a passagem não se refere a uma jovem solteira, mas sim prometida em casamento. Temos aqui uma deturpação do verso bíblico, uma vez que as aias não são prometidas, de modo que a passagem é adaptada para condizer com o desejado pelo regime e não com uma suposta verdade presente na Bíblia. Além do versículo religioso, *Aunt Lydia* afirma que o parceiro do *Eye* também foi assassinado, visto que era cúmplice. Como Offred mencionou anteriormente, as *Handmaids* andam em duplas para espionagem e culpabilizar ambos é uma estratégia para que nunca omitam informações sobre traidores do regime, pois mesmo se apenas um for culpado ambos serão assassinados.

Logo em seguida, o homem busca alegar sua inocência, mas não tem direito à palavra, sendo logo a seguir atacado. Offred compara a violência do ato com um concerto de rock e que é um ato de liberdade, mesmo que seja em prol da barbárie. Ofglen busca passar à frente das outras *Handmaids* a todo o custo e punir o homem. O horror retratado por Offred é intenso, demonstrando hesitação se deve agir para não ser punida, além de pontuar que as aias se tornaram tão violentas quanto o regime, especialmente Ofglen, discordando completamente da postura adotada, decidindo gritar com ela, e a aia pede cautela e controle. A revolta de Offred é infundada quando Ofglen explica que o homem era um de “nós”: tentou matá-lo o mais rápido possível para evitar uma morte ainda mais dolorosa. Esse tipo de evento é um outro mecanismo utilizado por Gilead para a manutenção do sistema com o objetivo de incentivá-las a participar da barbárie: o oprimindo se tornando o opressor, desumanizando o homem. O trecho termina com Offred mostrando certa incredulidade e surpresa: mesmo dentre as castas mais altas dos homens seria possível encontrar resistência? Isso demonstraria novamente alternativas quanto à possibilidade de uma revolução. Logo após esse evento, Ofglen é substituída, o que causa confusão a Offred, como se a parceira anterior nunca tivesse existido e por não saber sequer o verdadeiro nome da companheira:

"Has Ofglen been transferred, so soon?" I ask. But I know she hasn't. I saw her only this morning. She would have said.

"I am Ofglen," the woman says. Word perfect. And of course she is, the new one, and Ofglen, wherever she is, is no longer Ofglen. I never did know her real name. That is how you can get lost, in a sea of names. It wouldn't be easy to find her, now. (p. 238)¹³⁸

¹³⁸ “— Ofglen já foi transferida, tão cedo? — pergunto, mas sei que não foi. Eu a vi ainda esta manhã. Ela teria me contado.

— Eu sou Ofglen — diz a mulher. A resposta é impecável. Perfeita em cada palavra. E é claro que ela é, a nova, e Ofglen, onde quer que esteja, não é mais Ofglen. Nunca soube seu nome verdadeiro. É assim que você pode se perder, num mar de nomes. Não seria fácil encontrá-la, agora. (*op. cit.*, p. 333)

Os verdadeiros nomes são de suma importância para as personagens. A narradora evita usar o termo “Of...” como é o caso com Moira e Janine, mas não teve a oportunidade de dizer seu verdadeiro nome para a companheira e vice-versa. Ofglen foi substituída porque seu ato ao invés de ter sido visto como um ato de lealdade à Gilead, denunciou seu conhecimento quanto a falsidade da acusação, tentando matá-lo para poupá-lo. O ocorrido explicita a vulnerabilidade e a fragilidade de *Mayday*, mas também demonstra a grandiosidade da personagem Ofglen, que se assemelha muito à Offred em termos de racionalidade e cautela, mas está disposta a se sacrificar para um bem maior caso seja necessário.

Após o despertar do sentimento de luta inspirado por Ofglen, Offred tenta descobrir se a nova companheira também é uma figura de resistência, usando palavras semelhantes à colega:

I think maybe I should wait before attempting anything further. It's too soon to push, to probe. I should give it a week, two weeks, maybe longer, watch her carefully, listen for tones in her voice, unguarded words, the way Ofglen listened to me. Now that Ofglen is gone I am alert again, my sluggishness has fallen away, my body is no longer for pleasure only but senses its jeopardy. I should not be rash, I should not take unnecessary risks. But I need to know. I hold back until we're past the final checkpoint and there are only blocks to go, but then I can no longer control myself. “I didn't know Ofglen very well,” I say. “I mean the former one.” “Oh?” she says. The fact that she's said anything, however guarded, encourages me. “I've only known her since May,” I say. I can feel my skin growing hot, my heart speeding up. This is tricky. For one thing, it's a lie. And how do I get from there to the next vital word? “Around the first of May I think it was. What they used to call May Day.” “Did they?” she says, light, indifferent, menacing. “That isn't a term I remember. I'm surprised you do. You ought to make an effort...” She pauses. “To clear your mind of such...” She pauses again. “Echoes.” Now I feel cold, seeping over my skin like water. What she is doing is warning me. She isn't one of us. But she knows.” (*op. cit.*, p. 240)¹³⁹

Na passagem acima, Offred oscila novamente devido ao seu forte instinto de sobrevivência e racionalidade. A jovem busca na linguagem corporal e voz encontrar algum tipo de brecha (é por meio de um olhar ou postura que é possível encontrar um meio de comunicação), e

¹³⁹ Penso que talvez deva esperar antes de tentar qualquer outra coisa além disso. É cedo demais para fazer pressão, para sondar. Deveria deixar passar uma semana, talvez mais, observá-la cuidadosamente, procurar ouvir os tons em sua voz, palavras irrefletidas, da maneira como Ofglen me ouviu. Agora que Ofglen se foi estou alerta de novo, minha preguiça me abandonou, meu corpo não é mais apenas para o prazer, também tem a percepção do perigo que corre. Eu não deveria ser precipitada, não deveria correr riscos desnecessários. Mas preciso saber. Consigo ficar calada até depois de termos passado pelo último posto de controle e faltarem apenas alguns quarteirões, mas então não consigo me controlar mais. — Não conhecia Ofglen muito bem — digo. — Quero dizer a antiga. — Ah? — diz ela. O fato de ela ter dito qualquer coisa, por mais que tenha sido cautelosa, me encoraja. — Só a conheci desde maio — digo. Posso sentir minha pele ficando acalorada, meu coração se acelerando. Isso é perigoso. Para começar, é uma mentira. E como passar para a próxima palavra vital? — Por volta de primeiro de maio, acho que foi isso. O dia que costumavam chamar de dia de maio, *May day*. — Costumavam? — diz ela, o tom leve, indiferente, ameaçador. — Esse não é um termo de que eu me lembre. Estou surpreendida que você se lembre. Deveria fazer um esforço... — Ela faz uma pausa. — Para livrar sua mente desses... — Ela faz mais uma pausa. — Ecos. Agora sinto frio infiltrando-se sobre minha pele como água. O que ela está fazendo é me advertir. Não é uma de nós. Mas sabe.” (*op. cit.*, pp. 334-335)

menciona que após a ausência de Ofglen, se tornou alerta novamente, ponderando novamente entre o agir e o não agir, mas dessa vez, cria coragem para tentar por meio da linguagem: “I've only known her since May” e “What they used to call May Day.” As duas frases se referem à rede de resistência *Mayday*. Porém, a *Handmaid* interrompe Offred e avisa para que evite tais “ecos”, o que significa que a nova companheira está ciente, mas não deseja fazer parte do grupo.

Ademais, a esperança inicial é substituída pelo terror e ao verem mais pessoas enforcadas na *The Wall*, a nova Ofglen deixa claro que é necessário ter cautela para não serem mortas: “‘Let that be a reminder to us,’ says the new Ofglen finally.” (p. 239) Isso não quer dizer que seja contra a resistência, mas demonstra que o medo é o verdadeiro inimigo dessas mulheres que veem todos os dias pessoas que resistem serem enforcadas por meio de uma violência indescritível, justificando então o seu comentário sobre “ecos”.

Assim como a nova Ofglen teme por meio de um discurso cauteloso de aviso, os pensamentos de Offred denunciam suas inseguranças, fraquezas e elucidam novamente a complexidade da personagem:

I walk the last blocks in terror. I've been stupid, again. More than stupid. It hasn't occurred to me before, but now I see: if Ofglen's been caught, Ofglen may talk, about me among others. She will talk. She won't be able to help it. But I haven't done anything, I tell myself, not really. All I did was know. All I did was not tell. They know where my child is. What if they bring her, threaten something to her, in front of me? Or do it. I can't bear to think what they might do. Or Luke, what if they have Luke. Or my mother or Moira or almost anyone. Dear God, don't make me choose. I would not be able to stand it, I know that; Moira was right about me. I'll say anything they like, I'll incriminate anyone. It's true, the first scream, whimper even, and I'll turn to jelly, I'll confess to any crime, I'll end up hanging from a hook on the Wall. Keep your head down, I used to tell myself, and see it through. It's no use. (*op. cit.*, p. 240)¹⁴⁰

A jovem sabe que se for capturada não poderá resistir às torturas e falará tudo o que souber. A sua prioridade é a filha e procura se sabotar ao dizer: “Moira was right about me.”, o que é uma evidência de que a amiga criticou a postura complacente de Offred anteriormente. Não obstante, é preciso se colocar no lugar da aia, temerosa não apenas por sua vida, mas pela de sua família, expondo mais uma vez suas fragilidades e profundidade. Offred acredita que o mesmo deve

¹⁴⁰ “Percorro os últimos quarteirões dominada pelo terror. Fui burra, de novo. Mais do que burra. Não havia me ocorrido antes, mas agora vejo: se Ofglen foi capturada, Ofglen pode falar, a respeito de mim dentre outras. Ela vai falar. Não será capaz de deixar de falar. Mas eu não fiz nada, digo a mim mesma, não realmente. Tudo que fiz foi saber. Tudo que fiz foi não contar. Eles sabem onde está minha filha. E se a trouxerem, ameaçarem fazer alguma coisa com ela na minha frente? Ou se fizerem. Não suporto nem pensar no que poderiam fazer. Ou com Luke, e se estiverem com Luke. Ou com minha mãe ou Moira ou quase qualquer outra pessoa. Meu Deus, não me faça escolher. Não seria capaz de suportar isso; Moira estava certa a meu respeito. Eu direi qualquer coisa que quiserem, incriminarei qualquer pessoa. É verdade, o primeiro grito, até mesmo soluço, e me transformarei em gelatina, confessarei qualquer crime, acabarei pendurada num gancho no Muro. Passe despercebida, não se faça notar, costumava dizer a mim mesma, e leve isso até o fim. Não adianta nada.” (*op. cit.*, p. 335)

estar acontecendo com Ofglen naquele momento (sendo torturada para confessar), mas então a nova parceira diz: “Then she does an odd thing. She leans forward, so that the stiff white blinkers on our heads are almost touching, so that I can see her pale beige eyes up close, the delicate web of lines across her cheeks, and whispers, very quickly, her voice faint as dry leaves. ‘She hanged herself,’ she says. ‘After the Salvaging. She saw the van coming for her. It was better.’ (pp. 240-241)¹⁴¹. A postura corporal da nova parceira muda e ela recorre ao sussurro, um indício de insubordinação mencionado anteriormente por Offred visto que era o meio de comunicação das aias no *Red Centre*. O objetivo desse ato é para trazer alívio a Offred de que Ofglen optou pelo suicídio exatamente para evitar a tortura e confessar tudo o que sabia. É relevante destacar que a nova Ofglen é bem-informada, o que indica um certo grau de insubordinação por além de deter a informação, opinar que o suicídio fora a melhor saída, compartilhando a informação para oferecer um consolo à aterrorizada Offred. Esse seria um primeiro passo para a transformação de Offred: obter informação sobre o que acontece em Gilead, fortalecendo suas conexões.

Por meio do suicídio, Ofglen se liberta de Gilead, além de evitar a tortura e a traição ao grupo *Mayday*: “She is linked to Mayday, but finally she finds freedom in hanging herself. Suicide becomes a personal and a form of freedom when all aspects of living, be it thinking and doing, are dictated by the ruling power. Ofglen sees this as a freedom to choose, to decide her death and to be freed from being a legal prostitute and exploited.” (SEPTIAWATI, 2014, p. 8)¹⁴² Na visão da crítica, o suicídio é um posicionamento político de recusa a trair o grupo e novo ato de coragem contra o sistema opressivo de Gilead. Marx (2018) também compartilha da mesma visão sobre Ofglen:

Ofglen commits the mercy killing of the captured person from Mayday in the novel and the film (p. 280; 1h16), and also hangs herself (p. 285). In the TV series, she steals a car and runs over a Guardian twice, killing him (E05). All these acts of violence are acts of resistance, which not only impact the person in that moment, but also all of the *Handmaids* as a reminder of the regime, and the possibilities of refusing to participate in it. (p. 65)¹⁴³

¹⁴¹ “Então ela faz uma coisa estranha. Se inclina para frente, de modo que os duros antolhos em nossas cabeças estejam quase se tocando, de modo que eu possa ver seus olhos claros de cor bege bem de perto, a delicada teia de rugas nas maçãs do rosto, e sussurra, muito rapidamente, a voz tênue como folhas secas.

— Ela se enforcou — diz. — Depois do Salvamento. Viu a camionete vindo para buscá-la. Foi melhor. (*op. cit.*, p. 335)

¹⁴² Ela está ligada ao Mayday, mas finalmente ela encontra liberdade ao se enforcar. O suicídio torna-se uma forma pessoal de liberdade quando todos os aspectos da vida, seja pensar e agir, são ditados pelo poder dominante. Ofglen vê isso como uma liberdade de escolha, de decidir sua morte e de ser libertada de ser uma prostituta legal e explorada.” (tradução nossa)

¹⁴³ “Ofglen comete o assassinato misericordioso da pessoa capturada de Mayday no romance e no filme (p. 280; 1h16), e também se enforca (p. 285). Na série, ela rouba um carro e atropela um Guardiã duas vezes, matando-o (E05). Todos esses atos de violência são atos de resistência, que impactam não apenas a pessoa naquele momento,

Portanto, Ofglen resiste por meio da violência em todas as adaptações, evidenciando a possibilidade de ser contra o sistema e causar impacto negativo para Gilead concomitantemente. No entanto, para Dopp (2004), o ato de Ofglen não tem um impacto relevante para Offred, que não muda sua atitude conivente e passa uma imagem de que não há esperança para as mulheres:

Ofglen distinguishes herself with two acts of courage: the mercy killing of the “rapist” and her own suicide to protect her comrades. Her courage, however, is devalued by the *Handmaid*’s reactions to it. The news of Ofglen’s sacrifice does not generate anger or sympathy in the *Handmaid*. Instead she feels “thankful” (298). For the *Handmaid*, Ofglen’s courage only highlights the risks of action, and thus contributes to her own abjection. The result, for me as a reader, is to increase my feeling of hopelessness: if Ofglen’s sacrifice cannot inspire the least resolve in the *Handmaid*—the Everywoman of *The Handmaid’s Tale*—then her sacrifice seems to be without value, to be even, perhaps, an act of madness. (DOPP, 2004, p. 93)¹⁴⁴

Com base na análise do que foi visto anteriormente, é possível discordar da afirmação de Dopp, afinal, Ofglen é uma personagem essencial para o enredo porque, por um lado, representa mulheres que resistem diretamente, mas que, por outro lado, são as mais vulneráveis à violência de Gilead. Se não fosse a existência da personagem no enredo, é provável que Offred continuasse em uma zona de conforto e de passividade autocomplacente dizendo que não era forte o suficiente para buscar a mudança. Como foi analisado por meio das citações do romance, Offred oscila, mas é graças a Ofglen que pode tomar o primeiro passo para a mudança, aprendendo sobre *Mayday* e como é possível resistir, não denunciando os companheiros nem indo contra seus ideais. O ato de Ofglen tem valor e não é loucura, mas a autora procurou explorar um outro tipo de personagem em contraste à Ofglen, Moira ou a mãe da protagonista. Offred é complexa, e pode ser vista como uma representante de um grupo de mulheres que buscam sobreviver acima de tudo, mas resistem por meio de seus pensamentos e palavras. Portanto, Ofglen é retratada de modo semelhante a Moira, uma importante figura de resistência e força para Offred que a incentiva a continuar sobrevivendo e nunca se submeter à barbárie.

mas também todas as aias como uma lembrança do regime e das possibilidades de se recusar a participar dele.” (tradução nossa)

¹⁴⁴ “Ofglen se distingue com dois atos de coragem: o assassinato misericordioso do “estuprador” e seu próprio suicídio para proteger seus companheiros. Sua coragem, no entanto, é desvalorizada pelas reações da Aia a isso. A notícia do sacrifício de Ofglen não gera raiva ou simpatia na Aia. Em vez disso, ela se sente “agradecida” (298). Para a Aia, a coragem de Ofglen apenas destaca os riscos da ação e, assim, contribui para sua própria abjeção. O resultado, para mim como leitor, é aumentar meu sentimento de desesperança: se o sacrifício de Ofglen não pode inspirar a menor determinação na Aia - a Mulher comum de *The Handmaid's Tale* - então seu sacrifício parece não ter valor, até mesmo, talvez, um ato de loucura.” (tradução nossa)

2.6 – Janine: sobrevivência e aceitação

Uma terceira personagem de destaque é Janine (Ofwarren) e Offred conta que a conheceu no *Red Center* onde foram treinadas para se tornarem *Handmaids*. Offred desgosta dela, porque a seus olhos é completamente submissa e dedo-duro, sendo próxima da *Aunt Lydia*: “As I pass she looks full at me, into my eyes, and I know who she is. She was at the Red Center with me, one of *Aunt Lydia*'s pets. I never liked her.” (*op. cit.*, p. 26)¹⁴⁵ Para ela, Janine seguia o que as *Aunts* mandavam e isso é visto como algo negativo. Contudo, Janine busca obedecer às regras por evitar punições, e mesmo se esforçando ao máximo para cumprir seu papel em Gilead, as atitudes e a saúde mental de Janine evidenciam que não há *Handmaids* que obedecem Gilead porque acreditam na ideologia do sistema, mas por ser a única maneira de permanecerem vivas. Offred não compreende Janine, que relata ter sofrido atrocidades antes de Gilead e, portanto, tem uma postura diferente de todas as outras personagens femininas apresentadas. Na visão de Sinara Branco e Nathallie Rêgo (2019): “Janine aparece no romance como uma pessoa submissa e como uma *true believer*, que na série surge apenas após uma série de acontecimentos violentos sofridos pela personagem” (p. 38).¹⁴⁶ Contudo, essa interpretação está equivocada, pois no romance Janine desde o início havia sido violentada, não sendo exclusivo da adaptação televisiva. Os leitores descobrem essa informação no evento *Testifying* onde as aias precisam confessar seus pecados do passado:

It's Janine, telling about how she was gang-raped at fourteen and had an abortion. She told the same story last week. She seemed almost proud of it, while she was telling. It may not even be true. At *Testifying*, it's safer to make things up than to say you have nothing to reveal. But since it's Janine, it's probably more or less true.
 But whose fault was it? Aunt Helena says, holding up one plump finger.
 Her fault, her fault, her fault, we chant in unison.
 Who led them on? Aunt Helena beams, pleased with us.
 She did. She did. She did.
 Why did God allow such a terrible thing to happen?
 Teach her a lesson. Teach her a lesson. Teach her a lesson.
 Last week, Janine burst into tears. Aunt Helena made her kneel at the front of the classroom, hands behind her back, where we could all see her, her red face and dripping nose. Her hair dull blond, her eyelashes so light they seemed not there, the lost eyelashes of someone who's been in a fire. Burned eyes. She looked disgusting: weak, squirmy, blotchy, pink, like a newborn mouse. None of us wanted to look like that, ever. For a moment, even though we knew what was being done to her, we despised her.

¹⁴⁵ “Enquanto passo ela me encara abertamente, olhos nos olhos, e sei quem ela é. Esteve no Centro Vermelho comigo, era uma das queridinhas de tia Lydia. Jamais gostei dela.” (*op. cit.*, p. 37)

¹⁴⁶ BRANCO, Sinara de Oliveira; RÊGO, Nathallie Lima do. *The Handmaid's tale: análise da representação imagética e construção de personagem sob o olhar da tradução intersemiótica*. LETRAS EM REVISTA, [S.l.], v. 9, n. 2, jul. 2019. ISSN 2318-1788. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/63>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

Crybaby. Crybaby. Crybaby.
 We meant it, which is the bad part.
 I used to think well of myself. I didn't then.
 That was last week. This week Janine doesn't wait for us to jeer at her. It was my fault, she says. It was my own fault. I led them on. I deserved the pain.
 Very good, Janine, says *Aunt Lydia*. You are an example. (pp. 60-61)¹⁴⁷

No relato acima, Offred diz que Janine repetiu a mesma história sobre o estupro e faz o seguinte juízo de valor: “She seemed almost proud of it (...)”, não refletindo sobre o impacto do trauma na vida da colega. Provavelmente Janine nunca pode lidar com o que houve e ter a oportunidade de compartilhar com essas mulheres poderia ser uma maneira de se sentir melhor com o que aconteceu. Offred também afirma que a maioria das mulheres inventa os eventos do *Testifying*, mas acredita na veracidade no relato da jovem. *Aunt Lydia* faz perguntas retóricas de modo a culpabilizar Janine e o eco de vozes das aias intensificam o poder da violência protagonizada por mulheres. Janine é levada a acreditar que tudo foi sua culpa por meio de uma cruel tortura psicológica. Na semana anterior, a narradora diz que ao chorar Janine teve que se ajoelhar. A humilhação e, acima de tudo, o sofrimento foram visíveis por meio da descrição física: olhos apagados, com uma aparência nojenta, fraca, contorcida, manchada, rosa como um filhote de rato. Na descrição feita por Offred não há a mínima demonstração de compaixão por aquela vítima, além de mostrar os efeitos da barbárie introjetada nessas mulheres. Offred sentirá culpa e vergonha apenas momentos depois do relato e isso fornece indícios de que o treinamento no *Red Centre* busca também desumanizar essas mulheres para que sejam incapazes de sentir compaixão entre si por meio da prática de opressão. É por isso que, de acordo com o relato acima, todas as colegas aceitam o discurso e são igualmente hostis. Quando fala sobre Janine, Offred mostra aos leitores um lado frio e igualmente opressor ao das *Aunts* e *Wives*, mas por

¹⁴⁷ “É Janine, contando como foi currada por uma gangue aos catorze anos e fez um aborto. Ela contou a mesma história na semana passada. Parecia quase orgulhosa do ocorrido, enquanto o relatava. É possível que nem sequer seja verdade. Durante o Testemunho é mais seguro inventar coisas do que dizer que você não tem nada a revelar. Mas uma vez que é Janine, é provavelmente mais ou menos verdade. Mas de quem foi a culpa?, diz tia Helena, levantando um dedo roliço. Dela, foi dela, foi dela, foi dela, entoamos em uníssono. Quem os seduziu? Tia Helena sorri radiante, satisfeita conosco. Ela seduziu. Ela seduziu. Ela seduziu. Por que Deus permitiu que uma coisa tão terrível acontecesse? Para lhe ensinar uma lição. Para lhe ensinar uma lição. Para lhe ensinar uma lição.

Na semana passada, Janine explodiu em lágrimas. Tia Helena a fez se ajoelhar na frente da turma, com as mãos atrás das costas, onde todas podíamos vê-la, o rosto vermelho e o nariz pingando. O cabelo de um louro opaco, os cílios tão claros que pareciam não estar lá, os cílios perdidos de alguém que esteve num incêndio. Olhos queimados. Ela tinha uma aparência repugnante: fraca, se retorcendo toda agitada, manchada, avermelhada, rosada como um camundongo recém-nascido. Nenhuma de nós queria ter aquela aparência nunca. Por um momento, apesar de sabermos o que estava sendo feito com ela, nós a desprezávamos. Bebê chorão. Bebê chorão. Bebê chorão. E falávamos sério, sinceramente, o que é o pior.

Eu costumava me ter em boa conta. Não me tinha naquele momento. Aquilo foi na semana passada. Nesta semana Janine não espera que comecemos com as zombarias. Foi minha culpa, diz ela. Foi minha própria culpa. Eu os incitei, os seduzi. Mereci o sofrimento.

Muito bem Janine, diz tia Lydia. Você é um exemplo.” (*op. cit.*, pp. 88-89)

vezes oscila, buscando refrear tais pensamentos, mas nem sempre consegue, sendo incapaz de enxergar além de sua classe e orientação sexual.

Tendo isso em vista, diferentemente do que afirmam Branco e Rêgo (2019), está além de uma mera necessidade: “as Aias são obrigadas a concordar” (p. 41), mas sim algo muito mais complexo: de se reconhecer a existência de um lado sombrio delas cujo sentimento de desprezo sobre Janine é genuíno, que não encontra sororidade entre as colegas. Novamente vemos uma opressão entre mulheres e sabe-se que dificilmente Gilead se sustentaria caso não houvesse esse patriarcado introjetado. A proposta é propagar o discurso de ódio para que relatos como o feito por Offred, chamando Janine de “nojenta”, sejam comuns e, assim, atuem para distanciar as mulheres. A narradora por vezes luta contra essa introjeção, mas ao analisar seu discurso notam-se resquícios e cada vez mais pensamentos sombrios e de julgamento sobre outras mulheres.

Não obstante, é preciso compreender que mulheres são condicionadas a pensar de tal modo. Dados indicam que em um a cada três casos de estupro as mulheres são culpabilizadas, sofrendo pressão psicológica para afirmarem que de algum modo foram responsáveis pelo crime ter ocorrido.¹⁴⁸ Além disso, no contexto brasileiro, a cada onze minutos uma mulher é estuprada no país, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) com estudo publicado em 2015. A frequência com que isso ocorre acaba sendo normalizada por muitas pessoas, não sendo dada a devida importância e reflexão sobre as consequências físicas e psicológicas com as quais uma mulher que sofreu abuso deve lidar. Janine não pode sequer chorar porque quando o faz, é humilhada, devendo permanecer impassível diante da barbárie sofrida quando era apenas uma adolescente.

Uma vez em Gilead, Janine busca aceitação a qualquer custo “The female is continually obliged to seek survival or advancement through the approval of males as those who hold power. She may do this either through appeasement or through the exchange of her sexuality for support and status.” (Millet, 2000, p. 54).¹⁴⁹ No caso da personagem em questão, busca ser aceita por figuras de poder, porém, para que seja aceita, deve engravidar e ter filhos, mas essa é uma experiência que trouxe sofrimento anteriormente. As *Handmaids* são consideradas úteis apenas quando conseguem ter filhos, mas Janine falhou duas vezes, estando novamente em uma situação de fragilidade, humilhação e perigo:

¹⁴⁸ Fonte: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-vitima-em-casos-de-estupro-diz-datafolha.html>>. Acesso: 15 mar. 2021.

¹⁴⁹ MILLET, Kate. *Sexual Politics*. Chicago: University and Illinois Press, 2000.

It was no good, you know," Ofglen says near the side of my head. "It was a shredder after all." She means Janine's baby, the baby that passed through Janine on its way to somewhere else. The baby Angela. It was wrong, to name her too soon. I feel an illness, in the pit of my stomach. Not an illness, an emptiness. I don't want to know what was wrong with it. "My God," I say. To go through all that, for nothing. Worse than nothing. "It's her second," Ofglen says. "Not counting her own, before. She had an eighth-month miscarriage, didn't you know? We watch as Janine enters the roped-off enclosure, in her veil of untouchability, of bad luck. She sees me, she must see me, but she looks right through me. No smile of triumph this time. She turns, kneels, and all I can see now is her back and the thin bowed shoulders. (*op. cit.*, p. 10)¹⁵⁰

No trecho citado, nota-se um incômodo no que foi narrado. Acredita que foi um erro ter dado nome ao bebê tão cedo, e usam o termo “*shredder*” desumanizando o ato como se o que nasceu não fora um ser humano, mas um monstro. Para Gilead, abortos são aberrações e, como Offred é mãe, por um lado sente compaixão por Janine devido à dor de perder um filho, acrescentando ao relato que Janine é azarada e que a postura corporal da jovem novamente diminuiu, como se anteriormente se sentira mais confiante e viva, mas uma vez que falhara, demonstra novamente todos seus medos e inseguranças, sem garantias de salvação. Por outro lado, mais uma vez Offred julga Janine, “[n]o smile of triumph this time”, como se Janine se sentisse superior às outras por ter conseguido engravidar. Muito além disso, a jovem busca aprovação e sobrevivência, pois as aias não têm muita escolha: se falharem duas vezes, serão enviadas para as Colônias.

Offred afirma que Ofwarren foi presunçosa durante a gravidez, o único momento em que as *aias* podem desfrutar de algum tipo de conforto, afirmando também que é o terceiro aborto sofrido. A forma como a construção narrativa nos traz os fatos dá indícios de que Offred tem pouca empatia em relação às dores da conhecida, demonstrando um antagonismo e falta de solidariedade, algo que o regime incita a todo momento entre as mulheres, destruindo laços e vínculos. Podemos supor que Offred tem uma visão limitada da personagem, pois tinha uma vida confortável no passado. Essa segurança ocorre em partes porque Offred é uma mulher heterossexual, branca e de classe média e, portanto, talvez não compreenda os problemas e angústias de mulheres cujas condições são distintas da sua, seja em raça, sexualidade ou classe

¹⁵⁰ “— Não serviu para nada, sabe — diz Ofglen perto do lado de minha cabeça. — Era uma retalhadora, afinal. Ela está se referindo ao bebê de Janine, o bebê que veio ao mundo através de Janine a caminho de algum outro lugar. O bebê Angela. Foi um erro dar-lhe um nome tão cedo. Sinto uma indisposição, lá dentro de meu estômago. Não uma indisposição, um vazio. Não sei o que há de errado comigo.

— Meu Deus — digo. Ter passado por tudo aquilo para nada. Pior que nada.

— É o segundo que ela tem — diz Ofglen. — Sem contar o do tempo de antes. Ela teve um aborto aos oito meses, você não sabia?

Observamos enquanto Janine entra no cercado demarcado pela corda, com seu véu de intocabilidade, de má sorte. Ela me vê, tem que me ver, mas olha através de mim, como se eu não estivesse ali. Não há sorriso de triunfo desta vez. Ela se vira, se ajoelha e tudo que posso ver são suas costas e os ombros magros encurvados.” (*op. cit.*, p. 255)

social. O mesmo pode ser visto no caso de Moira, cujos motivos de embate estão relacionados com a orientação sexual:

What would she tell me, about the Commander, if she were here? Probably she'd disapprove. She disapproved of Luke, back then. Not of Luke but of the fact that he was married. She said I was poaching, on another woman's ground. I said Luke wasn't a fish or a piece of dirt either, he was a human being and could make his own decisions. She said I was rationalizing. I said I was in love. She said that was no excuse. Moira was always more logical than I am.

I said she didn't have that problem herself anymore, since she'd decided to prefer women, and as far as I could see she had no scruples about stealing them or borrowing them when she felt like it. She said it was different, because the balance of power was equal between women so sex was an even-steven transaction. I said "even Steven" was a sexist phrase, if she was going to be like that, and anyway that argument was outdated. She said I had trivialized the issue and if I thought it was outdated I was living with my head in the sand. (*op. cit.*, p. 144)¹⁵¹

No trecho acima, Offred compara seu relacionamento extraconjugal com o relacionamento de Moira entre mulheres. Como a amiga pontua, existe uma igualdade entre mulheres que não há em um relacionamento heterossexual e, por isso, tal comparação não faz sentido. A narradora busca usar o termo sexista para se referir à expressão utilizada pela amiga, mas Moira afirma que Offred trivializou o assunto e que, se achava que a discussão estava ultrapassada, é porque ela estava vivendo em outra realidade. Sendo assim, na passagem acima, e como demonstra em relação a Janine, Offred tem certo caráter conservador e isso interfere nas suas leituras e interpretações, tendo dificuldade de entender um importante conceito chamado de feminismo interseccional, que consiste em reconhecer as diversas conjunturas da dominação de gênero: “Although gender dominance is ubiquitous, in sum, it takes different forms at different junctures and sites, and its character varies for differently situated women. Its shape cannot be read off from one site or one group and extrapolated to all the rest.” (FRASER, 1990, p. 159)¹⁵² Sendo assim, Offred não demonstra consciência sob a visão de

¹⁵¹ “O que me diria ela, sobre o Comandante, se estivesse aqui? Provavelmente desaprovava. Ela desaprovava Luke, em tempos passados. Não Luke, mas o fato de que ele fosse casado. Dizia que eu estava invadindo, para roubar a caça, a propriedade de outra mulher. Eu dizia que Luke não era um peixe nem um pedaço de terra, tampouco, que era um ser humano e podia tomar suas próprias decisões. Ela dizia que eu estava racionalizando. Eu dizia que estava apaixonada. Ela dizia que isso não era desculpa. Moira sempre foi mais lógica do que sou. Eu disse que ela própria não tinha mais aquele problema, desde que decidira que preferia mulheres e, até onde eu podia ver, não tinha quaisquer escrúpulos quanto a roubá-las ou pegá-las emprestado quando tinha vontade. Ela disse que isso era diferente, porque o equilíbrio de poderes era igual entre mulheres, de modo que sexo era uma transação entre partes meeiras. Eu disse que “partes meeiras” era uma expressão machista, se era assim que ela ia ser, e de qualquer maneira aquele argumento estava ultrapassado. Ela disse que eu banalizava a questão e que se pensava que estava ultrapassada, estava vivendo com a cabeça enfiada na areia.” (*op. cit.*, p. 205)

¹⁵² “Embora a dominância de gênero seja onipresente, em suma, ela assume diferentes formas em diferentes conjunturas e locais, e seu caráter varia para mulheres em situações diferentes. Sua forma não pode ser lida de um site ou de um grupo e extrapolada para todo o resto.” (tradução nossa) BENHABIB, S; BUTLER, J; CORNELL, D; FRASER, N. *Feminist Contentions: A Philosophical Exchange*. Routledge, 1994.

interseccionalidade, cuja ideia central é compreender que, apesar da dominância de gênero ser uma realidade para todas, ela se manifesta em diferentes graus e formas a depender da cor, da condição econômica ou da orientação sexual.

Com base em tais questões, talvez para Janine, desiludida e tendo sido abandonada por ambas as sociedades, não existe um mundo realmente seguro e bom, seja Gilead, seja o anterior. Assim como o romance busca demonstrar (mesmo com as interferências de Offred como narradora e seu desgosto por Janine), a adaptação televisiva mostra uma interpretação semelhante de Janine, mas adiciona uma camada a mais para a personagem. É relevante fazer o paralelo com série televisiva no caso dessa personagem por ser mais bem desenvolvida e ter um papel de maior destaque, além de termos acesso a suas atitudes sem apenas termos acesso unicamente ao ponto de vista de Offred.

Logo no início da série, Janine tem um de seus olhos mutilado por ter dito “F*ck you” para *Aunt Lydia* quando estavam em treinamento no *Red Centre*. Ainda sobre a adaptação, Janine consegue dar um filho para os Warren, mas pega o bebê e foge quando percebe que o *Commander* não a ama e apenas a usou. Offred convence Ofglen a desistir do suicídio, mas a última acaba sendo levada para as Colônias. A adaptação televisiva retrata Janine como uma jovem inocente e rebelde que é castigada inúmeras vezes, optando então por se alinear do mundo exterior para manter o que pouco resta de sua sanidade: “If you think June's situation in *The Handmaid's Tale* is bad, imagine being in Janine's shoes. The former waitress was ripped away from her son, had her eye taken out, gave birth to a daughter, and was sexually manipulated by her commander — and that was just in Season 1.”¹⁵³

Portanto, somos apresentados a uma personagem com a saúde mental fragilizada desde o início. Com a chegada do regime, ela busca encontrar um lugar para pertencer, mas não o encontra, e diferente de Offred, Moira e Ofglen, não tem apoio ou sabe o que fazer, apenas busca agradar aos que tem poder para amenizar o sofrimento do abuso sexual e do aborto: “Durante a leitura do livro e a observação da série, tivemos acesso a fatores que marcaram a vida de Janine, contribuindo para a sua insanidade, desde sua adolescência – quando foi estuprada – até o momento da tentativa de suicídio. A captura para se tornar Aia trouxe à tona, de certa forma, os conflitos pessoais mais obscuros que fizeram parte de sua vida.” (Branco e

¹⁵³ “Se você acha que a situação de June em *The Handmaid's Tale* é ruim, imagine estar no lugar de Janine. A ex-garçonete foi arrancada de seu filho, teve seu olho arrancado, deu à luz uma filha e foi sexualmente manipulada por seu comandante – e isso foi apenas na primeira temporada.” (tradução nossa) SPELLBERG, Claire. Janine From 'The Handmaid's Tale' Vs. IRL Looks Totally Different & I'm Here For It. Disponível em <<https://www.elitedaily.com/p/janine-from-the-handmaids-tale-vs-irl-looks-totally-different-im-here-for-it-9610688>> Acesso: 22 mar. 21.

Rêgo, 2019, p. 44). Assim como os autores citados, é possível ter uma visão de que Janine resiste aos abusos psicológicos e físicos sofridos: “She thought all Janine's sniveling and repentance meant something, she thought Janine had been broken, she thought Janine was a true believer. But by that time Janine was like a puppy that's been kicked too often, by too many people, at random: she'd roll over for anyone, she'd tell anything, just for a moment of approbation.” (*op. cit.*, p. 111)¹⁵⁴ Offred salienta que Janine é como um filhote de cachorro que foi chutado muitas vezes em diversas situações e que está disposta a fazer o que for preciso para receber aprovação. É por isso que a discussão de Janine é muito mais complexa do que um mero questionamento sobre a fidelidade da jovem ao regime, não sendo possível afirmar que Janine era conivente com Gilead, visto que foi uma das que mais sofreu com o regime e, apesar de não ser como Moira e Ofglen e não termos acesso ao seu grau de consciência diante do governo totalitário de Gilead, podemos afirmar que busca se adaptar e ser reconhecida como um ser humano, mesmo que raramente tenha sido tratada como tal.

2.7 – *Serena Joy e Aunt Lydia: a prisioneira puritana e a opressora*

Serena Joy é vista como uma das antagonistas do romance. Para grande parte da crítica, não passa de uma mulher opressora crente no sistema. De fato, Serena faz uma escolha de classe ao se tornar *Wife*, defendendo a estrutura conservadora e fortalecendo o sistema vigente. No entanto, devemos apontar o que Vanessa Forte (2020) diz: “A personagem demonstra ações complexas diante da situação que ajudou a construir, pois, acreditava que, com a criação de Gilead, poderia alcançar seus desejos.” (p. 3)¹⁵⁵ Esse apontamento pode ser visto especialmente na adaptação televisiva, onde a personagem é profundamente explorada, mas também ocorre no romance, afinal, todas as mulheres perderam seus direitos e o que a mantém viva é o objetivo de ter filhos. Contudo, Serena não passa de uma prisioneira privilegiada:

Porém, quando o regime foi institucionalizado tornou-se coadjuvante, teve que abandonar a liberdade e a fama para ter uma vida limitada a atividades domésticas como tricô e jardinagem. Por ser uma mulher mais velha, não podia gerar filhos tendo que receber em sua casa uma Aia que tentaria engravidar do seu marido. Durante a obra, a única motivação de vida da personagem era o desejo de ser mãe, embora tenha

¹⁵⁴ “Ela achava que toda a choradeira e o arrependimento de Janine significavam alguma coisa, acreditava que Janine tinha sido subjugada, acreditava que Janine fosse uma verdadeira crente. Mas, àquela altura, Janine havia se tornado como um cachorrinho que foi chutado e castigado com demasiada frequência, por gente demais, ao acaso: ela se deitaria de barriga para cima para qualquer pessoa, diria qualquer coisa, só por um momento de aprovação.” (*op. cit.*, p. 157)

¹⁵⁵ FORTE, Vanessa; MARTINS, Allysson. “O Lugar de uma Mulher” por Serena Joy: Representações da “Traidora de Gênero” na Série *O Conto da Aia*.

perdido sua liberdade, está tão ajustada dentro do sistema que não reage e acredita que o regime está correto. (SILVA, 2018, p. 41)¹⁵⁶

Alane Silva (2018) afirma que Serena Joy não reage, mas isso não é inteiramente verdade. Serena quebra algumas regras de Gilead, sendo uma delas fumar: “She had a cigarette, and she put it between her lips and gripped it there while she lit it (...) The cigarettes must have come from the black market, I thought, and this gave me hope.” (*op. cit.*, p. 14)¹⁵⁷ O ato traz esperança para Offred porque indica que existem graus de insatisfação em relação a Gilead e por isso a existência de um mercado negro. Ademais, Serena sugere para Offred ter relações sexuais com Nick para que possa engravidar, insinuando a infertilidade do esposo:

She's lighting another cigarette, fumbling with the lighter. Definitely her hands are getting worse. But it would be a mistake to offer to do it for her, she'd be offended. A mistake to notice weakness in her.

"Maybe he can't," she says.

I don't know who she means. Does she mean the Commander, or God? If it's God, she should say won't. Either way it's heresy. It's only women who can't, who remain stubbornly closed, damaged, defective.

"No," I say. "Maybe he can't."

I look up at her. She looks down. It's the first time we've looked into each other's eyes in a long time. Since we met. The moment stretches out between us, bleak and level. She's trying to see whether or not I'm up to reality.

(...)

"Who?" I say.

"I was thinking of Nick," she says, and her voice is almost soft. "He's been with us a long time. He's loyal. I could fix it with him."

So that's who does her little black-market errands for her. Is this what he always gets, in return?

"What about the Commander?" I say.

"Well," she says, with firmness; no, more than that, a clenched look, like a purse snapping shut. "We just won't tell him, will we?"

This idea hangs between us, almost visible, almost palpable: heavy, formless, dark; collusion of a sort, betrayal of a sort. She does want that baby.

"It's a risk," I say. "More than that." It's my life on the line; but that's where it will be sooner or later, one way or another, whether I do or don't. We both know this. (*op. cit.*, p. 301)¹⁵⁸

¹⁵⁶ SILVA, Alane Melo da. A woman's place: uma análise comparativa da personagem Serena Joy do livro para as telas. *Transversal - Revista em Tradução*, Fortaleza (CE), v. 4, n. 8, p. 31-42, 2018.

¹⁵⁷ “Pegou um cigarro e o colocou entre os lábios e o segurou lá enquanto o acendia. (...) Os cigarros deviam ter vindo do mercado negro, pensei, e aquilo me deu esperança.” (*op. cit.*, pp. 21-22)

¹⁵⁸ “Está acendendo outro cigarro, manuseando com dificuldade o isqueiro. Definitivamente suas mãos estão ficando piores. Mas seria um erro me oferecer fazê-lo para ela, ficaria ofendida. Um erro observar fraqueza nela. — Talvez ele não possa — diz ela.

Não sei a quem está se referindo. Quer dizer o Comandante ou Deus? Se for Deus, deveria dizer queira. De todo modo é heresia. São só as mulheres que não podem, que se mantêm teimosamente fechadas, danificadas, defeituosas.

— Não — digo. — Talvez não possa.

Levanto o olhar para ela. Ela baixa o olhar para mim. É a primeira vez que olhamos nos olhos uma da outra em muito tempo. Desde que nos conhecemos. O momento se prolonga entre nós, desolado e uniforme. Ela está tentando ver se estou ou não à altura da realidade. (...)

— Quem?

Nessa passagem, Offred nota que as mãos de Serena estão sendo afetadas pelo excesso de cigarros, mas pensa que oferecer ajuda seria apontar a fraqueza da *Wife*, que se ofenderia. Assim como as *Handmaids* não devem chorar, as *Wives* devem ser igualmente resistentes e impassíveis. Serena diz que “Talvez ele não consiga”, ao apontar a possível infertilidade de Fred Waterford. A aia fica na dúvida, mas conclui que se refere ao marido, mas é surpreendida por essa fala da *Wife*, afinal, as mulheres são sempre as responsáveis e não os homens, algo que vimos anteriormente em diversas situações em Gilead. Ao olhar diretamente para os olhos daquela mulher (algo raro de ocorrer), Offred consegue identificar pela linguagem corporal um semblante triste. Concomitantemente, de acordo com a aia, Serena a está encarando para se comunicar com ela, de modo que não é preciso dizer muito para compreender o que quer dizer. Após a proposta, a *Handmaid* questiona como ficará a situação com o *Commander*, mas a esposa se irrita e diz que obviamente ele não irá saber do combinado. Offred vê nesse momento uma oportunidade para pedir algo em troca, visto que o desejo de Serena Joy em ter um bebê é mais importante do que uma possível descoberta da insubordinação pelo esposo. Sendo assim, Offred encontra uma oportunidade para pedir algo em troca, acreditando que, desse modo, poderá obter mais informações sobre Gilead e onde está a sua filha. Como mencionado anteriormente, para se tornar mais poderosa é preciso que Offred obtenha mais informações, mas só será possível por meio de uma troca. Por um lado, ceder às vontades de Serena e aos desejos sexuais do Comandante é um modo para Offred começar a visualizar possíveis caminhos por onde poderá escapar do regime e resgatar a filha. Por outro lado, não pode se dar ao luxo de recusar a aliança, visto que a classe nessa situação a impacta também: aias são marginalizadas e, portanto, assim como classes econômicas mais desfavorecidas no sistema capitalista, não tem opção a não ser obedecer para autopreservação.

Portanto, no trecho em questão Serena Joy está quebrando regras e colocando a vida de não apenas Offred, como a própria em risco. O fato de não buscar a mudança ativamente está, por um lado, relacionado com a crença nos valores religiosos e que o seu objetivo final só será possível por meio de uma *Handmaid*:

— Estava pensando em Nick — diz ela, e sua voz é quase suave. — Trabalha conosco há muito tempo. É leal. Eu poderia combinar com ele. Então é ele quem cuida das comprinhas no mercado negro para ela. É isso o que ele recebe, em troca?

— E o Comandante? — digo.

— Bem — diz ela, com firmeza; não, mais do que isso, uma expressão bem cerrada, como uma bolsa cujo fecho estala ao se fechar. — Apenas não contaremos a ele, não é?

Essa ideia paira entre nós, quase visível, quase palpável: pesada, sem forma, escura; uma espécie de conspiração, uma espécie de traição. Ela realmente quer esse bebê.

— É um risco — digo. — Mais que isso. — É a minha vida em jogo; mas é onde ela estará mais cedo ou mais tarde, de uma maneira ou de outra, quer eu faça ou não. Ambas sabemos disso.” (*op. cit.*, p. 243)

Serena Joy appears to be a composite of anti-feminist women who were in the news at the time Atwood wrote *The Handmaid's Tale*: specifically, Tammy Faye Baker, the perpetually weeping, earnest, mascara-stained wife of televangelist Jim Baker (jailed for defrauding the public and publicly embarrassed by an affair with his former secretary); and Phyllis Schlafly, an icon of the American conservative movement who spearheaded the drive to defeat the Equal Rights Amendment. (BLOOM, 2004, p. 18)¹⁵⁹

É por isso que Serena não busca escapar, já que não poderá ter filhos a não ser que outra mulher o tenha por ela. De acordo com Harold Bloom (2004), existem várias mulheres fora da ficção com uma visão semelhante (como a Tammy Faye), mas será que elas têm uma ideia real do que seria um mundo onde elas não poderão se expressar, como o que aconteceu com Serena Joy? É por isso que, por outro lado, Serena compreende a limitação de seu papel que não tem mais voz e está insatisfeita:

Serena Joy is only described and presented through Offred's eyes and thoughts, but as very small and subtle things, such as shifts in facial expressions, are described, she too becomes a rounded character. As she makes decisions and acts in ways that are against the rules, she also comes across as dynamic and less predictable than if she only followed the rules and made logical decisions. She is Offred's antagonist, as she is in an opposite position where she controls and restrains Offred. Pre-Gilead, Serena Joy was an active and prominent figure within the religious party that is now ruling the state. She started off as a singer in a gospel choir but then advanced to becoming a spokesperson for the party as she proclaimed traditional family values. Her position was that women should stay within the home but that she, by making these speeches, was sacrificing herself for the greater good of others. (pp. 9-10) (...)

Although Serena Joy holds power over Offred, she too is isolated within the home as she has no freedom to leave the house and its garden on her own accord; she can only leave when she is to assist another Wife at a birth or when she is to take part in a gathering sanctioned by the government. So even though Serena Joy and Offred are part of two different social groups and Serena Joy is perceived as being more powerful, they are both oppressed by the patriarchal government as they have been given parts that they must adapt to. In Serena Joy's case, this part involves enforcing the oppression of other women, Offred and the Marthas of the household, in order to survive. By letting the readers see how the different women have to oppress and be oppressed by each other, the novel's critique of patriarchy is strengthened." (JONSSON, 2018, p. 12)¹⁶⁰

¹⁵⁹ "Serena Joy parece ser uma composição de mulheres antifeministas que estavam nos noticiários na época em que Atwood escreveu *The Handmaid's Tale*: especificamente, Tammy Faye Baker, a eternamente chorosa, sincera, esposa manchada de rímel do televangelista Jim Baker (presa por fraudar o público e publicamente envergonhado por um caso com seu ex-secretário); e Phyllis Schlafly, um ícone do movimento conservador americano que liderou o esforço para derrotar a Emenda dos Direitos Iguais." (tradução nossa)

¹⁶⁰ "Serena Joy é descrita e apresentada apenas através dos olhos e pensamentos de Offred, mas por meio de coisas muito pequenas e sutis, como mudanças nas expressões faciais, são descritas, ela também se torna uma personagem complexa. À medida que toma decisões e age de maneira contrária às regras, ela também se mostra dinâmica e menos previsível do que se apenas seguisse as regras e tomasse decisões lógicas. Ela é a antagonista de Offred, pois está em uma posição oposta, onde controla e restringe Offred. Antes de Gilead, Serena Joy era uma figura ativa e proeminente dentro do partido religioso que agora governa o estado. Ela começou como cantora em um coral gospel, mas depois avançou para se tornar uma porta-voz do partido ao proclamar os valores familiares tradicionais. Sua posição era que as mulheres deveriam ficar dentro de casa, mas que ela, ao fazer esses discursos, estava se sacrificando pelo bem maior dos outros. (págs. 9-10) (...) Embora Serena Joy tenha poder sobre Offred,

Assim como todas as outras personagens, nós vemos Serena sob o ponto de vista de Offred. Como bem pontuado pela crítica, temos acesso às mais diversas nuances da personagem e nota-se que algumas atitudes de Serena são atos de transgressão, tornando-a menos previsível e mais dinâmica do que uma *Wife* deveria ser. Serena é também a antagonista opressora de Offred, mas contraditoriamente é igualmente oprimida, não tendo liberdade para sair da esfera privada. E, apesar de parecer ser mais poderosa e parte de outra casta, devido ao seu gênero precisa sobreviver oprimindo outras castas, como as *Marthas* e as *Handmaids*. Uma das razões que torna esse romance tão instigante é mostrar por meio dessas personagens como a opressão entre mulheres é uma das armas, se não a mais poderosa arma de sustentação de Gilead.

Tendo em vista as alegações acima, Serena não é apenas uma religiosa, mas uma mulher que está sendo oprimida. Busca encontrar significado no seu papel e por isso destrata Offred, visto que “(...) Offred is a constant reminder of lost youth and vitality, as well as a symbol of the Commander’s state sanctioned adultery, which humiliates her.” (BLOOM, 2004, p. 18).¹⁶¹ É por isso que Serena acaba sendo uma figura antagonista para Offred e mais desagradável do que Fred Waterford. Para Hildegarde Charat (2019), Serena age como um homem para mostrar que é mais forte e poderosa que Offred, mas isso revela também que não respeita completamente o regime agindo desse modo: “By objectifying Offred and not behaving as she should, Serena appears as ungrateful for having a Handmaid and she appears to the reader as a bad woman, challenging patriarchy and disrespecting Gilead’ laws.” (p. 9)¹⁶² Tratando Offred como um objeto e agindo desse modo, não demonstra satisfação, especialmente no fato das mulheres estarem restritas somente ao domínio privado e não terem qualquer tipo de participação nas decisões:

Throughout the novel Offred observes Serena, the Wife of her posting. One of her most telling reflections about Serena's promotion of these traditional values is how Serena reacts to the reality of being a Wife in Gilead: "She doesn't make speeches anymore. She has become speechless. She stays in her home, but it doesn't seem to

ela também está isolada dentro de casa, pois não tem liberdade para deixar a casa e o jardim por conta própria; ela só pode sair quando estiver ajudando outra Esposa no parto ou quando estiver participando de uma reunião sancionada pelo governo. Portanto, embora Serena Joy e Offred façam parte de dois grupos sociais diferentes e Serena Joy seja percebida como mais poderosa, ambas são oprimidas pelo governo patriarcal, pois receberam partes às quais devem se adaptar. No caso de Serena Joy, essa parte envolve impor a opressão de outras mulheres, Offred e as *Marthas* da casa, para sobreviver. Ao deixar os leitores verem como as diferentes mulheres têm que oprimir e ser oprimidas umas pelas outras, a crítica do patriarcado no romance é fortalecida. (tradução nossa)

¹⁶¹ Offred é um lembrete constante da juventude e vitalidade perdidas por Serena, bem como um símbolo do adultério sancionado pelo Comandante, que a humilha.” (tradução nossa)

¹⁶² “Ao objetificar Offred e não se comportar como deveria, Serena aparece como ingrata por ter uma Aia e aparece para o leitor como uma mulher má, desafiando o patriarcado e desrespeitando as leis de Gilead.” (tradução nossa) CHARAT, Hildegarde. *Competition, Domination and Relationships between Serena and Offred: Challenging Gilead's Rules and Patriarchy in Margaret Atwood The Handmaid's Tale*, 2019.

agree with her. How furious she must be, now that she's been taken at her word" (46). Although Serena was clearly an agent of Gilead, she, too, has been trapped by its oppression. (CALLAWAY, 2008, p. 36)¹⁶³

Offred observa as contradições na personagem de Serena que, apesar de ter lutado por Gilead, não parece pertencer ao regime, demonstrando estar amargurada. Diversos críticos tratam sobre a contraditoriedade da personagem. Por exemplo, Leticia Graton (2018) também afirma que Serena foi responsável por ajudar na criação de um sistema onde ela mesma não tem mais direitos básicos (p. 59).¹⁶⁴ Ademais, de acordo com Hammer (1990), Serena é um retrato irônico e contraditório do movimento antifeminista, uma vez que: “Neither serene nor joyous, this high-ranking wife is a former total Woman activist who is enraged and embittered by the existence which hers successful advocacy now imposes upon her” (p. 40).¹⁶⁵ De fato, a personagem não é serena, nem feliz e deve viver com uma ilusão de poder e uma vez que Serena foi uma importante porta voz de mulheres conservadoras religiosas, perder por meio de um golpe que ajudou a construir é no mínimo, um desfecho amargo para a personagem:

Serena Joy was never her real name, not even then. Her real name was Pam. I read that in a profile on her, in a news magazine, long after I'd first watched her singing while my mother slept in on Sunday mornings. By that time she was worthy of a profile: Time or Newsweek it was, it must have been. She wasn't singing anymore by then, she was making speeches. She was good at it. Her speeches were about the sanctity of the home, about how women should stay home. Serena Joy didn't do this herself, she made speeches instead, but she presented this failure of hers as a sacrifice she was making for the good of all. (*op. cit.*, p. 38)¹⁶⁶

Offred diz que o verdadeiro nome da *Wife* é Pam, lembrando da mulher como uma famosa cantora gospel, que logo depois se tornou uma proeminente porta voz religiosa, com

¹⁶³ “Ao longo do romance Offred observa Serena, a esposa. Uma de suas reflexões mais reveladoras sobre a promoção desses valores tradicionais por Serena é como Serena reage à realidade de ser uma esposa em Gilead: “Ela não faz mais discursos. Ela ficou sem palavras. Ela fica em sua casa, mas ‘não parecem concordar com ela. Como ela deve estar furiosa, agora que ela foi levada em sua palavra’ (46). Embora Serena fosse claramente uma agente de Gilead, ela também foi presa por sua opressão.” (tradução nossa)

¹⁶⁴ GRATON, Leticia Alves. Abençoado seja o fruto: a representação da maternidade na série *The Handmaid's Tale*. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Departamento de Comunicação Social, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

¹⁶⁵ Nem serena nem alegre, esta esposa de alto escalão é uma ex-ativista total da Mulher que propaga valores tradicionais e que está furiosa e amargurada pelo novo sistema imposto que ajudou a construir. (tradução nossa) HAMMER, S. *The World as It will Be? Female Satire and the Technology of Power in "The Handmaid's Tale"*. *Modern Language Studies*, 20(2), 39-49, 1990.

¹⁶⁶ “Serena Joy nunca foi seu nome verdadeiro, nem mesmo naquela época. O nome dela era Pam. Li isso num perfil a respeito dela numa revista de notícias, muito depois de tê-la visto cantar na televisão enquanto minha mãe dormia em casa nas manhãs de domingo. Então, ela já merecia um perfil: foi na Time ou Newsweek, creio, deve ter sido. Naquela altura, ela já não cantava mais, estava fazendo discursos. Era boa oradora, sabia fazê-los. Seus discursos eram sobre a santidade do lar, sobre como as mulheres deveriam ficar em casa. Ela própria não fazia isso, em vez disso, Serena Joy fazia discursos, mas apresentava essa sua falha como um sacrifício que estava fazendo pelo bem de todos.” (*op. cit.*, pp. 57-58)

discursos poderosos que defendiam a santidade da família e como as mulheres deveriam ficar em casa. Apesar de não ter agido diretamente, fez discursos defendendo os valores de Gilead, mas Offred identifica e aponta com desdém a falha e sacrifício para um suposto “*good of all*” que não passou de um bem que beneficiou verdadeiramente apenas alguns homens. Serena já não é mais ouvida ou famosa e tornou-se apenas mais uma *Wife* que supostamente é mais poderosa que as aias, mas é prisioneira de modo semelhante. Portanto, é provável que Serena acreditasse nesses valores, mas não fazia ideia de como seria e como ela mesma não poderia se acostumar a viver de modo tão passivo e quieto.

Uma outra questão importante sobre Serena Joy está relacionada com algo culturalmente incentivado entre mulheres: sentimentos de competição e inveja. Como mencionado, Serena é uma mulher mais velha, enquanto Offred é jovem, Serena é infértil, enquanto Offred é fértil. São essas algumas das diferenças que causam conflito e desgosto entre ambas: “Serena and Offred’s relationship is not only based on their status of good and bad women but is also based on the fertility and infertility competition between them, Serena is also repulsed by the fact that she needs Offred’s body, which she despises, to help her to gain a better status among the other Wives.” (CHARAT, 2019, p. 8)¹⁶⁷ Não obstante, Serena tem algum poder, enquanto Offred por meio de seu corpo também consegue obter algum poder. É por isso que Serena Joy se incomoda com a *Handmaid*: “She doesn't speak to me, unless she can't avoid it. I am a reproach to her; and a necessity.” (p. 12)¹⁶⁸ Mais à frente, descobriremos que a *Handmaid* anterior também se envolveu com o *Commander*, o que deixa Serena Joy ainda mais desconfiada e infeliz: “‘She hanged herself,’ he says; thoughtfully, not sadly. ‘That's why we had the light fixture removed. In your room.’ He pauses. ‘Serena found out,’ he says, as if this explains it. And it does. If your dog dies, get another.” (p. 160)¹⁶⁹ Nessa conversa, é possível inferir dois cenários possíveis após Serena ter descoberto o relacionamento extraconjugal: 1 – ter feito a vida da antiga aia um inferno, de modo que a levou a cometer suicídio; 2 – devido ao medo da denúncia, a aia comete suicídio. Porém, a primeira possibilidade parece ser a que faz mais coerente, pois se Serena fosse denunciá-la, incriminaria o marido também e isso está fora de cogitação: “The women watch him out of fear for their own survival: “if he were to falter, fail, or die, what would

¹⁶⁷ “O relacionamento de Serena e Offred não se baseia apenas no status de mulheres boas e más, mas também na competição de fertilidade e infertilidade entre elas. Serena também sente repulsa pelo fato de precisar do corpo de Offred, que ela despreza, para ajudá-la a ganhar um status melhor entre as outras esposas.” (tradução nossa)

¹⁶⁸ “Ela não fala comigo, a menos que não possa evitar. Sou uma vergonha para ela; e uma necessidade.” (*op. cit.*, p. 22)

¹⁶⁹ “— Ela se enforcou — diz ele; pensativamente, não triste. — Foi por isso que mandamos tirar o lustre. Em seu quarto. — Faz uma pausa. — Serena descobriu — diz ele, como se isso explicasse. E explica. Se seu cachorro morre, arranje outro.” (*op. cit.*, 224)

become of us?" (REESMAN, 1991, p. 14)¹⁷⁰ Afinal, como a citação explícita, as mulheres de Gilead dependem dos homens.

Após descobrir que Waterford se envolveu com a aia anterior, Offred encontra uma oportunidade para obter o que há de mais valioso: informação e conhecimento sobre o cenário de Gilead:

"Well then," I say. Things have changed. I have something on him, now. What I have on him is the possibility of my own death. What I have on him is his guilt. At last. "What would you like?" he says, still with that lightness, as if it's a money transaction merely, and a minor one at that: candy, cigarettes. "Besides hand lotion, you mean," I say. "Besides hand lotion," he agrees. "I would like..." I say. "I would like to know." It sounds indecisive, stupid even, I say it without thinking. "Know what?" he says. "Whatever there is to know," I say; but that's too flippant. "What's going on." (p. 160)¹⁷¹

Esse trecho é primordial pois fornece para Offred o primeiro passo para a resistência: informação, o que é muito valioso em sistemas autoritários. De modo semelhante, Serena faz uso de seu poder para conseguir uma foto da filha de Offred para que ela fique a seu lado e se esforce para lhe dar um filho.

Com base na breve análise acima, é possível sugerir que Serena concorda com os valores conservadores religiosos do regime, especialmente porque com Gilead ela pode conseguir um filho, mas demonstra estar descontente com inúmeras regras e por isso as quebra, especialmente no que diz à falta de poder dada às mulheres dos comandantes de Gilead. Os poderes recebidos são apenas uma ilusão para levá-las a acreditarem que são um grupo superior de mulheres, mas não passam de prisioneiras dentro de suas próprias casas.

Por último, temos a personagem da *Aunt Lydia*. Sabe-se que é uma mulher rígida, mais velha e que tem como função educar as jovens *Handmaids* no *Red Centre* com base na ideologia de Gilead. Offred frequentemente a cita como referência da conduta a ser seguida no regime: "Modesty is invisibility, said *Aunt Lydia*. Never forget it. To be seen — to be seen — is to be

¹⁷⁰ "As mulheres o observam com medo de sua própria sobrevivência: "se ele vacilasse, falhasse ou morresse, o que seria de nós?" (tradução nossa) REESMAN, Jeanne C. *Dark Knowledge in 'The Handmaid's Tale.'* CEA Critic, vol. 53, no. 3, 1991, pp. 6–22.

¹⁷¹ — De que você gostaria? — diz ele, ainda com aquela despreocupação, como se fosse apenas uma transação de dinheiro, e uma sem importância, além do mais: doces, balas, cigarros.

— Quer dizer, além da loção para as mãos — digo.

— Além da loção para as mãos — concorda.

— Eu gostaria... — digo. — Eu gostaria de saber. — Isso me soa indeciso, idiota até, digo sem pensar.

— De saber o quê? — pergunta.

— Qualquer coisa que haja para saber — digo; mas isso é frívolo demais. — O que está acontecendo." (*op. cit.*, p. 225)

— her voice trembled — penetrated. What you must be, girls, is impenetrable. She called us girls.” (p. 28)¹⁷² Os comentários de Offred sobre o discurso da *Aunt Lydia* são por vezes, informativos e em outros, irônicos. Na citação acima, a *Aunt* deixa claro que as Aias não devem causar problemas e devem agir como se não existissem, de modo a evitar o contato com as *Wives*, a não ser que seja estritamente necessário. Por outro lado, *Aunt Lydia* afirma que a posição das Aias é honrosa, apesar de serem tratadas com desprezo e inferioridade por todas as outras castas, algo que a narradora reconhece. Ademais, chamá-las de *Aunts* pode ser visto como uma tentativa de demonstrar afetividade, para que as *Aunts* possam ser vistas como figuras maternas pelas supostas “garotas”, o que não ocorre.

Nesse romance, não é possível inferir que *Aunt Lydia* seja contra o sistema e diferente de Serena, não sabemos se quebra regras. Para a crítica Catharine Stimpson (2004), as *Aunts* representam uma figura moral extremista e faz um paralelo dessa postura com o movimento feminista radical, com base na visão de que a obra critica esse viés do movimento:

In one of her most original maneuvers, Atwood links the morality of the Aunts to that of radical feminists. The Aunts are repressive. Radical feminists can be repressive too. In the active syllogism of power, the premises of repression lead to conclusions of oppression.

The Aunts, who pump iron (but never irony) into the body politic of technological Calvinism, represent Atwood’s most disdainful depiction of the petty female boss. Wearing electric cattle prods on leather belts, they control, reward and punish other women. Like certain of Brecht’s characters, they are at once sinister and funny. Atwood achieves a triple effect—she makes her dystopic state even more frightening because it issues cattle prods to such ordinary figures. Yet she also manages to domesticate totalitarianism, because she shows it peopled by such ordinary figures. The state becomes even more frightening, because its monstrosity seems normally absurd, absurdly normal. Finally, Atwood reminds her reader of the political function of satire: to weaken the grip of the cruel and foolish by sending them up witle. (STIMPSON, 2004, p. 81)¹⁷³

¹⁷² “Modéstia é invisibilidade, dizia tia Lydia. Nunca se esqueçam disso. Ser vista — ser vista — é ser — a voz dela tremeu — penetrada. O que vocês devem ser, meninas, é impenetráveis. Ela nos chamava de meninas.” (*op. cit.*, p. 41)

¹⁷³ “Em uma de suas manobras mais originais, Atwood liga a moral das tias à das feministas radicais. As tias são repressivas. Feministas radicais também podem ser repressivas. No silogismo ativo do poder, as premissas da repressão levam a conclusões da opressão. As tias, que injetam ferro (mas nunca ironia) no corpo político do calvinismo tecnológico, representam a representação mais desdenhosa de Atwood da mesquinha chefe feminina. Usando agulhões elétricos de gado em cintos de couro, eles controlam, recompensam e punem outras mulheres. Como alguns dos personagens de Brecht, eles são ao mesmo tempo sinistros e engraçados. Atwood consegue um efeito triplo - ela torna seu estado distópico ainda mais assustador porque emite agulhões para figuras tão comuns. Mas ela também consegue domesticar o totalitarismo, porque o mostra povoado por figuras tão comuns. O estado torna-se ainda mais assustador, porque sua monstruosidade parece normalmente absurda, absurdamente normal. Finalmente, Atwood lembra seu leitor da função política da sátira: enfraquecer o domínio dos cruéis e tolos, enviando-os à tona.” (tradução nossa) STIMPSON, Catharine R. *Atwood woman in Bloom’s Guides: The Handmaid’s Tale*. USA: Infobase Publishing, 2004.

Nessa citação, Stimpson (2004) afirma que as *Aunts* são opressoras assim como os movimentos radicais também podem ser, mas que são retratadas de um modo sinistro e estranho como personagens Brechtianas. São senhoras que usam roupas marrons, cintos de couro e carregam um bastão de gado e trazem uma imagem bastante comum, porém assustadora, de como o Totalitarismo normaliza tamanha monstruosidade. O romance de Margaret Atwood é extremamente complexo, evitando maniqueísmos e personagens rasas; e, conseqüentemente, diversos aspectos do feminismo e das personagens femininas são explorados. Por meio de figuras como as *Aunts*, que andam com bastões de gado, as Aias são punidas, o que a *Aunt Lydia* chama de educação. Sendo assim, as *Aunts* podem ser interpretadas como parte da polícia para mantê-las sob dominação de forma que essas mulheres se comportem como soldados: “Think of it as being in the army, said *Aunt Lydia*.” (p. 7)¹⁷⁴ Afinal, sem os soldados, o que seria da guerra? Já a missão delas, é clara: darem filhos as famílias dos *Commanders*. Outros críticos compartilham uma visão semelhante:

They constantly spout platitudes and slogans against immodesty, reading and writing, and materialism, and they champion women’s traditional maternal role, encouraging the Handmaids to think of the new system as a means of forming a meaningful, positive community of women. As one of the bulwarks of the Republic of Gilead, the Aunts’ positions were created (perhaps with the Commander’s help, we learn) based on the supposition that the best way to control women is through other women. Offred is surrounded by women who have made choices about their place in a new society, and the Aunts represent one of the lowest group: those willing to harm and sacrifice others for the sake of their own self-interest. (BLOOM, 2004, p. 22)¹⁷⁵

Bloom (2004) identifica a estratégia de Gilead: controlar mulheres por meio de outras mulheres e as *Aunts* podem ser vistas como o grupo mais violento, que está disposto a ferir psicologicamente e fisicamente, sacrificá-las e constantemente as colocando em oposição. O discurso é de que nesse novo mundo as mulheres se sentirão mais seguras e que o sistema trará uma relação mais positiva na comunidade feminina, porém tal discurso é falso: a posição das *Aunts* foi criada pelos comandantes de modo a manter o controle de mulheres. Observe de que modo essa oposição é construída:

¹⁷⁴ “Pense nisso como estar servindo no exército, dizia tia Lydia.” (*op. cit.*, p. 15)

¹⁷⁵ “Elas constantemente lançam chavões e slogans contra a falta de modéstia, a leitura e a escrita e o materialismo, e defendem o papel materno tradicional das mulheres, incentivando as Aias a pensar no novo sistema como um meio de formar uma comunidade significativa e positiva de mulheres. Como um dos baluartes da República de Gileade, os cargos das Tias foram criados (talvez com a ajuda do Comandante, aprendemos) com base na suposição de que a melhor maneira de controlar as mulheres é através de outras mulheres. Offred está cercada por mulheres que fizeram escolhas sobre seu lugar em uma nova sociedade, e as tias representam um dos grupos mais baixos: aquelas dispostas a prejudicar e sacrificar os outros por seu próprio interesse.” (tradução nossa)

It's not the husbands you have to watch out for, said *Aunt Lydia*, it's the Wives. You should always try to imagine what they must be feeling. Of course they will resent you. It is only natural. Try to feel for them. *Aunt Lydia* thought she was very good at feeling for other people. Try to pity them. Forgive them, for they know not what they do. Again the tremulous smile, of a beggar, the weak-eyed blinking, the gaze upwards, through the round steel-rimmed glasses, towards the back of the classroom, as if the green-painted plaster ceiling were opening and God on a cloud of Pink Pearl face powder were coming down through the wires and sprinkler plumbing. You must realize that they are defeated women. They have been unable— Here her voice broke off, and there was a pause, during which I could hear a sigh, a collective sigh from those around me. It was a bad idea to rustle or fidget during these pauses: *Aunt Lydia* might look abstracted but she was aware of every twitch. So there was only the sigh. (p. 40)¹⁷⁶

O ataque das *Aunts* é direcionado para as *Wives* que são tratadas também com desdém, porque de acordo com esse discurso, elas foram incapazes de cumprir a missão de serem mães e por isso, são uma falha da sociedade. Mas, como Serena Joy coloca, a “culpa” não é necessariamente da esposa, mas as mulheres devem sempre ser culpabilizadas. Além disso, como bem pontuado por Lydia, o perigo está de fato nas mulheres (*Wives*), porque caso as aias simpatizem ou fraternizem com elas, Gilead não se sustentará.

Como a geração de mulheres está em uma fase de transição (por terem vivenciado um outro mundo e terem dificuldades de aceitar esse presente), *Aunt Lydia* busca convencê-las de que eventualmente tudo se tornará ordinário e que as mulheres pró-aborto eram más, introjetando e propagando a desunificação feminina: “Of course, some women believed there would be no future, they thought the world would explode. That was the excuse they used, says *Aunt Lydia*. They said there was no sense in breeding. *Aunt Lydia's* nostrils narrow: such wickedness. They were lazy women, she says. They were sluts.” (p. 93)¹⁷⁷ Nota-se que a mãe de Offred foi parte desse grupo de mulheres, tendo sido mencionado pela narradora o comparecimento da mãe em eventos pró-aborto. É por isso que a mãe de Offred fez parte do primeiro grupo de mulheres a terem sido caçadas e enviadas para às Colônias. A citação da *Aunt* também nos informa que as feministas eram preguiçosas e vagabundas, propagando um discurso de ódio.

¹⁷⁶ “Não é com os maridos que vocês têm que ter cuidado, dizia tia Lydia, é com as Esposas. Vocês deveriam sempre tentar imaginar o que devem estar sentindo. É claro que se ressentem de vocês. É muito natural. Tentem ser solidárias, compadecer-se delas. Tia Lydia acreditava que tinha muito talento para ser solidária e compadecer-se de outras pessoas. Tentem se apiedar delas. As perdoem, pois não sabem o que fazem. Mais uma vez o sorriso trêmulo, de uma mendiga, o piscar de olhos de vista fraca, o olhar voltado para o alto, através dos óculos de armação de aço, em direção ao fundo da sala de aula, como se o teto de emboço pintado de verde fosse uma abertura e Deus numa nuvem de pó facial Pink Pearl estivesse descendo através dos fios e encanamentos dos chuveiros automáticos contra incêndio. Vocês têm que se dar conta de que elas são mulheres derrotadas. Não conseguiram.” (*op. cit.*, p. 59)

¹⁷⁷ “É claro, algumas mulheres acreditavam que não haveria futuro, pensaram que o mundo explodiria. Essa era a desculpa que usavam, diz tia Lydia. Diziam que não havia sentido na procriação. As narinas de tia Lydia se estreitam: tamanha maldade. Eram mulheres preguiçosas, diz ela. Eram mulheres vagabundas.” (*op. cit.*, p. 138)

A personagem de *Aunt Lydia* é condenável sob um primeiro olhar, afinal, como é capaz de tratar com tanta normalidade tamanha violência e opressão? A maior parte de suas falas são discursos sobre a conduta apropriada das aias. Contudo, é possível especular que a personagem tem motivos para tão minusciosamente e frequentemente repetir o mesmo discurso. *Aunt Lydia* demonstra ser quem mais compreende o *modus operandi* Gileadiano e o compartilha com as *Handmaids* sob a justificativa de ser para o bem-estar do grupo. Mas esse conhecimento também é fundamental para se pensar em possibilidades de destruir Gilead internamente.

Além disso, *Aunt Lydia* é muito bem-informada, sendo a primeira a saber quando Moira foge do *Red Centre*, e não se preocupa com o ocorrido e ainda chama Janine para contar sobre o evento. Na visão de Offred, isso se deu porque confia em Janine, mas *Aunt Lydia* pode identificar a instabilidade da jovem e não seria difícil supor que ela contaria para as outras colegas que estão passando pelo mesmo e buscam resistir ao sistema. Na citação a seguir, nota-se que as *Aunts* são o grupo mais confiável e por isso têm autorização para escrever: “*Aunt Lydia* called Janine into her office. Blessed be the fruit, Janine, *Aunt Lydia* would have said, without looking up from her desk, where she was writing something. For every rule there is always an exception: this too can be depended upon. The Aunts are allowed to read and write.” (p. 110)¹⁷⁸. Como Offred menciona, nenhuma lei é absoluta e, quanto mais poderoso o indivíduo, mais facilmente as leis podem ser ignoradas. Para grupos de resistência como *Mayday*, uma *Aunt* ao lado deles seria o cenário ideal.

Ainda sobre os privilégios das *Aunts* e possíveis especulações sobre subversão: sabe-se que elas podem escrever. Provavelmente para enviar relatórios e para se comunicar com os comandantes dos mais altos escalões em Gilead. No entanto, a escrita é uma arma e poderia estar sendo usada por elas para se comunicar com inimigos de Gilead ou com redes de resistência, mas isso é apenas uma possibilidade.

Em conclusão, *Aunt Lydia* propaga a ideologia do sistema e está a todo tempo introjetando a opressão e disseminando um discurso de ódio e desunião feminina de modo a evitar a sororidade que pode vir a destruir o sistema. Essa mesma personagem, que em *The Handmaid's Tale* (1985) parece ser apenas mais uma marionete opressora no sistema repetindo incessantemente a ideologia de Gilead, será uma das protagonistas na continuação da narrativa, o romance *The Testaments* (2019), e a responsável por arquitetar o plano que acabará com a República de Gilead (lembramos que o sistema não existe mais no apêndice do romance de

¹⁷⁸ “Tia Lydia chamou Janine a seu escritório. Bendito seja o fruto, Janine, teria dito tia Lydia, sem levantar os olhos de sua escrivãzinha, onde estava escrevendo alguma coisa. Para toda regra sempre existe uma exceção: com isso também se pode contar. As Tias têm permissão para ler e escrever.” (*op. cit.*, p. 157)

1985). O que sabemos estar presente no romance objeto desta pesquisa é que *Aunt Lydia* sabe manter as falsas aparências como nenhuma outra personagem (de modo que Offred nunca desconfiou de sua descrença no regime) e que, acima de tudo, é muito mais poderosa e inteligente do que demonstra.

3 – CAPÍTULO III: A VIOLÊNCIA

Novels are something else. They aren't just political messages. I'm sure we all know this, but when it's a book like this you have to keep on saying it. The book is an examination of character under certain circumstances, among other things. It's not a matter of men against women. That happens to be in the book because I think if it were going to happen in the United States, that's the form it would take. But it's a study of power, and how it operates and how it deforms or shapes the people who are living within that kind of regime.

– Margaret Atwood.¹⁷⁹

3.1 – O regime totalitário de Gilead: poder, inveja e medo

Para a sustentação de um regime totalitário, é preciso encontrar formas de repressão para que não haja espaço para rebelião. Em *The Handmaid's Tale*, a violência está presente do início ao fim e há diversas formas de tortura e punição para os indivíduos que não conseguem se encaixar no regime ou para aqueles que buscam contestar o sistema em vigor. Ademais, para a manutenção de regimes totalitários e como característico de mundos distópicos, o poder em excesso de alguns e ausência de poder de outros é amplamente explorado, como elucidada Amin Malak (1987):

Dystopias essentially deal with power: power as the prohibition or perversion of human potential; power in its absolute form that, to quote from *1984*, tolerates no flaws in the pattern it imposes on society. Dystopias thus show, in extreme terms, power functioning efficiently and mercilessly to its optimal totalitarian limit. Interestingly, war or foreign threats often loom in the background, providing the pretext to join external tension with internal terror. (MALAK, 1987, p. 82)¹⁸⁰

Em mundos como o de *The Handmaid's Tale* e o de *1984*, escrito por George Orwell, não há espaço para hesitação ou contestação, de modo que a punição é uma das bases de sustentação do sistema. Ao invés de almejar respeito ou admiração sobre a população, sentimentos mais

¹⁷⁹ ROTHSTEIN, Meryn. *No Balm in Gilead for Margaret Atwood*. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/00/09/03/specials/atwood-gilead.html?_r=5> The New York Times, Feb. 1986. Acesso: 13 jan. 2022.

¹⁸⁰ “As distopias tratam essencialmente do poder: o poder como proibição ou perversão do potencial humano; poder em sua forma absoluta que, para citar *1984*, não tolera falhas no padrão que impõe à sociedade. As distopias, portanto, mostram, em termos extremos, o poder funcionando de maneira eficiente e implacável até seu limite totalitário ideal. Curiosamente, a guerra ou as ameaças estrangeiras muitas vezes aparecem em segundo plano, fornecendo o pretexto para juntar a tensão externa com o terror interno.” (tradução nossa) MALAK, Amin. Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale* and the Dystopian Tradition in: *Canadian Literature*: 9-16, 1987.

duradouros a longo prazo, regimes como os das distopias citadas desejam um controle absoluto e imediato. Para estabelecê-lo, uma das principais maneiras é por meio da criação de um terror externo e interno, como mencionado por Malak (1987). É por isso Gilead está sempre em guerra contra os denominados rebeldes: “‘The war is going well, I hear,’ she says. (...) ‘They’ve defeated more of the rebels, since yesterday.’ ‘Praise be, I say.’ I don’t ask her how she knows. ‘What were they?’ ‘Baptists. They had a stronghold in the Blue Hills. They smoked them out.’”¹⁸¹ (p. 31) Na passagem, Ofglen diz que a guerra contra os rebeldes está indo bem e Offred questiona quem são, sendo assim, sequer sabe qual é o inimigo. O uso do termo rebeldes pode se referir não apenas aos que buscam acabar com o regime de Gilead, mas também diz respeito a qualquer um que o regime deseje eliminar. O inimigo da vez são os Batistas, que também são um grupo religioso, mas que, por terem crenças religiosas divergentes, são vistos como uma ameaça a ser combatida. Uma vez consolidado o medo por meio do discurso de rebeldes atacando Gilead, Jelena Živić (2014) discute como a submissão em regimes totalitários é estabelecida justamente por meio de uma narrativa de guerra e conflitos:

However, the submissiveness of the overall society – its male and female citizens – is established through constant fear of war. What makes Atwood’s novel plausible is the fact that the Republic of Gilead was established after a staged terrorist attack. The citizens of the United States felt vulnerable and unprotected. In the overall state of panic, they have found the desired protection under the right-wing religious extremists – a movement called “The Sons of Jacob”. In order to retain the newly established power, the Gileadan government continues with, most-likely, false pretense of ongoing war with the members of other Christian denominations, such as Catholics and Baptists.¹⁸²

A autora comenta que a submissão dos cidadãos foi estabelecida pelo constante medo da guerra e que o regime se aproveitou de um momento de fragilidade dos antigos Estados Unidos (agora República de Gilead) para dar o golpe. Ademais, alega que os *Sons of Jacob* mantêm o discurso de que o país está em guerra pois esse é um meio eficiente de instaurar o medo e controle sobre os indivíduos. No entanto, as informações são frequentemente manipuladas e, sendo assim, não

¹⁸¹ “– A guerra está indo bem, diz ela. – Derrotaram mais rebeldes, desde ontem. — Louvado seja — respondo. Não lhe pergunto como sabe. — O que eram eles? — Batistas. Tinham uma fortaleza nas Colinas Azuis. Eles os obrigaram a sair de lá.” (p. 23)

¹⁸² “No entanto, a submissão da sociedade em geral - seus cidadãos e mulheres - é estabelecida por meio do medo constante da guerra. O que torna o romance de Atwood plausível é o fato de que a República de Gilead foi estabelecida após um ataque terrorista encenado. Os cidadãos dos Estados Unidos se sentiam vulneráveis e desprotegidos. No estado geral de pânico, eles encontraram a proteção desejada sob os extremistas religiosos de direita - um movimento chamado “Os Filhos de Jacó”. A fim de reter o poder recém-estabelecido, o governo gileadano continua com, muito provavelmente, o falso pretexto de guerra contínua com os membros de outras denominações cristãs, como católicos e batistas.” (tradução nossa) ŽIČIĆ, Jelena. "A Dystopian Society in Margaret Atwood’s *The Handmaid’s Tale*." *Diplomski rad, Sveučilište Josipa Jurja Strossmayera u Osijeku, Filozofski fakultet*, 2014.

é possível verificar a autenticidade dos supostos ataques. No romance de George Orwell, *1984*, que é uma grande inspiração para qualquer distopia, o mesmo tipo de estratégia é adotada. Isso ocorre porque frequentemente o regime (no caso de *1984*, chamado de o Partido) está em guerra com outro continente, e o protagonista Winston descobre que o inimigo muda abruptamente de acordo com a intenção do partido naquele determinado momento, porque tal guerra não existe. De modo similar, em *The Handmaid's Tale*, uma vez solidificado o medo por meio da criação de conflitos/guerras, o regime se mantém, visto que busca constantemente provar que é capaz de proteger a população dos corriqueiros ataques, reafirmando seu papel de guardião da segurança. Ainda sobre a manipulação de notícias, Angela Laflen (2007) diz que:

In attempting to create the illusion of truth, Gilead censors information that contradicts its version of reality. The regime consequently wages a war against history, especially recent history, and relies heavily on spectacle and mass media forms in this effort. As an example, men and women in Gilead are required to attend dramatic public hearings and to participate in public executions, which the regime's leaders use to provide the citizenry with an outlet for pent up frustration and anger. Later, the bodies of those executed are displayed theatrically on "the Wall," their faces hidden behind bags and a sign hung around their necks indicating the "official" reason for their execution. Though Gilead forbids or limits many kinds of looking, the regime encourages people to look at the bodies on the Wall. (...) Through these spectacular displays, Gilead enforces "historical amnesia," what Fredric Jameson describes as "the disappearance of a sense of history, the way in which our entire contemporary social system has little by little begun to lose its capacity to retain its own past, has begun to live in a perpetual present and in a perpetual change that obliterates traditions of the kind which all earlier social formations have had in one way or another to preserve" (125). (LAFLEN, 2007, p. 89)¹⁸³

De acordo com a crítica, a República censura informações que muitas vezes são contraditórias ou que possam causar questionamentos, criando uma espécie de conflito com a história, uma vez que a verdade não condiz com o que foi relatado, explorando a mídia que atinge massas para atingir seus objetivos. O regime totalitário não poupa esforços e desenvolveu uma série de eventos ritualísticos cujo intuito é não apenas de horrorizar como também doutrinar as pessoas

¹⁸³ “Ao tentar criar a ilusão de verdade, Gilead censura informações que contradizem sua versão da realidade. O regime, conseqüentemente, trava uma guerra contra a história, especialmente a história recente, e confia fortemente no espetáculo e nas formas da mídia de massa nessa empreitada. Como exemplo, homens e mulheres em Gilead são obrigados a comparecer a dramáticas audiências públicas e a participar de execuções públicas, que os líderes do regime usam para fornecer aos cidadãos uma válvula de escape para a frustração e a raiva reprimidas. Mais tarde, os corpos dos executados são exibidos teatralmente no “Muro”, seus rostos escondidos atrás de sacos e uma placa pendurada no pescoço indicando o motivo “oficial” de sua execução. (...) Por meio dessas exibições espetaculares, Gilead impõe “amnésia histórica”, o que Fredric Jameson descreve como “o desaparecimento de um sentido de história, a maneira pela qual todo o nosso sistema social contemporâneo começou, pouco a pouco, a perder sua capacidade de manter seu próprio passado, começou a viver em um presente perpétuo e em uma mudança perpétua que oblitera tradições do tipo que todas as formações sociais anteriores tiveram de uma forma ou de outra para preservar.” (tradução nossa) LAFLEN, Angela. From a Distance it Looks Like Peace: Reading Beneath the Fascist Style of Gilead in Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale* in *Studies in Canadian Literature*, vol. 32, no. 1: 82-105, 2007.

e as incentivar a participar da barbárie, colocando suas frustrações sobre esses corpos que são julgados como culpados e merecedores de sofrimento e tortura. Esses eventos visam a desumanização que é velada por meio de um discurso de justiça divina e purificação. Ademais, Laflen cita que isso causa uma amnésia histórica, que se trata de um esquecimento da história em uma sociedade incapaz de absorver e refletir sobre seu passado histórico. Agora analisando sob uma ótica imagética, ou seja, de como as cenas narradas podem ser visualizadas pelo leitor, acrescenta:

Like the Third Reich, Atwood's Gilead relies on carefully crafted visual scenes to advance the regime's ideological agenda and coerce individuals to work on behalf of the regime. Gilead's leaders use their background in market research to create an appearance of peace and order that functions to convince those within and outside of Gilead not only that everything is under control in Gilead but also that there is no use resisting. This appearance of control and stability is ultimately designed to disguise the fact that the ruling body of men, the Commanders, are sterile." (LAFLEN, 2007, p. 88)¹⁸⁴

Portanto, assim como no Terceiro Reich, a violência física é amplamente incentivada, inclusive em praça pública e tem como intuito coagir as pessoas a aceitarem a ideologia e, conseqüentemente, o regime. Mas a situação não é de apenas submissão como também de mão de obra, uma vez que o sistema é sustentado por meio da exploração sexual das *Aias*, do trabalho doméstico das *Marthas* e o trabalho braçal dos *Guardians* que devem servir aos *Commanders* e suas famílias diariamente até a hora de se recolherem. Todos têm uma função muito bem definida, sendo majoritariamente serviçais, e o discurso propagado frequentemente enaltece o regime e a ideologia religiosa. Esse discurso busca esconder a exploração que beneficia majoritariamente as famílias dos *Commanders* – muitos dos quais são estéreis e, mesmo assim, recebem uma Aia que estará à disposição. Caso esta não consiga gerar um bebê, a responsabilidade será apenas e tão somente dela. Nesse contexto, a vida humana (especialmente os bebês) não passam de uma mercadoria a ser fornecida a todo custo para os donos do capital. Além disso, como citado pela pesquisadora, Gilead busca proteção ao criar uma imagem externa de que tudo está sob controle e que todos estão felizes, o que não passa de uma estratégia de propaganda para conter os direitos humanos e os governos de outros países que porventura possam interferir. Com base nisso, Offred narra um momento em que turistas passeavam pelas ruas e queriam fotografá-las e saber se estavam felizes com a vida que tinham:

¹⁸⁴ “Como o Terceiro Reich, a Gilead de Atwood depende de cenas visuais cuidadosamente elaboradas para promover a agenda ideológica do regime e coagir os indivíduos a trabalhar em nome do regime. Os líderes da Gilead usam sua experiência em pesquisa de mercado para criar uma aparência de paz e ordem que funcione para convencer aqueles dentro e fora da Gilead não apenas de que tudo está sob controle em Gilead, mas também de que não adianta resistir. Essa aparência de controle e estabilidade é finalmente projetada para disfarçar o fato de que o corpo governante dos homens, os Comandantes, é estéril.” (tradução nossa).

‘He asks, are you happy,’ says the interpreter. I can imagine it, their curiosity: Are they happy? How can they be happy? I can feel their bright black eyes on us, the way they lean a little forward to catch our answers, the women especially, but the men too: we are secret, forbidden, we excite them. Ofglen says nothing. There is a silence. But sometimes it’s as dangerous not to speak. Yes, we are very happy, I murmur. I have to say something. What else can I say? (*op. cit.*, pp. 47-48)¹⁸⁵

Offred mais uma vez é perspicaz e compreende que não deve se calar diante dessa pergunta, pois o silêncio confirmaria àquelas pessoas de que não queriam estar ali, e que, portanto, seria perigoso. A saída que encontrou foi mentir, afinal, a própria vida em Gilead se tornou uma atração para turistas então não adiantaria buscar socorro através de curiosos. Outrossim, seus verdadeiros sentimentos são irrelevantes, mas o que diz tem importância porque pode vir a prejudicar a imagem que Gilead busca transmitir para o mundo exterior. Além disso, Offred comenta sobre o comprimento das saias das turistas asiáticas, afirmando que as meias finas as deixaram quase nuas, assim ressalta a exposição de suas cabeças (sem o uso de chapéus que cubram seus rostos), comprimento das saias (abaixo do joelho) e batons sensuais (p. 45). Isso pode ser visto como uma evidência de que os valores conservadores propagados sobre a aparência feminina, de certo modo, impactaram Offred, que outrora possivelmente não teceria comentários do tipo.

Hannah Arendt em *Origens do Totalitarismo* (1951), elucida que as massas precisam ser conquistadas e para atingir esse objetivo é necessário fazer uso de propagandas. Tendo isso em mente e trazendo essa percepção para o romance de Atwood, podemos ver a relevância dos turistas em Gilead. De acordo com a autora, o terror não é apenas uma segunda face da moeda:

(...) porque quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (...), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias. Por existirem num mundo que não é totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer ao que comumente chamamos de propaganda. Mas essa propaganda é sempre dirigida a um público de fora — sejam as camadas não-totalitárias da população do próprio país, sejam os países não-totalitários do exterior. (...) A propaganda é, de fato, parte integrante da “guerra psicológica”. (ARENDR, 2013, p. 392)

¹⁸⁵ “— Ele pergunta se vocês são felizes — diz o intérprete. Posso imaginá-la muito bem, a curiosidade deles: *Elas são felizes? Como podem ser felizes?* Posso sentir os olhos negros brilhantes de todos eles pousados sobre nós, a maneira como se inclinam um pouco para frente para ouvir nossas respostas, especialmente as mulheres, mas os homens também: somos secretas, proibidas, nós os excitamos. Ofglen não diz nada. Há um silêncio. Mas às vezes é igualmente perigoso não falar. (p. 32)

— Sim, somos muito felizes — murmuro. Tenho que dizer alguma coisa. Que outra coisa posso dizer?

Gilead parece estar em transição entre o controle absoluto e a doutrinação, uma vez que a população já demonstra sinais de estar contida. A doutrinação ocorreu anteriormente ao golpe, visto que a narradora nos fornece evidências de que pessoas como Serena falavam abertamente sobre isso na televisão. Gilead estava apenas esperando um momento de instabilidade e fragilidade e quando isso ocorreu, deram o golpe, tomando controle sobre tudo, inclusive sobre o patrimônio e recursos financeiros das mulheres. Tudo e todos são doutrinados e com o medo e terror constituídos, assassinatos de inocentes não são efetivamente contestados pela maioria da população. Uma ilustração disso pode ser vista no trecho a seguir:

Last week they shot a woman, right about here. She was a Martha. She was fumbling in her robe, for her pass, and they thought she was hunting for a bomb. They thought she was a man in disguise. There have been such incidents. Rita and Cora knew the woman. I heard them talking about it, in the kitchen.
Doing their job, said Cora. Keeping us safe.
Nothing safer than dead, said Rita, angrily. She was minding her own business. No call to shoot her.
It was an accident, said Cora.
No such thing, said Rita. Everything is meant. (*op. cit.*, p. 33)¹⁸⁶

Cora vê a morte da *Martha* como uma mera casualidade, alegando que foi para protegê-las. No entanto, é possível inferir que ela pensa de tal modo por conta do discurso de conflito e terror construídos por Gilead. Tal narrativa faz Cora acreditar que as atitudes do regime visam o bem-estar da população e as protegem dos rebeldes, tecendo a ideia de que todos de fora são inimigos. Desse modo, pessoas como Cora sequer cogitam a intencionalidade do ato, por isso ela diz que foi apenas um incidente, sequer usando a palavra acidente, pois acidente segunda implica admitir que houve um erro por parte da ação policial. Não obstante, como aponta Rita, tudo acontece por uma razão, especialmente em um sistema opressor como o vivido por elas. A cozinheira ainda acrescenta que a colega não estava interferindo em situações alheias, o que para ela é relevante, visto que ela mesma preza pela neutralidade, jamais interferindo ou buscando ajudar ou proteger Offred, por exemplo. Contudo, se a *Martha* tomou um tiro em um local em que não havia conflito, é porque a república constatou que a periculosidade da mulher era o suficiente para que precisasse ser eliminada. Sendo assim, o totalitarismo é tão violento quanto frágil e por isso um simples olhar ou palavra são armas poderosas contra o sistema.

¹⁸⁶ Na semana passada mataram a tiros uma mulher, bem aqui. Era uma Martha. Estava remexendo em sua túnica em busca do passe, e pensaram que estivesse apanhando uma bomba. Pensaram que fosse um homem disfarçado. Já houve incidentes desse tipo. Rita e Cora conheciam a mulher. Eu as ouvi falando sobre a o ocorrido, na cozinha. Estavam fazendo seu trabalho, disse Cora. Mantendo-nos seguras. Nada é mais seguro que a morte, retrucou Rita, em tom zangado. Ela estava apenas cuidando de suas obrigações. Não havia necessidade de matá-la. Foi um acidente, disse Cora. Acidentes não existem. Tudo acontece intencionalmente.” (*op. cit.*, p. 60)

Retomando a análise inicial do diálogo entre Offred e Ofglen em que a segunda comenta sobre o conflito com os Batistas, a narradora acrescenta: “(...) Sometimes I wish she would just shut up and let me walk in peace. But I’m ravenous for news, any kind of news; even if it’s fake news, it must mean something.” (p. 31)¹⁸⁷ Offred ressalta o anseio por notícias, visto que as *Handmaids* só têm acesso a informações durante as breves idas ao supermercado, momento em que podem interagir com a parceira de caminhada. É por isso também que Offred questiona como Ofglen sabe desse conflito, ao dizer “I don’t ask her how she knows.”, especialmente no que se refere à identidade do inimigo. Caso contrário, só ficam sabendo do que está ocorrendo ao ouvirem conversas entre as *Marthas*, que buscam distância delas. Outro apontamento relevante do que Offred diz está na veracidade das informações, cogitando que o conflito nunca existiu, sendo uma *fake news*.¹⁸⁸

Outro aspecto relevante do trecho de discussão entre as aias está no fato de Offred não saber nada sobre Ofglen, visto que apesar de serem companheiras de caminhada, o objetivo é que uma observe a outra e reporte caso note algum comportamento ou discurso que não condiz com a ideologia da República de Gilead. Essa distância entre as castas, mencionada anteriormente nesse trabalho é devido a uma estratificação da sociedade, que tece uma narrativa de terror e oposição entre os diferentes grupos para que estejam em constante conflito entre si, ao invés de buscar uma união para possível superação.¹⁸⁹ O conflito é construído e ressaltado por meio de diversos mecanismos, sendo um deles o da inveja, como elucidado a seguir: “Maybe it’s just something to keep the Wives busy, to give them a sense of purpose. But I envy the Commander’s Wife, her knitting. It’s good to have small goals that can be easily attained. What does she envy me?”¹⁹⁰ (*op. cit.*, p. 19) Offred sente inveja do privilégio da *Wife* em poder tricotar, uma vez que as *Handmaids* passam o dia sem ter acesso a qualquer tipo de atividade,

¹⁸⁷ “Às vezes eu desejaria que ela apenas se calasse e me deixasse andar em paz. Mas estou faminta por notícias, qualquer tipo de notícias, mesmo que sejam falsas notícias, devem significar alguma coisa.” (*ibid.*)

¹⁸⁸ Sobre as chamadas fake news, é importante fazer um breve comentário tendo em vista sua importância no contexto atual. Essa expressão tornou-se notória na eleição presidencial americana de 2016 e até mesmo foi considerada como a palavra do ano de 2017 de acordo com o *Collins Dictionary*. Pesquisadores definem as fake news como notícias que são intencionalmente and comprovadamente falsas, e que podem enganar leitores (Alcott and Gentzkow, 2017, p. 213). Na atualidade, é possível encontrar diversas fake news, cujo objetivo principal é conduzir o leitor a acreditar em um suposto fato sem embasamento ou evidência científica comprovada. Essas notícias têm grande impacto, pois se a população não buscar verificar sua veracidade, acreditará em especulações ou opiniões infundadas, dando espaço para a criação de teorias conspiratórias ou que buscam trazer a desinformação. No contexto de Offred, sequer há possibilidade de saber se o conflito existe, uma vez que a mídia é controlada pelo regime e manipula as informações. Portanto, percebe-se que não importa se o relato é verdadeiro ou não, porque possivelmente seu objetivo é o de instaurar o medo e mostrar que qualquer ato de transgressão não será perdoado.

¹⁸⁹ Capítulo II, 2.2 – A importância da voz feminina

¹⁹⁰ “Talvez seja apenas alguma coisa para manter as Esposas ocupadas, dar-lhes um sentido de objetivo a cumprir. Mas invejo a Esposa do Comandante por seu tricô. É bom ter pequenas metas que podem ser facilmente alcançadas. O que ela inveja em mim?” (*op. cit.*, p. 16)

exceto a de caminhar para fazer compras. Quando não estão na situação de ócio, estão participando da cerimônia em que seus corpos são violados. Contudo, Gilead busca colocar até mesmo mulheres da mesma casta em oposição, como o tratamento hostil dirigido a Janine ao engravidar:

She's a magic presence to us, an object of envy and desire, we covet her. She's a flag on a hilltop, showing us what can still be done: we too can be saved." (...) "Show-off", a voice hisses and this is true. A woman that pregnant doesn't have to go out, doesn't have to go shopping. The daily walk is no longer prescribed, to keep her abdominal muscles in working order. She needs only the floor exercises, the breathing drill. She could stay at her house. And it's dangerous for her to be out, there must be a Guardian standing outside the door, waiting for her. Now that she's the carrier of life, she is closer to death, and needs special security. Jealousy could get her, it's happened before. All children are wanted now, but not by everyone. But the walk may be a whim of hers, and they humor whims, when something has gone this far and there's been no miscarriage. Or perhaps she's one of those, *Pile it on, I can take it*, a martyr. I catch a glimpse of her face, as she raises it to look around. The voice behind me was right. She's come here to display herself. She's glowing, rosy, she's enjoying every minute of this. (*op. cit.*, p. 42)¹⁹¹

Para as *Handmaids*, Janine demonstra superioridade por meio da gravidez e as outras a invejam por isso. Além disso, se queixam de suas atitudes e até mesmo de sua suposta felicidade, por meio da descrição de seu rosto feliz. O anseio por engravidar pode ser relacionado com uma suposta garantia de estabilidade no sistema, porque de acordo com as regras, mulheres férteis serão recompensadas por não serem enviadas às Colônias. Contudo, é relevante destacar que apenas na gravidez as *Handmaids* são humanizadas e Janine explora tal aspecto, a ponto de poder escolher comidas e receber atenção de modo que se possam se sentir relevantes. Na narrativa, a postura de Janine foi julgada como desnecessária, mas em um mundo tão opressor e difícil para mulheres, qualquer situação benéfica tornou-se necessária para preservar a saúde mental. Os comentários desse trecho demonstram certo grau de insatisfação com a “conquista” de Janine. De certo modo, é possível afirmar que mais uma vez houve uma desconsideração pela *Handmaid* e o discurso da narradora até soa patriarcal, semelhante até mesmo a uma fala das *Aunts*, tendo em vista que Offred diz que essas atitudes eram desnecessárias e que Janine

¹⁹¹ “Ela é uma presença mágica para nós, um objeto de inveja e desejo, nós a cobiçamos. Ela é uma bandeira no alto de uma colina que nos mostra o que ainda pode ser feito: também podemos ser salvas. — Exibida — sibila uma voz, e isso é verdade. Uma mulher grávida não tem que sair, não tem que fazer compras. A caminhada diária não é mais obrigatória, para manter os músculos abdominais exercitados e em bom estado de funcionamento. Ela precisa apenas dos exercícios de solo e de treinamento respiratório. Poderia ficar em casa. E é perigoso para ela estar fora de casa, deve haver um Guardiã postado do lado de fora da porta, esperando por ela. Agora que é uma portadora de vida, está mais próxima da morte e precisa de segurança especial. Poderia ser vitimada pelo ciúme. Todas as crianças agora são queridas, mas não por todo mundo. Mas a caminhada deve ser um capricho seu, e eles satisfazem caprichos, quando a coisa conseguiu chegar tão longe e não houve nenhum aborto. Ou talvez ela seja uma daquelas. *Podem mandar ver no sofrimento, eu aguento*, uma mártir. Consigo ver seu rosto de relance, quando o levanta para olhar ao redor. A voz atrás de mim estava correta. Ela veio para se mostrar. Está toda rosada, fulgurante, está adorando cada minuto disso.” (*op. cit.*, p. 80)

deveria ser mais discreta e buscar não se expor para não prejudicar o bebê. Aqui, notam-se os efeitos do discurso do regime na mente dessas mulheres, que involuntariamente começam a pensar como o regime deseja. Não obstante, é necessário cuidado e reflexão em relação às atitudes de Janine. Afinal, enquanto não engravidam, as aias são maltratadas, abusadas e invisíveis aos olhos da república e do mundo, exceto quando buscam se libertar do sistema. Como não é possível gerar uma criança sem mulheres, e há uma crise de fertilidade, Gilead está refém dessas grávidas, mas uma vez que o bebê nasce, a mãe perde seus direitos e a criança se torna propriedade das famílias dos *Commanders*.

A inveja mencionada acima não ocorre somente entre aias, mas é generalizada em todas as castas: “Rita stops chopping the carrots, stands up, takes the parcels out of the basket, almost eagerly. (...) Nothing I bring fully pleases her. She’s thinking she could have done better herself. She would rather do the shopping, get exactly what she wants; she envies me the walk. In this house we all envy each other something.”¹⁹² (*op. cit.*, p. 76) Rita conversa com Offred apenas quando necessário e, de acordo com a *Handmaid*, nada que faz é bom o suficiente, porque Rita gostaria de ter o que ela não tem: a liberdade de ir ao mercado, na ilusão de que talvez pudesse escolher o que irá preparar no dia. Não obstante, se sabe que a comida é limitada e que, portanto, é apenas um anseio por uma liberdade de ir e vir da casa somente para fazer as compras semanais, mas que nesse regime toma grandes proporções e pode até ser visto quase que como um privilégio. Além disso, a aia, apesar de ser praticamente uma prisioneira, não cozinha ou cuida das tarefas domésticas. As *Marthas* precisam servi-la e isso as incomoda, pois não conseguem enxergar as *Handmaids* como mulheres dignas de serem servidas. Tal desgosto parece ser incessante e o motivo por trás pode ser visto como uma questão de classe: um rancor oriundo da classe média quando os privilégios estão sob ameaça.

A inveja que perpassa a narrativa corrobora a visão de que a obra identificou e trouxe à tona paradoxos, dilemas, contradições e impasses que perpassaram o feminismo contemporâneo e os relacionamentos entre as mulheres (ADAMO, 1998, p. 19). Isso fica ilustrado no romance, por exemplo, ao descrever o quanto a dinâmica das relações entre mulheres é árdua e repleta de potenciais conflitos, mesmo entre integrantes da mesma casta como é o caso das visões e comentários de Offred em relação à Janine, algo que também foi

¹⁹² “Rita para de cortar as cenouras, se levanta, tira os embrulhos da cesta, quase que avidamente. Está impaciente para ver o que eu trouxe, embora sempre franza o cenho enquanto abre os embrulhos; nada que eu traga a agrada plenamente. Está pensando que ela poderia ter feito melhor. Preferiria fazer as compras, escolher exatamente o que quer; ela me inveja pela caminhada. Nesta casa todas nós invejamos umas às outras por alguma coisa.” (*op. cit.*, p. 46)

explorado com maior detalhe no Capítulo II.¹⁹³ Contudo, é importante destacar que essa hostilização apenas alimenta a violência e causa um afastamento entre todas, além de incentivar uma competição por poder que, apesar de compreensível, não as leva a lugar algum, pois estão presas em castas que controlam seu papel nessa sociedade.

Isso posto, sabemos que a condição das aias é a mais delicada e são, de certa forma, o grupo mais vigiado e sem liberdade. Vejamos o seguinte comentário de de Johnson (1996):

More importantly, however, for the rigidly monitored Handmaids, whose prescribed and ritualized actions and speech constantly serve to isolate them from their own social group, gossip represents the almost unimaginable possibility of social contact. Offred's yearning for precisely this kind of community is apparent in her desire to gossip with the Marthas, Rita and Cora. (pp. 42-43)¹⁹⁴

O autor usa os termos “rigidly monitored” para se referir ao grau de vigilância sofridos pelas aias e acrescenta um desejo latente de Offred em poder se aproximar das *Marthas*, algo que não acontece. Como destaca o autor, a forma como os grupos foram construídos e a própria linguagem do regime as isolam. Com base nisso, a fofoca não é estabelecida e uma possível maneira de resistir não ocorre. Consequentemente, o silêncio se instaura e as consome. E por isso é tão importante, como analisado previamente no capítulo II, para Offred contar a sua história, subvertendo o sistema por meio da narrativa. À luz de Tolan (2005): “In her everyday activities, Offred resists Gilead’s propagandistic vocabulary by using blunt, deliberately uneuphemistic language.” (p. 35). A aia encontra na linguagem uma saída para resistir e não aceita o discurso bíblico e de caráter sensacionalista que o regime impõe. Ao gravar as fitas, essa mulher está denunciando a barbárie vivida e busca ajudar as colegas que não tiveram a oportunidade de fugir ou foram bem-sucedidas como ela. Nesse sentido, Jeanne Campbell Reesman (1991) comenta:

What is important about Handmaids in this society, one soon discovers, is what happens in the mysterious interior of their bodies, not what they might have to say. Their minds are irrelevant to the outside world. This norm is enforced by the cruel secret police, or Eyes, and by the horrible spectacles of the organized punishments and executions called "Salvagings." No matter how Offred tries to converse with Moira or with Ofglen, for example, she is always thwarted by fear. She thus finds in her secret words addressed to us - her unknown readers - a dialogic retort to this oppression of silence. (REESMAN, 1991, p. 12)¹⁹⁵

¹⁹³ Capítulo II: 2.6 – Janine: sobrevivência e aceitação.

¹⁹⁴ Mais importante, entretanto, para as aias rigidamente monitoradas, cujas ações e palavras prescritas e ritualizadas servem constantemente para isolá-las de seu próprio grupo social, a fofoca representa a possibilidade quase inimaginável de contato social. O anseio de Offred por exatamente esse tipo de comunidade fica evidente em seu desejo de fofocar com as Marthas, Rita e Cora.

¹⁹⁵ “O que é importante sobre as aias nesta sociedade, logo se descobre, é o que acontece no misterioso interior de seus corpos, não o que elas podem ter a dizer. Suas mentes são irrelevantes para o mundo exterior. Essa norma é imposta pela cruel polícia secreta, ou Olhos, e pelos horríveis espetáculos de punições e execuções organizadas

Com base na reflexão acima, o que essas mulheres pensam é irrelevante, porque a polícia secreta as vigia, seleciona e pune quem achar necessário, além de diversos eventos criados por Gilead para instaurar o terror nessas mulheres, que serão analisados na próxima seção deste capítulo. O medo causado por vezes consome Offred e diversas outras mulheres e por isso o silêncio é frequente, visto que tudo o que falam pode ser usado contra elas. É possível inferir que não há por parte da maioria uma crença legítima aos valores defendidos pelo regime totalitário do governo de Gilead, que se apropria de textos bíblicos para instituir e forçar um intenso e árduo controle político. Com base nisso, os valores cristãos aclamados pela teocracia não passam de um discurso vazio e opressor:

Within this demonic scheme even the victimized handmaids are forced into an existence which is no less hypocritical than that of their oppressors; in order to survive they and the narrator among them are constantly obliged to pretend to espouse a system of values which denigrates and threatens to annihilate them. In this manner, all allegedly profoundly Christian society ironically transforms every citizen into a sinner in so far as each person must become a liar and a hypocrite in order to exist within the system. This is, of course, the supreme irony of Atwood's fictional future world; this is a theocracy where not one person is devout and where such notions as faith and morality simply have no meaning. (HAMMER, 1990, p. 40)¹⁹⁶

O ponto nevrálgico citado por Hammer é que para sobreviver é preciso saber fingir. Apesar de ser um regime religioso, ironicamente não existe perdão e todos são pecadores e em sua maioria, hipócritas descrentes. Sendo assim, para Gilead não importa se de fato o indivíduo acredita, desde que se mantenha conivente no papel que lhe foi estabelecido e suficientemente submisso. Cada casta tem seu papel e devido a essa limitação todas as mulheres acabam desejando o que a outra não tem: as aias, anseiam por liberdade corporal e mental, já as *Marthas*, liberdade do trabalho serviçal, e as *Wives*, provavelmente gostariam de ter mais independência nos espaços públicos. A divisão, além de distanciá-las, têm um certo caráter tentador, uma vez que a privação de liberdade é extremamente violenta e estressante.

chamadas "Salvações". Não importa o quanto Offred tente conversar com Moira ou com Ofglen, por exemplo, ela sempre é frustrada pelo medo. Ela encontra assim nas suas palavras secretas dirigidas a nós - seus leitores desconhecidos - uma réplica dialógica a esta opressão do silêncio." (tradução nossa) REESMAN, Jeanne Campbell. *Dark Knowledge in "The Handmaid's Tale"*. USA: The Johns Hopkins University Press. CEA Critic, 1991, Vol. 53, No. 3, pp. 6-22.

¹⁹⁶ "Dentro desse esquema demoníaco, mesmo as servas vitimadas são forçadas a uma existência que não é menos hipócrita do que a de seus opressores; para sobreviver, elas e a narradora entre elas são constantemente obrigadas a fingir que defendem um sistema de valores que as denigre e ameaça aniquilá-las. Desse modo, toda sociedade supostamente profundamente cristã transforma ironicamente cada cidadão em pecador, na medida em que cada pessoa deve tornar-se mentirosa e hipócrita para existir dentro do sistema. Esta é, obviamente, a suprema ironia do futuro mundo fictício de Atwood; esta é uma teocracia onde nenhuma pessoa é devota e onde noções como fé e moralidade simplesmente não têm significado." (tradução nossa)

Uma vez discutido o aspecto da inveja entre as castas, é relevante retomar a discussão do conflito relatado por Ofglen com os Batistas, porque Offred prossegue com suas observações. Toda essa conversa se passa na caminhada até o mercado:

Behind the barrier, waiting for us at the narrow gateway, there are two men, in the green uniforms of the Guardians of the Faith, with the crests on their shoulders and berets: two swords, crossed, above a white triangle. The Guardians aren't real soldiers. They're used for routine policing and other menial functions, digging up the Commander's Wife's garden for instance, and they're either stupid or older or disabled or very young, apart from the ones that are Eyes incognito. (p. 32)¹⁹⁷

Offred introduz mais um grupo que tem como função auxiliar, proteger e servir os *Commanders*. Apesar de serem servos como as *Marthas*, existe uma diferença abismal entre as duas castas: eles atuam como policiais e muitos também são espiões, chamados de *Eyes*. Os *Eyes* são a polícia secreta de Gilead e como o próprio nome denomina, tem como função observar e identificar possíveis traidores. Sequer os Comandantes sabem quais são apenas *Guardians* e quais de fato são *Eyes*, mas o propósito desses indivíduos é novamente de causar medo e manter a vigilância em todas as casas. Sobre essa figura, afirma Nuha S. Alotaibi (2018):

The state of fear they create is established and maintained through the Guardians of the Faith, who are everywhere in their uniforms, and the Eyes, the secret police force. (...) Their inevitable presence is to make sure no one goes where he/she is not supposed to, or does what he/she is not allowed to: "We're not allowed on, there are Guardians now, there's no official reason for us to go down those steps" (39). This leads them to being *trapped*, in the Republic of Gilead, which is enhanced furthermore by the Wall that surrounds the Republic, with bodies hanged on it "like birds with their wings clipped, like flightless birds, wrecked angels. It's hard to take your eyes off them" (286). The symbolic use of birds contradicts with the lack of freedom inside the Wall, which is emphasized by the words 'clipped wings' and 'flightless'. (p. 37)¹⁹⁸

Isso posto, as *Handmaids* temem os *Guardians* que patrulham e estão atentos às suas conversas e comportamento. O uso de uniformes fornece esse teor de união e de quantidade, desenhando

¹⁹⁷ "Atrás da barreira, esperando por nós na passagem estreita do portão, estão dois homens, com os uniformes verdes dos Guardiões da Fé, com o escudo de armas nos ombros e nas boinas: duas espadas cruzadas, acima de um triângulo branco. Os Guardiões não são soldados de verdade. São usados no policiamento de rotina e outras funções sem importância, cavar o jardim da Esposa do Comandante, por exemplo, e ou são burros ou mais velhos ou incapacitados ou muito jovens, exceto pelos que são Olhos ocultos." (*op. cit.*, p. 24)

¹⁹⁸ "O estado de medo que eles criam é estabelecido e mantido por meio dos Guardiões da Fé, que estão por toda parte em seus uniformes, e dos Olhos, a polícia secreta. (...) A sua presença inevitável é para que ninguém vá aonde não deve, ou faça o que não lhe é permitido: 'A gente não pode entrar, agora tem Guardiões, não tem razão oficial para nós descermos esses degraus.' (39). Isso os leva a ficarem presos, na República de Gilead, que é ainda reforçada pela Muralha que cerca a República, com corpos pendurados nela 'como pássaros com as asas cortadas, como pássaros que não voam, anjos naufragados. É difícil tirar os olhos deles '(286). O uso simbólico de pássaros contradiz a falta de liberdade dentro da Parede, que é enfatizada pelas palavras 'asas cortadas' e 'incapazes de voar'." (tradução nossa) ALOTAIBI, Nuha S. Distorted Shadows: Power and Subjugated Women In Margret Atwood's *The Handmaid's Tale*. *Arábia Saudita: IOSR Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS)* Volume 23, Issue 2, Ver. 7 (February. 2018) pp. 35-38.

um cenário em que não há saída para insubmissão. Além dos *Guardians*, existem os chamados de *Eyes* que seguem uma linha muito semelhante, mais uma vez, ao romance distópico de George Orwell *1984*, na medida em que a vigilância ou a sensação de estarem sendo vigiados o tempo todo induz a população a uma sensação de acuamento e isolamento. De acordo com a aia, a “presença inevitável” desses homens é para controle e opressão, de modo que tudo ocorra como esperado. As pessoas buscam manter a disciplina porque não encontram uma saída: a mídia seleciona e manipula seus conteúdos, evitando que as redes de existência venham ao conhecimento público, como é o caso de Offred, descobrindo a existência desses grupos somente posteriormente. Como mencionado na citação acima, se não é necessário descer os degraus elas não o deverão fazer, porque isso sairia do padrão comportamental esperado. A metáfora estabelecida é de que as pessoas enforcadas nos muros são como pássaros que ao buscarem sua liberdade tiveram suas asas cortadas. Como dito na passagem, isso reflete a situação das aias que, se tentarem sair dos limites que lhes foram estabelecidos, terão o mesmo fim. É um aviso que traz uma mensagem mortal e distorção de preceitos bíblicos: não siga as regras e será punido em nome de Deus. Pensando sobre o impacto que essa polícia têm nas personagens, no trecho abaixo, Offred demonstra a insegurança e medo causados pela figura de Nick, o *Guardian* da família Waterford:

He lives here, in the household, over the garage. Low status: he hasn't been issued a woman, not even one. He doesn't rate: some defect, lack of connections. But he acts as if he doesn't know this, or care. He's too casual, he's not servile enough. It may be stupidity, but I don't think so. Smells fishy, they used to say; or, I smell a rat. Misfit as odour (...) He begins to whistle. Then he winks. (...) He's just taken a risk, but for what? What if I were to report him? Perhaps he was merely being friendly. Perhaps he saw the look on my face and mistook it for something else. Really what I wanted as the cigarette. Perhaps it was a test, to see what I would do. Perhaps he is an Eye. (*op. cit.*, pp. 28-29)¹⁹⁹

Sobre o que foi afirmado acima, primeiro é preciso compreender que um *Guardian* necessita obter certo poder político para se casar e por isso Offred desconfia do status de Nick, que não tem esposa. Não obstante, nota-se no discurso da *Handmaid* uma certa oscilação acerca do

¹⁹⁹ “Ele mora aqui, na casa da família, em cima da garagem. Tem baixo status: oficialmente não lhe foi concedida uma mulher, nem sequer uma. Não conseguiu se classificar para isso: tem algum defeito, falta de bons contatos. Mas age como se não soubesse disso, ou pouco se importasse. É demasiado informal, não é servil o suficiente. É possível que seja por burrice, mas não acredito. Não me cheira nada bem, costumavam dizer; ou: Me deixa com a pulga atrás da orelha, me cheira falso (...) Ele começa a assobiar. Então pisca um olho. Baixo a minha cabeça e viro de modo que as abas brancas me escondam o rosto, e continuo a andar. Ele acabou de se arriscar, mas para quê? E se eu o denunciasses? Talvez estivesse apenas sendo amistoso. Talvez tenha visto a expressão em meu rosto e a interpretado erroneamente como sendo outra coisa. Na verdade, o que eu queria era o cigarro. Talvez tenha sido um teste, para ver o que eu iria fazer. Talvez ele seja um Olho.” (*op. cit.*, p. 28)

homem, incerta se de fato ele pode ser visto como relativamente inofensivo ou perigoso. Offred tem consciência de que qualquer denúncia de um homem em Gilead é fatal para uma mulher e desconfia de que Nick possa ser um espião por sua postura indiferente e audácia ao piscar para ela. A conduta de todos no regime deve ser extremamente calculada, porque, como discutido previamente, é importante que o comportamento esteja conforme os padrões estabelecidos. Nick destoa dessa padronização e isso a assusta e a incomoda ao mesmo tempo. Assusta ao pensar no poder que ele pode vir a ter sobre ela e incomoda talvez por dois motivos: por estar habituada ao regime que demanda de todos cautela, mas isso talvez não se aplique a ele. Por último, a aia conclui que sua indiferença talvez seja um teste para ver sua reação, uma vez que sente dificuldade em conceber que esse homem não tenha qualquer grau de poder. Ademais, essa interação com Nick mostra uma característica que perpassa todo o romance: as relações entre as pessoas são repletas de desconfiança. Todos podem ser e são o inimigo. Desse modo, não é possível estabelecer vínculos verdadeiros entre as pessoas ou que haja uma troca de confidências, sendo uma forma eficiente de distanciar as pessoas. Consequentemente, todos serão desconhecidos e tampouco conseguirão resistir por medo de traições e de torturas. A morte já não é mais o maior problema, sendo para algumas pessoas uma alternativa viável. Contudo, a violência por meio de castigos e torturas inimagináveis gera horror e um medo paralisante.

Considerando tais aspectos, Offred ao longo de seu relato reflete que talvez não seja uma questão de controle, mas sim de poder. É por isso que comandantes tem diversos privilégios enquanto as aias são tratadas como objetos descartáveis. Com base nesse contexto, afirma:

Maybe none of this is about control. Maybe it isn't really about who can own whom, who can do what to whom and get away with it, even as far as death. Maybe it isn't about who can sit and who has to kneel or stand or lie down, legs spread open. Maybe it's about who can do what to whom and be forgiven for it. Never tell me it amounts to the same thing. (*op. cit.*, p. 209)²⁰⁰

Offred pontua dois aspectos discutidos nas páginas anteriores: controle e poder. Compreende que o controle está nas mãos dos poderosos e tem consciência de que o regime funciona em prol do alto escalão. Além disso, se necessário, serão perdoados por transgressões, já que não buscam o término do regime, mas sim a manutenção dele. Esse sistema é vantajoso para

²⁰⁰ “Talvez nada disso seja a respeito de controle. Talvez não seja realmente sobre quem pode possuir quem, quem pode fazer o que com quem e sair impune, mesmo que seja até levar à morte. Talvez não seja a respeito de quem pode se sentar e quem tem de se ajoelhar ou ficar de pé ou se deitar, de pernas abertas arreganhadas. Talvez seja sobre quem pode fazer o que com quem e ser perdoado por isso. Nunca me diga que isso dá no mesmo.” (*op. cit.*, p. 240)

famílias poderosas que antes não poderiam forçar outras mulheres a entregarem ou parirem filhos para eles, mas que agora não somente têm poder como também controle sobre elas. Além de receberem uma genitora, ganharam servos e a única preocupação é de manter o regime, usando de diversos artifícios para tal, como a violência, discurso bíblico, manipulação da mídia, entre outros.

Com base nisso, a conversa entre Offred e Ofglen, além dos diversos trechos discutidos, revelam importantes questões para se compreender a obra de *The Handmaid's Tale*. Uma das principais estratégias é a de criar um constante conflito interno e externo que pode colocar a população em risco caso eles não os apoiem. Por meio desse terror possivelmente fictício, as pessoas acabam acreditando que sua segurança depende da estabilidade de Gilead. Contudo, isso apenas evidencia a fragilidade do sistema, que depende da exploração alheia por meio de propagação de *fake news* e de discursos terroristas. Os rebeldes, de acordo com Gilead, são todos aqueles que não seguem a doutrina religiosa imposta, além de cientistas, feministas, especialistas e médicos que são contra as práticas adotadas. De acordo com Offred, médicos que faziam procedimentos de remoção de feto são considerados criminosos de guerra. À luz da República de Gilead, não era justificável tal prática mesmo que fosse legal e autorizada. (p. 54) Esses médicos são constantemente perseguidos e enforcados em praça pública para serem desdenhados e odiados:

What are we supposed to feel towards these bodies is hatred and scorn. This isn't what I feel. These bodies hanging on the Wall are time travelers, anachronisms. They've come here from the past.

What I feel towards them is blankness. What I feel is that I must not feel. What I feel is partly relief, because none of these men is Luke. Luke wasn't a doctor. Isn't. (...) Ordinary, said Aunt Lydia, is what you are used to. This may not seem ordinary to you now, but after a time it will, it will become ordinary. (*op. cit.*, pp. 53-54)²⁰¹

A jovem relata que está tomada por uma série de sentimentos conflitantes, em um embate entre o que sente e o que deveria sentir. Seu relato é tão complexo que é incapaz de definir seus sentimentos, porque não pode se permitir sentir a dor pela morte daquelas pessoas. Como o regime ainda não foi capaz de dominar seus sentimentos e pensamentos, pensa que se trata de uma mistura de nostalgia sobre tempos remotos onde havia liberdade, ciência e médicos e que agora parece tão remoto que chega a incomodar. O que domina seus pensamentos é também um sentimento de alívio por não ver um ente querido naquele lugar e condições.

²⁰¹ “O que sinto por eles é um branco. O que sinto é que não posso, não devo sentir. O que sinto é em parte alívio, porque nenhum desses homens é Luke. Luke não era médico. Não é. (...) O costureiro, dizia tia Lídia, é aquilo a que vocês estão habituadas. Isso pode não parecer costureiro para vocês agora, mas depois de algum tempo será. Irá se tornar costureiro.” (*op. cit.*, p. 46)

Por meio de tantos assassinatos e busca incessante por inimigos, afinal, Gilead se sustenta com base em uma narrativa de guerra, impede que as pessoas respondam por medo do que farão com elas e com as pessoas próximas a elas. Ademais, sabem que suas vidas são descartáveis, como a da Martha morta por um *Guardian* por um motivo quase irrelevante. Compreendem também que não haverá ninguém para salvá-las, caso sejam capturadas. Isso faz com que essas pessoas sintam que a única alternativa diante delas é a subserviência e a escravidão, porque é melhor estar vivo do que morto. Além do isolamento, diariamente devem escutar e repetir as ideologias de Gilead que buscam fazer uma lavagem cerebral e as convencer de que todos tem o fim que merecem. Por meio desse discurso incentivam a desunião das castas, tendo *Wives*, *Handmaids* e *Marthas* distanciadas e invejando o que a outra não tem.

Para atingir esse fim, além do discurso terrorista e assassinatos a sangue frio, todos tem a sensação de que estão sendo monitorados. Para as *Handmaids*, a vigilância ocorre por todas as castas incluindo sua própria. Já os outros grupos, são observados prioritariamente pelos *Guardians* para que o comportamento esteja de acordo com o que foi definido pela República de Gilead. A guerra na realidade é contra tudo e todos e por isso é tão difícil confiar em alguém que faz parte desse sistema que incentiva traições e mata pessoas sem pestanejos ou qualquer evidência concreta. A fidelidade religiosa tampouco importa, como mencionado previamente, desde que saibam atuar como fervorosos religiosos. A Bíblia é utilizada acima de tudo como uma justificativa para a barbárie, mas seu conteúdo fora subvertido e por isso várias pessoas não têm acesso aos textos e à leitura, como mencionado no Capítulo II.

Portanto, as principais armas do regime são o poder, o controle e o medo. O controle ocorre uma vez que tudo passa por um filtro ideológico de Gilead, então não é possível checar as informações recebidas. O discurso é também meticuloso, sensacionalista e busca incentivar as pessoas a apoiarem Gilead e lutar por sua permanência. Além disso, a divisão do regime em castas fornece um certo grau de poder – especialmente para as *Wives* –, o que gera inveja entre as castas. Tal inveja, por sua vez, as impossibilita de se comunicarem genuinamente – indo além de trocas superficiais ou de frases padronizadas como “Blessed be the fruit. May the lord open.”²⁰² A inveja é também um mecanismo de controle, impedindo uma organização articulada e as distrai por meio de desejos que não existiam antes de Gilead. Até mesmo as aias causam inveja, pois apesar de serem o grupo mais prejudicado, não são completamente isentas de poder. Não obstante, novamente é necessário salientar que até mesmo o poder das aias é desumanizado, sendo tratadas como mero objetos que satisfazem a luxúria de homens sexualmente frustrados:

²⁰² “— Bendito seja o fruto (...) — Que possa o Senhor abrir.” (*HT*, 2017, p. 22)

They touch with their eyes instead and I move my hips a little, feeling the null red skirt sway around me. It's like thumbing your nose from behind a fence or teasing a dog with a bone held out of reach, and I'm ashamed of myself for doing it, because none of this is the fault of these men, they're too young.
Then I find I'm not ashamed after all. I enjoy the power; power of a dog bone, passive but there. I hope they get hard at the sight of us and have to rub themselves against the painted barriers, surreptitiously. (*HT*, 2016, p. 36)²⁰³

A *Handmaid* compreende que o desejo por seu corpo pode ser visto como uma potente arma para conseguir escapar e ter um vida mais tolerável, como os privilégios que obteve depois de se relacionar com o *Commander*. No entanto, concebe que é um jogo desproporcionalmente perigoso: Waterford cometeu atos ilícitos com uma aia anterior à narradora e não foi punido, tendo apenas a mulher sofrido as consequências que provavelmente a levaram à morte. Isso também demonstra que Gilead não cumpre com o que prega, uma vez que a proibição de atividades sexuais, apesar de condenada exceto nos rituais prescritos, ocorre normalmente e com frequência, tendo até mesmo um espaço marginal onde apenas homens casados comparecem para satisfazerem sua luxúria, o bordel chamado Jezebel's.

Na situação acima, Offred deseja castigar os jovens, que apesar de não serem responsáveis pela instauração do regime, agem com fanatismo e lealdade, dispostos a se sacrificarem. Isso acontece porque não existe um mundo pré-Gilead para esses jovens, sendo essa a única realidade que conhecem. Ademais, vivem em uma sociedade sexualmente reprimida cujo olhar é um ato de violação, por isso Offred os provoca deliberadamente, como forma de protestar e reagir. Contudo, a relação de Offred com seu corpo é paradoxal: ao mesmo tempo que admite sentir prazer no poder de seu corpo, está consciente de que foi a fertilidade de seu útero que a colocou naquela posição. Por isso, por vezes sente desgosto e em outros momentos, prazer.

Tendo em vista o controle e a inveja, o medo é uma consequência dessas questões discutidas nessa seção do capítulo, seja por meio da desinformação, do sensacionalismo, dos discursos de terror, da desunião alimentada pela inveja e das formas de controle. As pessoas temem Gilead porque sequer têm consciência de seu potencial transformador e de agentes, e

²⁰³ “Eles tocam com os olhos, e eu remexo um pouco os quadris, sentindo a saia vermelha rodada balançar ao meu redor. É como dar uma banana quando se está atrás de uma cerca ou atirar um cachorro com um osso mantido fora do alcance, e sinto-me envergonhada de meu comportamento, porque nada disso é culpa desses homens, são jovens demais. Então descubro que afinal não estou envergonhada. Aprecio o poder; o poder de um osso de cachorro, passivo, mas presente. E espero que fiquem de pau duro ao nos verem e que tenham que se esfregar contra as barreiras pintadas, às escondidas.” (*op. cit.*, p. 33)

sentem que não é possível encontrar uma saída quando não sabem a quem recorrer, seja por conversas e relacionamentos superficiais, seja por desconfiança.

Sendo assim, outra força potente do romance está em demonstrar os efeitos da alienação dos indivíduos entre si, assim como a vigilância e a falsa propaganda fortalecem o Estado de modo a controlar os cidadãos, como será analisado na página 152 deste trabalho. No trecho em questão, Offred diz que as notícias televisionadas lhe parecem falsas e que não há como verificar a veracidade do que está sendo relatado. Além disso, explica que geralmente as Aias não têm acesso a televisão, o que pode ser visto como mais um mecanismo que busca as alienar de tudo e todos. Consequentemente, o espaço as aliena, o corpo está alienado e até mesmo sua função social é alienante, na medida em que lhes foram retirados direitos básicos, tais como o de leitura e até mesmo fala, visto que não há sobre ou com quem conversar a não ser sobre condições meteorológicas do dia e frases pré-estabelecidas aprendidas no *Red Center*.

Além disso, o romance mostra que a vida rotineira dessas pessoas se tornou quantificada, rigidamente programada e coreografada (TOLAN, 2005, p. 34). Torna-se imperativo, portanto, para grupos de resistência como o *Mayday*, uma maior articulação entre integrantes e interessados. Offred, por exemplo, apenas descobriu o grupo por insistência de Ofglen, que se expôs diversas vezes até que a colega compreendesse. E no caso dos que já são membros ativos, que *Mayday* busque incentivar a comunicação para que todos tenham acesso às informações necessárias. Além disso, que tentem desconstruir e retirar as pessoas que estão presas nos papéis que lhes foram atribuídos (os de Serva, Esposa e Aia) de modo a se tornarem um coletivo cuidadoso que mesmo quando descobertos não incriminam ninguém além dos indivíduos que já foram capturados. Uma vez atingido um número razoável de pessoas, é preciso estabelecer um confronto direto ou indireto (por dentro das próprias castas), para reconquistarem direitos perdidos e mudarem o opressor *status quo*.

3.2 – *A barbárie como modus operandi*

3.2.1 – As Colônias

Os espaços chamados de *The Colonies* se referem ao período colonial americano e, consequentemente, estabelecem um paralelo com a exploração e escravidão de povos colonizados. A escolha pelo nome fornece indícios do que ocorre: aqueles cujo destino são as Colônias perdem o pouco direito que ainda tinham e são desumanizados por completo. Portanto, é um espaço que pode ser visto como uma materialização do legado de injustiça e violência.

Essas são regiões dos Estados Unidos contaminadas com lixo tóxico – e, sendo assim, locais em que a morte é certa, mas lenta e penosa, típica de espaços de punição e tortura. De acordo com Offred, são as regiões para onde as mulheres inférteis e pobres vão para morrer, mas que são explorados por meio do trabalho braçal nesse meio tempo porque o regime precisa que o lixo tóxico seja retirado. A primeira passagem no romance que menciona esses espaços está presente no segundo capítulo:

She (**Rita**) thinks I may be catching, like a disease or any form of bad luck. (...)
 Once, though, I heard Rita say to Cora that she wouldn't debase herself like that. Nobody asking you, Cora said. Anyways, what could you do, supposing?
 Go to the Colonies, Rita said. They have the choice.
 With the Unwomen, and starve to death and Lord knows what all? said Cora. Catch you. (...)
 Anyways, they're doing it for us all, said Cora, or so they say. If I hadn't of got my tubes tied, it could have been me, say I was ten years younger. It's not that bad. It's not what you'd call hard work. (p. 14)²⁰⁴

Offred diz que Rita a trata como uma doença contagiosa, o que evidencia sua falta de vínculo com essas mulheres. Ao invés de encontrar acolhimento de pessoas que também são de certa forma escravas dos *Commanders*, é tratada com indiferença e desdém. Isso ocorre porque a *Martha* demonstra certo grau de indignação por Offred ter aceitado se tornar uma *Handmaid*. No diálogo com sua colega de trabalho Cora, menciona que poderia ter escolhido ir para as colônias. Contudo, é necessário questionar até que ponto elas de fato tiveram essa escolha? Assim é o caso que logo em seguida Cora diz que uma vez nesse local, ela se tornaria uma *Unwoman* e possivelmente morreria de fome. Portanto, seria escolher entre a vida e a morte. Refletindo ainda sobre esse trecho, chama atenção a depreciação que fazem da função da *Handmaid*, como se fosse um trabalho fácil e que qualquer uma poderia fazer, inclusive a própria Cora, caso fosse mais jovem e não houvesse feito a ligadura de trompas. Do mesmo modo que Rita, Cora sequer reflete sobre a desumanização de seus comentários.

O discurso dessas mulheres tem o teor conformista almejado pela República de Gilead, uma vez que não buscam questionar o sistema e a criação de castas que as transformou em servas domésticas, sem liberdade ou grandes privilégios. À luz de Michael Foley (1990), em resposta a opressão tradicionalista, algumas personagens se colocam como vítimas diante da

²⁰⁴ “Ela (**Rita**) acha que pode ser contagioso, como uma doença ou qualquer forma de má sorte. Certa vez, contudo, ouvi Rita dizer para Cora que não se rebaixaria dessa maneira. Ninguém está lhe pedindo que o faça, retrucou Cora. De qualquer maneira, o que você poderia fazer, se acontecesse? Ir para as Colônias, respondeu Rita. Elas têm essa escolha. Com as Não mulheres, e morrer de fome e Deus sabe o que mais?, disse Cora. Agora te peguei. De qualquer maneira, elas estão fazendo isso por todos nós, disse Cora, ou pelo menos é o que dizem. Se eu não tivesse ligado as trompas, poderia ter sido eu, digamos, se fosse dez anos mais moça. Afinal, não é assim tão mau. Não é o que se consideraria trabalho pesado.” (*op. cit.*, pp. 13-14, grifo nosso)

distopia, enquanto outras não buscam contestar e aceitam o que lhes foi dado. Sobre Rita e Cora, o autor diz:

The Marthas Cora and Rita are representative of their class, leading humdrum lives, yet they present an interesting contrast. Though both seem to have adjusted to and accepted the daily routine of chores in the Commander's house, each has her own mental reaction to it. Cora, who invariably presents a more pleasant face to the Narrator, interacting with her and anticipating her pregnancy with almost childlike enthusiasm, seems on the whole to be well adjusted to her station — in other words, seems most of the time to be in Position One, denying the fact that she is a victim. Whether it is because her duties are not so degrading or onerous, or because she lacks perceptiveness, she has adjusted to her lot without revealing evidence of any consequent mental stress. The case is different with Rita, whose surly hostility towards the Narrator puts Rita in Position Two, acknowledging the fact that she is a victim but attributing her victimization to some vast unchangeable cause and shifting the blame to someone other than those responsible. Rita's resentment towards one actually decreases as one moves up the ladder of power, as she demonstrates by becoming noticeably less cool towards the Narrator after learning that she has obtained, from the Commander's Wife, the privilege of a match and the marginally higher status Rita perceives to accompany it. (...) It is Cora and Rita who, in their domesticity, are most reminiscent of the traditional ideal of the "women's sphere" mentioned earlier. Though Rita's mental conflict is observable, neither woman consciously questions her servitude.²⁰⁵ (FOLEY, 1990, p. 52)

De acordo com o crítico, essas mulheres estão bem adaptadas ao sistema, de modo que suas atitudes e discurso estão conforme o esperado de Gilead mesmo quando estão sozinhas. Cora demonstra mais compaixão por Offred, enquanto Rita demonstra insatisfação. Foley diz que Rita não apenas está insatisfeita como culpabiliza outros sobre seus problemas e Offred pode ser vista como uma das pessoas a que frequentemente culpa, mesmo quando não é cabível, como foi o caso de levemente dizer que a aia deveria ter escolhido ir para o espaço das colônias, como se não soubesse que seria o mesmo que optar por uma morte penosa. Cora, em outros momentos, demonstra mais ingenuidade a ponto de não perceber questões primordiais,

²⁰⁵ “As Marthas Cora e Rita são representantes de sua classe, levando vidas monótonas, mas apresentam um contraste interessante. Embora ambas pareçam ter se adaptado e aceitado a rotina diária de tarefas na casa do Comandante, cada uma tem sua própria reação mental a isso. Cora, que invariavelmente apresenta um rosto mais agradável à narradora, interagindo com ela e antecipando sua gravidez com entusiasmo quase infantil, parece no geral estar bem ajustada à sua posição – em outras palavras, parece na maioria das vezes estar na Posição Um, negando o fato de que ela é uma vítima. Seja porque seus deveres não são tão degradantes ou onerosos, ou porque lhe falta percepção, ela se ajustou ao seu destino sem revelar evidências de qualquer estresse mental consequente. O caso é diferente com Rita, cuja hostilidade grosseira em relação a narradora coloca Rita na Posição Dois, reconhecendo o fato de que ela é uma vítima, mas atribuindo sua vitimização a alguma vasta causa imutável e transferindo a culpa para outros que não os responsáveis. O ressentimento de Rita em relação a alguém realmente diminui à medida que se sobe na escada do poder, como ela demonstra tornando-se visivelmente menos fria em relação a Offred depois de saber que obteve, da esposa do comandante, o privilégio de uma acendida de cigarro e o status marginalmente mais alto que Rita percebe que Offred ganhou. (...) São Cora e Rita que, em sua domesticidade, mais lembram o ideal tradicional da ‘esfera feminina’ mencionado anteriormente. Embora o conflito mental de Rita seja observável, nenhuma das mulheres questiona conscientemente sua servidão.” (tradução nossa)

como quando acredita que o assassinato de outra Martha foi porque a polícia estava buscando as proteger. Ao invés de Rita colocar seu descontentamento em Offred, poderia fazer uso disso para ajudá-la a sair dessa condição. Porém, opta pela opção mais cômoda, que é o conformismo aliado à reclamação. No entanto, a partir do momento que nota uma mudança do tratamento de Serena sobre Offred – após a aia ter aceitado dormir com Nick para poder engravidar –, Rita a vê com olhos mais positivos, apenas porque poderá conseguir algum tipo de privilégio com isso.

Apesar desses apontamentos nevrálgicos sobre a relação entre as diferentes personagens femininas, se faz necessário compreender o horror que as Colônias causam nas mulheres e como representam espaços de barbárie. Talvez essas mulheres não tenham refletido sobre suas falas ou ainda não tenham noção de que ir para esses espaços não se trata de uma escolha, mas de um castigo mortal.

Uma situação que ilustra o medo ocorre quando Offred vai ao médico fazer um *check-up* e o homem que a atende faz uma proposta de ajudá-la a engravidar, visto que, de acordo com o médico, grande parte dos homens são estéreis, mas quem leva a culpa sempre são as mulheres. A aia hesita, considerando os prós e contras, mas acaba recusando e justifica:

‘No, I can’t.’ The penalty is death. But they have to catch you in the act, with two witnesses. What are the odds, is the room bugged, who’s waiting just outside the door? His hand stops. ‘Think about it,’ he says. ‘I’ve seen your chart. You don’t have a lot of time left. But it’s your life’ (...) He could fake the tests, report me for cancer, for infertility, have me shipped off to the Colonies, with the Unwomen. None of this has been said, but the knowledge of his power hangs nevertheless in the air as he pats my thigh, withdrew himself behind the handing sheet.

I put on my clothes again, behind the screen. My hands are shaking. Why am I frightened? I’ve crossed no boundaries, I’ve given no trust, taken no risk, all is safe. It’s the choice that terrifies me. A way out, a salvation. (pp. 95-96)²⁰⁶

Primeiramente, a personagem reconhece que a recusa não é uma tarefa simples, pois se o médico se sentir ofendido por ter sua proposta recusada, ela estará à sua mercê. As consequências são graves, sendo uma delas o envio às Colônias por seu corpo não ter mais utilidade para Gilead quando constatado que está enferma. Esse inclusive foi o destino de

²⁰⁶ “– Não, não posso. – A penalidade é a morte. Mas eles têm que apanhar você em flagrante no ato, com duas testemunhas. (...) Ele poderia falsificar os resultados dos exames, me delatar, dar um laudo de que estou com câncer, que sofro de infertilidade, me mandar deportar para as Colônias, com as Não mulheres. Nada disso foi dito, mas o conhecimento de seu poder, ainda sim, paira no ar enquanto ele dá uma palmadinha em minha coxa, se retira atrás do lençol pendurado.

Visto as minhas roupas de novo, atrás do biombo. Minhas mãos estão tremendo. Por que estou com medo? Não violei quaisquer limites, não empenhei nenhuma confiança, não assumi nenhum risco. É a escolha que me apavora. Uma saída, uma salvação.” (*op. cit.*, p. 76)

muitas idosas que – aos olhos do regime –, não tinham serventia para o sistema, perdendo respeito e o pouco espaço que tinham nos antigos Estados Unidos.

Além disso, a *Handmaid* tem medo de recusar por compreender que uma escolha contrária aos interesses de uma figura masculina pode ser mortal. No entanto, se sente em uma encruzilhada de qualquer modo porque dos dois lados o perigo reside: aceitar a proposta do médico de ter relações com ele, e acabar sendo descoberta e morta, ou recusar e não cumprir a função que lhe foi imposta e ser enviada às Colônias. É possível inferir que periodicamente mulheres são enviadas para as Colônias sem grandes cerimônias, porque para a manutenção do regime é preciso que sempre existam indivíduos incapazes de aceita-lo, para haja uma justificativa quando enviados às Colônias. Sendo assim, sempre haverá pessoas condenadas e que perderão sua humanidade, sentenciados a limpar vastas terras com lixos tóxicos para que o acúmulo de rejeito e radiação não atinja a área habitada pela república. Portanto, até mesmo a humanidade se tornou de certa forma uma situação de *status* e privilégio, porque nem todos serão tratados como tal e, se essas pessoas não são seres humanos, então não há limites no que poderá ser feito com eles.

O trecho em questão está repleto de nuances e observações a serem feitas, especialmente acerca dos seguintes temas: a marginalização da terceira idade, relações de poder e gênero.

Referente aos idosos, sabe-se que a grande maioria (que não fazia parte do grupo de *Sons of Gilead*) fora enviada para as Colônias devido à visão utilitarista de Gilead. Esse foi o caso da mãe de Offred, que além de tudo, ainda era feminista e, portanto, uma ameaça. A marginalização de idosos está presente neste romance, mas também fora do mundo ficcional, pois mundialmente idosos estão em situação de vulnerabilidade.²⁰⁷

Tal maneira de ver e tratar esse público pode ser relacionado ao próprio sistema capitalista, uma vez que pessoas perdem seu valor social por não serem mais capazes de gerar riqueza. Como consequência, a velhice torna-se um lugar marginalizado. É semelhante com a situação de Gilead: para a manutenção dessa população seria necessário alimentá-los, prover cuidados para quando ficassem doentes e auxílio financeiro para os socialmente vulneráveis. Outrossim, e o fator provavelmente mais relevante: mulheres idosas não são mais consideradas aptas para terem filhos. Por isso, *Marthas* são em sua maioria, mais velhas e/ou inférteis, porém ainda fisicamente aptas para o trabalho doméstico exigido. As *Aunts* são umas das mais velhas entre o grupo de castas, mas foram cuidadosamente selecionadas, de modo que atuam impondo

²⁰⁷ Um exemplo desse cenário foi quando o ministro de Finanças do Japão e vice-primeiro-ministro em 2013, Taro Aso, publicamente afirmou que idosos devem morrer o quanto antes.²⁰⁷ A época, Taro Aso já era idoso, tendo setenta e três anos (completou oitenta e um anos em 2022).

respeito, aparentam aceitar mais passivamente o retrocesso e buscam propagar a ideologia dos *Sons of Jacob* de modo violento e assertivo.

Embora Offred não seja uma idosa, todo o cenário possivelmente acentua sua sensação de insegurança: é uma variável a mais dentro de um contexto repleto de decisões arbitrárias. Afinal, foi por ser mulher que Offred se tornou refém de um regime bárbaro. Ademais, a cada dia que passa sem engravidar, mais próxima está das Colônias, uma vez que sua utilidade depende de gerar uma criança. Na visão de Gilead, quanto mais velha Offred for, menos chances terá de ser bem-sucedida, podendo ser descartada a qualquer momento.

Além da faixa etária, a conversa com o profissional da saúde também elucida questões acerca do poder de homens sobre mulheres, especialmente em situações vulneráveis como aquelas entre médicos e pacientes, em que o conhecimento dos médicos tende a ser específico e, portanto, abre inúmeras possibilidades para manipular ou enganar pacientes. Infelizmente, tampouco na nossa realidade os sentimentos da aia são incomuns quando relações de poder e gênero estão envolvidas. Em relação ao nosso contexto, em 2017, o movimento #MeToo trouxe à luz milhares de mulheres acusando homens poderosos de assédio sexual. Entre esses homens estava um dos mais poderosos produtores de Hollywood, Harvey Weinstein, acusado por dezenas de mulheres, mas que passou impune por diversos acordos de confidencialidade com suas vítimas, coagindo-as a se calarem. Como esse indivíduo detinha muito poder no mundo cinematográfico, atrizes e ex-funcionárias sabiam que uma palavra dele bastava para destruir suas carreiras.²⁰⁸ Portanto, não tinham escolha a não ser aceitarem as ameaças e permanecerem em silêncio. Esse é apenas um exemplo dentre milhares. No diálogo com o médico, Offred se sente igualmente encurralada e coagida por esse poder velado que a deixa em uma contínua situação de medo. Quantas mulheres não precisam se calar no trabalho ou na vida pessoal diante de homens poderosos que exercem influência sobre suas vidas? À luz de Federici (2004) isso ocorre há séculos e se desdobra nos mais diversos âmbitos. Entre as diversas camadas de opressão feminina está a exploração por meio do trabalho:

(...) Dalla Costa e James defendiam que a exploração das mulheres havia cumprido uma função central no processo de acumulação capitalista, na medida em que as mulheres foram as produtoras e reprodutoras da mercadoria capitalista mais essencial: a força de trabalho. Como dizia Dalla Costa, o trabalho não remunerado das mulheres no lar foi o pilar sobre o qual se construiu a exploração dos trabalhadores assalariados, a “escravidão do salário”, assim como foi o segredo de sua produtividade (1972, p. 31). Desse modo, a assimetria de poder entre mulheres e homens na sociedade capitalista não podia ser atribuída a irrelevância do trabalho doméstico para a acumulação capitalista — o que vinha sendo desmentido pelas regras estritas que

²⁰⁸ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/videos/veja-explica/voce-sabe-o-que-e-o-movimento-metoo-veja-explica/>>. Acesso: 19 abr. 2022.

governavam a vida das mulheres — nem a sobrevivência de esquemas culturais atemporais. Pelo contrário, devia ser interpretada como o efeito de um sistema social de produção que não reconhece a produção e a reprodução do trabalho como uma fonte de acumulação do capital e, por outro lado, as mistifica como um recurso natural ou um serviço pessoal, enquanto tira proveito da condição não assalariada do trabalho envolvido. Ao apontarem a divisão sexual do trabalho e o trabalho não remunerado realizado pelas mulheres como a raiz da exploração feminina na sociedade capitalista, Dalla Costa e James demonstraram que era possível transcender a dicotomia entre o patriarcado e a classe, e deram ao patriarcado um conteúdo histórico específico. Também abriram o caminho para uma reinterpretação da história do capitalismo e da luta de classes por um ponto de vista feminista. (p. 31)

De acordo com o trecho, para a solidificação da acumulação capitalista, foi necessário a exploração feminina. Na Idade Média, todas as mulheres trabalhavam – incluindo donas de casa –, mas não havia uma valorização ou sequer era cogitada a remuneração financeira. Com a figura masculina isso não ocorria, pois o discurso hegemônico que ainda reverbera em nossa sociedade é o de que a responsabilidade do homem é a de sustentar financeiramente a família. A mulher, conseqüentemente, estava restrita a cuidar da casa e dos filhos. Essa demarcação de tarefas e papéis de atuação na sociedade entre os sexos acentuou durante a ascensão capitalismo e a exploração e desigualdade de gênero permaneceram. Um exemplo que elucida essa questão é a delicada situação de trabalhadoras(es) domésticas(os) no Brasil. Com base no que foi dito acima, não é surpreendente o fato de que é uma profissão mundialmente e predominantemente composta por mulheres e que costumam ser de famílias com baixa renda.²⁰⁹ Devido à essa vulnerabilidade e somada à exploração e desvalorização do trabalho feminino, seus direitos sequer estão bem delimitados e há aqueles que discordam da formalização dessa ocupação, como cita Girard-Nunes e Silva (2013):

Algumas vozes da sociedade brasileira, ligadas aos interesses de empregadores e se utilizando de diversos meios de comunicação de massa (cf. Bastos & Carvalho, 2013; Osterman, 2013; Fiúza, 2013; Pereira, 2013), têm se posicionado contrárias à ampliação dos direitos das empregadas domésticas, afirmando que tal ampliação de direitos, ao aumentar os custos de contratação, acarretaria o desemprego em massa desta categoria. Tal posicionamento objetiva tão só a permanência das relações trabalhistas, em pleno século XXI, na barbárie. (Girard-Nunes e Silva, 2013, p. 588)

O poder exercido pelo empregador sobre essas mulheres, dependentes dessa renda para sustentarem suas famílias, é em diversas situações, abusivo, e por isso que comentários como o de que acontecerão demissões em massa, se passarem a terem direitos como outras profissões, são tão comuns. A luta por igualdade salarial e de gênero se distancia ainda mais quando são

²⁰⁹ De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) 80% trabalhadoras(es) domésticas(os) são mulheres. Outros dados relevantes indicam essa é uma das ocupações com níveis de remuneração mais baixos no mundo. Disponível em <<https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-domestico/lang--pt/index.htm>> Acesso: 25 abr. 2022.

peessoas que não tem como negociar por direitos mínimos porque sabem que correm risco de desemprego e passarem fome. Paralelamente, as *Marthas* estão em uma situação semelhante, impossibilitadas de pedir demissão porque não são tratadas como trabalhadoras, mas sim serviçais domésticas. O próprio nome faz alusão ao papel dessas mulheres: Marta significa patroa ou dona de casa, protetora do lar. As *Handmaids* também servem e tem os corpos violados. O regime, contudo, busca convencê-las de que trabalham para a República (ou seja, para Deus), mas tendo em vista que a palavra trabalho é categorizada como “atividade profissional regular, remunerada ou assalariada”, e essas mulheres foram obrigadas a exercerem esses papéis, são escravas condicionadas a eterna servitude. No espaço das Colônias, o discurso é que estão pagando pelos pecados por meio da escravidão e que devem cumprir a penitência em silêncio. Não obstante, sabe-se que faz parte de uma estratégia para a manutenção da miséria por meio de exploração desigual e combinada.

Contudo, a relevância do paralelo com as empregadas domésticas está relacionada com o fato de que para o regime fundamentalista teocrático ter tomado controle dos EUA é porque havia espaço e procedência para agir. O regime só foi capaz disso porque muitos acreditaram no discurso teocrático e são a favor da família tradicional e, como analisado anteriormente, por conta da ausência de atuação das mulheres enquanto grupo, expondo-as e facilitando a demissão em massa de mulheres – algo inclusive que foi uma das primeiras medidas para a instauração de Gilead.

Portanto, a opressão e o poder costumam violá-las de modo a enfraquecerem suas mentes, sucumbindo perante os homens e às *Wives*. Ademais, o trabalho formal remunerado foi substituído pela exploração do corpo feminino e as Colônias buscam justificar a escravidão, uma vez que as *unwomen* sequer tem condições básicas de saneamento e alimentação.

Mas o processo de desumanização inicia anteriormente ao envio desses indivíduos às Colônias: o termo *Unwomen* é atribuído às mulheres enviadas para esses locais e a palavra é tão assustadora quanto o ato de serem levadas. Tanto é que Offred ressalta na passagem que caso traia Gilead deverá se unir com as Não-mulheres, como se fossem uma espécie de grupo paralelo a ser evitado. Offred tem razão em sua colocação, porque como o próprio nome diz, perderam oficialmente os poucos direitos que lhe restavam e não são mais consideradas mulheres, conseqüentemente sofrendo abusos ainda maiores do que os outros. É relevante acrescentar ainda que na língua inglesa, o prefixo *un-* significa não, ou seja, essas pessoas são chamadas Não-mulheres, reconhecidamente objetificadas e desvinculadas de qualquer tipo de pertencimento.

Uma vez estabelecidas nos lixões, serão escravas que passarão o dia todo limpando lixo tóxico até que suas peles definham devido às toxinas e radiação. Afinal, diferentemente de *Aunts* e soldados que atuam como fiscais do trabalho escravo, essas Não-mulheres sequer recebem protetores faciais para limpeza e maior preservação. Essa falta de cuidado reforça a premissa de que sempre haverá desobediência ou rebeldia em um sistema tão rígido e opressor como Gilead, que obriga os indivíduos a fingirem uma lealdade e emularem um discurso do qual, em maior ou menor grau, discordam. Subsequentemente sempre haverá pessoas a serem castigadas, descartadas e exploradas para manutenção do regime.

Como característico das sociedades autocráticas, aqueles que não conseguem se adaptar ao mundo que vivem, seja por discordarem, seja por, no caso de Gilead, não conseguirem agir como fervorosos crentes, são marginalizados e têm sua existência apagada. À luz de Živić (2014): “In the dystopic societies of *Fahrenheit 451*, (...) and *The Handmaid’s Tale* the ruling elite no longer desire to evoke in citizens a belief in party’s immortality (...) they confine their activities to evoking fear (...) that anyone could be pushed into the circle of the outsiders.” (p. 18)²¹⁰ Os denominados *outsiders* são as *Unwomen* que fazem parte de um projeto missionário de suposta purificação religiosa, ou seja, um eficiente instrumento de ameaça e repressão que faz do castigo e do martírio um método de controle e disciplina. Contudo, jaz a ironia no fato que a purificação se passa no espaço mais sujo e contaminado dos Estados Unidos.

Prosseguindo a análise do diálogo, Offred demonstra medo ao decidir não sucumbir à proposta, não somente por medo das consequências, mas porque agora está ciente da possibilidade de luta e salvação. Como analisado previamente nesta dissertação, há diversas passagens no romance em que há possibilidade de luta e ação contra o regime. Raffaella Baccolini (2004) discute uma suposta característica intrínseca de distopias: a esperança mesmo em mundos tão obscuros quanto o regime fundamentalista de *The Handmaid’s Tale*. Na sua exposição, diz:

(...) [it] allows readers and protagonists to hope: the ambiguous, open endings maintain the utopian impulse within the work. In fact, by rejecting the traditional subjugation of the individual at the end of the novel, the critical dystopia opens a space of contestation and opposition for those groups – women and other ex-centric subjects whose subject position is not contemplated by hegemonic discourse – for whom subject status has yet to be attained. (BACCOLINI, 2004, p. 520)²¹¹

²¹⁰ “Nas sociedades distópicas de *Fahrenheit 451*, *Player Piano* e *The Handmaid’s Tale*, a elite dominante não deseja mais evocar nos cidadãos uma crença na imortalidade do partido, ou em um sistema quase escatológico de uma determinada ideologia; eles limitam suas atividades a evocar o medo na população de que alguém possa ser empurrado para o círculo dos forasteiros.” (tradução nossa).

²¹¹ “(...) permite que leitores e protagonistas tenham esperança: os finais ambíguos e abertos mantêm o impulso utópico dentro da obra. De fato, ao rejeitar a tradicional subjugação do indivíduo ao final do romance, a distopia crítica abre um espaço de contestação e oposição para aqueles grupos – mulheres e outros sujeitos excêntricos cuja posição de sujeito não é contemplada pelo discurso hegemônico – por cujo *status* de sujeito ainda não foi

Sendo assim, por meio de um final inconclusivo e aberto a possibilidades, romances distópicos como o de Atwood terminam se distanciando do típico final de trajetória do herói. Outrossim, a protagonista Offred demonstra obter poucas características típicas de uma heroína, agindo como uma mulher comum que por sorte e dedicação conseguiu ter um espaço para contar sua história, mas que é apenas uma entre as milhares de aias em Gilead. Baccolini (2004) comenta também que o espaço para contestação e reflexão vai contra um discurso simplista e hegemônico no mundo. Como apontado diversas vezes ao longo deste trabalho, *The Handmaid's Tale* não fornece respostas simplistas e hegemônicas frente aos complexos problemas humanos. Ao invés disso, aponta diversos caminhos possíveis de modo que o leitor possa tirar suas próprias conclusões sobre o que foi apresentado. É por isso que, de certa forma, ao longo do romance há diversos trechos que reforçam a esperança que ainda reside na obra, especialmente por meio das personagens femininas Moira e Ofglen, algo que procuramos discutir no Capítulo II. As atitudes das duas, dignas de heroínas, são vistas por Offred como louváveis, um exemplo de coragem para lutar contra o sistema.

Contudo, dessa vez a *Handmaid* não demonstra tal coragem, porque na conversa anteriormente citada com o médico de Gilead (na página 117 deste trabalho), Offred está acima de tudo mais surpresa com a possibilidade de salvação do que contente de fato. Talvez esse seja o caso pois, como discutimos anteriormente, Offred tem suas fragilidades e complexidades amplamente exploradas no romance, de modo que tem atitudes oscilantes e de hesitação. Consequentemente, nessa situação com o médico optou por uma atitude conservadora, relutante a aceitar uma proposta que a colocava em risco. É possível especular também que tomou essa decisão por medo de ser enviada às Colônias e ser parte das Não-mulheres, o que inclui perder qualquer chance possível de rever a filha sequestrada pelos tiranos de Gilead e correr o risco de uma morte certa em menos de cinco anos.

Portanto, o espaço das Colônias causa um horror generalizado, tornando-se uma eficiente arma do regime de modo que justifique escravizar pessoas e puni-las até a morte, por meio de discursos rasos e justificativas pseudobíblicas. A vulnerabilidade física a que essas mulheres são submetidas é o resumo de uma precariedade ampla: só estão seguros os detentores do poder, que primordialmente buscam que tal relação de dominação seja mantida e uma das formas eficazes para garantir isso é precisamente evitar que os oprimidos tomem plena

alcançado.” (tradução nossa) BACCOLINI, Raffaella. *The Persistence of Hope in Dystopian Science Fiction*. In: *PMLA*, vol. 119, no. 3, Modern Language Association, 2004, pp. 518–21.

consciência de sua situação. Como exemplo disso, vale lembrar o discurso das *Marthas*: uma demonstração de que cada vez mais há uma estratificação dos valores da república nessa sociedade. Já o caso da opção escolhida por Offred – não agir contra o sistema – seria a ilustração de um distanciamento ainda mais acentuado de possibilidade de mudança.

O seguinte trecho foi narrado por Moira e explora o espaço das colônias no *Red Center*, espaço em que aprenderam sobre a ideologia do regime fundamentalista, assim como sobre sua função como aias e o *modus operandi* de Gilead:

When that was over, they showed me a movie. Know what it was about? It was about life in the Colonies. In the Colonies, they spend their time cleaning up. They're very clean-minded these days. Sometimes it's just bodies, after a battle. The ones in the city ghettos are the worst, they're left around longer, they get rottener. This bunch doesn't like dead bodies lying around, they're afraid of a plague or something. So, the women in the Colonies there do the burning. The other Colonies are worse though, the toxic dumps and the radiation spills. They figure you've got three years maximum, at those, before your nose falls off and your skin pulls away like rubber gloves. They don't bother to feed you much, or give you protective clothing or anything. It's cheaper not to. Anyway, they're mostly people they want to get rid of. They say there's other Colonies, not so bad, where they do agriculture: cotton and tomatoes and all that. But those weren't the ones they showed me the movie about.

It's old women, I bet you've been wondering why you haven't seen too many of those around anymore, and Handmaids who've screwed up their three chances, and incorrigibles like me. Discards, all of us. They're sterile, of course. If they aren't that way to begin with, they are after they've been there for a while. When they're unsure, they do a little operation on you, so there won't be any mistakes. I'd say it's about a quarter men in the Colonies, too. Not all of those Gender Traitors end up on the Wall. (*op. cit.*, 385-6)²¹²

Foi feito um filme com cunho didático para mostrar as Colônias e as aterrorizar. A narrativa é que ao invés de liberdade – como se não houvesse diversas limitações em Gilead –, a única opção é limpar, e o lixo não está restrito a apenas objetos radioativos ou contaminados, mas há

²¹² “Quando aquilo acabou eles me mostraram um filme. Sabe a respeito de que era? Era sobre a vida nas Colônias. Nas Colônias as pessoas passam o tempo fazendo limpeza. Atualmente a limpeza é muito importante para eles. Por vezes são apenas cadáveres, depois de uma batalha. Os dos que vivem nos guetos das cidades são os piores, são deixados expostos aos elementos por mais tempo e ficam mais decompostos. Essa turma não gosta de corpos de gente morta abandonados por aí, têm medo de uma praga ou coisa parecida. De modo que as mulheres nas Colônias por lá cuidam de queimá-los. As outras Colônias, contudo, são piores, há os depósitos de lixo tóxico e a radiação resultante de derramamentos de substâncias radioativas. Nessas, eles calculam que você tenha três anos no máximo, antes que sua pele se despregue e saia como luvas de borracha. Não se dão ao trabalho de lhe dar muito o que comer, ou de lhe dar trajes de proteção ou coisa nenhuma, é mais barato não fazê-lo. De qualquer maneira são principalmente pessoas de quem querem se livrar. Dizem que existem outras Colônias, não tão más, onde há agricultura: plantações de algodão e de tomates e tudo o mais. Mas não foi a respeito dessas o filme que me mostraram.

São mulheres idosas, aposto que você andou se perguntando por que não tem visto mais muitas delas circulando, e Camareiras que estragaram suas três oportunidades, e incorrigíveis como eu. Descartáveis, todas nós. São estéreis, é claro. Se ainda não forem para começar, ficam, depois de terem passado algum tempo por lá. Quando eles não têm certeza, fazem uma pequena operação em você, de modo que não haja nenhum erro. Eu diria que cerca de um quarto da população nas Colônias é de homens, também. Nem todos aqueles Traidores de Gênero acabam no Muro.” (*op. cit.*, p. 294-95)

também corpos de seres humanos que foram depositados após conflitos ou desentendimentos com o regime. Acrescenta ainda um dado de que o mau cheiro e as condições dos corpos humanos vão variar de acordo com a localização: nos chamados guetos, estão abandonados há mais tempo. Com base nisso, nesse momento o romance nos fornece indícios do que poderia ter acontecido com os paupérrimos e que viviam à margem da sociedade: provavelmente, foram assassinados e os guetos onde moravam se tornaram um aterro sanitário nomeado como uma das diversas Colônias.

Moira acrescenta ainda que o tempo de vida de alguém enviado para as colônias será de no máximo, três anos, e por isso não se dão ao trabalho de alimentá-las apropriadamente ou oferecer equipamentos de proteção. É evidente que, como lugar de punição, as Colônias materializam uma ameaça feita para causar pavor e mostrar qual será o destino daquelas que não cumprirem, de modo submisso e obediente, o papel que lhe foi estabelecido. No caso de Moira, foi uma tentativa de colocá-la em seu devido lugar, visto que esse vídeo foi mostrado após ter tentado fugir do *Red Centre*. A ilustração e construção desse inferno tem causas muito objetivas: aquelas que não aceitarem os abusos sofridos como aias podem ser sujeitas aos trabalhos forçados durante quase vinte e quatro horas por dia, em cenários apocalípticos onde a morte controla tudo.

A amiga de Offred explicita quem são os membros das colônias: idosas, homens traidores, *Handmaids* que não conseguiram engravidar após terem passado um período com três famílias diferentes. Existe também o grupo que chama de incorrigíveis, pessoas incapazes de se adaptar e aceitar o regime – e se coloca nesse terceiro grupo. Novamente, é possível efetuar uma associação com nossa realidade histórica: idosos foram destratados e abandonados também durante as caças às bruxas, movimento que também buscou o controle dos corpos e mentes das mulheres.²¹³

Moira se coloca como alguém incapaz de conformidade aos moldes da sociedade, enquanto Offred desempenha seu papel de modo a até conquistar a confiança de Serena Waterford. Enquanto a amiga de Offred buscou fugir desde o início, a aia se mostrou incapaz de agir – e isso seria um padrão de seu comportamento mesmo nos tempos anteriores à Gilead.

²¹³ “De acordo com Silvia Federici, os idosos sofreram gravemente as consequências do conflito: a coesão social começou a se decompor, as famílias se desintegraram, os jovens deixaram os vilarejos para se unir à crescente quantidade de vagabundos ou trabalhadores itinerantes - que logo se tornaram o principal problema social da época -, enquanto os idosos eram abandonados à sua própria sorte. Isso prejudicou principalmente as mulheres mais velhas, que, não contando mais com o apoio de seus filhos, caíam nas fileiras dos pobres ou sobreviviam à base de empréstimos, pequenos furtos ou atrasando o pagamento de suas dívidas. O resultado foi um campesinato polarizado não apenas por desigualdades econômicas cada vez mais profundas, mas também por um emaranhado de ódios e de ressentimentos que está bem documentado nos escritos sobre a caça às bruxas.” (*op. cit.*, p. 138)

Na passagem a seguir, ela discute com Luke sobre como todas as mulheres de repente perderam seus empregos:

Did they say why? I said.
 He didn't answer that. We'll get through it, he said, hugging me.
 You don't know what it's like, I said. I feel as if somebody cut off my feet. I wasn't crying. Also, I couldn't put my arms around him.
 It's only a job, he said, trying to soothe me.
 I guess you get all my money, I said. And I'm not even dead. I was trying for a joke, but it came out sounding macabre.
 Hush, he said. He was still kneeling on the floor. You know I'll always take care of you.
 I thought, already he's trying to patronize me. Then I thought, already you're starting to get paranoid.
 I know, I said. I love you. (p. 277)²¹⁴

Offred identifica uma falta de compreensão de Luke por meio de comentários que dão a entender que ela precisasse de cuidados e não independência financeira. Apesar de em um primeiro momento problematizar tal comportamento, logo em seguida sabota os próprios pensamentos, definindo-os como uma paranoia infundada. Por meio de um curto diálogo, o ponto de vista da obra explora uma questão recorrente em relacionamentos entre mulheres e homens: por vezes, elas mesmas não identificam comportamentos que as inferiorizam e mesmo quando notam, escolhem ignorar, porque um discurso recorrente estabelece que quaisquer protestos são casos de paranoia ou até mesmo histeria. É por isso que às vezes tinha conflitos com Moira, que já chegou a chamar Luke de doença venérea (*op. cit.*, p. 206).

Logo em seguida, a aia reflete sobre o passado e como trabalhar se tornou algo inalcançável: “It's strange, now, to think about having a job. Job, it's a funny word. It's a job for a man. (...) All those women having Jobs: hard to imagine, now, but thousands of them had jobs, millions. It was considered the normal thing.” (*op. cit.*, p. 267) Offred não parece ter notado, mas Gilead acaba influenciando seus pensamentos sobre o passado para que eles se tornem cada vez mais estranhos, alheios e anormais.²¹⁵ Com base no que vivencia, o passado

²¹⁴ “— Eles disseram por quê?, perguntei.

Ele não respondeu. Nós superaremos isso, disse, me abraçando.

— Você não sabe como é, eu disse. Sinto-me como se alguém tivesse me cortado os pés. Não estava chorando. Além disso não conseguia tomá-lo em meus braços.

— É só um emprego, disse ele, tentando me acalmar.

— Imagino que você vá receber todo o meu dinheiro, disse. E não estou nem sequer morta. Eu estava tentando fazer uma brincadeira, mas saiu como um comentário macabro.

— Calma, disse ele. Ainda estava ajoelhado no chão. Você sabe que sempre cuidarei de você.

E eu pensei, ele já está começando a me tratar como criança. Depois pensei, você já está começando a ficar paranoica.

— Eu sei, disse a ele. Amo você. (*op. cit.*, p. 206)

²¹⁵ É estranho, agora, pensar em ter um trabalho, um serviço. É uma palavra engraçada. Isso é serviço para homem. (...) Todas aquelas mulheres tendo emprego fazendo seu serviço: difícil de imaginar, agora, mas milhares delas tinham empregos, milhões. Era considerado uma coisa normal.” (*op. cit.*, p. 207)

se tornou um refúgio feliz e ao qual não é mais possível retornar. Agora, as mulheres não poderiam ter empregos e estavam fadadas a servir para a eternidade. Tudo o que havia sido conquistado até então tornou-se meros devaneios de mais uma pessoa que não consegue aceitar por completo o presente.

Com base nessas questões, num ambiente contaminado por radiação e lixo, além de desempenharem funções insalubres e horrendas, Moira diz que as Colônias não eram uma saída pelos motivos citados acima, mas que sempre haveria indivíduos a serem mandados porque pessoas como ela eram descartáveis. O mesmo pode ser dito sobre a mãe de Offred, uma feminista radical que participava de protestos a favor do aborto, contra o patriarcado e pela autonomia do corpo feminino. Logo a seguir, a amiga de Offred descreve mais detalhadamente os uniformes e as pessoas enviadas para as Colônias:

All of them wear long dresses, like the ones at the Centre, only grey. Women and the men too, judging from the group shots. I guess it's supposed to demoralize the men, having to wear a dress. Shit, it would demoralize me enough. How do you stand it? Everything considered, I like this outfit better.
So after that, they said I was too dangerous to be allowed the privilege of returning to the Red Centre. They said I would a corrupting influence. I had my choice, they said, this or the Colonies. Well, shit, nobody but a nun would pick the Colonies. I mean, I'm not a martyr. If I'd had my tubes tied I wouldn't even have needed the operation. Nobody in here with viable ovaries either, you can see what kind of problems it would cause. (*op. cit.*, pp. 386-7)²¹⁶

Essas pessoas usavam vestidos cinzas. O cinza é frequentemente associado com a monotonia e até mesmo a morte, por ser uma cor intermediária entre o preto e o branco, e de certo modo, oposto a cor vermelha. A cor é relevante porque mais uma vez que o romance traz significados para esses uniformes: como são pessoas que estão para morrer, ou que perderam sua luz (de acordo com os preceitos de Gilead), não é plausível que seus uniformes sejam cinzas? São pessoas que deixaram de ser importantes para o sistema e se tornaram invisíveis, repetindo tarefas monótonas a cada momento do dia (recolhendo rejeitos). Moira acrescenta que todos usam a mesma roupa, independente do gênero, e visto que esses homens tampouco

²¹⁶ “Todos eles usam aqueles vestidos compridos, como os do Centro, só que de cor cinza. As mulheres e os homens também, a julgar pelas fotografias de grupos. Imagino que a intenção seja de desmoralizar os homens, obrigando-os a usar vestidos. Merda, isso me desmoralizaria o suficiente. Como você suporta? Considerando tudo, gosto mais desta minha fantasia. De modo que depois disso, eles disseram que eu era perigosa demais para que me fosse concedido o privilégio de voltar para o Centro Vermelho. Disseram que eu seria uma influência corruptora. Eu tinha a minha escolha, isto aqui ou as Colônias. Bem, merda, ninguém exceto uma freira escolheria as Colônias. Quero dizer, eu não sou uma mártir. Já tinha mandado ligar minhas trompas, anos antes, de modo que nem precisava da operação. Ninguém aqui tem ovários viáveis tampouco, você pode imaginar o tipo de problemas que causaria.” (*op. cit.*, p. 295)

são humanizados, para o sistema opressor é melhor ainda que se sintam desmoralizados por usarem vestidos.

Após descrever a vestimenta, relata que a presença de Moira foi considerada ameaçadora para a fachada de Gilead – na medida em que eles não aceitam atos de rebeldia e reinstituí-la seria abertamente admitir impunidade. Mas a alternativa que lhe ofereceram foi até melhor para sua concepção: ser integrante de um bordel supostamente clandestino em que mulheres mantinham relações sexuais com os homens (mas não eram pagas para isso, portanto, não podendo sequer ser chamado de prostituição). A segunda alternativa – as Colônias –, não era de fato uma escolha sensata, a não quer que de fato acreditassem no discurso Gileadiano ou que quisessem sofrer, porque as únicas garantias eram a de morte e completa escravidão.

O que Moira descreve para Offred corrobora uma contradição presente: se as aias eram tão necessárias devido à infertilidade, por que operar mulheres que poderiam ser férteis? Ao que tudo indica, será que a fertilidade talvez seja relevante apenas para perpetuar famílias de pessoas notórias para Gilead? Se visto sob essa perspectiva, é possível inferir que a infertilidade foi apenas uma tentativa de justificar e institucionalizar a opressão. Outrossim, o verdadeiro motivo revelado é outro: apenas um número seletivo de indivíduos terá o direito ou poderá expandir suas famílias, enquanto o resto da população está sujeito à eterna subordinação.

Em um capítulo posterior, as Colônias são citadas novamente, dessa vez por Offred, quando o *Commander* começa a tomar certas liberdades com a aia que a colocam em risco, em especial durante o ritual mensal. Nesse contexto, diz: “Don’t do that again (...) You could get me transferred, I said. **To the Colonies.** You know that. Or worse. I thought he should continue to act, in public, as if I were a large vase or a window: part of the background, (...)” (*op. cit.*, pp. 249-50)²¹⁷ Fred Waterford sequer percebe como suas ações podem ter um efeito fatal na vida dessa mulher, porque prioriza satisfazer seus desejos carnis e chama o ato ritualístico de impessoal. Se para ele é desse modo, imagine como as mulheres envolvidas se sentem?

De um lado, temos uma mulher sendo esporadicamente violada por um estranho e, do outro, a esposa desse estranho tendo o dever de a assistir e a simular que o ato esteja acontecendo com ela, por meio do corpo de outra mulher. Esse é um dos motivos pelos quais há tanto rancor entre aias e esposas: as primeiras, com corpos e mentes estupefatas e atônitas

²¹⁷ “— Não faça aquilo de novo, disse-lhe na vez seguinte em que estávamos a sós.

— Fazer o quê?, disse ele.

— Tentar me tocar daquela maneira, quando estamos... quando ela está presente.

— Eu tentei?, disse ele.

— Poderia fazer com que eu fosse transferida, disse. **Para as Colônias.** Sabe disso. Ou pior. Eu achava que ele deveria continuar a agir, em público, como se eu fosse um grande vaso ou uma janela: parte do cenário, inanimada, transparente.” (*op. cit.*, p. 194, grifo nosso)

em meio a tamanha violência, já as segundas, indignadas que essas mulheres tenham escolhido esse caminho e não o das Colônias. Tudo isso contribui para que o relacionamento entre essas mulheres seja ainda mais insalubre e dolorido, como era o caso do conturbado relacionamento entre Serena e Offred (*Wife-Handmaid*) que reforça a ausência de aliança e empatia entre as mulheres. Como colegas de mesmo gênero, seria razoável que as esposas compreendessem o sentimento das aias e vice-versa, mas não é isso que o romance mostra, mas sim uma individualidade e o oposto da sororidade: mulheres julgando umas às outras sem qualquer escrúpulo e se machucando seja com palavras e ações, seja apenas com o silêncio daqueles que passivamente veem, mas não falam ou fazem nada.

Impessoal sequer é o termo apropriado para definir esse ritual, mas sim um estupro institucionalizado, validado por homens e o que acrescenta ainda mais horror à narrativa: legitimado por mulheres que veementemente apoiam a violência contra companheiras do mesmo gênero. Portanto, há uma ampliação e aprofundamento sobre contrastes, tensões e contradições presentes nas sociedades baseadas no antagonismo social. Não é surpreendente que em tais contextos sociais seja estabelecida a guerra de todos contra todos, a fragmentação de quaisquer laços sociais de solidariedade e comunhão.

Por outro lado, ainda há momentos com resquícios de sororidade em relação ao destino dessas mulheres, especialmente entre aias. No capítulo 33, após Janine ter sido rebelde e ter sido gravemente ferida, demonstra sinais de fraqueza e de insanidade, mas Moira age de modo a mudar esse contexto, porque caso contrário Janine seria morta ou enviada para as Colônias.

Janine's eyes began to focus. Moira? She said. I don't know any Moira. They won't send you to the Infirmary, so don't even think about it, Moira said. They won't mess around with trying to cure you. They won't even bother to ship you to the Colonies. You go too far away and they just take you up to the Chemistry Lab and shoot you. Then they burn you up with the garbage, like an Unwoman. So forget it. I want to go home, Janine said. She started crying. (*op. cit.*, pp. 334-35)²¹⁸

Moira é categórica e busca trazer de volta alguma racionalidade para a colega: se ela enlouquecer, não pensarão duas vezes em eliminá-la. O espaço das Colônias é reservado para aqueles que violam regras, mas com corpos que possam trabalhar. Visto que o objetivo final é o de explorar ao máximo essas pessoas sem ter custo algum com alimentação, vestimenta e

²¹⁸ “Os olhos de Janine começaram a recuperar o foco. Moira?, disse ela. Não conheço nenhuma Moira. Elas não vão mandar você para a Enfermaria, de modo que nem pense nisso, disse Moira. Elas não vão fazer nada para tentar curar você. Não vão nem se dar ao trabalho de embarcá-la para as Colônias. Se for longe demais e sair da real, simplesmente levarão você para o Laboratório de Química e a matarão com um tiro. Depois a queimarão junto com o lixo como uma Não-mulher. De modo que esqueça. Eu quero ir para casa, disse Janine. E começou a chorar.” (*op. cit.*, p. 257)

infraestrutura, Janine seria descartada por ser um incômodo lidar com sua instabilidade mental. Sendo assim, é importante para a manutenção do regime pessoas transgressoras, rebeldes e idosos que estejam aptos ao trabalho escravo, mas o restante é necessário fuzilar, apedrejar ou enforcar na chamada *The Wall*.

Apesar do início conturbado de Janine no *Red Centre*, o sistema conseguiu quebrá-la e até mesmo conseguiu fazê-la engravidar, como abordamos no Capítulo II deste trabalho. O prêmio da jovem foi o de garantir que não será levada para as Colônias: “She’ll be allowed to nurse the baby (**Janine**) (...). But she’ll never be sent to the Colonies, she’ll never be declared Unwoman. That is her reward.” (*op. cit.*, p. 196).²¹⁹ Apesar dessa reflexão de Offred, qual a garantia existente do cumprimento de tal promessa? Existe algum indivíduo responsável por assegurar o bem-estar das aias e que seu trabalho será devidamente compensado? Não há direitos e benefícios, apenas deveres. A aia nos informa das consequências positivas para Janine, mas não reflete que, mais uma vez, esse é apenas mais um discurso manipulador e que o combinado será cumprido até que falte mão de obra nas Colônias. Quando isso acontecer, dirão que essa garantia nunca existiu. Jamais deve se esquecer que a República de Gilead foi instaurada por meio de um golpe antidemocrático e autoritário e, como característico de tais regimes, a única garantia que essas pessoas têm é que a violência sempre estará presente na vida cotidiana de modo a mantê-los nessa condição de subserviência e passividade.

Para concluir as reflexões acerca dos espaços das Colônias, deve-se esclarecer o paradeiro da mãe de Offred. Ao longo do romance, a aia faz diversas reflexões acerca de sua mãe e dos sentimentos conflituosos que pairam sobre relacionamento das duas. Quando o golpe estava acontecendo, ela vai até a casa da mãe e encontra o espaço completamente revirado. Sua mãe está desaparecida. Luke diz que não devem chamar a polícia. Offred parece não aceitar que já é tarde demais: se denunciar o desaparecimento da mãe, é possível que seja incriminada juntamente com ela. No capítulo 39 quando reencontra Moira, a amiga diz:

I saw your mother, Moira said.
Where? I said. I felt jolted, thrown off. I realized I’d been thinking of her as dead.
Not in person, it was in that film they showed us, about the Colonies. There was a close-up, it was her all right. She was wrapped up in one of those grey things but I know it was her.
Thank God, I said.
Why, thank God? Said Moira.
I thought she was dead.

²¹⁹ “Mas nunca será (**Janine**) mandada para as Colônias, nunca será declarada uma Não mulher. Essa é sua recompensa.” (*op. cit.*, p. 155, grifo nosso)

She might as well be, said Moira. You should wish it for her. (*op. cit.*, p. 390)²²⁰

Moira não compreende o alívio da amiga: por que está feliz se a mãe estava nas Colônias, condenada à escravidão e à morte? Para Offred, não houve tempo ou desejo em pensar tais coisas porque acima de tudo era um resquício de esperança: sua mãe está viva. A aia sabe como a mãe é forte e sempre se mostrou como um exemplo de luta e resistência, então para ela a imagem que permanece é que, onde quer que esteja, desde que não tenha sido morta, se manterá de pé por muito tempo. Offred mantém sua sanidade mental precisamente por meio de pequenos momentos de esperança como esse, buscando exteriorizá-los com a melhor amiga que costumava compreender seus sentimentos de esperança. Um pouco depois, Offred faz a seguinte reflexão:

I think of my mother, sweeping up deadly toxins; the way they used to use up old women, in Russia, sweeping dirt. Only this dirt will kill her. I can't quite believe it. Surely her cockiness, her optimism and her energy, her pizzazz, will get her out of this. She will think of something.
But I know it isn't true. It is just passing the buck, as children do, to mothers.
I've mourned for her already. But I will do it again, and again. (*op. cit.*, p. 393)²²¹

A personagem oscila, porque não consegue esquecer por completo a dura realidade de vida nas Colônias. Apesar disso, venera a mãe que, diferente dela mesma, era um exemplo de otimismo, energia e resiliência. Offred nunca fora como sua mãe, Moira ou Ofglen e, como discutido no Capítulo II, há momentos em que desejou ser assim e as venera por isso. Contudo, o que jaz diante de Offred é uma amarga realidade – a de que seus pensamentos não passam de ilusões que são diariamente destruídas pela violência de Gilead.

Com base nas análises feitas, constata-se a importância das Colônias para o funcionamento do regime de Gilead. Primeiramente, representa um espaço favorável para exploração, violência e desumanização, parte do *modus operandi* dos *Sons of Jacob*. Para

²²⁰ “— Eu vi sua mãe, disse Moira.

— Onde?, perguntei. Senti-me abalada, surpreendida e confusa. Eu me dei conta de que vinha pensando nela como se estivesse morta.

— Não em pessoa, foi naquele filme que eles nos mostraram, sobre as Colônias. Houve um close-up, e era ela com certeza absoluta. Estava embrulhada numa daquelas coisas cinza, mas sei que era ela.

— Graças a Deus, disse eu.

— Por que graças a Deus?, disse Moira.

— Pensei que estivesse morta.

— Deveria estar, seria melhor para ela, disse Moira. Você deveria desejar que estivesse. (*op. cit.*, p. 299)

²²¹ Penso em minha mãe varrendo toxinas mortíferas; da mesma maneira como costumavam explorar as velhas na Rússia, varrendo a sujeira. Só que essa sujeira a matará. Não consigo acreditar de todo. Certamente sua insolência, seu otimismo e energia, seu glamour conseguirão tirá-la disso. Ela vai inventar alguma coisa. Mas sei que isso não é verdade. É pura transferência de responsabilidade, como crianças fazem, para as mães. Eu já vivi um luto por ela. Mas o farei de novo e de novo.” (*op. cit.*, pp. 300-301)

resolver o problema do que fazer com mulheres idosas, pobres inférteis e com deficiência, decidiram que tais espaços seriam apropriados para inserir essas pessoas, de modo que fossem escravizadas até falecerem. A morte, sabia-se que não demoraria muito a chegar, mas que teriam tempo suficiente para renovar aquele espaço com mais pessoas que seguissem o perfil denominado: indesejáveis/descartáveis.

As pessoas enviadas para esses espaços sabiam que estar ali era o mesmo que receber uma sentença de morte e eram imediatamente desumanizadas. Usavam uniformes cinzas que metaforicamente se fundiam com aquela terra contaminada, maltratada e esquecida por todos, assim como eles. Não recebiam materiais apropriados para o trabalho e eram mal alimentados, mas davam o suficiente para que pudessem sobreviver um tempo razoável até que não fosse mais preciso.

Essa situação só era possível porque não havia uma união entre as mulheres, frequentemente humilhadas e sempre na posição de subserviência – incluindo as *Wives*, que precisavam servir aos esposos e filhos –, mas que, por haver certas vantagens para alguns grupos, procuravam manter seus privilégios e ignorar o sofrimento das outras. As aias se viam em uma encruzilhada, por não receberem apoio de ninguém e por sua vez acabavam desgostando dessas outras mulheres, que tudo viam e nada faziam. Essa alimentação do ódio entre mulheres era algo importante para a manutenção do regime autoritário, porque quanto mais distantes, menores as chances de rebelião.

Contudo, é preciso discorrer sobre a contradição dessa sociedade. Apesar de opressora, demonstra certas características de uma utopia feminista, num sentido paradoxal. À luz de Tolan (2005): “Aunt Lydia best articulates this partial triumph of feminist demands. Although politicized women like Offred’s mother are now officially designated ‘Unwomen’, Aunt Lydia grudgingly admits: ‘We would have to condone some of their ideas, even today’” (*op. cit.*, p. 128)²²². *Aunt Lydia* reconhece que algumas pautas feministas eram coerentes e que até mesmo foram reapropriadas em Gilead. Como Tolan explana, mulheres não recebem mais assovios nas ruas e são respeitadas pelos homens, que desviam o olhar e as tratam com cordialidade. Considerando tais questões, temos um panorama ainda mais complexo dessa sociedade, que apesar de extremamente opressora para mulheres, que estão presas à subserviência, são mais “respeitadas” do que no passado. Além disso, nem todas as mulheres têm os mesmos poderes e

²²² “Tia Lydia articula melhor esse triunfo parcial das demandas feministas. Embora mulheres politizadas como a mãe de Offred sejam agora oficialmente designadas como ‘Não mulheres’, tia Lydia admite de má vontade: ‘Teríamos que tolerar algumas de suas ideias, ainda hoje’” (*op. cit.*, p. 104)

direitos. As *Wives* são extremamente poderosas e podem inclusive obter coisas do mercado negro, assim como os homens.

Porém, a utopia não passa de uma ilusão. Os assédios e abusos jamais cessaram de existir. A diferença é que no discurso dos *Sons of Jacob* são intoleráveis aos olhos de Deus, ou seja, legalmente homens podem ser punidos. Não obstante, na prática foram criados espaços como *Jezebel's*, que explora sexualmente mulheres que escolheram estar ali porque as outras opções eram igualmente insalubres. Outrossim, Gilead acaba beneficiando apenas um grupo seleto de mulheres, enquanto as outras buscam viver em um mundo ilusório e de pseudopoder.

Uma vez que não havia uma consonância entre mulheres, o espaço das *The Colonies* era usado para causar medo e horror. Offred frequentemente cita as Colônias compreendendo que acabar nesse local seria a oficialização do fim de sua vida e o término de qualquer possibilidade de salvação. Por um lado, apesar de punições físicas existirem, ainda havia uma chance de redenção, caso a infração não fosse grave ou pública. Por outro lado, quem era enviado para esses locais nunca mais retornava com vida para relatar a experiência.

O medo constante, por consequência, enfraquece as mulheres, que não veem escolha a não ser cumprir os papéis que lhe foram atribuídos. Não era possível constatar ao certo quem era fiel aos preceitos bíblicos e regras de Gilead ou quem apenas fingia, porque qualquer deslize seria fatal. Por isso, há personagens, como Rita e Cora, que têm um teor conformista e que parecem confortáveis com o novo sistema. Uma vez que todos copiosamente seguem o regime e constatado que diversas mulheres já internalizaram a opressão, infere-se que os *Sons of Jacob* foram capazes de se solidificar enquanto movimento porque muitos os apoiavam nas sombras. E aqueles que eram contra uma maioria avassaladora estavam absorvidos demais em suas vidas cotidianas de modo a não notarem os sinais de articulação que estavam sendo dados.

O medo das Colônias também foi solidificado por meio de imagens e vídeos, como Moira narra. Ao ter uma imagem nítida de como são esses lugares, as pessoas inferem que a obediência é o único modo de agir possível, porque não querem passar seus últimos anos de vida em lugar tão inóspito e desumano. Além de toda uma imagética construída por meio de discursos e vídeos, a perda do status de ser humano também é um fator relevante, afinal, tornar-se uma *Unwomen*, ou seja, uma pessoa que teve sua identidade de gênero retirada de si, causa espanto para essas pessoas. Vale lembrar que estão num contexto que diariamente reforça concepções do que é ser mulher, quais atitudes são apropriadas etc. Afinal, a vida e o cotidiano dos residentes de Gilead é composta de aparências: mostrar-se crente, fiel, boa esposa, ótimo comandante, serva competente. Consequentemente, aqueles que não conseguem viver dessas

aparências são maus exemplos e, por isso, ser enviado para as Colônias é também admitir uma suposta incompetência de atuar e compactuar com a hipocrisia da República de Gilead.

Uma vez que perderam o direito de serem considerados e tratados humanamente, a escravidão nas Colônias não é velada, todos sabem que passarão o dia todo limpando lixo tóxico e retirando corpos em decomposição ou, caso tenham sorte, trabalharão em plantações. As pessoas que serão enviadas para esses espaços são aquelas que o regime julgar como inúteis ou transgressoras da ordem instaurada e, como já relatado, sempre haverá indivíduos que estarão fadados a terminarem nas Colônias porque não conseguirão se habituar a Gilead. Isso se perpetuará até que não existam mais pessoas vivas que tenham o passado anterior ao regime como referência. A partir desse momento, precisarão pensar em novas formas de justificar a escravidão de pessoas para atuarem nesses lugares.

Portanto, as *The Colonies* são espaços onde a opressão, violência e escravidão conduzem todos os momentos de vidas dos seus habitantes. O discurso e a imagética criada sobre os locais são usados de modo estratégico para que a exploração se perpetue e a violência seja internalizada em uma grande guerra de todos contra todos.

3.2.2 – Punição e tortura: *The Ceremony, Salvaging e Particicution*

Para a consolidação do regime os *Sons of Jacob* desenvolveram e retomaram diversos mecanismos para reprimir a população. Uma vez tendo essas práticas bem definidas, buscaram inseri-las no cotidiano de todos, de modo a institucionalizar a opressão e violência. Tais práticas aparentam não estarem restritas a um domínio local, mas são acima de tudo, demonstrações de poder. Se Gilead conseguir omitir e aniquilar os rebeldes e ao mesmo tempo, causar terror em países externos, é possível que consigam disseminar em mais territórios. Na visão de Hannah Arendt (1951), tal conduta é condizente com os objetivos de regimes totalitaristas: dominação mundial. Não basta que Gilead controle o vasto território norte americano, é imprescindível que busquem ampliação, tornando-se uma única nação:

A luta pelo domínio total de toda a população da terra, a eliminação de toda realidade rival não totalitária, eis a tônica dos regimes totalitários; se não lutarem pelo domínio global como objetivo último, correm o sério risco de perder todo o poder que porventura tenham conquistado. Nem mesmo um homem sozinho pode ser dominado de forma absoluta e segura a não ser em condições de totalitarismo global. Portanto, a subida ao poder significa, antes de mais nada, o estabelecimento de uma sede oficial e oficialmente reconhecida para o movimento (ou sucursais, no caso de países satélites), e a aquisição de uma espécie de laboratório onde o teste possa ser feito com realismo (ou contra a realidade) — o teste de organizar um povo para objetivos finais que desprezam a individualidade e a nacionalidade. (p. 441)

O poder de sistemas violentos e totalitaristas precisa ser absoluto, porque é extremamente frágil: basta que os moradores se articulem para destruí-lo. Afinal, servos e aias são a maioria dos habitantes de Gilead e nem sequer todos os privilegiados concordam plenamente com o que tem sido feito. Esse é o caso de Serena, que apesar de ter compactuado com o golpe, age contraditoriamente ao consumir itens do mercado negro e apoia atitudes condenadas pelo regime, como o de obrigar Offred a ter relações sexuais com Nick. Os comandantes tampouco seguem todas as regras: Fred Waterford desenvolve um relacionamento ilícito com Offred, coleciona diversos itens proibidos e frequenta o bordel *Jezebel's*. Se pessoas com posições hierárquicas tão altas são incapazes de seguir integralmente o regime, que dirá grupos muito mais oprimidos, como os servos e as aias. O ilegal conseqüentemente torna-se tentador e algo a ser almejado, mesmo que sejam aparentemente insignificantes, como quando Fred Waterford pede para jogar *Scrabble* com Offred. Ela sai do quarto dando risada, porque a opressão é tão grande que chega ao nível do absurdo.

Tendo em vista a dificuldade de controlar a população, o sistema busca restringir suas vidas o máximo possível de modo que pensamentos como os de protesto não surjam nem mesmo em situações de ócio, cansaço ou medo. Nesta seção, abordaremos alguns desses mecanismos e seus objetivos e de que modo contribuem para a permanência de Gilead.

No capítulo anterior, foram mencionadas a proibição de leitura e escrita para mulheres e o porquê dessas decisões. A língua é o meio pelo qual nos comunicamos e a literatura nos possibilita repensar nosso mundo e nossas práticas. Ao impedir mulheres de terem acesso a livros de qualquer natureza, Gilead está retirando um direito básico do ser humano. Antonio Candido diz em *O Direito à Leitura* (1988) que:

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. (...)
Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (CANDIDO, 1988, p. 174)

De acordo com Candido, entende-se que a literatura faz parte do âmago humano. A narrativa de Offred apenas frisa essa importância: passa maior parte do dia revivendo o passado em sua imaginação, porque tem dificuldade de aceitar a realidade atual. Quando Fred Waterford a entrega uma antiga revista feminina, demonstra contentamento e reflete acerca da saudade que sente da leitura:

Staring at the magazine, as he dangled it before me like fish bait, I wanted it. I wanted it with a force that made the ends of my fingers ache. At the same time I saw this longing of mine as trivial and absurd, because I'd taken such magazines lightly enough once. I'd read them in dentists' offices, and sometimes on planes; I'd bought them to take to hotel rooms, a device to fill in empty time while I was waiting for Luke. After I'd leafed through them I would throw them away, for they were infinitely discardable, and a day or two later I wouldn't be able to remember what had been in them. Though I remembered now. What was in them was promise. They dealt in transformations; they suggested an endless series of possibilities, extending like the reflections in two mirrors set facing one another, stretching on, replica after replica, to the vanishing point. They suggested one adventure after another, one wardrobe after another, one improvement after another, one man after another. They suggested rejuvenation, pain overcome and transcended, endless love. The real promise in them was immortality. (*op. cit.*, pp. 240-241)²²³

Para o Comandante, o desejo de Offred pelo que costumava ser uma mera revista é estimulante, quase sedutor. Nesse tipo de situação, por vezes a trata como se fosse um rato de laboratório, como se os encontros no escritório fossem experimentos, divertindo-se com suas reações diante de itens proibidos que no passado eram corriqueiros. A mulher reflete sobre o que há nas revistas que poderia a interessar: são portas para a imaginação, uma novidade para tirá-la do tédio e fazê-la pensar. Em Gilead os únicos estímulos que as mulheres recebem são sobre violência e subserviência, enquanto nas revistas há vaidade, fofoca e conversas despreziosas. Como consequência, a proibição de leitura, apesar de não parecer tão violenta como as outras manifestações de poder e barbárie que veremos a seguir, esconde um poder velado: ao limitar a leitura, Gilead não está apenas tirando o lazer das mulheres, mas restringindo suas visões de

²²³ “Olhando fixamente para a revista, enquanto ele a levantava e balançava diante de mim como uma isca para peixe, eu a quis. Quis a revista com uma força que fez doerem as pontas de meus dedos. Ao mesmo tempo vi esse meu desejo intenso como algo trivial e absurdo, porque outrora havia menosprezado e considerado essas revistas muito levemente. Eu as havia lido em consultórios de dentistas e às vezes em aviões; as havia comprado para levar para quartos de hotel, um artifício para preencher tempo vago enquanto estava esperando por Luke. Depois de tê-las folheado eu as jogava fora, pois eram infinitamente descartáveis, e um ou dois dias depois não seria capaz de me lembrar do que houvera nelas.

Contudo, me lembrava agora. O que havia nelas era promessa. Elas lidavam com transformações, sugeriam uma série infindável de possibilidades, estendendo-se como os reflexos em dois espelhos postos de frente um para o outro, prolongando-se ao infinito, réplica após réplica até o ponto de fuga. Sugeriam uma aventura após a outra, um guarda-roupa após o outro, uma aprimoração após a outra, um homem após o outro. Elas sugeriam rejuvenescimento, dor vencida e transcendida, amor eterno. A verdadeira promessa nelas era a imortalidade.” (*op. cit.*, pp. 187-188)

mundo, impossibilitando de pensar em um mundo diferente e de desenvolver habilidades linguísticas mais refinadas. De certo modo, a república está limitando o poder de fala e pensamento das mulheres. Afinal, a linguagem é desenvolvida através de interações entre pessoas e a leitura exercita nosso cérebro e expande nosso vocabulário. Se as interações forem limitadas a apenas pouquíssimas frases por dia, a próxima geração de mulheres não terá repertório algum e mais fácil será para Gilead controlá-las.

Uma outra questão está no fato da nova geração de mulheres não poder ter acesso ao passado para pensar ou sequer uma revista que as ajude nesse processo de ressignificação, limitando suas mentes e as impedindo de refletir sobre o que vivem e como vivem. Portanto, essas mulheres aos poucos se tornarão vigilantes e mantenedoras do sistema, incapazes de pensar e agir contra ele. No romance distópico de George Orwell, *1984*, uma discussão semelhante é colocada: a manipulação de notícias, o conflito constante com outras nações e a reestruturação da linguagem para que nessa nova língua não exista palavras e conceitos como rebeldia, revolução e discordância. Renata Fernandes (2021) elucida esse ponto: “Neste sentido, a linguagem desenvolve funções primordiais em *1984*: inviabiliza que variadas formas de pensamento se manifestem; cria um instrumento particular para simbolizar uma verdade; fornece meio de expressão compatível à visão do líder do Estado, garantindo, assim, sua hegemonia.” (Fernandes, 2021, p. 6).

Com base no que foi dito acima, além de dificultar a variação de pensamento e opiniões divergentes, o controle da linguagem também é uma maneira para que toda a população tenha um único discurso disponível: o que reflita os interesses do Estado. Sendo assim, o controle da leitura e escrita, apesar de aparentemente não tão violento, é poderoso e relevante. É uma forma do discurso do Estado tornar-se soberano e indiscutível, porque não há o que ser questionado. Por isso seu alto grau de periculosidade para aqueles sendo oprimidos:

Sometimes I sing to myself, in my head; something lugubrious, mournful,
presbyterian:

Amazing grace, how sweet the sound
Could save a wretch like me,
Who once was lost, but now am found
Was bound, but now am free.

I don't know if the words are right. I can't remember. Such songs are not sung any
more in public, especially the ones that use words like free. They are considered too
dangerous. They belong to outlawed sects. (*op. cit.*, p. 85)²²⁴

²²⁴ “Por vezes eu canto para mim mesma, em minha cabeça; alguma coisa bem
lúgubre, chorosa, presbiteriana: Maravilhosa graça, tão doce teu som / Pôde salvar um náufrago como eu / Que
um dia se perdeu, mas ora se encontrou / Que esteve preso, mas ora está livre.

Ao cantar músicas, Offred está agindo fora da norma e se opondo a Gilead. Demonstra consciência do porquê da proibição de diversas músicas: a palavra *livre* pode incitar um desejo em retomar a liberdade perdida. No entanto, a narradora tenta manter a memória livre para se lembrar diariamente que ainda tem controle sobre o que pensa, suas memórias e a linguagem.

Portanto, apesar de discutido de modo mais subjetivo se comparado com o romance de Orwell, em *The Handmaid's Tale* a linguagem também é tratada como um potencial subversivo: é por isso que as mulheres interagem por meio de passagens da Bíblia como “Blessed be the fruit.” / “Which I receive with joy” / “May the lord open”²²⁵, e todas são sobre a fertilidade do corpo feminino e que abrir ou não dependerá do desejo de Deus. Ao controlar o intelecto e o repertório linguístico dessas mulheres, aos poucos o que antes era horrendo, se tornará aceitável e parte do cotidiano. É por isso que Raschke (1995) diz que para Offred, as palavras não são apenas um sistema alternativo de representação do mundo ou uma forma de passar o tempo, mas sim um meio de insubordinação e tática de sobrevivência. Para ela, os jogos de palavras são munição para resistir ao discurso oficial hegemônico dessa sociedade (p. 263).

Outrossim, há ainda dois eventos que precisam ser analisados de modo a ampliar o conhecimento do modo de pensar e agir de Gilead: *Salvaging e Particicution*. Esses eventos apenas frisam a dificuldade das mulheres em unirem-se e irem contra o que presenciam. Diferente da linguagem, que ocorre nas entrelinhas, esses eventos corriqueiros desenvolvidos por Gilead demonstram diariamente como o regime se mantém soberano e porque as pessoas o temem tanto. Diante desses acontecimentos, a morte é vista como uma saída menos tortuosa.

Os *Salvagings* são execuções públicas em Gilead. Os executados, portanto, eram chamados de *Salvaged*. *Salvage* é um verbo e significa “salvar” ou também apreender e executar um criminoso sem um julgamento. A população não sabe se essas pessoas receberam um julgamento, mas apenas que foram sentenciadas à morte. Porém, essas pessoas serão enforcadas em praça pública diante de todos e ficarão no muro exposta durante dias. As pessoas que passarem pelos muros (e todos são obrigados a olhar, sem demonstração de compaixão) terão um lembrete diário: caso seja insubordinado, seu destino também será aquele muro.

Não sei se a letra está correta. Não me lembro. Essas canções não são mais cantadas em público, especialmente as que na letra usam palavras como livre. São consideradas perigosas demais. Pertencem às seitas proscritas.” (*op. cit.*, p. 68)

²²⁵ “Bendito seja o fruto / “Que recebo com alegria” / “Que o senhor possa abrir”

Execuções públicas ocorrem há séculos e quando ocorrem, muitos necessitavam assistir, porque era parte do *modus operandi* de muitas sociedades. Federici relata que durante a caça às bruxas as execuções eram obrigatórias e iam além de demonstrações de poder:

A execução era um importante evento público que todos os membros da comunidade deviam presenciar, inclusive os filhos das bruxas, e especialmente suas filhas, que, em alguns casos, eram açoitadas em frente à fogueira na qual podiam ver a mãe ardendo viva.

A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, de demonizá-las e de destruir seu poder social. Ao mesmo tempo, foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade. (FEDERICI, 2004, p. 334)

Como citado pela filósofa, a execução era uma punição não apenas para os que estavam sendo enforcados, mas para as famílias desses indivíduos: eram coagidas a assistir um ente querido pegando fogo em praça pública, enquanto outros acreditavam e veneravam o ato. Para a maioria, era a justiça divina contra as bruxas ou até mesmo um modo de entretenimento. Em Gilead todos estão sujeitos a um fim doloroso, homens e mulheres, mas o fato permanece de que o papel das mulheres foi rebaixado e que as aias por vezes são vistas e tratadas como bruxas, e consequentemente caçadas como tal. Quando um homem as ataca, o discurso propagado é de que a culpa é delas pelo desejo ao pecado que incitam nos homens. É por isso também que essas mulheres usam vermelho e a sociedade tenta a todo custo esconder seus rostos e corpos por meio de trajes e chapéus que evitam traços de sensualidade e erotismo. Sobre a adaptação da série televisiva, por exemplo, há diversas publicações online que comentam possíveis significados dos trajes, como Fogaço (2018):

A cor marcadamente das aias é o vermelho que busca o tom de sangue, ressaltando a característica de sua função: o papel da reprodução numa sociedade quase sem crianças, sendo órgãos reprodutores femininos que ‘dão seu sangue’ pelo país e que mesmo assim se vestem de maneira modesta, pois a sociedade prega o fim do sexo como atividade prazerosa, como coloca a figurinista responsável, Anne Crabtree.²²⁶

A cor vermelha revela o que pensam dessas mulheres: paixão, desejo, calor e sangue. Por isso são odiadas por outras mulheres, porque os homens as desejam e não há saída a não ser aceitá-las, afinal, são poucas as genitoras disponíveis. Além de características sexuais, o sangue representaria o esforço e sacrifício dessas mulheres, mas essa valorização não ocorre na prática, permanecendo apenas no plano discursivo. As aias são hostilizadas por outras castas e só são tratadas com mais cuidado quando conseguem engravidar. Sendo assim, a República de Gilead

²²⁶ FOGAÇO, Vanessa. *Análise de Handmaid's Tale e seu figurino como elemento político*. Disponível em: <<https://medium.com/trend-in/an%C3%A1lise-de-handmaids-tale-e-seu-figurino-como-elemento-pol%C3%ADtico-3c4dfb5502a6>> Acesso: 31 maio. 2022.

só não mata as mulheres por uma necessidade biológica, de modo a controlar e escravizar seus corpos para fins de reprodução. No entanto, por meio desses eventos públicos, a república as relembra diariamente de que não são imunes e poderão ser substituídas:

As for us, the Handmaids and even the Marthas, we avoid illness. The Marthas don't want to be forced to retire, because who knows where they go? You don't see that many old women around anymore. And as for us, any real illness, anything lingering, weakening, a loss of flesh or appetite, a fall of hair, a failure of the glands, would be terminal. I remember Cora, earlier in the spring, staggering around even though she had the flu, holding on to the door frames when she thought no one was looking, being careful not to cough. A slight cold, she said when Serena asked her. (*op. cit.*, p. 237)²²⁷

Adoecer é sinal de fraqueza e a doença uma possível sentença de morte. As *Marthas* não sabem o que poderá acontecer quando não estiverem mais aptas para exercerem suas funções. Provavelmente, serão enviadas para as Colônias, ou seja, serão descartadas, então farão o possível para postergar isso. A probabilidade das colônias como destino é grande porque a maioria das idosas foram enviadas para esses locais e algumas selecionadas tornaram-se *Aunts*. Portanto, não parece haver saída feliz para as castas escravizadas: insubordinação leva ao *Salvaging* e a velhice/doença às *The Colonies*.

Além do *Salvaging*, Gilead criou um outro tipo de execução, além do tradicional relatado acima. No trecho a seguir, teremos uma breve descrição do *Salvaging* e a introdução do *Particicution*, que parece ser um horror novo para a narradora:

The three bodies hang there, even with the white sacks over their heads looking curiously stretched, like chickens strung up by the necks in a meatshop window; like birds with their wings clipped, like flightless birds, wrecked angels. It's hard to take your eyes off them. Beneath the hems of the dresses the feet dangle, two pairs of red shoes, one pair of blue. If it weren't for the ropes and the sacks it could be a kind of dance, a ballet, caught by flash-camera: midair. They look arranged. They look like show biz. It must have been Aunt Lydia who put the blue one in the middle.
 "Today's Salvaging is now concluded," Aunt Lydia announces into the mike. "But..." We turn to her, listen to her, watch her. She has always known how to space her pauses. A ripple runs over us, a stir. Something else, perhaps, is going to happen.
 "But you may stand up, and form a circle." She smiles down upon us, generous, munificent. She is about to give us something. Bestow.
 "Orderly, now."

²²⁷ “Quanto a nós, as Aias e mesmo as Marthas, evitamos doenças. As Marthas não querem ser obrigadas a se aposentarem, porque quem sabe para onde vão? Você não vê mais tantas mulheres mais velhas circulando. E quanto a nós, qualquer doença real, qualquer indolência, fraqueza, uma perda de peso ou de apetite, uma queda de cabelo, uma deficiência das glândulas, seria terminal. Lembro-me de Cora, logo no início da primavera, cambaleando pela casa embora estivesse gripada, agarrando-se em umbrais de portas quando achava que ninguém estava olhando, tomando cuidado para não tossir. Um ligeiro resfriado, disse ela quando Serena perguntou.” (*op. cit.*, p. 185)

She is talking to us, to the Handmaids. Some of the Wives are leaving now, some of the daughters. Most of them stay, but they stay behind, out of the way, they watch merely. They are not part of the circle. (*op. cit.*, pp. 425)²²⁸

O relato da narradora indica que os enforcamentos não são simplesmente castigos ou demonstrações da soberania do regime. Compara os indivíduos com animais mutilados e expostos em açougues. Seguindo essa metáfora, alguns que assistem são clientes do açougue, enquanto outros potenciais galinhas e pássaros. A descrição de Offred é horrenda, mas condiz como a vida humana é tratada pelos *Sons of Jacob*. As mortes são praticamente um meio de entretenimento para as *Wives e Commanders*, que assistem como se aqueles corpos, fossem carnes em exposição. Para Offred, é um grande show de horrores em que as *Aias* são potenciais participantes.

Essa percepção desumanizadora ocorre ao longo de todo o romance, e o regime animaliza cada vez mais todos de modo que a empatia seja erradicada. Uma vez que não há sentimentos uns pelos outros, não importa o que acontece. A vida humana perde qualquer valor. Prosseguindo a narrativa, a própria Offred acaba anestesiada em alguns momentos diante de tanta violência, *fake news* e relações superficiais.

"In the past," says Aunt Lydia, "it has been the custom to precede the actual Salvagings with a detailed account of the crimes of which the prisoners stand convicted. However, we have found that such a public account, especially when televised, is invariably followed by a rash, if I may call it that, an outbreak I should say, of exactly similar crimes. So we have decided in the best interests of all to discontinue this practice. The Salvagings will proceed without further ado." A collective murmur goes up from us. The crimes of others are a secret language among us. Through them we show ourselves what we might be capable of, after all. (*op. cit.*, 422)²²⁹

²²⁸ “Os três corpos estão lá pendurados, apesar dos sacos brancos sobre as cabeças, parecendo curiosamente alongados, como galinhas dependuradas pelo pescoço uma vitrine de açougue; como pássaros com as asas cortadas, como pássaros que não voam, anjos destroçados. É difícil tirar os olhos deles. Abaixo das bainhas dos vestidos os pés balançam, dois pares de sapatos vermelhos, um par de sapatos azuis. Se não fosse pelas cordas e os sacos poderia ser uma espécie de dança, um balé capturado por uma câmera com flash: em pleno ar. Parecem dispostos de maneira deliberada. Parecem frutos da indústria do entretenimento. Deve ter sido tia Lydia quem botou os azuis no meio.

— O Salvamento de hoje agora está concluído — anuncia tia Lydia ao microfone. — Mas...

Nós nos viramos para ela, paramos para ouvi-la, para observá-la com atenção. Ela sempre soube calcular bem suas pausas. Uma agitação nos atravessa, uma animação. Alguma outra coisa, talvez, vai acontecer.

— Mas podem se levantar e formar um círculo. — Ela sorri do alto para nós, generosa, munificente. Está a ponto de nos dar alguma coisa. Conceder. — Agora, ordenadamente. Ela está falando conosco, com as Aias. Algumas das Esposas estão indo embora, algumas das filhas. A maioria delas fica para trás, fora do caminho, apenas observam. Não fazem parte do círculo. (*op. cit.*, p. 326)

²²⁹ — No passado — diz tia Lydia —, o costume era que um relato detalhado dos crimes pelos quais as prisioneiras foram condenadas precedesse o Salvamento propriamente dito. Contudo, concluímos que uma revelação tão pública, especialmente quando televisionada, é invariavelmente seguida por uma erupção, se me permitem chamar assim, um surto, talvez eu devesse dizer, de crimes exatamente similares. De modo que decidimos, tendo em vista os melhores interesses de todos, não dar continuidade a essa prática. Os Salvamentos terão seguimento sem

Como o regime precisa passar a imagem de que é justo e benevolente, os acusados tinham os supostos crimes revelados. Contudo, Lydia diz que a informação apenas incentiva a rebelião. A *Aunt* até mesmo ajusta o discurso: “erupção” torna-se “surto”, já que o segundo termo é mais impactante e frequentemente associado à loucura ou delírio. Convenientemente, decidem não anunciar mais o que essas pessoas fizeram. Isso tem consequências gravíssimas, porque cada vez mais pessoas podem estar sendo mortas por um motivo qualquer. Antes, já não se sabia se as informações eram verdadeiras ou precisas, mas de certa forma eram exemplos e incentivavam os que também gostariam de agir, mas faltava coragem. Com a nova decisão, essas pessoas não têm acesso a qualquer informação, verdadeira ou falsa. Consequentemente, não há o que contestar.

Após o término do *Salvaging*, Offred relata que houve uma pausa na fala de *Aunt Lydia*. Como a conhece desde os tempos do *Red Centre*, compreende que a barbárie continuará, mas que dessa vez será de um modo distinto ao anterior, porque seu discurso é metódico e revela muito. O relato de Offred demonstra intenso desconforto e medo sobre o que virá. Ela continua do seguinte modo:

Two Guardians have moved forward and are coiling up the thick rope, getting it out of the way. Others move the cushions. We are milling around now, on the grass space in front of the stage, some jockeying for position at the front, next to the center, many pushing just as hard to work their way to the middle where they will be shielded. It's a mistake to hang back too obviously in any group like this; it stamps you as lukewarm, lacking in zeal. There's an energy building here, a murmur, a tremor of readiness and anger. The bodies tense, the eyes are brighter, as if aiming. I don't want to be at the front, or at the back either. I'm not sure what's coming, though I sense it won't be anything I want to see up close. But Ofglen has hold of my arm, she tugs me with her, and now we're in the second line, with only a thin hedge of bodies in front of us. I don't want to see, yet I don't pull back either. I've heard rumors, which I only half believed. Despite everything I already know, I say to myself: they wouldn't go that far. "You know the rules for a Particicution," Aunt Lydia says. "You will wait until I blow the whistle. After that, what you do is up to you, until I blow the whistle again. Understood?" (*op. cit.*, pp. 426-427)²³⁰

delongas. Um murmúrio coletivo se eleva de nós. Os crimes de outras são uma linguagem secreta entre nós. Através deles mostramos a nós mesmas de que poderíamos ser capazes, afinal. (*op. cit.*, p. 324)

²³⁰ Dois Guardiões deslocaram-se para a frente e estão enrolando a corda grossa, tirando-a do caminho. Outros retiram as almofadas. Estamos nos movimentando de maneira desorganizada, no espaço gramado na frente do palco, algumas disputando posições na frente, perto do centro, muitas empurrando com a mesma força para abrir caminho para o meio, onde estarão protegidas. É um erro ficar para trás de maneira muito evidente em um grupo como este; deixa você marcada como indiferente, carecendo de zelo. Há uma energia crescendo aqui, um murmúrio, um tremor de prontidão e raiva. Os corpos ficam tensos, os olhos mais brilhantes, como se fazendo mira. Não quero ficar na frente nem atrás tampouco. Não estou certa do que está por vir, embora pressinta que não será nada que queira ver muito de perto. Mas Ofglen está segurando meu braço, me puxa com ela, e agora estamos na segunda fila, com apenas uma cerca fina de corpos na nossa frente. Não quero ver, contudo, também não recuo. Ouvi boatos, nos quais acreditei apenas em parte. Apesar de tudo que já sei, digo a mim mesma: eles não iriam assim tão longe. — Vocês conhecem quais são as regras para a Partição — diz tia Lydia.

Offred faz uma breve análise de onde deveria ficar: permanecer muito atrás é perigoso, porque reforça um desinteresse que pode tornar-se um problema no futuro. Ressalta também que a energia negativa de todas se intensificou, como se essas mulheres já soubessem e estivessem se preparando para o que viria a seguir. Diante de tamanha brutalidade, era necessário se preparar psicologicamente porque poucos que sentem um mínimo de empatia pelo próximo conseguiriam atuar sem preparação. Diferentemente do *Salvaging*, em que todos deveriam apenas permanecerem inertes, na chamada *Particicution* as aias seriam responsáveis em fazer a suposta justiça com as próprias mãos.

A *Handmaid* diz que havia relatos sobre a Partição (palavra que junta participação com execução), mas que ainda tinha esperanças de que o regime não chegaria tão longe. Qual a necessidade de tamanha violência? O que Offred não ponderou é que esse evento vai além de torturar e executar os considerados culpados: é um treinamento para as *Handmaids*, responsáveis por apedrejar até a morte um ser humano. Esse ato tem como uma possível consequência o crescimento da sensação de letargia diante das barbáries de Gilead. Além de desumanizar novamente a pessoa apedrejada, a república está incentivando a violência, raiva e desejo de justiça nessas mulheres. É tentador na medida em que esse é um dos únicos momentos em que essas aias podem demonstrar sentimentos como o de raiva. Mas esse sentimento é redirecionado: ao invés do alvo principal ser Gilead, é direcionado para o ódio a alguém desconhecido, por um crime que muitas vezes é manipulado. Essa manipulação tem como intuito incitar sentimentos negativos: o estupro, por exemplo, é imperdoável para muitas pessoas, especialmente mulheres, principais vítimas desse crime. Não obstante, a violação relatada não é o verdadeiro crime cometido por esse homem. Em um trecho que já citamos no Capítulo II (página 72 deste trabalho), Ofglen conta para Offred que ele fazia parte da *Mayday*, mesmo sendo um *Guardian*. Mas a *Aunt* jamais revelaria o verdadeiro crime desse homem, porque é prejudicial ao regime. Revelar que alguém de uma casta poderosa se opõe aos ideais do regime seria o mesmo que admitir que a criação de Gilead é um erro.

Portanto, a república de Gilead explorou diversas estratégias e recursos para coagir seus habitantes. Por meio das práticas de tortura e violência, como característico de regimes totalitários, não há possibilidade para diálogo, humanidade ou benevolência. Também tentam demonstrar que todos são possíveis de serem descartados, mas contraditoriamente tampouco podem fugir. O totalitarismo de Gilead engole tudo e todos, almejando a letargia como modo

— Esperarão até que eu dê o sinal com o apito. Depois disso, o que fizerem cabe a vocês decidir, até eu tocar o apito de novo. Entendido?" (*op. cit.*, 346)

de vida. Uma vez que a pessoa aceita essa realidade, procura apenas se manter vivo mais um dia, e o que acontece com as pessoas ao seu redor já não lhe importa.

Gilead deseja a soberania suprema, não basta ser apenas poderoso: é preciso o controle total, sempre buscando a destruição completa dos inimigos, que mudam de acordo com os interesses do regime naquele determinado momento. Essa obsessão por dominação revela uma grande fraqueza, de modo que todas as castas têm insubordinados que se opõem (em maior ou menor grau) ao novo sistema.

Conforme já discutimos anteriormente, o regime estabelece algumas práticas de controle, como a proibição da leitura e escrita das mulheres. Devido à falta de estímulo, as mulheres conseqüentemente terão cada vez menos repertório e autonomia para pensarem por si próprias. Essa decisão afeta principalmente a geração de mulheres em que a vida consistirá basicamente na monótona rotina dentro de casa. As mulheres mais privilegiadas cuidarão do jardim, darão ordem aos empregados e buscarão ter filhos para que o ciclo continue.

Do mesmo modo, os *Salvagings* executam publicamente os considerados criminosos e são um evento que além de demonstrar poder, é um passatempo para as castas mais altas que assistem a eles rotineiramente. Esses indivíduos ficam pendurados em um muro durante dias, até que são recolhidos e enviados para serem queimados nas Colônias. Caso a pessoa não tenha visto ao vivo, poderá ver a exposição no muro que é de fácil acesso a todos. O regime espera que as pessoas passem pelo muro e olhem para os criminosos. É um aviso de que se buscarem reagir, serão os próximos.

Como se o *Salvaging* não fosse suficientemente cruel, Gilead criou o *Particicution*, cujo objetivo é que as aias tenham o poder de castigar uma pessoa até a morte. Não há regras estabelecidas, mas Offred diz que é importante demonstrar proatividade, porque a falta de ação pode indicar uma discordância com o que está sendo feito. Nesse momento, as aias são ferozes e tem todas as suas frustrações e raivas redirecionadas. Além de manipular os sentimentos dessas mulheres, mentem acerca dos crimes cometidos pelos acusados e só podem parar quando a *Aunt* decidir que basta.

Isso posto, nota-se que Gilead usa a violência e a barbárie para esconder a fragilidade do regime, assim como demonstra o medo que tem da população. Por meio desses mecanismos, faz com que muitas pessoas tenham discordar, mas também fortalece e intensifica grupos de resistência. A cada golpe proferido, seja nessas mulheres, seja nas pessoas que são assassinadas, Gilead está contribuindo cada vez mais para o seu fim. Contudo, é incapaz de não o fazer, uma vez que: “[p]ara que essa máquina totalitária engrene, é necessário que ela esteja embasada no

binômio terror e ideologia” (DE RESENDE; MENDES, 2020, p. 230)²³¹ Como o terror é intrínseco ao totalitarismo, não é possível que ajam de outro modo.

O destino de Gilead é o fracasso e autodestruição. Primeiramente, porque não incapazes de satisfazer a grande maioria. Ademais, porque o totalitarismo domina apenas pelo medo, e acaba intensificando os sentimentos de revolta das pessoas, que a cada dia se tornam mais oprimidas e, conseqüentemente, com maior ímpeto de reagir. Quando não tiverem mais nada a perder, não terão limites e interromperão esse eterno ciclo de terror, medo, repressão e violência. Além desse ataque interno, Gilead também sofre externamente. O romance indica que 48 estados contíguos dos Estados Unidos foram capazes de instaurar um regime que escraviza mulheres. Mas, para outras sociedades, suas atitudes são condenáveis.

3.3 – Considerações Finais do capítulo

Neste capítulo, foram abordados temas fundamentais para se compreender o *modus operandi* da República de Gilead e a forma como mantém as mulheres subjugadas. Ao instaurar um regime totalitário, foi estabelecido o terror por meio de dinâmicas de poder: alguns homens se encontram no topo da cadeia enquanto o restante está em situação de subserviência ou escravidão. Majoritariamente mulheres fazem parte do segundo grupo, mas as que detêm certo grau de poder oprimem às outras. A desigualdade estabelecida tem como objetivo redirecionar a opressão e propagar dinâmicas de violência entre mulheres, escondendo através dos micropoderes a realidade: homens monopolizam o verdadeiro poder em Gilead. As *Wives* não passam de marionetes que agem de acordo com os interesses do Estado, dominado por homens, como intitulado no nome do grupo: *Sons of Jacob*.²³²

A amargura e desgosto dessas mulheres é redirecionado para as Aias: elas são consideradas as verdadeiras responsáveis pelo mal que atinge as *Wives* por serem pecadoras e supostas prostitutas, o que não passa de um pensamento falacioso. A mesma dinâmica é estabelecida com as *Handmaids*: odeiam as *Wives* porque as maltratam, desgostam das *Marthas* porque as ignoram. Por conviverem majoritariamente com essas duas castas, o pouco de empatia que às vezes emergia nas curtas interações desaparecem definitivamente com a exaustiva convivência exigida por Gilead. Ademais, as *Handmaids* podem, eventualmente, não sentira repulsa esperada em relação aos *Commanders*. Para ilustrar, Offred admite um

²³¹ DE RESENDE, Natália Silva Giarola; MENDES, Conrado Moreira. *Totalitarismo em The Handmaid's Tale: entre manipulação e programação*. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, n. 28, p. 225-244, 2020.

²³² Na língua inglesa, *son* é usado para se referir a filhos do sexo masculino. O equivalente feminino é *daughter*.

sentimento de simpatia por Fred Waterford: “I remind myself that he is not an unkind man; that, under other circumstances, I even like him.” (p. 395)²³³. Mesmo em momentos em que Offred está sendo tocada contra sua vontade por esse homem, tenta argumentar e aceitar o que está ocorrendo. Por vezes, no próprio discurso se contradiz, em alguns momentos aceitando, e em outros afirmando que não é isento de culpa: “But watch out, Commander, I tell him in my head. I’ve got my eye on you. One false move and I’m dead. Still, it must be hell, to be a man, like that. / It must be just fine. / It must be hell. / It must be very silent. (*op. cit.*, p. 137)”²³⁴. Nesse trecho o conflito interno da personagem é exposto: concomitantemente sente pena e raiva por toda a situação que a colocaram e o que é preciso se submeter por ser uma mulher. A narradora sente pena porque o totalitarismo atinge tudo e todos: os comandantes não podem falhar, porque o erro levará a ruína não apenas a eles próprios como a todas as mulheres em seu entorno.

Os sentimentos de Offred oscilam em relação às figuras masculinas, mas reconhece que não deveria nutrir qualquer tipo de simpatia por nenhum homem: “I ought to feel hatred for this man. I know I ought to feel it, but it isn’t what I do feel. What I feel is more complicated than that. I don’t know what to call it. It isn’t love.” (*op. cit.*, p. 91)²³⁵ Apesar de consciência e clareza, não consegue controlar seus sentimentos. Assim como na realidade fora da ficção, não existem pessoas bidimensionais ou uma divisão nítida entre o bem e o mal. Por vezes, há uma linha tênue. Desse modo, mesmo o comandante tendo sido uma pessoa relevante no processo de tomada de poder e na escravização de mulheres como Offred, ela também percebe que, na medida do possível, busca tornar sua vida mais tolerável. Por isso, é benevolente, visto que em diversas ocasiões é ignorada e destratada por outras mulheres. Nesse cenário, o gênero torna-se uma questão secundária: mesmo sendo um poderoso homem de Gilead que pode impor o que quiser a Offred, escolhe interagir e tratá-la com cordialidade, enquanto outros com mais oportunidades – *Wives* e *Marthas* –, sequer reconhecem sua existência. Uma vez mais a passagem ilustra dois atributos do romance: o cuidado da autora ao desenvolver personagens, sentimentos e relacionamentos complexos e a desarmonia feminina, que foi indispensável para a solidificação dos *Sons of Gilead* nos EUA.

Ademais, enquanto Waterford está em casa é constantemente observado por todas as mulheres que, no ócio ou devido à ausência de independência, monitoram seus movimentos

²³³ Recordo a mim mesma que ele não é um homem sem gentileza; que, em outras circunstâncias, até gosto dele. (*op. cit.*, p. 302)

²³⁴ “Mas cuidado, Comandante, digo a ele em minha cabeça. Estou de olho em você. Um movimento em falso e estarei morta. / Ainda assim, deve ser um inferno ser um homem, dessa maneira. / Deve ser muito. / Deve ser um inferno. / Deve ser muito silencioso.” (*op. cit.*, p. 108)

²³⁵ “Eu deveria sentir ódio por esse homem. Sei que deveria senti-lo, mas não é isso que realmente sinto. O que sinto é mais complicado do que isso. Não sei que nome dar a isso. Não é amor.” (*op. cit.*, p. 72)

dentro da casa: “He manages to appear puzzled, as if he can't quite remember how we all got in here. As if we are something he inherited, like a Victorian pump organ, and he hasn't figured out what to do with us. What we are worth.” (p. 135)²³⁶ Neste momento, Offred relata que o *Commander* parece perdido: como chegaram a esse ponto? O que devo fazer com essas mulheres que estão sob minha responsabilidade? Qual o valor das mulheres em Gilead? Mas apesar de Offred ter momentos de benevolência e passividade em relação aos homens do regime, o fato é que não apenas a casa, mas todas essas mulheres são propriedade de Fred Waterford e esse poder imensurável e velado o agrada. O valor delas é intrínseco à utilidade que têm para ele.

Enquanto Offred demonstra compaixão por essa figura masculina, concomitantemente despreza Serena Joy. De acordo com a aia, o sentimento é mútuo:

I was disappointed. I wanted, then, to turn her into an older sister, a motherly figure, someone who would understand and protect me. The Wife in my posting before this had spent most of her time in her bedroom; the Marthas said she drank. I wanted this one to be different. I wanted to think I would have liked her, in another time and place, another life. But I could see already that I wouldn't have liked her, nor she me. (*op. cit.*, p. 24)²³⁷

Offred mais uma vez admite a busca incessante por uma figura materna e por sororidade, mas não encontra acolhimento em Serena. A rigidez dessa mulher e o que representa causam desgosto na Aia, que sente saudades da mãe –, por isso busca uma nova referência –, além de sentir-se isolada. O relacionamento de ambas é árduo e truncado, mas diferentemente do relacionamento com o Comandante, não há muitos momentos em que Offred se compadece pela situação em que Serena Joy se encontra. Pelo contrário, majoritariamente esboça comentários irônicos ou desdenhosos. É como se para Offred, os homens terem aceitado e construído Gilead fosse justificável, mas que as mulheres devessem ter resistido, incluindo a si própria. De certo modo, tem razão: o poder é atraente e muitos homens se sentiam ameaçados por mulheres no contexto dos anos oitenta, estando cada vez mais autônomas e em posições de poder. Por outro lado, nenhuma mulher deveria aceitar Gilead, por mais que acreditassem nos valores da família tradicional. Esse é o caso porque as mulheres perderam o poder em sua totalidade, assim como a liberdade mental e física e o direito sobre seus corpos. Contudo, a

²³⁶ “Ele consegue parecer perplexo, como se não conseguisse se lembrar muito bem de como todos nós viemos parar aqui. Como se fôssemos alguma coisa que herdou, como um órgão pneumático vitoriano, e ele ainda não tenha descoberto o que fazer conosco. Quanto nós valemos.” (*op. cit.*, p. 106)

²³⁷ “Fiquei desapontada. Eu queria, naquela época, transformá-la numa irmã mais velha, numa figura maternal, alguém que me compreenderia e me protegeria. A Esposa em meu posto anterior àquele tinha passado a maior parte do tempo em seu quarto; as Marthas diziam que ela bebia. Eu queria que esta aqui fosse diferente. Queria pensar que eu teria gostado dela, em outra época e em outro lugar, em outra vida. Mas já podia ver que não teria gostado dela, nem ela de mim.” (*op. cit.*, p. 25)

ótica dessas mulheres parece ter sido outra, a de idealizar o martírio e colocar a religião em primeiro lugar. Nessa perspectiva, as mulheres acreditam que devem se sacrificar pelo bem maior e por Deus. Mas o que os homens sacrificaram, uma vez que até relações carnavais conseguem obter facilmente por meio de aias e casas de exploração sexual como *Jezebel's*? Foram as mulheres que perderam a maior parte de seus direitos, enquanto a superioridade de poder masculina perante as mulheres foi institucionalizada.

A desigualdade apenas causa atrito e conflitos desnecessários entre as castas de mulheres, que frequentemente desejam o que a outra é incapaz de obter, quando na realidade o problema reside em Gilead definir e controlar o corpo e a mente das mulheres. O discurso propagado por *Aunt Lydia* é de que a situação é apenas temporária, uma vez que:

For the generations that come after, *Aunt Lydia* said, it will be so much better. The women will live in harmony together, all in one family; you will be like daughters to them, and when the population level is up to scratch again we'll no longer have to transfer you from one house to another because there will be enough to go round. There can be bonds of real affection, she said, blinking at us ingratiatingly, under such conditions.

Women united for a common end.

Helping one another in their daily chores as they walk the path of life together, each performing her appointed task. Why expect one woman to carry out all the functions necessary to the serene running of a household? It isn't reasonable or humane. Your daughters will have greater freedom.

We are working towards the goal of a little garden for each one, each one of you — the clasped hands again, the breathy voice — and that's just one for instance. The raised finger, wagging at us. But we can't be greedy pigs and demand too much before it's ready, now can we? (*op. cit.*, p. 250)²³⁸

A narrativa da *Aunt* é de que o sofrimento atual é meramente temporário, mas que o Estado reconhece os sacrifícios de todas. Ao construir uma imagética de mulheres em harmonia, *Lydia* está ao mesmo tempo reconhecendo a opressão que as aias sofrem pelas outras castas, mas afirmando que em breve todas serão parte de um único grupo. É um discurso ilusório, mas que busca manipular os sentimentos das *Handmaids*, peças essenciais para que o regime seja mantido. Mesmo sendo primordiais, são molestadas por todos à volta e isso as incomoda. *Lydia*

²³⁸ “Para as gerações que vierem depois, dizia tia *Lydia*, será tão melhor. As mulheres viverão juntas em harmonia, todas numa única família; vocês serão como filhas para elas, e quando o nível da população voltar a subir de acordo com as expectativas, não precisaremos transferir vocês de uma casa para outra porque haverá mulheres suficientes para todas. Poderão existir verdadeiros laços de afeto, dizia ela, pestanejando para nós de maneira insinuante, sob condições como essas. Mulheres unidas para um fim comum! Ajudar umas às outras em suas tarefas cotidianas enquanto percorrem o caminho da vida juntas, cada uma desempenhando sua tarefa determinada. Por que esperar que uma mulher desempenhe todas as funções necessárias à administração serena de um lar? Não é razoável nem humano. Suas filhas terão maior liberdade. Estamos trabalhando para atingir a meta de um pequeno jardim para cada uma, cada uma de vocês — as mãos unidas com os dedos cruzados de novo, a voz suspirante —, e essa é apenas uma, por exemplo. O dedo levantado, balançando para nós. Mas não podemos ser porcos esganados e exigir demais antes que esteja pronto, não é mesmo?” (*op. cit.*, p. 195)

tem consciência disso e projeta um futuro em que elas terão um jardim privativo assim como as *Wives*. Para a senhora, o importante é que tenham algo para ocupar o tempo, porque o ócio pode ser perigoso. No entanto, jamais terão algo além de um jardim. Logo o discurso se torna passivo-agressivo quando diz que não devem ser porcas gananciosas e exigir tudo de uma vez. Esse discurso de Lydia é, ao mesmo tempo, manipulador e sádico. Encerra o discurso com uma pergunta retórica, consolidando a ameaça e a coerção.

Outrossim, a casta é apenas um dos diversos problemas. O próprio sistema que rege Gilead não funcionará apropriadamente se não fizer uso da violência, exploração e medo. Regimes distópicos como esse almejam um controle absoluto e para isso, criam mecanismos que facilite o processo de dominação. Em contraste com um Estado verdadeiramente democrático, que estabelece leis, regulamentos, preza liberdade dos seus indivíduos e estabelece diversos partidos políticos, o totalitarismo, à luz De Resende e Mendes (2020) age do seguinte modo: “o Estado totalitário exclui toda a constituição do Estado liberal e instaura um sistema de valores no qual prevalece a violência extrema, simbolizada pelo terror, e a estrutura política é baseada no monopólio político, formada por apenas um partido.” (p. 231) De acordo com essa visão, as raízes do totalitarismo não embasadas no terror e no monopólio, de modo que poucos controlam um sistema que domina a maioria pelo terror. A questão de maioria e minoria é retomada no discurso de Fred Waterford:

Come now, he says, pressing a little with his hands. I'm interested in your opinion.
You're intelligent enough, you must have an opinion.
About what? I say.
What we've done, he says. How things have worked out.
I hold myself very still. I try to empty my mind. I think about the sky, at night, when there's no moon. I have no opinion, I say.
He sighs, relaxes his hands, but leaves them on my shoulders. He knows what I think, all right.
You can't make an omelette without breaking eggs, is what he says. We thought we could do better.
Better? I say, in a small voice. How can he think this is better?
Better never means better for everyone, he says. It always means worse, for some. (*op. cit.*, p. 325)²³⁹

²³⁹ “ — Vamos, deixe disso, diz ele, pressionando-me ligeiramente com as mãos. Estou interessado em sua opinião. — Você é bastante inteligente, deve ter uma opinião. — A respeito de quê?, digo. — Do que nós fizemos, diz ele. De como as coisas se resolveram. Mantenho-me completamente imóvel. Tento esvaziar minha mente. Penso a respeito do céu, à noite, quando não há lua. — Eu não tenho nenhuma opinião, digo. Ele suspira, relaxa as mãos, mas as deixa sobre os meus ombros. Ele sabe o que penso, sabe muito bem. Não se pode fazer uma omelete sem quebrar os ovos, é o que diz. Pensamos que faríamos um mundo melhor. — Melhor?, digo, em voz baixa, apagada. Como ele pode pensar que isto é melhor? — Melhor nunca significa melhor para todo mundo, diz ele. Sempre significa pior, para alguns.” (*op. cit.*, pp. 250-251)

O *Commander* demanda a opinião de Offred, mesmo que saiba a resposta. Demonstra apreciar esses jogos psicológicos e o poder que tem sobre ela. Prossegue insinuando como se o totalitarismo fosse uma pequena mudança, mas necessária diante do mundo que viviam. A narradora pensa que ele, de fato, acredita que o mundo atual é melhor. Waterford pensa desse modo porque os menos prejudicados foram os homens, enquanto as mulheres precisaram sacrificar em demasia: independência, trabalho, mentes, corpos, relacionamentos, tudo que foi conquistado depois de décadas de luta para melhorar a desigualdade de gênero. Todo o árduo processo retrocedeu no golpe e as mulheres precisarão recomeçar, mas Offred percebe que para muitas esse sistema também é vantajoso: as *Wives* só conseguirão ser mães por meio da escravização de outras mulheres. Caso todas retomassem as liberdades individuais, elas não conseguiram ter uma família nos moldes tradicionais que tanto prezam. Por conseguinte, ainda é mais vantajoso para as crentes na religião de Gilead explorar o corpo de outras mulheres para impor seus desejos.

Fred Waterford conclui que o melhor nunca significou ser melhor para todos e que sempre será pior para alguns. Esse tipo de discurso é característico de governo autoritários e antidemocráticos, na medida em que o opressor justifica a opressão sobre o oprimido em prol de uma suposta maioria. Para eles, sacrificar outras vidas para benefício próprio é uma forma justa de ser vivida, pois acreditam que são superiores. Deus e a religião são usados como um subterfúgio, e o discurso bíblico por meio da manipulação acaba tornando-se falacioso, assim não é possível contestá-lo por ser a palavra e o discurso divino.

Sendo assim, a retórica e a atitude terrorista são onipresentes, atuando de modo interno e externo, na medida em que os *Sons of Jacob* estão sempre em conflito com outros grupos. Essas organizações têm crenças ou opiniões divergentes e, portanto, são vistos e tratados como inimigos. Gilead manipula a concepção de rebeldes e guerras para interesse próprio: o discurso é de que a população não estará segura se o regime for dissolvido, exposta a barbaridades e outros falsos horrores propagados através de notícias censuradas e controladas. Ao alimentar diariamente os habitantes por meio de notícias sem fontes ou referências confiáveis, a população se encontra em um beco sem saída: desinformada e sem perspectiva do que está acontecendo mundialmente, tendo apenas como parâmetro o pouco que é permitido assistir pela televisão. Diante de escassas informações e condições para preservação da saúde e bem-estar desses indivíduos, o regime explora a fragilidade e os direciona à submissão completa. A seguir, Offred discorre sobre o acesso ao noticiário e a falsidade do conteúdo:

I'm allowed to watch the news, It seems to be an unspoken rule in this household: we always get here on time, he's always late, Serena always lets us watch the news. Such as it is: who knows if any of it is true? It could be old clips, it could be faked. But I watch it anyway, hoping to be able to read beneath it. Any news, now, is better than none (...) They show us only victories, never defeats. Who wants bad news? Possibly he's an actor. The anchorman comes on now. His manner is kindly, fatherly; he gazes out at us from the screen, looking, with his tan and his white hair and candid eyes, wise wrinkles around them, like everybody's ideal grandfather. What he's telling us, his level smile implies, is for our own good. Everything will be all right soon. I promise. There will be peace. You must trust. You must go to sleep, like good children. He tells us what we long to believe. He's very convincing. I struggle against him. He's like an old movie star, I tell myself, with false teeth and a face job. At the same time I sway towards him, like one hypnotized. If only it were true. If only I could believe. Now he's telling us that an underground espionage ring has been cracked by a team of Eyes, working with an inside informant. The ring has been smuggling precious national resources over the border into Canada. (*op. cit.*, pp. 127-128)²⁴⁰

A narradora diz que as notícias devem ser falsas, mas que busca ser capaz de ler nas entrelinhas, seja por meio de uma imagem, uma pessoa ou som. Como cotidianamente vivem de modo restrito e discreto, a televisão é um dos únicos meios de acesso ao mundo exterior. É mais difícil para aias obterem informação do que outras castas: são vigiadas constantemente e não sabem em quem podem confiar, não tendo escolha a não ser dependerem da televisão. Offred aponta que só as vitórias são noticiadas e comenta que ninguém deseja receber notícias ruins. Contudo, só mostrar vitórias vai além de uma intenção de propaganda positiva. A república quer transmitir uma imagem de força e poder absoluto: se outros travarem uma luta contra eles, o desfecho será a completa derrota.

Uma vez mais Offred demonstra astúcia e conhecimento sobre o *modus operandi* da República. Ao assistir ao programa, identifica que o âncora transmite um *ethos* patriarcal. O intuito é disseminar uma falsa noção de paz, soberania e confortar os ouvintes com palavras harmônicas que velam o terror e horror, parte do cerne de Gilead. Todos sabem que é mentira, incluindo a aia, mas viver sem espaço para respirar e imaginar uma realidade melhor é tampouco viável.

²⁴⁰ “(...) tenho permissão para assistir às notícias no telejornal. Parece ser uma regra não mencionada nesta casa: sempre chegamos aqui na hora, ele sempre chega atrasado, Serena sempre assiste às notícias. Tais como são: quem sabe se alguma coisa nelas é verdade? Poderiam ser velhos cliques, poderiam ser matérias falsas, encenadas. Mas assisto de qualquer maneira, na esperança de ser capaz de ver o que está por trás delas. Qualquer notícia, agora, é melhor do que nenhuma. Eles só mostram as vitórias, nunca as derrotas. Quem quer saber de más notícias? Possivelmente ele é um ator. O âncora agora aparece na tela. A expressão dele é gentil, paternal, olha para nós da tela, parecendo, com sua pele bronzeada, cabelo branco e olhos sinceros, cercados por rugas de sábia vivência, com o avô ideal de todo mundo. O que ele está nos dizendo, seu sorriso comedido sugere, é para nosso próprio bem. Tudo estará resolvido brevemente. Eu prometo. Haverá paz. Vocês têm que ter confiança. Vocês devem ir dormir, como crianças bem-comportadas. Ele diz o que ansiamos por acreditar. É muito convincente. Luto contra ele. É como um velho ator de cinema, digo a mim mesma, com dentes falsos e o rosto conseguido através de plástica. Ao mesmo tempo me inclino de leve em sua direção, como uma pessoa hipnotizada. Quem dera isso fosse verdade. Quem dera eu pudesse acreditar nisso. Agora ele está nos dizendo que uma quadrilha clandestina de espionagem foi desbaratada por uma equipe de Olhos, trabalhando com um informante infiltrado. A quadrilha estava contrabandeando preciosos recursos naturais através da fronteira para o Canadá.” (*op. cit.*, pp. 101-102)

Por trás dessa suposta missão divina na qual as *Handmaids* são instrumentos essenciais para a perpetuação por meio da gestação humana, identifica-se a realidade: o novo regime trata a vida humana como dispensável e descartável, sendo as *Aias* escravas do sexo entregues para Comandantes. A gestação de filhos tornou-se uma *commodity*, um privilégio apenas acessível aos que estão no topo do poder. Mas para que essas famílias religiosas possam ter filhos, é preciso de uma mulher pecadora. Ela será mensalmente violada e se tornará a genitora da criança até o término da amamentação, caso não perca a criança antes disso. Quando finalizado seu dever, é realocada para uma nova família e o ciclo se repete. Mas por que essas mulheres não reagem? Novamente o papel sociopolítico do regime totalitário de Gilead se justifica:

Sustento, ademais, que a intensificação da perseguição às “bruxas” e os novos métodos disciplinares que o Estado adotou nesse período, com a finalidade de regular a procriação e quebrar o controle das mulheres sobre a reprodução, têm também origem nessa crise. As provas desse argumento são circunstanciais e deve-se reconhecer que outros fatores também contribuíram para aumentar a determinação da estrutura de poder europeia dirigida a controlar de forma mais estrita a função reprodutiva das mulheres. Podemos interpretar não só uma preocupação com o declínio da população, mas também o medo que as classes abastadas tinham de seus subordinados, particularmente das mulheres de classe baixa, que, como criadas, mendigas ou curandeiras, tinham muitas oportunidades para entrar nas casas dos empregadores e causar-lhes dano. (Federici, 2004, p. 170)

Na ótica de uma sociedade fundamentalista religiosa, as *Aias* são vistas como bruxas, não podendo se casar em Gilead por não serem puras e vistas de modo controverso pela sociedade. Para as *Wives*, são bruxas porque seduzem seus maridos e manipulam as pessoas, quando na realidade o que ocorre é o oposto: são usadas e coagidas pelos Comandantes e pelo regime como um todo. Na ótica das *Aias*: “But to refuse to see him could be worse. There's no doubt about who holds the real power.”²⁴¹ (*op. cit.*, p. 212) Elas têm plena consciência do que acontecerá caso recusem uma investida desses homens, reconhecendo que é melhor correr o risco de as *Wives* descobrirem do que lidar com as consequências da recusa. Mas as *Handmaids* também são tratadas como as bruxas mencionadas por Federici: isoladas por tudo e todos, não se encaixam em lugar nenhum da sociedade, vivendo de modo marginal e com os dias contados. Se adoecerem ou perderem sua utilidade para procriação, serão descartadas e substituídas imediatamente. Com base em tais questões, o Estado é capaz de controlar e legislar os direitos reprodutivos dessas mulheres que estão no ponto mais baixo da cadeia.

²⁴¹ “Mas recusar-me a vê-lo poderia ser pior. Não há nenhuma dúvida quanto a quem detém o poder de verdade.” (*op. cit.*, p. 165)

O terror é um dos mecanismos de controle, mas o medo tem peso semelhante no processo de dominação. Como já destacamos anteriormente, essas pessoas são dominadas pelo medo com diversas punições e torturas disponíveis para aqueles que não se comportarem de acordo com as expectativas da república de Gilead:

Já o segundo é o medo, que é a força motriz que sustenta todo o percurso manipulatório e programático que rege a vida das mulheres em Gilead. O medo da morte e o das punições físicas, por exemplo, fazem com que as Aias aceitem o contrato de serem escravas sexuais, com a finalidade de reprodução e, ao mesmo tempo, possam se enquadrar nas regularidades propostas pela sociedade. (DE RESENDE; MENDES, 2020, p. 242)

Foram explorados nesses capítulos alguns desses meios que causam o horror e inibem a todos. As Colônias, por exemplo, têm como intuito perpetuar a escravidão, mas descartar aqueles que perderam ou que nunca tiveram utilidade para Gilead, como Aias incorrigíveis, pessoas idosas com ideologias distintas, traidores, entre outros. Como destacamos anteriormente, todos sabem que aqueles enviados para esses espaços jamais retornam: não existe vida nas Colônias, apenas morte. Por conta do lixo tóxico, a pele das pessoas se decompõe e a saúde deteriora rapidamente. Aqueles que precisam ser coagidos têm acesso aos vídeos mostrando o que se passa nesses espaços – já mencionamos, por exemplo, que Moira relata ter visto a mãe de Offred em um vídeo sobre as Colônias depois de ser capturada ao tentar fugir. Tendo em vista a vulnerabilidade física e mental, Offred constantemente pensa que seus atos a poderiam levar para as Colônias e tais pensamentos a aterrorizam. Em nossa visão, o romance buscou construir uma personagem acima de tudo humana, e não uma revolucionária ou heroína. Assim como os humanos, cometeu erros, foi passiva, mas faz o que pode diante das circunstâncias que lhe foram apresentadas. A personagem sabe reconhecer e aprende com os erros, como quando assistiu ao regime ser instaurado até a situação ter se tornado irreversível: compreende como o silêncio endossa o coro dos opressores. No entanto, deseja sobreviver para poder rever a filha e essa é a sua maior prioridade. Como ir para as Colônias significa morrer em poucos anos, tenta se manter distante dessa possibilidade e quando age e se sente ameaçada, relembra o fim que sua vida poderá ter.

Dentro desse contexto, gostaríamos de assinalar novamente algumas práticas institucionalizadas de violência e punição: a proibição de leitura e escrita para mulheres e os eventos *Salvaging* e *Participation*. Esses atos são apenas um recorte, mas há diversos meios explorados por Gilead com o intuito de impor uma falsa ideia de soberania. O verdadeiro poder reside no povo e não com aqueles que estão temporariamente no poder. É necessário mudar a

maneira como a sociedade é organizada e conseqüentemente, modificando sua condição social. É preciso que os moradores de Gilead compreendam o potencial de sua força e combatam as políticas fascistas da república.

4 – BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante destacar que todos os atos retratados no romance *The Handmaid's Tale*, apenas retrabalhados em material ficcional, ocorreram durante a história em determinado momento. Como afirma a própria autora, Margaret Atwood:

If I was to create an imaginary garden I wanted the toads in it to be real. One of my rules was that I would not put any events into the book that had not already happened in what James Joyce called the “nightmare” of history, nor any technology not already available. No imaginary gizmos, no imaginary laws, no imaginary atrocities. God is in the details, they say. So is the Devil. (ATWOOD, 2017, np)²⁴²

A autora criou uma obra liderada por um regime religioso violento e explora as contradições por meio de personagens complexas que agem de modo genuíno e não idealizado diante de situações bárbaras. Talvez por isso a violência e o horror que conduzem o romance pareçam tão realistas para os leitores. Em *The Handmaid's Tale*, a infertilidade foi usada como justificativa para controlar as mulheres. Na passagem da Idade Média para a Moderna, durante o período de caça às bruxas, como menciona Federici (2004), o objetivo era semelhante, ajudando no desenvolvimento do capitalismo e no acirramento da desigualdade de gênero. Portanto, a maior parte dos eventos foram baseado em dados reais.

Para manutenção do controle feminino, a proibição da leitura e escrita foi de modo a controlar a linguagem, o repertório de vida e, conseqüentemente, impedir reflexões acerca de soluções para os problemas que afligem essas mulheres, afinal, o acesso à leitura proporciona um mundo de possibilidades das quais estavam destituídas. De acordo com *Aunt Lydia*, as gerações futuras não terão problemas em aceitar Gilead, porque nunca terão conhecido outra realidade. Sem esses conhecimentos, é extremamente difícil imaginar um presente distinto. O regime teocrata busca, além de doutrinar, transformá-las em agentes defensoras incapazes de discordar.

Nesse sentido, vale a pena lembrar algo que julgamos fundamental para o funcionamento de toda a trama. Durante os *Salvagings* pessoas são executadas ao vivo e são penduradas na chamada de *The Wall*, um grande muro que divide a cidade. Após essas mortes

²⁴² “Se eu fosse criar um jardim imaginário, queria que os sapos fossem reais. Uma das minhas regras era que eu não colocaria nenhum evento no livro que já não tivesse acontecido no que James Joyce chamou de “pesadelo” da história, nem qualquer tecnologia ainda não disponível. Sem aparelhos imaginários, sem leis imaginárias, sem atrocidades imaginárias. Deus está nos detalhes, dizem eles. Assim como o diabo.” (tradução nossa). ATWOOD, Margaret. *Essay on what ‘The Handmaid’s Tale’ Means in the Age of Trump*. The New York Times. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html>> Acesso: 21 de abr. 2022.

televisionadas, a punição e humilhação continua: o corpo das pessoas falecidas permanece pendurado durante dias para que todos vejam as consequências da subversão. A mensagem é apenas uma: a desobediência leva a morte. Do mesmo modo, a *Participation* é também uma punição, mas em uma outra escala. As *Aias* se tornam as protagonistas das mortes: precisam apedrejar uma pessoa até que o som do apito indique que devem cessar. São os casos de crimes que o regime considera mais significativos e com base na *Participation* narrada no romance, de pessoas que se uniram a *Mayday*, como o *Guardian* que fora acusado de estuprar uma aia, mas na realidade estava contribuindo com a rede de resistência, episódio ao qual já nos referimos. Nesse evento, as aias podem redirecionar suas frustrações, animalizando-as e desumanizando as pessoas selecionadas a serem punidas.

Sendo assim, por meio de uma série de atos que promovem a barbárie e a desumanização, Gilead busca demonstrar sua soberania. Age de forma condizente a sistemas totalitários: há espaço apenas para concordância e submissão; punição e morte são as sentenças para discordância e insubordinação. Não obstante, esses regimes buscam a todo momento se revalidar e impor aceitação, porque anseiam esconder sua fragilidade. É por isso que Margaret Atwood publicou em 2019 o romance *The Testaments*, uma continuação do romance *The Handmaids Tale* (1985) que revela os bastidores da ascensão e queda do regime totalitário:

The Testaments was written in response to this question. Totalitarianisms may crumble from within, as they fail to keep the promises that brought them to power; or they may be attacked from without; our both. There are no sure-fire formulas, since very little in history is inevitable. (ATWOOD, 2019, p. 416)²⁴³

Após o *Historical Notes*, em *The Handmaids Tale*, compreende-se que Gilead deixou de existir, mas diversos leitores permaneceram com o seguinte questionamento: como é possível que um regime tão autoritário, absoluto e violento tenha acabado? Quem foi responsável por sua destruição? A própria autora responde que regimes opressores como Gilead são autodestrutíveis e frágeis, incapazes de dominar por completo as pessoas, por mais que busquem incessantemente caçar e acabar com rebeldes e traidores. Quanto mais procuram, mais pessoas contra Gilead encontram: desde servos à guardiões. No Capítulo II, buscou-se analisar e identificar as principais personagens femininas do romance e como resistem ao regime – em maior ou menor grau –, além de esclarecer as complexas dinâmicas entre elas, constantemente colocadas em situações com o intuito de instigar inveja, conflito e distanciamento.

²⁴³ “*Os Testamentos* foi escrito em resposta a esta pergunta. Os sistemas totalitários podem desmoronar por dentro, pois não cumprem as promessas que os levaram ao poder; ou podem ser atacados de fora; ou os dois. Não há fórmulas infalíveis, pois muito pouco na história é inevitável.” (tradução nossa).

Apesar das tentativas do regime, o fato é que não há paz em Gilead: são atacados por dentro e por fora, por isso não conseguem se manter. As políticas de controle e opressão são insuficientes diante do descontentamento da população, que cresce a cada dia. Na maioria das castas é possível identificar atos de subversão ou de discordância. É por isso que mesmo levando anos para as pessoas se organizarem, eventualmente algo acaba sendo feito por indivíduos esgotados de tanta violência e despotismo. A mensagem final que o romance busca transmitir é de que quanto maior a opressão, maior será a resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS LITERÁRIAS

ATWOOD, Margaret. *The Handmaid's Tale*. London: Vintage Classics, 2016.

_____. *O Conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

_____. *The Testaments*. London: Chatto & Windus, 2019.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.

OBRAS TEÓRICAS GERAIS

ADAMS, Stephanie. IN TRUMP'S AMERICA, THE *HANDMAID'S TALE* MATTERS MORE THAN EVER. In: *Resist!: Protest Media and Popular Culture in the Brexit-Trump Era*, 2020.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

BACCOLINI, Raffaella. *The Persistence of Hope in Dystopian Science Fiction*. In: *PMLA*, vol. 119, no. 3, Modern Language Association, 2004, pp. 518–21.

BENHABIB, S; BUTLER, J; CORNELL, D; FRASER, N. *Feminist Contentions: A Philosophical Exchange*. Routledge, 1994.

BREMER, Francis J. *The puritan experiment: New England society from Bradford to Edwards*. Upne, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 13. ed., 2014.

_____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*. São Paulo, Editora Elefante, 2017.

FERNANDES R. K. M.; Carvalho F. F. *Linguagem e poder na ficção: uma análise crítica do discurso da obra 1984, de George Orwell*. *Trem de Letras*, v. 8, n. 1, p. e021007, 1 mar. 2021.

GIRARD-NUNES, Christiane; SILVA, Pedro Henrique Isaac. *Entre o prescrito e o real: o papel da subjetividade na efetivação dos direitos das empregadas domésticas no Brasil*. *Soc. estado.*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 587-606, 2013.

JAMESON, Fredric. *Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions*. Verso Books, 2005.

JONES, Falk L. Breaking silences in feminist dystopias in *Utopian Studies*, (3), 7-11, 1991.

MILLET, Kate. *Sexual Politics*. Chicago: University and Illinois Press, 2000.

SCHOLZ, Roswitha. O valor é o homem: teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos. *Novos Estudos*, n. 45, p. 15-36, 1996.

STONE, Alia. *An Invitation to Satan: Puritan Culture and the Salem Witch Trials*. MAD-RUSH Undergraduate Research Conference, 2017.

TORTELLA, Thiago. *Invasão do Capitólio completa um ano: relembre o ataque à democracia dos EUA*. CNN, 06 de jan. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/invasao-ao-capitolio-completa-um-ano-relembre-o-ataque-a-democracia-dos-eua/>>. Acesso: 19 jan. 2022.

REPERTÓRIO CRÍTICO SOBRE *THE HANDMAID'S TALE* E MARGARET ATWOOD

ATWOOD, Margaret.. *Second Words*. Toronto: Anansi Press, 1982, pp. 330-1.

_____. *The Handmaid's Tale: Before and After*. Margaret Atwood Papers, MS Collection 200, Box 96, Folder 1 at the University of Toronto, 1986.

_____. *For God and Gilead*. The Guardian: March 22nd, 2003. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/music/2003/mar/22/classicalmusicandopera.fiction>> Acesso: 06. jan. 2022.

ADAMO, L. *The imaginary girlfriend: a study of Margaret Atwood's The Handmaids' Tale, Cat's Eye, The Robber Bride, and Alias Grace (Unpublished master's thesis)*. Canada: University of Calgary, Calgary, 1998.

ALOTAIBI, Nuha S. *Distorted Shadows: Power and Subjugated Women In Margret Atwood's The Handmaid's Tale*. Arábia Saudita: IOSR Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS) Volume 23, Issue 2, Ver. 7, 2018, pp. 35-38.

BARMON, Christina et al. *The Handmaid's Tale: Teaching Dystopia, Feminism, and Resistance Across Disciplines and Borders*. EUA: Rowman & Littlefield, 2020.

BLOOM, Harold. *Bloom's Guides: The Handmaid's Tale*. USA: Infobase Publishing, 2004.

BOUSON, Brooks J. The Misogyny of Patriarchal Culture in The Handmaid's Tale. In: Bloom's Guides: The Handmaid's Tale. USA: Infobase Publishing, 2004.

BRANCO, Sinara de Oliveira; RÊGO, Nathallie Lima do. The Handmaid's tale: análise da representação imagética e construção de personagem sob o olho da tradução intersemiótica. LETRAS EM REVISTA, [S.l.], v. 9, n. 2, jul. 2019.

CALLAWAY, Alanna A. *Women disunited: Margaret Atwood's The Handmaid's tale as a critique of feminism*. MA Thesis. San Jose State University, 2008.

CHARAT, Hildegard. *Competition, Domination and Relationships between Serena and Offred: Challenging Gilead's Rules and Patriarchy in Margaret Atwood The Handmaid's Tale*, 2019.

COOKE, N. *Margaret Atwood: A Critical companion*. Greenwood Press, 2004.

DE RESENDE, Natália Silva Giarola; MENDES, Conrado Moreira. Totalitarismo em The Handmaid's Tale: entre manipulação e programação. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, n. 28, 2020.

DOPP, Jamie. Limited Perspective In *Bloom's Guides: The Handmaid's Tale*. USA: Infobase Publishing, 2004.

EVANS, M. Versions of History: The *Handmaid's Tale* and its Dedictees. In: *Nicholson C. (eds) Margaret Atwood: Writing and Subjectivity*. Palgrave Macmillan, London, 1994.

EHRENREICH, Barbara. Feminist Dystopia In *Bloom's Guides: The Handmaid's Tale*. USA: Infobase Publishing, 2004.

FOGAÇO, Vanessa. Análise de Handmaid's Tale e seu figurino como elemento político. Disponível em: <<https://medium.com/trend-in/an%C3%A1lise-de-handmaids-tale-e-seu-figurino-como-elemento-pol%C3%ADtico-3c4dfb5502a6>> Acesso: 31 maio. 2022.

FOROOHAR, Rana. *Dystopian America: how far are we from Gilead?* Disponível em: <<https://www.ft.com/content/c40e11e8-928a-11e7-a9e6-11d2f0ebb7f0>>. Acesso: 15. maio. 19.

FORTE, Vanessa; MARTINS, Allysson. “O Lugar de uma Mulher” por Serena Joy: Representações da “Traidora de Gênero” na Série O Conto da Aia, 2020.

FOLEY, Michael. “‘Basic Victim Positions’ and the Women in Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale*.” *Atlantis* 15.2, 1990, pp. 50-58.

GRACE, Dominick M. “‘The *Handmaid's Tale*’: ‘Historical Notes’ and Documentary Subversion.” *Science Fiction Studies*, vol. 25, no. 3, 1998, pp. 481–494.

GRATON, Letícia Alves. *Abençoado seja o fruto: a representação da maternidade na série The Handmaid's Tale*. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Departamento de Comunicação Social, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

JADWIN, Lisa. *Margaret Atwood's The Handmaid's Tale (1985): Cultural and Historical Context*. Salem Press, 2010.

JONSSON, Andrea. Enforcing Patriarchal Values: A socialist feminist analysis of the characters of Offred and Serena Joy in Margaret Atwood's novel *The Handmaid's Tale* (Dissertation), 2018.

JOHNSON, Brian. Language, power, and responsibility in the handmaid's tale: Toward a discourse of literary gossip. *Canadian Literature*, n. 148, p. 39-55, 1996.

HAMMER, S. The World as It will Be? Female Satire and the Technology of Power in "The Handmaid's Tale". *Modern Language Studies*, 20(2), 39-49, 1990.

HOWELLS, Coral Ann. Introduction in *The Cambridge Companion to Margaret Atwood*. Ed. Coral Ann Howells. Cambridge: Cambridge UP, 2006.

KETTERER, David. "Margaret Atwood's 'The Handmaid's Tale': A Contextual Dystopia ('La Servante Écarlate' De Margaret Atwood: Une Dystopie Contextuelle)." *Science Fiction Studies*, vol. 16, no. 2, 1989, pp. 209–217.

KOUHESTANI, Maryam. *Disciplining the body: power and language in Margaret Atwood's dystopian novel The Handmaid's Tale*. *Journal of Educational and Social Research*, v. 3, n. 7, p. 610-610, 2013.

LAFLEN, Angela. From a Distance it Looks Like Peace: Reading Beneath the Fascist Style of Gilead in Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale* in *Studies in Canadian Literature*, vol. 32, no. 1: 82-105, 2007.

MCCARTHY, Mary. *Breeders, Wives and Unwomen*. *New York Times*, 9 de fev. 1986. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1986/02/09/books/no-headline-423986.html>>. Acesso: 19 jan. 22.

MALAK, Amin. Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale* and the Dystopian Tradition In *Bloom's Guides: The Handmaid's Tale*. USA: Infobase Publishing, 2004.

MARX, Hedvig. *Moira, take me with you!: Utopian Hope and Queer Horizons in Three Versions of The Handmaid's Tale*. 2018.

MINER, Madonne. 'Trust Me': Reading the Romance Plot in Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale*. *Twentieth Century Literature*, vol. 37, no. 2, 1991, pp. 148–168.

NORRIS, Ken. *The University of Denay, Nunavit: The 'Historical Notes' in Margaret Atwood's The Handmaid's Tale*, *American Review of Canadian Studies* 20.3 (1990): 357-64.

RASCHKE, Debrah. *Margaret Atwood's the Handmaid's tale: False borders and subtle subversions*, *Lit: Literature Interpretation Theory*, 6:3-4, 1995, pp. 257-268.

REESMAN, Jeanne C. *Dark Knowledge in 'The Handmaid's Tale'*. *CEA Critic*, vol. 53, no. 3, 1991, pp. 6–22.

ROTHSTEIN, Meryn. *No Balm in Gilead for Margaret Atwood*. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/00/09/03/specials/atwood-gilead.html?_r=5> *The New York Times*, Feb. 1986. Acesso: 13 jan. 2022.

RÜSCHE, Ana. *Utopia, feminismo e resignação em The left Hand of Darkness e The Handmaid's Tale*. 2015. 131 f. (Tese) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTANGELO, Marta C. *Resistent Postmodernism In Bloom's Guides: The Handmaid's Tale*. USA: Infobase Publishing, 2004.

SEPTIAWATI, Andra. *Handmaid As The Object Of Sexism In Gilead Society: A Feminist Analysis In Margaret Atwood's The Handmaid's Tale*. Litera Kultura, v. 3, n. 1, 2014.

SILVA, Alane Melo da. *A woman's place: uma análise comparativa da personagem Serena Joy do livro para as telas*. Transversal - Revista em Tradução, Fortaleza (CE), v. 4, n. 8, p. 31-42, 2018.

SIMON, Ed. *How a Historian Inspired a Miniseries with a Dark Message that's Especially Relevant in the Age of Trump*. History News Network, 12 de jun. 2016. Disponível em: <<https://historynewsnetwork.org/article/162859>>. Acesso: 19 de jan. 2022.

SOMACARRERA, Pilar. *Power Politics in The Cambridge Companion to Margaret Atwood*. Ed. Coral Ann Howells. Cambridge: Cambridge UP, 2006.

SPELLBERG, Claire. *Janine From 'The Handmaid's Tale' Vs. IRL Looks Totally Different & I'm Here For It*. Disponível em <<https://www.elitedaily.com/p/janine-from-the-handmaids-tale-vs-irl-looks-totally-different-im-here-for-it-9610688>> Acesso: 22 mar. 21.

STAELS, Hide. *Margaret Atwood's The Handmaid's Tale: Resistance through narrating*, English Studies, 76:5, 455-467, 1995.

STIMPSON, Catharine R. *Atwood woman in Bloom's Guides: The Handmaid's Tale*. USA: Infobase Publishing, 2004.

TOLAN, Fiona. *Feminist utopias and questions of liberty: Margaret Atwood's The Handmaid's Tale as critique of second wave feminism*. Women: a cultural review, v. 16, n. 1, p. 18-32, 2005.

ŽIČIĆ, Jelena. *A Dystopian Society in Margaret Atwood's The Handmaid's Tale*. Monografia da Universidade de Osijek, Croácia, 2014.

ZOE, Williams. *Haunting, chilling, plausible, peerless... how The Handmaid's Tale changed TV*. The Guardian: September 18th, 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2017/sep/18/haunting-chillingly-plausible-peerless-how-the-Handmaids-tale-changed-tv>>

WAGNER-LAWLOR, Jennifer A. *From Irony to Affiliation in Margaret Atwood's The Handmaid's Tale*, Critique: Studies in Contemporary Fiction, 45:1, 83-96, 2003.